



Espaços Públicos Urbanos & Relações Intergeracionais

Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas

Thaís Debli Libardoni

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação de Mestrado



Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais:

***Affordances* de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas**

Thaís Debli Libardoni

Pelotas, 2018

Thaís Debli Libardoni

Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais:

Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Lúgia Maria Chiarelli

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L694e Libardoni, Thaís Debli

Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais :
affordances de suporte a jovens e idosos no centro
histórico de Pelotas / Thaís Debli Libardoni ; Lígia Maria
Ávila Chiarelli, orientadora. — Pelotas, 2018.

254 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Cognição. 2. Espaços públicos urbanos. 3. Percepção
ambiental. 4. Relações intergeracionais. I. Chiarelli, Lígia
Maria Ávila, orient. II. Título.

CDD : 711.4

Thaís Debli Libardoni

Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais:
Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 22 de novembro de 2018

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Lígia Maria Chiarelli (Orientadora)
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Dra. Adriana Araújo Portella
Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University.

Prof^a. Dra. Milena Kanashiro
Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná.

Prof^a. Dra. Natália Naoumova
Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Agradecimentos

Uma dissertação de mestrado é uma obra de várias mãos. Como autora, é meu nome que estampa a capa, mas não se pode deixar passar despercebida a ação de outras tantas pessoas que, nesse processo de mais de dois anos de aprendizado, influenciaram e foram influenciadas pelo delineamento dessa pesquisa.

Assim sendo, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer a meus pais, Volter e Tânia pelo constante apoio e pelo incessante carinho com que me acompanham durante esta e todas as minhas jornadas. Da mesma forma, agradeço à minha querida orientadora Lúcia (“Biloca”) por acreditar no potencial deste trabalho desde o início, por todo o conhecimento compartilhado e, especialmente, pela amizade e parceria. Agradeço às professoras constituintes da banca avaliadora, que me acompanharam desde a qualificação e que contribuíram imensamente para o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço a todos os funcionários, professores e colegas do PROGRAU e, em particular, aos que ajudaram diretamente nesta pesquisa. Obrigada à querida turma de orientandos da Biloca, Adriana, Andreia e Fabrício e colega Auriele pelo incentivo, pela amizade e pela ajuda na aplicação dos métodos. Agradeço também ao professor Armando Costa por me incentivar a regressar ao meio acadêmico.

A todos aqueles que tiveram a disponibilidade de colaborar com a pesquisa, dedicando tempo para conversar sobre os espaços públicos urbanos com esta pesquisadora, o meu muito obrigada. Espero que estas linhas representem suas vozes e que elas se somem ao meu desejo de urbanista de que possamos construir cidades mais humanas e inclusivas.

*"Take your time
Don't live too fast
Troubles will come
And they will pass"*

Lynyrd Skynyrd, *Simple man* (1973)

Resumo

LIBARDONI, Thaís Debli. **Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais: *Affordances* de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas.** Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

A sociabilidade urbana é especialmente significativa para grupos sociais vulneráveis como jovens e idosos, mas espaços públicos podem gerar segregação pela falta de atratividade ou suporte a usuários específicos. A segregação etária e o ageísmo podem ser amenizados pelas relações intergeracionais. Nesse sentido, estudos têm apontado semelhanças de necessidades sociais, física, psicológicas e de percepção ambiental entre jovens e idosos. Entretanto, a pesquisa sobre as relações entre gerações ainda é escassa, especialmente os estudos que considerem a percepção e o comportamento destes dois grupos etários. Baseada na Teoria das *affordances*, esta pesquisa tem como objetivo contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos que oportunizem o convívio intergeracional dos dois grupos etários. Os objetivos específicos são: (i) investigar o posicionamento de jovens e idosos quanto às relações intergeracionais; (ii) averiguar se os usos e espaços sociais disponíveis correspondem às suas necessidades contemporâneas; (iii) identificar seus locais de apropriação e rejeição e os principais motivos; (iv) realizar um estudo comparativo etário de percepções; e (v) analisar os dados através das *affordances* e do comportamento produzindo atributos, características e qualidades espaciais. Através de uma perspectiva ecológica, o estudo de caso foi desenvolvido em Pelotas, preliminarmente nas tipologias: parque urbano, largo, praça e calçadão. São utilizadas pesquisas bibliográfica e documental, levantamento físico, mapas comportamentais e questionários. A constatação da copresença e da interação entre jovens e idosos e os indícios de que estereótipos construídos não são significativos, refutando o conflito etário direto. *Habitus* similares os diferenciam das demais faixas etárias e produzem apropriações semelhantes, em forma de microterritórios etários com diferentes significados. O estudo reconhece os microterritórios etários dentro de um contexto intergeracional como fomentadores da sociabilidade urbana. Os achados corroboram a busca pela resolução de conflitos inerentes à cada faixa etária, resultando no anseio por *affordances* similares, porém de formas diferentes. Essa complexidade resulta em recomendações quanto a: Movimento, Tranquilidade, Sombreamento, Segurança, Agradabilidade, Atividades, Variedade, Ponto de Encontro, Hábito, Proximidade e Opções para Sentar.

Palavras-chave: Cognição; Espaços Públicos Urbanos; Percepção Ambiental; Relações Intergeracionais.

Abstract

LIBARDONI, Thaís Debli. **Urban public spaces & intergenerational relations:** Affordances of support to young and older people in the historical center of Pelotas. Master Degree in Architecture and Urban Planning – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Urban sociability is especially significant for vulnerable social groups such as young and old people, but public spaces can generate segregation by lack of attractiveness or support for specific users. Age segregation and ageism can be softened by intergenerational relations. In this sense, studies have highlighted similarities of social, physical and psychological needs and environmental perceptions among young and old people. However, research on intergenerational relations is still scarce, especially studies that consider the perception and behavior of these two age groups. Based on the Theory of Affordances, this research aims to contribute with recommendations for the design of public spaces that opportunize the intergenerational coexistence of the two age groups. The specific aims are: (i) to investigate the position of young and old people on intergenerational relations; (ii) find out if the available uses and social spaces correspond to their contemporary needs; (iii) identify their places of appropriation and rejection and the main reasons; (iv) to carry out a comparative age study of perceptions; and (v) analyze data through affordances and behaviour resulting in spatial attributes, settings and qualities. Through an ecological perspective, the case study was carried out in Pelotas, initially in the typologies: urban park, *largo* of the public market, central square and pedestrian street. Bibliographical and documentary research, physical survey, behavioral maps and questionnaires were carried out. The finding of copresence and interaction between the young people and the elderly and the evidence that constructed stereotypes are not significant, refute a direct age conflict. Similar *habitus* differentiate them from other age groups and produce similar appropriations in the form of age microterritories with different meanings. The study recognizes the microterritories within an intergenerational context as fomenters of urban sociability. The findings corroborate the search for the conflict resolution inherent to each age group, resulting in the longing for similar affordances, but in different ways. This complexity results in recommendations for: Movement, Tranquility, Shading, Safety, Agradability, Activities, Variety, Meeting Places, Habit, Proximity and Options for Sitting.

Key-words: Cognition; Urban Public Spaces; Environmental Perception; Intergenerational Relations.

Lista de Figuras

Figura 1.1 A mudança de sinalização de atendimento preferencial do idoso.....	31
Figura 1.2 As 8 áreas do programa Cidades Amigas do Envelhecimento.....	35
Figura 1.3 Evolução dos conceitos de envelhecimento e relações intergeracionais.	39
Figura 1.4 Matéria de Greyce Vargas (2015) para Zero Hora sobre idosos que praticam esportes desde a juventude.....	40
Figura 1.5 Matéria de Greyce Vargas (2015b) para Zero Hora sobre idosos que estão se inserindo em meios de educação e de trabalho.....	40
Figura 1.6 Aula de história do grafite pelo Lata 65	41
Figura 1.6 Aula de história do grafite pelo Lata 65	41
Figura 1.7 Aula de execução do grafite pelo Lata 65	41
Figura 1.8 Idosos são jurados na competição Skate no Asilo	41
Figura 1.9 Interação durante o Skate no Asilo	41
Figura 1.10 A interação entre os idosos e grafiteiros durante o <i>Spray'Sons</i>	41
Figura 1.11 Resumo da seção apropriações dos espaços públicos.....	47
Figura 1.12 Tipologias de espaços públicos e sociabilidade.	49
Figura 1.13 Resumo da seção vias de pedestres	50
Figura 1.14 Resumo da seção áreas externas de comércio de alimentos	50
Figura 1.15 Resumo da seção praças.....	52
Figura 1.16 Resumo da seção parques	53
Figura 1.17 Resumo da seção apropriações informais dos espaços públicos.	55
Figura 1.18 Resumo da seção Psicologia Ambiental.	57
Figura 1.19 Resumo da seção compreensão do ambiente pelo usuário.....	59
Figura 1.20 Hierarquia das necessidades humanas segundo Maslow.....	59
Figura 1.21 Necessidades para interação intergeracional segundo Layne	61
Figura 1.22 Resumo da seção Segurança	62
Figura 1.23 Resumo da seção Privacidade.....	62
Figura 1.24 <i>Affordances</i> nos territórios resultantes das apropriações humanas.	69
Figura 2.1 Atividades da semana do idoso em Pelotas em 2015.....	72
Figura 2.2 Atividades da semana do idoso em Pelotas em 2016.....	72
Figura 2.3 Mapa do III Plano Diretor de Pelotas adaptado pela autora.....	74
Figura 2.4 Jovens de 16 a 19 anos residentes na área de estudo	74
Figura 2.5 Jovens de 20 a 24 anos residentes na área de estudo	75

Figura 2.6 Idosos de 60 a 79 anos residentes na área de estudo.....	75
Figura 2.7 Idosos de 80 anos ou mais residentes na área de estudo	75
Figura 2.8 Eixos de ligação dos espaços públicos estudados.....	76
Figura 2.9 Parque Dom Antônio Zattera: divisão das áreas de estudo	77
Figura 2.10 Calçadas: divisão das áreas de estudo.....	78
Figura 2.11 Praça Coronel Pedro Osório: divisão das áreas de estudo.....	78
Figura 2.12 Largo do Mercado Público Central: divisão das áreas de estudo.....	79
Figura 2.13 Esquema da estrutura metodológica.....	80
Figura 2.14 Questionários: fichas do material de apoio	84
Figura 2.15 Questionários: fichas do material de apoio	84
Figura 2.16 Questionários: sessão de aplicação com jovens na praça.....	84
Figura 2.17 Questionários: sessão de aplicação com idoso na praça.....	84
Figura 2.18 Questionários: sessão de aplicação com jovem no calçadão	84
Figura 2.19 Questionários: sessão de aplicação com idoso no calçadão	84
Figura 3.1 Mapa síntese do parque e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas.....	88
Figura 3.2 Pista de skate, tarde de 4 de junho no parque	89
Figura 3.3 Feira de sábado, manhã de 17 de setembro no parque.....	89
Figura 3.4 Idosos em cadeiras para ver o movimento, tarde de 18 de setembro.....	89
Figura 3.5 Grupos intergeracionais utilizando cadeiras, tarde de 18 de setembro....	89
Figura 3.6 Mapa síntese do calçadão e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas.....	90
Figura 3.7 Jovens na área 06. Manhã de 19 de maio.	91
Figura 3.8 Idosos em grupos de socialização na área 07	91
Figura 3.9 Mapa síntese da praça e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas.....	92
Figura 3.10 Apropriação jovem na área 02 da praça. Tarde de 29 de julho.....	93
Figura 3.11 Idosos jogam xadrez na área 04. Tarde de 29 de julho.	93
Figura 3.12 Entorno da praça. Perfil da Rua Lobo da Costa.....	93
Figura 3.13 Entorno da praça. Perfil da Rua XV de Novembro.....	93
Figura 3.14 Entorno da praça. Perfil da Rua Félix da Cunha	94
Figura 3.15 Entorno da praça. Perfil da Rua Mal. Floriano	94
Figura 3.16 Acessos e equipamentos urbanos.	95
Figura 3.17 Idoso cadeirante caindo ao usar a rampa. Manhã de 6 de fevereiro.....	96

Figura 3.18 Lixeira com a base desprendida devido à ação da corrosão	96
Figura 3.19 Mapas comportamentais síntese de ocupação jovem das manhãs e tardes	97
Figura 3.20 Núcleo isolado de socialização jovem. Manhã de 24 de maio.	98
Figura 3.21 Jovem passeando com cachorro. Manhã de 4 de junho	98
Figura 3.22 Mapas comportamentais síntese de ocupação idosa as manhãs e tardes	99
Figura 3.23 Casal de idosos observa o chafariz. Manhã de 24 de maio de 2016 ...	100
Figura 3.24 Visitação turística guiada. Manhã de 4 de junho de 2016	100
Figura 3.25 Convivência intergeracional típica dos dias de semana.	100
Figura 3.26 Interação intergeracional nas mesas de xadrez	100
Figura 3.27 Vegetação baixa confere privacidade a quem senta na grama.....	102
Figura 3.28 Grama e sol contrastando com a faixa de terra e sombra.....	102
Figura 3.29 Grupos intergeracionais em cadeiras de frente para o canteiro	102
Figura 3.30 Frequência de uso da praça.....	107
Figura 3.31 Dias preferidos de uso da praça.....	107
Figura 3.32 Distância da moradia do respondente à praça.....	109
Figura 3.33 Meios de chegar à praça.....	110
Figura 3.34 Área evitada na praça devido à idade do respondente	113
Figura 3.35 Área evitada na praça devido à idade dos usuários.....	113
Figura 3.36 Área preferida na praça por jovens e idosos	114
Figura 3.37 Área rejeitada na praça por jovens e idosos.	115
Figura 3.38 Imagem de cheios e vazios da vista superior da praça.....	116
Figura 3.39 Área preferida na praça para jovens se encontrarem	117
Figura 3.40 Área preferida na praça para idosos se encontrarem.	118
Figura 3.41 Nuvens de palavras com os significados da praça.....	123
Figura 3.42 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Sete de Setembro: Trechos 7 e 8	125
Figura 3.43 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Sete de Setembro: Trechos 8 e 7	125
Figura 3.44 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 1 e 2	126
Figura 3.45 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 2 e 1	126
Figura 3.46 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 3 e 4	126
Figura 3.47 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 4 e 3	126
Figura 3.48 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 5 e 6	126
Figura 3.49 Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 6 e 5	126

Figura 3.50 Calçadão: acessos e equipamentos.....	127
Figura 3.51 Mapas síntese da ocupação jovem das manhãs e tardes.....	128
Figura 3.52 Mapas síntese da ocupação idosa das manhãs e tardes.....	129
Figura 3.53 Núcleos idosos em frente ao café na área 07. Tarde de 19 de maio. ...	133
Figura 3.54 Idosos de pé de buscando interação direta. Tarde de 19 de maio.....	133
Figura 3.55 Idosos em socialização de pé. Tarde de 21 de setembro.	133
Figura 3.56 Idoso utiliza floreira como assento. Tarde de 21 de maio	133
Figura 3.57 Dupla de jovens na área 08. Tarde de 19 de maio.....	133
Figura 3.58 Jovens com animal de estimação na área 08. Tarde de 21 de maio ...	133
Figura 3.59 Jovem skatista na área 05. Tarde de 25 de setembro	135
Figura 3.60 Galeria como ponto de encontro. Tarde de 25 de setembro	135
Figura 3.61 Frequência de jovens e idosos no calçadão	137
Figura 3.62 Dias preferidos de uso do calçadão	137
Figura 3.63 Distância da moradia do respondente ao calçadão.....	139
Figura 3.64 Meios de chegar ao calçadão.	140
Figura 3.65 Área preferida no calçadão por jovens e idosos.	141
Figura 3.66 Área rejeitada no calçadão por jovens e idosos.....	143
Figura 3.67 Imagem de cheios e vazios da vista superior do calçadão	145
Figura 3.68 Área preferida no calçadão para jovens se encontrarem.....	145
Figura 3.69 Área preferida no calçadão para idosos se encontrarem.....	147
Figura 3.70 Nuvens de palavras com os significados do calçadão	151
Figura 3.71 Nuvens de palavras com os fatores importantes de atração.....	162
Figura 3.72 Nuvens de palavras com os fatores importantes de rejeição	163
Figura 3.73 Correlações entre <i>affordances</i>	165
Figura 3.74 <i>Affordances</i> de prioridade na escolha de espaços urbanos x <i>affordances</i> nas apropriações de jovens e idosos.	166
Figura 4.1 Principais achados da metodologia observacional.....	169
Figura 4.2 Principais achados dos questionários	172
Figura 4.3 Fluxo e permanência no território jovem	178
Figura 4.4 Fluxo e permanência no território idoso	178
Figura 4.5 Pontos críticos para jovens no calçadão e correlações.....	179
Figura 4.6 Esquema de configuração em “T” em tipologias de fluxo.....	179
Figura 4.7 Mobiliário criando uma praia urbana na Robson Square, Vancouver	180
Figura 4.8 Mobiliário criando recantos com mais privacidade. Québec, Canadá	180

Figura 4.9 Rua de pedestres em Denver, Colorado: assentos informais	180
Figura 4.10 Rua de pedestres em Denver, Colorado: o gramado artificial gera pracialidade	180
Figura 4.11 Ao fundo, a área 05, escura e subutilizada do parque em contraposição com a área 07, clara, ocupada durante os fins de semana.	181
Figura 4.12 A extensão da sombra dá sensação de escuridão na área 08.....	181
Figura 4.13 Crimes reportados ao aplicativo “Onde fui roubado”	184
Figura 4.14 A música sendo levada aos microterritórios pelos usuários: jovens com violão.	188
Figura 4.15 A música sendo levada aos microterritórios pelos usuários: um idoso percorrendo o calçadão com caixas de som em um carrinho.	188
Figura 4.16 A adaptabilidade de áreas potenciais da Praça Cel. Pedro Osório: Bancos em forma de arena viram obstáculos para o skate.....	190
Figura 4.17 A adaptabilidade de áreas potenciais da Praça Cel. Pedro Osório: Prática programada de exercícios.....	190
Figura 4.18 Estrutura escultural em South Park, San Francisco.....	190
Figura 4.19 <i>Playground</i> misto em St. Paul’s Plaza, Otay Ranch.....	190
Figura 4.20 Shamrock Place, Montreal: jovens sentados informalmente, crianças no carrossel e adultos e idosos nas mesas do café e bancos.	192
Figura 4.21 Jubilee Square, Brighton. No centro, o gramado cria uma praia urbana; na periferia, assentos de diversos níveis de conforto e formalidade.	192
Figura 4.22 Principais escolas de ensino fundamental e médio na área	195
Figura 4.23 Principais edifícios universitários e sedes de ensino à distância.	195
Figura 4.24 Principais cafeterias no entorno das quatro áreas de estudo.....	195
Figura 4.25 Idoso leva cadeira enquanto jovens sentam informalmente.....	198
Figura 4.26 Jovens sentam-se no chão em ocupação adaptada	198
Figura 4.27 Assentos estimulam o uso em rua de pedestres em Denver..	198
Figura 4.28 Assentos estimulam o uso em rua de pedestres em Denver..	198

Lista de tabelas

Tabela 2.1 Populações dos grupos etários estudados em Pelotas	72
Tabela 2.2 Classificação para testes de correlação.	85
Tabela 3.1 Frequência etária e por gênero em cada tipologia estudada.....	86
Tabela 3.2 Fatores considerados na avaliação da área 02 da praça através das <i>affordances</i>	103
Tabela 3.3 Fatores considerados na avaliação da área 08 da praça através das <i>affordances</i>	105
Tabela 3.4 Motivos para jovens e idosos irem sozinhos ou acompanhados à praça	108
Tabela 3.5 Objetivos que levam jovens e idosos usuários à praça	111
Tabela 3.6 Motivos para preferir uma área na praça para jovens e idosos.....	114
Tabela 3.7 Motivos para evitar uma área na praça para jovens e idosos	116
Tabela 3.8 Motivos para preferir certa área na praça para o encontro de jovens ...	118
Tabela 3.9 Motivos para preferir certa área na praça para o encontro de idosos. ...	119
Tabela 3.10 Grau de satisfação com relação a fatores da praça	120
Tabela 3.11 Avaliação das 5 <i>affordances</i> na praça para jovens e idosos.....	121
Tabela 3.12 Testes Mann-Whitney entre os grupos com as <i>affordances</i> na praça.	121
Tabela 3.13 Significado da praça para usuários jovens e idosos.....	122
Tabela 3.14 Avaliação dos fatores na praça para jovens e idosos.....	124
Tabela 3.15 Testes U de Mann-Whitney entre os dois grupos com os fatores das <i>affordances</i> na praça.....	125
Tabela 3.16 Fatores considerados na avaliação da área 08 do calçadão através das <i>affordances</i>	131
Tabela 3.17 Fatores considerados na avaliação da área 05 do calçadão através das <i>affordances</i>	134
Tabela 3.18 Motivos para jovens e idosos irem sozinhos ou acompanhados.	138
Tabela 3.19 Objetivos que levam jovens e idosos ao calçadão	140
Tabela 3.20 Motivos para preferir determinada área no calçadão	143
Tabela 3.21 Motivos para evitar certa área no calçadão para jovens e idosos	144
Tabela 3.22 Motivos para preferir certa área para o encontro de jovens	146
Tabela 3.23 Motivos para preferir certa área para o encontro de idosos	147
Tabela 3.24 Grau de satisfação dos usuários com relação a fatores do calçadão..	148

Tabela 3.25 Avaliação das 5 <i>affordances</i> no calçadão para jovens e idosos.	149
Tabela 3.26 Testes Mann-Whitney entre os grupos com as <i>affordances</i> no calçadão	150
Tabela 3.27 Significado do calçadão para usuários jovens e idosos	151
Tabela 3.28 Avaliação dos fatores das 5 <i>affordances</i> de estudo no calçadão.	153
Tabela 3.29 Testes U de Mann-Whitney entre os dois grupos com os fatores das <i>affordances</i> no calçadão.	154
Tabela 3.30 Correlações de Spearman entre fatores das <i>affordances</i> no calçadão.	154
Tabela 3.31 Correlações de Spearman entre policiamento e fatores no calçadão .	155
Tabela 3.32 Importância da convivência intergeracional para jovens e idosos.	155
Tabela 3.33 Agradabilidade da convivência intergeracional para jovens e idosos. ...	156
Tabela 3.34 Grau de concordância em querer oportunidades de conviver com jovens.	156
Tabela 3.35 Grau de concordância em querer oportunidades de conviver com idosos.	157
Tabela 3.36 Avaliação da importância de atividades para jovens e idosos.	157
Tabela 3.37 Correlações de Spearman entre atividades e relações sociais.	158
Tabela 3.38 Atividades sugeridas pelos jovens e idosos.	159
Tabela 3.39 Tipologias para passar um tempo com um amigo.	160
Tabela 3.40 Motivos para a preferência de certa tipologia de espaço público.	161
Tabela 3.41 Motivos para a rejeição de certa tipologia de espaço público	163
Tabela 3.42 Avaliação da importância das 5 <i>affordances</i> nos espaços públicos. ...	164
Tabela 3.43 Engajamento social e correlações para idosos respondentes.	164
Tabela 3.44 Correlações entre <i>affordances</i> para todos os respondentes.	165
Tabela 4.1 Correlações de Spearman entre tranquilidade e demais fatores.	177
Tabela 4.2 Correlações da tríade Vegetação/Espaços Relaxantes/Vista Bonita. .	177
Tabela 4.3 Recomendações da AEUB para vias.	182
Tabela 4.4 Correlações de Spearman entre tranquilidade e demais fatores.	187
Tabela 4.5 Correlações entre espaços para sentar e demais fatores	196

Lista de abreviaturas e siglas

ABCP	Associação Brasileira de Cimento Portland
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AEUB	Agência de Ecologia Urbana de Barcelona
ESPRS	Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGG	Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS
ILC-BR	International Longevity Centre Brazil
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PROGRAU	Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
UN	United Nations
WHO	World Health Organization

Sumário

INTRODUÇÃO	18
PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO	23
Objetivo Geral	23
Objetivos Específicos	23
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	25
CAPÍTULO 01 COMPORTAMENTO, PERCEPÇÃO E AMBIENTE.....	26
1.1. USUÁRIO: JOVENS, IDOSOS E INTERGERACIONALIDADE.....	26
1.1.1. Necessidades psicológicas	28
1.1.2. Necessidades físicas	29
1.1.3. Necessidades sociais	32
1.1.4. Envelhecimento Ativo e Relações Intergeracionais	33
1.1.5. Intergeracionalidade e Espaços Públicos Urbanos	42
1.2. AMBIENTE: ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS	44
1.2.1. Relações sociais contemporâneas em meio urbano	44
1.2.1.1. <i>Espaços de apropriação, rejeição, segregação e</i> <i>integração</i>	46
1.2.1.2. <i>Espaços urbanos de socialização formalmente</i> <i>constituídos:Tipologias Espaciais</i>	47
1.2.1.1.1. Rua comercial exclusiva para pedestres: o calçamento....	49
1.2.1.1.2. Área externa de cafés e alimentação em geral	50
1.2.1.1.3. Praça.....	51
1.2.1.1.4. Parque Urbano	52
1.2.1.3. <i>Espaços urbanos de socialização informalmente</i> <i>constituídos: Territórios</i>	53
1.3. PERCEPÇÃO: ESTUDOS AMBIENTE-COMPORTAMENTO	56
1.3.1. A compreensão do ambiente pelo usuário	57
1.3.1.1. <i>Affordances</i>	59
1.3.1.1.1. Segurança.....	61
1.3.1.1.2. Pertencimento	63
1.3.1.1.3. Atividades Múltiplas.....	65
1.3.1.1.4. Habilidades	66
1.3.1.1.5. Engajamento Interpessoal.....	67

1.3.1.2.	<i>Espaços Estimulantes, Protetivos e Calmantes</i>	68
1.3.1.3.	<i>Affordances na apropriação por grupos em espaços públicos urbanos: microterritorialidades</i>	69
1.4.	SÍNTESE DO CAPÍTULO	70
	CAPÍTULO 02 METODOLOGIA	71
2.1.	ESTUDO DE CASO	71
2.1.1.	Seleção dos Objetos de Estudo	71
2.1.2.	Apresentação da cidade de Pelotas e dos objetos de estudo	75
2.1.2.1.	<i>Parque Dom Antônio Zattera</i>	76
2.1.2.2.	<i>Calçadas das Ruas Andrade Neves e 7 de Setembro</i>	77
2.1.2.3.	<i>Praça Coronel Pedro Osório</i>	78
2.1.2.4.	<i>Largo do Mercado Público Central</i>	79
2.2.	MÉTODOS E TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	80
2.2.1.	Levantamento Bibliográfico	80
2.2.2.	Levantamento Documental	81
2.2.3.	Levantamento de Campo	81
2.2.3.1.	<i>Observações com registro fotográfico</i>	81
2.2.3.2.	<i>Mapeamento Comportamental</i>	82
2.2.4.	Questionários	83
2.3.	SÍNTESE DO CAPÍTULO	85
	CAPÍTULO 03 JOVENS E IDOSOS, MEIO SOCIAL	86
3.1.	ETAPA EXPLORATÓRIA	86
3.1.1.	Mapeamento Comportamental	86
3.1.1.1.	<i>Parque Dom Antônio Zattera</i>	87
3.1.1.2.	<i>Calçadas das Ruas Andrade Neves e 7 de Setembro</i>	90
3.1.1.3.	<i>Praça Coronel Pedro Osório</i>	91
3.2.	ETAPA DOS ESTUDOS DE CASO	93
3.2.1.	Praça Coronel Pedro Osório	93
3.2.1.1.	<i>Levantamento Fotográfico do Entorno</i>	93
3.2.1.2.	<i>Acessos e equipamentos</i>	94
3.2.1.3.	<i>Sessões de Observação</i>	96
3.2.1.4.	<i>Questionários</i>	106
3.2.2.	Calçadas das Ruas Andrade Neves e Sete de Setembro	125
3.2.2.1.	<i>Levantamento Fotográfico do Entorno</i>	125

3.2.2.2.	Acessos e equipamentos	127
3.2.2.3.	Sessões de Observação	128
3.2.2.4.	Questionários	136
3.3.	CONCLUSÃO DO CAPÍTULO	167
	CAPÍTULO 04 CONSTRUÇÃO DAS RECOMENDAÇÕES DE PROJETO	168
4.1	REVISAO DA METODOLOGIA OBSERVACIONAL	168
4.2	REVISÃO DA METODOLOGIA PERCEPTIVA	171
4.3	RECOMENDAÇÕES PROJETOAIS	174
	1.1.2 Tranquilidade e Movimento - Centralidade em si x Externalidade	175
	1.1.2 Sombreamento - Instigação ao uso pleno x Conforto para permanência	181
	1.1.2 Segurança - Liberdade x Constância	183
	1.1.2 Agradabilidade - Fator psicológico x Fator social	186
	1.1.2 Atividades e Variedade - Potencialidade x Rede de suporte	188
	1.1.2 Lugar de Encontro de Amigos – Espaços Intergeracionais x Microterritórios de Apropriação Etária	192
	1.1.2 Rotina e Proximidade – Rede de suporte x atração social	194
	1.1.2 Oportunidade para Sentar – Relaxamento x Conforto	196
	CAPÍTULO 05 CONCLUSÕES	199
5.1	PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS, HIPÓTESES E MÉTODOS	199
5.2	PRINCIPAIS RESULTADOS	200
5.3	PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
5.4	DIFICULDADES E LIMITAÇÕES	211
5.5	RELEVÂNCIA E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	212
	REFERÊNCIAS	213
	APÊNDICE A: Arquivo digital	230
	APÊNDICE B: Questionário	231
	APÊNDICE C: Planilhas resumo das contagens dos mapeamentos	235
	APÊNDICE D: Respostas de todas as questões abertas dos questionários	236
	APÊNDICE E: Tabela resumo das transcrições	244
	APÊNDICE F: Correlações utilizadas nos resultados	249

INTRODUÇÃO

A conexão com a vida pública da cidade é uma importante forma de se manter socialmente ativo, ainda mais no caso das pessoas que vão se desligando das redes sociais mantidas por trabalho e educação, como os idosos, e daqueles que necessitam de um “campo neutro” para a socialização, como os jovens (INTERGENERATIONAL... 2005). Entretanto, autores como Holland et al. (2007) e Bytheway et al. (2007) descrevem tensões entre grupos etários no meio urbano, que são particularmente preocupantes entre *jovens e idosos*. Os *espaços públicos* desempenham papel crucial nas trocas sociais entre gerações, ou *intergeracionais*, mas, muitas vezes, eles acabam consolidando a segregação entre as faixas etárias.

Este estudo é baseado numa perspectiva ecológica que assume que ambiente e comportamento humano podem influenciar e ser influenciados um pelo outro (GIFFORD; STEG; RESER, 2011). A resposta aos estímulos do ambiente depende do que ele oferece e da forma com que o usuário pode ou deseja recebê-lo. Esta relação de complementaridade ambiente-usuário Gibson (1986) nomeou *affordance*. Os dois conceitos, *intergeracionalidade* e *affordance* são apresentados inicialmente pois deles depende o delineamento deste trabalho, que busca o projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem a convivência intergeracional.

Ambiente urbano sustentável é aquele onde a qualidade ambiental apoia e encoraja estilos de vida saudáveis para todos (MAHDJOURI; SPENCER, 2015). Espaços públicos têm funções práticas e de lazer, mas eles cumprem necessidades psicológicas, além das físicas. Nesse contexto, “psicologia” está relacionada a “qualquer coisa que afete o comportamento ou sentimentos” (SHAFTOE, 2008, p.51). A Psicologia Ambiental considera como o espaço é descrito por atributos físicos, sentido e ganha significados (GIBSON, 1986). As percepções ambientais refletem especificidades dos grupos sociais que, neste estudo, são jovens e idosos.

Sob a ótica da diversidade populacional, o fenômeno mundial de envelhecimento destaca a questão na agenda global para atender ao novo panorama etário. A Organização das Nações Unidas estimou que, em 2017, haviam 962 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, representando 13% da população e um crescimento de 3% ao ano (UNITED NATIONS, 2017) devido à queda da fertilidade e ao aumento da expectativa de vida. No Brasil, a Tábua Completa de Mortalidade, um documento

anual, mostrou que, em 2013, a expectativa de vida era de 74,9 anos e subiu para 75,5 anos em 2015 (IBGE, 2015; 2016).

O fenômeno do envelhecimento populacional é mais recente e rápido nos países em desenvolvimento, onde o número de idosos é proporcionalmente inferior ao encontrado nos países desenvolvidos. Nos países desenvolvidos o processo ocorre há décadas, amparado por estabilidade socioeconômica, resultando em ampla produção científica. Esse conhecimento pode contribuir com países que começam a enfrentar os problemas do processo, especialmente os que não têm um desenvolvimento balanceado (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983). Este é o objetivo do projeto global “Cidades amigas do envelhecimento”, base teórica desta pesquisa, que será abordada mais profundamente ao longo do trabalho.

As Nações Unidas, no Plano Mundial sobre o Envelhecimento de Viena, em 1983, (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983) já sinalizavam que o envelhecimento deve envolver, bem-estar físico, o mental, social, espiritual e ambiental. Atualmente, o conceito “Envelhecimento Ativo” é tido como “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (ASSEMBLEIA MUNDIAL SOBRE ENVELHECIMENTO, 2005, p. 13). A cidade amiga do envelhecimento favorece diferentes capacidades para todas as idades (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010) e a integração etária complementa o envelhecimento ativo (LONDON, 2008). A prática intergeracional vêm sendo discutida por décadas, a partir dos anos 1980 foi reconhecida por abordar problemas sociais como uso de drogas, baixa autoestima e isolamento (BETH JOHNSON FOUNDATION, 2011) que afetam jovens e idosos. Assim, o reconhecimento da importância das práticas coincide cronologicamente com o início das assembleias mundiais que começavam a considerar o conceito do envelhecimento de forma ampla.

No início do século XXI, a prática intergeracional passou a ser vista como estímulo à vida e potencialidade dos espaços urbanos. A prática é vinculada ao direito à participação ativa na sociedade por todas as idades e lida com tensões entre gerações (MELVILLE; HATTON-YEO, 2015) pois a aproximação etária pode minimizar o ageísmo (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010).

Para explorar o potencial da intergeracionalidade é preciso entender a relação de jovens e idosos com o ambiente urbano. Eles são foco da pesquisa pois estão expostos à maior vulnerabilidade social e necessitam de estímulo ao convívio por razões distintas. Estudos em Londres mostram a dificuldade de idosos em “se apropriar” dos espaços urbanos e sua propensão à solidão, isolamento, falta de transporte e medo de locais desconhecidos (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010). Enquanto isso, jovens estão em transição entre a infância e a fase adulta, não se identificando com espaços projetados para crianças ou adultos. Assim, estratégias intergeracionais são necessárias para recuperar o espaço urbano para eles (HAIDER; KAPLAN, 2004). Os jovens são frequentemente expostos à criminalidade, tráfico de drogas e mudanças na estrutura familiar (LAYNE, 2009). Para muitos adultos, incluindo gestores, a reunião de jovens em áreas públicas é sinônimo de pequenos crimes, desordem e insegurança. Esta tensão etária é descrita como particularmente preocupante entre os grupos citados, causando intimidação e resistência a frequentar certos lugares (HOLLAND et al., 2007; BYTHEWAY et al., 2007). Os ambientes adquirem “reputações” que interferem em como as pessoas se sentem sobre eles e os usam. Uma reputação negativa é difícil de ser removida sem ações positivas (HOLLAND et al., 2007). O estudo sobre discriminação etária de Bytheway et al. (2007), no Reino Unido, mostra que idosos associam grafite e skate à insegurança e vandalismo. Portanto, a imagem construída de um ambiente com forte divisão etária pode acentuar as diferenças dos grupos.

Os questionamentos sobre as interações humanas *com os* e *nos* espaços são infinitos. Os ambientes auxiliam comportamentos, mas as pessoas definem seu sucesso ou subutilização. A complementaridade ambiente-usuário resulta na Teoria das *Affordances* de Gibson (1986), base deste estudo. Nela, o ambiente é o entorno de tudo aquilo que percebe e tem comportamento, ou seja, animais em geral.

“As *affordances* do ambiente são o que ele oferece ao animal, o que ele provê ou fornece, seja para o bem ou para o mal. (...) Isso implica a complementaridade do animal e do ambiente. (...) Elas não são apenas as propriedades físicas abstratas. Elas têm unidade em relação à postura e ao comportamento do animal a ser considerado” (GIBSON, 1986, p.127)¹.

¹ Tradução livre da autora. “*The affordances of the environment are what it offers the animal, what it provides or furnishes, either for good or ill. (...) It implies the complementarity of the animal and the environment. (...) They are not just abstract physical properties. They have unity relative to the posture and behavior of the animal being considered*” (GIBSON, 1986).

Arquitetura da paisagem é crucial na construção e manutenção das relações tanto usuário-espço quanto entre os usuários que utilizam o espaço simultaneamente, de forma que ele seja receptivo a usos e interações. Assim, a relevância social deste trabalho é intrínseca à temática. Nos espaços públicos as diferenças coexistem e eventualmente se encontram (SENNET, 1988). Quando há atenção às disparidades e similaridades entre grupos sociais, a complexidade crescente da sociedade (ASCHER, 2010) é valorizada. Conforme Souza e Awad (2012, p. 32), deve-se “promover uma cidade mais justa e sustentável para o conjunto da sociedade”, assim, o exercício de ouvir a população nunca é exaustivo.

Em termos urbanísticos, deve-se conhecer a população para a qual os espaços urbanos são destinados. A adaptação de usos e a reinterpretação de significados dos lugares são ligadas à manutenção da vivacidade e sustentabilidade (GEHL, 2015). O direito à cidade de Lefebvre refere-se tanto ao que já existe, quanto a modificar a cidade à semelhança das ocupações (HARVEY, 2009).

Souza e Awad (2012) empregam princípios econômicos no planejamento urbano. Os autores citam o Princípio da Interação, do economista Krugman (1991), que se baseia nas relações ativas entre as diversas partes ou agentes. Os autores destacam a interação entre recursos empregados e necessidades da sociedade. Projetos inteligentes, sustentáveis e que empregam conscientemente os recursos financeiros são os que consideram os usuários. Do contrário, há o investimento sem o retorno esperado, apenas áreas subutilizadas e/ou vandalizadas, o que se chama na economia de “utilização ineficiente dos recursos” (SOUZA; AWAD, 2012, p. 31).

Na área científica, mundialmente, os estudos intergeracionais apresentam pouca investigação quanto à influência do ambiente físico ao convívio de jovens e idosos (LAYNE, 2009). Ao mesmo tempo, estudos afirmam a importância social do ambiente físico (HAIDER; KAPLAN, 2004; LAYNE, 2009). As pesquisas tendem a ter foco em uma faixa etária, sem uma comparação para investigar os benefícios a uma díade.

Grande parte dos estudos encontrados (HAIDER; KAPLAN, 2004; DINES, et al, 2006; LAYNE, 2009; LARKIN; KAPLAN; RUSHTON, 2010; KIM, 2012; THANG; KAPLAN, 2013; SARKISSIAN; STENBERG, 2013; MAHDJOUBI; SPENCER, 2015) trata de *affordances* e estímulos ambientais para o convívio intergeracional de díades

etárias diversas. São conjuntos de fatores que podem, dependendo de especificidades, ser mais ou menos atuantes em ambientes de convivência.

Layne (2009) buscou reflexos do desenho urbano no convívio intergeracional através da investigação da influência de atributos, qualidades e características espaciais na experiência da díade intergeracional. O autor desenvolveu uma comparação perceptiva entre jovens e idosos. Um dos limitadores da pesquisa, entretanto, é que ela não utiliza um estudo de caso para a confrontação teórica e prática. Layne (2009) usa a simulação fotográfica que, apesar de ser eficiente para a avaliação perceptiva ambiental, não contempla todos os sentidos. Um estudo de caso pode fornecer uma avaliação mais precisa, já que o estímulo sensorial é um dos fatores considerados como catalisadores da interatividade intergeracional (WINDLEY; SCHEIDT, 1980 apud HAIDER; KAPLAN, 2004), representando uma contribuição e um aprofundamento. Kim (2012) avançou ao utilizar métodos observacionais, mas se deteve a um ambiente fechado, um museu, onde parte das interações diádicas ocorriam em função da interatividade proposta pela exposição.

Na literatura, atividades programadas (oficinas, passeios, etc.) tradicionalmente recebem mais atenção do que os determinantes físicos do espaço nas relações etárias. Na década de 60, os programas e as atividades intergeracionais foram conceitualizados nos Estados Unidos. A extensão da intergeracionalidade ao nível físico espacial é relativamente recente (THANG, 2015).

Alguns estudos na cidade de Pelotas consideram a percepção ambiental de idosos e jovens (MONTELLI, 2008; BARROSO, 2012; SILVA; RABUSKE, 2013; BARROSO; LAY, 2014) e aspectos de acessibilidade para pedestres (TUNES, 2012; FERNANDES, 2017). Entretanto, as pesquisas de percepção ambiental de espaços de lazer na cidade tendem a focar no público geral e as pesquisas etárias, em aspectos físicos e perda funcional do idoso (DUCA, 2008). Quanto ao convívio, os estudos realizados têm sido normalmente dirigidos às áreas da saúde e social (GAZALLE et al., 2004), distanciando-se das implicações no urbanismo. Além disso, não foram encontrados estudos na cidade relacionando a percepção ambiental sobre espaços públicos com a divisão etária de ocupações e usos ou com o modo com que os espaços promovem ou inibem a troca intergeracional. Assim, a carência de estudos de caso que relacionem as *affordances* do espaço físico à motivação de idosos e jovens ao uso do meio urbano para convívio social é a lacuna do conhecimento a ser

preenchida com o estudo. Como contribuição é esperado o melhor entendimento da dinâmica etária urbana, suas potencialidades e limites e, a partir disso, a promoção de ambientes saudáveis de convivência. Além disso, pretende-se somar conhecimentos a pesquisas desenvolvidas nesta universidade².

Sabendo que práticas intergeracionais existem para estimular a convivência entre gerações distintas, percebe-se que estas relações dificilmente ocorreriam sem incentivo e/ou condições propícias (LONDON, 2008). Dentre as condições, o estudo se concentra nas alcançadas pela relação ambiente-usuário. Sob a ótica de como usuário e ambiente podem afetar um ao outro e os catalisadores destas relações, a pesquisa se propõe, através dos objetivos expostos a seguir, a responder a questão principal: Quais os atributos, características e qualidades espaciais que mais podem interferir no convívio entre jovens e idosos nos espaços públicos urbanos?

PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

Objetivo Geral

Partindo do pressuposto de que (i) jovens e idosos possuem similaridades no que se refere à percepção e às preferências e de que (ii) a convivência intergeracional é estimulada por diferentes tipologias e usos de espaços agindo em conjunto (LAYNE, 2009; DINES, et al., 2006; LARKIN; KAPLAN; RUSHTON, 2010; SARKISSIAN; STENBERG, 2013), o objetivo deste estudo é explorar as potencialidades do convívio intergeracional em ambientes urbanos. Assim, busca-se contribuir com recomendações de projeto de espaços públicos urbanos que oportunizem convivialidade, intergeracionalidade e comportamento diádico³ positivo entre jovens e idosos, utilizando similaridades perceptivas e comportamentais sob a lente das *affordances*. Assim, busca-se analisar diferentes tipologias urbanas, tendo como foco, usuários jovens e idosos e os seguintes **objetivos específicos**:

- (1) USUÁRIO:** Investigar o posicionamento de jovens e idosos quanto às relações intergeracionais, averiguando a existência ou não de possíveis conflitos etários;

² Pesquisas vinculadas ao Laboratório de Estudos Comportamentais da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas como a “Place-Making with Older People: Towards Age Friendly Communities”, financiada pelo Fundo Newton e ESRC, liderada pela Universidade Heriot-Watt no Reino Unido e pela UFPel no Brasil. Pesquisas vinculadas ao Centro de Epidemiologia e ao Programa de Pós-Graduação Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

³ Referente à díade intergeracional. Especificamente neste estudo, jovens e idosos.

- (2) **USOS E ATIVIDADES:** Averiguar se os usos e espaços disponíveis para convívio e lazer correspondem às necessidades contemporâneas dos dois grupos etários;
- (3) **AMBIENTE FÍSICO:** Identificar, nas tipologias espaciais estudadas, (i) os locais de apropriação e rejeição para encontro e convívio social dos grupos etários, e (ii) os principais motivos.
- (4) **PERCEPÇÃO:** Realizar um estudo etário comparativo de percepções entre jovens e idosos. Utilizar as *affordances* para buscar similaridades, discrepâncias e correlações.
- (5) **RECOMENDAÇÕES:** Analisar os dados sob a lente das *affordances* e do comportamento, produzindo atributos, características e qualidades espaciais para oportunizar o convívio intergeracional entre jovens e idosos, resultando assim, em contribuições para projetos futuros de espaços públicos urbanos.

Este estudo é delineado através da elaboração das seguintes hipóteses:

HIPÓTESE 1: Considerando as semelhanças de necessidades físicas, psicológicas e sociais e perceptivas entre jovens e idosos, a primeira hipótese que este estudo sugere é que: **há semelhanças nas apropriações dos espaços públicos de socialização pelos dois grupos etários.**

HIPÓTESE 2: Considerando as semelhanças entre jovens e idosos, o surgimento do novo perfil do idoso e as experiências sociais positivas entre pares intergeracionais, a segunda hipótese deste estudo é que: **a configuração espacial e as *affordances* ambientais a ela atreladas podem limitar as oportunidades de convívio intergeracional mesmo sem um conflito etário direto.**

A pesquisa visa - apoiada nas *affordances* de Gibson (1986), no estudo comparativo de Layne (2009) e em outros autores citados - ampliar os estudos na área através de análise comportamental em apropriações urbanas. A verificação das hipóteses auxilia a compreender como as apropriações de jovens e idosos podem ser compatibilizadas em ambientes que oportunizam o contato intergeracional e definir potencialidades e barreiras das *affordances* ao convívio intergeracional.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A dissertação é baseada nas relações entre as pessoas e entre as pessoas e o ambiente onde se inserem. O estudo é delineado pelos laços entre comportamento, ambiente físico e percepção assim, sua estrutura é tripartida, ocupando-se de: (1) usuário - jovens e idosos; (2) ambiente físico - espaços públicos e (3) percepção - relacionamentos usuário-usuário e usuário-ambiente. O estudo ocorre através de introdução e mais cinco capítulos, sendo eles:

INTRODUÇÃO À PESQUISA – texto introdutório aos conceitos e variáveis discutidos. Situa o leitor com introdução ao tema, contextualização do problema e chega a uma proposta de investigação com a definição dos objetivos de pesquisa.

Capítulo 01 - COMPORTAMENTO, AMBIENTE E PERCEPÇÃO: aprofunda o marco teórico suporte da pesquisa. Apresenta a tríade estrutural do trabalho: (i) USUÁRIO - jovens, idosos e relações intergeracionais; (ii) AMBIENTE- espaços públicos e (iii) PERCEPÇÃO - Ambiente-Comportamento.

Capítulo 02 - METODOLOGIA: a partir das ciências que relacionam ambiente e comportamento, aborda as questões metodológicas empregadas, com a definição e apresentação dos grupos de amostra e objetos de estudo.

Capítulo 03 - JOVENS E IDOSOS, MEIO SOCIAL: apresenta e discute resultados obtidos pela aplicação dos métodos propostos. Assim como o marco teórico, se detém nos fatores físico, psicológico e operacional.

Capítulo 04 – CONSTRUÇÃO DAS RECOMENDAÇÕES DE PROJETO: encaminhamento para a construção das recomendações de projeto através da discussão dos principais achados da pesquisa, sob um ponto de vista das particularidades inerentes à diversidade.

Capítulo 05 - CONCLUSÕES: ápice da pesquisa, retoma os objetivos e as hipóteses que conduziram o estudo e apresenta as conclusões a partir dos resultados e da reflexão teórica desenvolvida durante todo o processo. É finalizado com recomendações projetuais de atributos, qualidades e características espaciais.

CAPÍTULO 01 – COMPORTAMENTO, AMBIENTE E PERCEPÇÃO

Entre os estudos sobre convívio intergeracional nos espaços urbanos, a revisão da literatura segue os princípios multidisciplinares da Psicologia Ambiental. São usadas abordagens sociais, antropológicas, geográficas, urbanas e filosóficas para coletar a produção focada no comportamento humano e nas *affordances* que podem motivar ou inibir atividades e convivência social em espaços públicos.

A próxima seção apresenta o fator humano do estudo, abordando especificidades inerentes a jovens e idosos e caracterizando-os como seres sociais.

1.1 USUÁRIO: JOVENS, IDOSOS E INTERGERACIONALIDADE

“Idosos precisam de idosos, mas eles também precisam dos jovens, e jovens precisam do contato com idosos” (ALEXANDER et al., 1977, p. 216)⁴

Os estágios da vida dependem das particularidades de cada pessoa, assim, é difícil determinar quando começam e terminam. Autores do desenvolvimento humano definem que é mais uma questão de cumprimento de certos marcos do que da chegada à certa idade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Mesmo com divergências entre autores, a divisão das fases da vida normalmente engloba infância (infância, juventude e adolescência e pós-adolescência), vida adulta (jovens adultos, meia idade e adultos) e velhice (jovens idosos e idosos) (SETTERSTEN; MAYER, 1997).

Considerando que há diferenças mesmo dentro das faixas etárias, Clark e Uzzell (2002) auxiliam a delimitação do grupo jovem do estudo. Vizinhança, parques, áreas comerciais e escola são ambientes chave para adolescentes. Entre 11 e 12 anos inicia a transição de atividades controladas para casuais no centro da cidade. Com a independência e autonomia, espera-se encontrar mais jovens a partir dos 16 anos no centro da cidade (HENDRY et al., 1993 apud CLARK; UZZELL, 2002). O início da vida adulta ocorre do final da adolescência até meados dos 20 anos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Considerando a divisão do IBGE (2010), para o estudo, adota-se: **(i) Jovens: 15 a 19 anos e (ii) Jovens adultos: 20 a 24 anos.**

A fase idosa é ainda mais subjetiva, o próprio conceito de envelhecimento tem evoluído desde os anos 1960 e, segundo Tomasini e Alves (2007), não é consenso na Gerontologia. Ainda que a OMS considere o nível socioeconômico do país para

⁴ Tradução livre da autora: “Old people need old people, but they also need the young and young people need contact with the old” (ALEXANDER et al., 1977, p. 216)⁴

estabelecer o início da faixa etária idosa, determinando que os 60 anos são o início da velhice em países em desenvolvimento, há estudos que consideram outras idades (ASSEMBLEIA MUNDIAL SOBRE ENVELHECIMENTO, 2005). Entretanto, estudiosos do desenvolvimento humano (PAPALIA; FELDMAN, 2013) apontam uma tendência: a faixa etária idosa está envelhecendo. Em vários países o grupo etário que mais cresce é o de 80 anos ou mais. Destaque também para a feminilização da velhice, já citada em 1983, no Plano de Viena, que ocorre mais visivelmente em países desenvolvidos (PAPALIA; FELDMAN, 2013), sinalizando a existência de mais viúvas do que viúvos (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983). No Brasil, estima-se que a diferença entre idosas e idosos aumente cerca de 1,4% entre 2000 e 2020 (BRASIL, 2012). Mundialmente, as mulheres têm expectativa de vida maior que a dos homens e sua taxa de mortalidade é menor refletindo, entre outros fatores, maior busca por cuidar da saúde e auxílio médico (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O processo de envelhecimento não é idêntico para todos. Normalmente utiliza-se a idade funcional, a que considera “a capacidade de uma pessoa interagir em um ambiente físico e social em comparação com outros da mesma idade cronológica” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 574). Assim, idoso jovem é ativo e saudável e idoso longo possui limitações físicas e/ou psicológicas. De fato, há variação de níveis funcionais dentro do próprio grupo idoso. Navarro et al. (2015, p. 467) destacam que idosos longevos percebem menos as barreiras físicas urbanas e tendem a frequentar “menos os ambientes comunitários, estabelecendo, assim, uma diminuição da relação desse contingente populacional longo com suas cidades”.

Em 1997, Settersten e Mayer classificaram: (i) idosos jovens - 65 a 74 anos ou 65 a 85 anos; e (ii) idosos mais velhos - 75 anos ou mais ou 85 anos ou mais. Papalia e Feldman (2013) descrevem o envelhecimento primário, de perdas físicas inevitáveis e graduais e o envelhecimento secundário, resultante de maus hábitos e doenças. Considerando a divisão do IBGE (2010), para o estudo, adapta-se a classificação **(i) idosos jovens - 60 a 79 anos e (ii) longevos - a partir de 80 anos.**

Maslow (1970) cita semelhanças físicas, psicológicas e sociais entre as diferentes fases que podem ser supridas parcial ou totalmente com o suporte dos ambientes urbanos. A hipótese intergeracional, base para este estudo, sugere que por “enfrentarem estágios de desenvolvimento similares e possuírem necessidades físicas e psicológicas associadas (...) [jovens e idosos] buscam benefícios de qualidade de

vida comparáveis” (LAYNE, 2009)⁵. Ambos estão em transição etária, o que confere primordialidade a necessidades psicológicas básicas como autoestima e confiança, mas há uma diferença: jovens buscam desenvolver habilidades físicas, psicológicas e sociais e idosos se empenham em manter estas mesmas habilidades.

1.1.1 Necessidades psicológicas

“O ciclo da vida é uma realidade psicológica definida. Consiste em estágios distintos, cada um carregado com suas próprias dificuldades, cada um com suas próprias vantagens especiais” (ALEXANDER et al., 1977, p.141)⁶.

Jovens e idosos precisam lidar com conflitos (ERIKSON, 1959 apud ALEXANDER et al., 1977): **(i) Jovem: Identidade x Difusão de Identidade.** Relacionamento com semelhantes, amigos e colegas, busca pela identidade própria em um contexto de conflito, dúvidas e insegurança; **(ii) Jovem adulto: Intimidade x Isolamento.** Relacionamento com colegas de trabalho, parceiros sexuais, ânsia por relações interpessoais e isolamento; **(iii) Idoso: Integridade do Ego x Desespero.** Relacionamento consigo mesmo, personalidade definida, balanço entre realizações alcançadas e enfrentamento de limitações físicas e aproximação da morte. O ego depende das experiências passadas e da inserção contínua na sociedade e em relações intergeracionais (ERIKSON et al, 1986 apud PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As questões jovens envolvem a formação e a consolidação de identidade própria, num contexto de conflito entre intimidade e privacidade. Ao superar esta fase, a autoestima é desenvolvida. A integridade do ego é ligada à realização pessoal, que só ocorre com a resolução dos conflitos das fases da vida (MASLOW, 1970). O conflito idoso reside em atingir o ápice da autorrealização e da identidade própria lidando com perdas físicas e emocionais. A identidade é abalada pois, deve ser mantida num cenário individual e social alterado. As similitudes entre os grupos estão em alcançar e manter fatores estruturantes da auto-estima (LAYNE, 2009).

A resolução bem sucedida dos conflitos inerentes à cada fase etária depende, em grande parte, das relações interpessoais de ganho mútuo entre estágios. Estas relações, as intergeracionais, precisam de suporte do ambiente, especialmente para ocorrer entre pessoas sem vínculo familiar. O espaço urbano pode ajudar ou dificultar

⁵ Tradução livre da autora: “*facing similar developmental stages and having the same associated physical and psychological necessities, the two age groups seek comparable quality of life benefits*”.

⁶ Tradução livre da autora: “*The cycle of life is a definite psychological reality. It consists of discrete stages, each one fraught with its own difficulties, each one with its own special advantages*”.

trocas entre as diversas gerações. Há tendência de divisão etária do meio urbano em residenciais para aposentados, guetos adolescentes, etc. Assim, o contato com o ciclo da vida é minimizado (ALEXANDER et al., 1977). Por vezes, esta tendência resulta de ageísmo, preconceito em função de estereótipos etários.

Em relação às necessidades psicológicas de ambas as faixas etárias em meios urbanos de socialização, Layne (2009) salienta suas semelhanças. Há necessidade da sensação de segurança em meio público, para que jovens tenham liberdade para explorar e idosos não se sintam ameaçados em desenvolver atividades, o que liga esta *affordance* à independência e autonomia. A necessidade de afeto, de se sentir incluído, de pertencer a uma comunidade está no cotidiano das duas gerações e podem ser supridas através de relações intergeracionais.

1.1.2 Necessidades físicas

“O corpo humano não se desgasta com o uso. Pelo contrário, ele se desgasta quando não é usado” (ALEXANDER et al., 1977, p. 364)⁷.

Atividades físicas são necessárias em todas as fases e os espaços públicos podem ser um estímulo, fornecendo estrutura esportiva ou locais agradáveis para caminhada ou corrida. A inserção urbana dá caráter social a atividades individuais e de grupo. No Brasil, o programa federal “Academia da Saúde”⁸, de 2011, tem implantado academias ao ar livre em diversas cidades (BRASIL, 2016a). Além disso, atividades lúdicas e brincadeira, oportunizam contato social, desenvolvimento físico e estimulam a imaginação (ALEXANDER et al., 1977), favorecendo todas as idades.

Jovens e idosos estão envolvidos com suas habilidades físicas similarmente, ainda que com intuitos diferentes. Essa similaridade é essencial para a compreensão da relevância dos espaços públicos urbanos para estes grupos. O auge das capacidades físicas e psicológicas normalmente ocorre no início da vida adulta (PAPALIA; FELDMAN, 2013). A infância, a adolescência e a vida jovem adulta são fases elementares de desenvolvimento físico e psicológico. O jovem, assim como crianças e idosos, tem menor envolvimento com obrigações pessoais e profissionais (SILVA, 2009), o que poderia implicar no maior uso do espaço público. Entretanto, o aumento da violência e as mudanças na estrutura familiar (LAYNE, 2009) afetam os

⁷ Tradução livre da autora: “*The human body does not wear out with use. On the contrary, it wears down when it is not used*”.

⁸ Programa do Ministério da Saúde, regido pela Portaria nº 1.707/GM/MS, de 23 de set. de 2016.

jovens, gerando comportamento antissocial por isolamento ou por transgressão. “Os adolescentes antissociais tendem a ter amigos antissociais, e seu comportamento antissocial aumenta quando eles se associam uns aos outros” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 445). Jovens estão trocando atividades ao ar livre pelo sedentarismo e consumo de mídias diversas (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O quadro é agravado conforme o jovem fica mais velho. Um estudo nos Estados Unidos determina que entre 9 e 15 anos, o tempo médio de atividade física moderada à vigorosa aponta uma curva decrescente conforme a idade aumenta. Com 9 anos, 3 horas diárias são gastas, a partir dos 15 anos, apenas 38 minutos em dias da semana e 45 minutos aos finais de semana (NADER et al., 2008). Um estudo em São Paulo mostra que o nível de atividade física é similar entre jovens e mais velhos (15-29 anos: 55,3% de ativos; 30 – 49 anos: 52,5%; 50 – 69 anos: 53,6%; acima de 70 anos: 47%) (MATSUDO et al., 2002). A falta de atividades físicas e sociais pode levar à obesidade, baixa autoestima e depressão, pontos críticos para os que buscam afirmação da identidade (MASLOW, 1970; ALEXANDER et al., 1977).

O “crescimento na velhice é possível” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 606). Aperfeiçoar e descobrir habilidades representam uma velhice ativa. Os idosos ativos podem manter capacidades físicas semelhantes as de jovens: a atividade física desacelera as mudanças fisiológicas do envelhecimento, auxiliando a autonomia e independência (FECHINE; TROMPIERI, 2012). Lima-Costa (2004) aponta que o idoso com maior escolaridade tende a ser mais ativo. Silva (2009) diz que idosos têm mais tempo livre do que os outros grupos etários e Lima-Costa (2004) salienta que atividades físicas diárias entre maiores de 60 anos e pessoas de 20 a 59 anos são similares, mas Perloff (1973 apud HAAS, 2000) destacava que a participação de idosos em espaços públicos era a metade do que de jovens entre 18 e 24 anos.

O novo perfil do idoso é parte do envelhecimento ativo, modifica como o idoso se vê e é visto pela sociedade e exprime a busca por inserção social e qualidade de vida. Assim, nascem iniciativas como a que resultou na aprovação, em 22 de maio de 2018, do Projeto de Lei do Senado (PLS) 126/2016 que altera o Estatuto do Idoso - Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003 - substituindo o sinal de prioridade de atendimento de um calunga de bengala, por um ereto com a inscrição “60+” (Figura 1.1). A iniciativa se deve ao caráter pejorativo da representação de uma fragilidade física que, por vezes, não condiz com a realidade (BRASIL, 2016b).



Figura 1.1 - A mudança de sinalização de atendimento preferencial do idoso. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/04/25/simbolo-para-identificacao-de-idoso-nao-pode-ser-pejorativo-preve-projeto-aprovado-na-cdh>

A inclusão do idoso nos meios onde ocorrem as atividades físicas é oportuna à inserção social. A presença de outros idosos pode fornecer segurança e motivação e um contexto intergeracional pode amenizar a sensação de que é “ultrapassado”. Ainda que não seja possível evitar a senescência, fase de perdas físicas importantes, ela é variável, sendo influenciada por fatores ambientais e uma vida ativa (PAPALIA; FELDMAN, 2013). No envelhecimento ocorrem mudanças:

“funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade (...) perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas” (PAPALÉO NETTO, 2002).

Pelo envelhecimento biológico, habilidades funcionais que garantem autonomia para atividades cotidianas como se deslocar pela cidade são perdidas gradativamente. Alterações neurológicas podem ter consequências sociais e cognitivas, pela perda da memória ou da capacidade de julgamento do que é adequado socialmente. Assim, enquanto cultural e social, o envelhecimento pode gerar discriminação etária, mas atividades físicas regulares como caminhada podem auxiliar na renovação das células da memória e na manutenção cognitiva (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Holtzman et al. (2004) indicam que adultos maiores de 50 anos com um círculo social maior e mais ativo tendem a ter menor declínio cognitivo.

Em pesquisa no Rio Grande do Sul, idosos ativos relacionam saúde à sociabilidade, já os não ativos apontam falta de estímulo e interesse pela socialização (ASCARI et al., 2015). Entretanto, mais atenção é dada a fatores físicos do que emocionais (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010). Shepard (2003) ressalta que muitos idosos não têm capacidade física para participar de eventos e núcleos sociais e que melhorias físicas apoiam as interações sociais.

Silva e Rabuske (2013), versando sobre barreiras físicas urbanas em Pelotas, constataram que a maioria dos idosos considera que existe acessibilidade e utiliza locais públicos para lazer. A diversidade de percepções entre idosos aponta indivíduos ativos, independentes e com necessidades sociais semelhantes as jovens. O desafio é

compreender essa diversidade. Papalia e Feldman (2013) destacam que idosos tendem a utilizar ao máximo suas capacidades para compensar habilidades perdidas. O envelhecimento se concentra na manutenção das três áreas abordadas por este estudo: (i) física, pela prevenção de doenças e incapacidades; (ii) psicológica e cognitiva, por estímulos contínuos; e (iii) social, pelo engajamento interpessoal e relações intergeracionais.

A seção a seguir trata das implicações sociais das necessidades dos grupos.

1.1.3 Necessidades sociais

“Pessoas em cada estágio da vida têm algo insubstituível para dar e receber da comunidade” (ALEXANDER et al., 1977, p. 142)⁹

Os relacionamentos sociais na fase jovem estão vinculados à saúde física e mental. A necessidade de tempo com outras pessoas, especialmente da mesma idade atinge o ápice (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O estágio representa o desenvolvimento de habilidades sociais que serão levadas para a vida adulta. Em contrapartida, a busca por intimidade e privacidade também é acentuada. Isso explica a socialização de grupos em lugares com maior privacidade (HOLLAND et al., 2007). A tendência é comportamento territorial, demarcação expressiva de limites. A divisão entre “tribos” (HEIDRICH, 2013) retrata a identidade de skatistas, universitários e outros grupos. Para os jovens, atividades físicas estão relacionadas à saúde, mas também à sociabilidade, busca pela identidade, pertencimento a um grupo (HEIDRICH, 2013) e sexualidade (MASLOW, 1970).

Em sociedades tradicionais, idosos inspiravam respeito. Havia consciência do seu papel na transmissão de conhecimentos, essencial para o desenvolvimento dos indivíduos, manutenção da cultura e sentimento comunitário. Também havia maior naturalidade nas relações intergeracionais. Infelizmente, por um tempo, a sociedade, especialmente a ocidental, voltou a questionar o papel do idoso, baseando-se em estereótipos de fragilidade e improdutividade (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Entretanto, a heterogeneidade entre os idosos é expressiva e vai desde os casos de maior fragilização dos longevos até o oposto, de indivíduos extremamente ativos.

Idosos tendem a ser seletivos, mantendo poucos amigos (PAPALIA; FELDMAN, 2013) e se distanciando de meios sociais. Após a conclusão da educação formal e a

⁹ Tradução livre da autora: “Persons at each stage of life have something irreplaceable to give and to take from the community”.

aposentadoria, a imagem de cidadão ativo enfraquece. Papéis sociais são vinculados à identidade, deixar de exercê-los pode ser negativo para o idoso que, como o jovem, é sensível às questões psicológicas de identidade que dependem da percepção saudável de si (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Apesar de pertencerem a lados opostos da linha da vida, jovens e idosos têm necessidades físicas, sociais e psicológicas semelhantes. Assim, há aproximação do envelhecimento ativo às relações intergeracionais, discutidas na próxima seção.

1.1.4 Envelhecimento Ativo e Relações Intergeracionais

. Desde os anos 1960, o conceito de envelhecimento tem evoluído. Em 1978, a Assembleia Geral das Nações Unidas convocou a primeira Assembleia Mundial em Envelhecimento, vislumbrando os efeitos que uma população já em envelhecimento teria. A assembleia ocorreu na Austria, em 1982, gerando o Plano de Ação Internacional de Viena sobre o Envelhecimento, publicado em 1983, que ressalta o bem-estar mental, social e físico (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983):

(i) “(...) desfrutar em mente e em corpo, plena e livremente seus anos por vir em paz, saúde e segurança; e (ii) estudar (...) populações em envelhecimento (...) a fim de permitir que o (...) envelhecimento seja plenamente realizado e atenuar (...) qualquer efeito negativo” (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983)¹⁰.

Uma das recomendações acordadas foi que o planejamento urbano considerasse o envelhecimento, buscando a integração social dos mais velhos nos espaços urbanos. O plano propõe que estes ambientes devem visar as capacidades funcionais dos idosos, facilitando a mobilidade e a permanência em locais de familiaridade e convívio comunitário e estimulando a participação em atividades de lazer. Outro destaque foi o estímulo à pesquisa biológica, médica, cultural, social e comportamental do envelhecimento (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983).

Em 1987, Rowe e Kahn empregaram o termo Envelhecimento Bem-Sucedido, visando a prevenção de doenças e deficiências. Nesse campo interdisciplinar, “sucesso” é relacionado a “tratar doenças e restaurar o funcionamento” (ANDY;

¹⁰ Tradução livre da autora: “(i) (...) *to enjoy in mind and in body, fully and freely, their advancing years in peace, health and security; and (ii) study (...) aging populations (...) with a view to enabling (...) aging to be fully realized and to mitigating (...) any negative effects*” (UNITED NATIONS, 1983).

YASHMI, 2014, p.172)¹¹. A OMS, nos anos 90, forjou o conceito Envelhecimento Saudável, definindo saúde como “bem-estar físico, social e mental” para promover “saúde mental e relações sociais” tanto quanto “condições físicas de saúde” (ASSEMBLEIA MUNDIAL SOBRE ENVELHECIMENTO, 2005, p.13). Em 1997, Rowe e Kahn incluíram capacidade cognitiva e envolvimento ativo com a vida e relacionamentos interpessoais no conceito do Envelhecimento Bem-Sucedido (ALMEIDA, 2007). Os autores chegaram à tríade: baixo risco de doença e deficiência; manutenção mental e física; e envolvimento com a vida, incluindo relações interpessoais e produtividade (ROWE; KAHN, 2015). Assim, a Gerontologia Ambiental trata dos idosos e de seus contextos físicos e sociais (TOMASINI, 2005, p.76), que influenciam diretamente no processo de envelhecimento. No fim dos anos 90, a OMS passa a empregar o termo Envelhecimento Ativo. “Ativo” refere-se à participação social, econômica, cultural, espiritual, cívica e outros fatores que afetam o envelhecimento. A ONU declarou 1999 o Ano das Pessoas Idosas.

Na 2ª Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento (2003) em Madri, foi gerado um Plano de Ação Internacional que cita, entre outros: (i) Desenvolvimento - participação ativa na sociedade; trabalho; educação; capacitação; **solidariedade intergeracional**; erradicação da pobreza; proteção social; (ii) Saúde e bem-estar - serviços; capacitação de profissionais; saúde mental e incapacidades; e (iii) Ambiente favorável - moradia e condições de vida; apoio a prestadores de assistência; abandono e maus-tratos. Além da saúde, destacam-se questões sociais, de crescimento pessoal, econômicas e psicológicas. Estas questões passaram a ser discutidas tardiamente no Brasil devido a necessidades de saúde mais urgentes.

Em 2007, a OMS aproximou preceitos do Envelhecimento Ativo às cidades e intergeracionalidade no “Guia Global das Cidades Amigas do Envelhecimento”. Desenvolvido pela OMS, o projeto teve início em 33 cidades no mundo todo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007) a partir de oito áreas temáticas: Participação Social, Respeito e Inclusão Social, Participação Cívica e Emprego, Comunicação e Informação, Apoio Comunitário e Serviços de Saúde, Espaços ao ar livre e Edificações, Transporte e Habitação (Figura 1.2).

¹¹ Tradução livre da autora: “*treat illness and disease and restore functioning*”.



Figura 1.2 - As 8 áreas temáticas do programa Cidades Amigas do Envelhecimento. Fonte: <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>

Segundo o programa Cidades Amigas do Envelhecimento, a paisagem urbana, os edifícios, os transportes e a moradia podem contribuir para a mobilidade, a vida saudável e a participação social, mas O’Sullivan, Mulgan e Vasconcelos (2010) ressaltam que também podem promover medo, isolamento, inatividade e exclusão social. Não se trata apenas de um conjunto de políticas públicas e da promoção de atividades, mas de intervenções efetivas no espaço físico para favorecer o deslocamento, a autonomia no uso dos espaços urbanos e o convívio.

O Centro Internacional da Longevidade (2016) desenvolveu um modelo brasileiro de Cidades Amigas do Envelhecimento que cria parcerias com setores privados. O projeto “Cidade para Todas as Idades” investe nas cidades de Jaguariúna, Sorocaba, São José do Rio Preto, Gramado e Veranópolis.

Em 2008, no Rio Grande do Sul, houve a implantação de um projeto influenciado pelo Cidades Amigas do Envelhecimento. A etapa piloto ocorreu em: Novo Hamburgo, Bagé, Veranópolis, Frederico Westphalen, Santa Rosa, Santa Maria, Paverama, Capão da Canoa, São Paulo das Missões, Cândido Godói, Roque Gonzales, Farroupilha, Gravataí, Progresso e Porto Alegre. A cidade de Pelotas, onde se desenvolve este estudo, apenas firmou o protocolo de intenções para implantação em 2009 (RIO GRANDE DO SUL, 2008) do Projeto Estadual “RS Amigo do Idoso”. Segundo Rauth, Santos e Pedde (2012), haviam condições técnicas, políticas, infraestrutura, mas entraves burocráticos impediram seu sucesso.

A Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul buscava, através do projeto, desenvolver ações para a inclusão social do idoso, respeitando a heterogeneidade do grupo etário e estimulando a autonomia, independência nas atividades cotidianas e

habilidades (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Linhas de ação foram definidas e, segundo seus idealizadores, respeitavam as áreas da OMS:

“Promoção dos Direitos Sociais; Capacitação de Recursos Humanos; Atenção Integral, Qualidade de Vida e Rede de Serviços; Desenvolvimento Educativo-sócio-cultural; Estudos e Pesquisas; Descentralização Político-administrativa, Articulação e Gestão. (...) elaboração do Plano de Ação Municipal (...) e políticas setoriais, garantindo a efetivação de direitos sociais, qualidade de vida e dignidade às pessoas idosas” (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Estabelecendo um comparativo com o programa Cidades Amigas do Envelhecimento, nos direitos sociais estavam a “Participação Social, o Respeito e Inclusão Social”; na Capacitação de recursos humanos, a “Participação Cívica e Emprego”; os estudos e pesquisas poderiam disseminar a Comunicação e a Informação *sobre* a população idosa, ainda que não diretamente *para* a população idosa; quanto ao Apoio Comunitário, não foi encontrada a intenção direta de fomentar o apoio da comunidade, mas provavelmente a qualidade de vida e a rede de serviços contemplariam questões comunitárias e de Serviços de Saúde; na autonomia e independência provavelmente estariam espaços públicos, edificações, transporte e habitação. Não foram encontradas ações efetivas relacionadas aos espaços físicos. Entre as ações planejadas, estavam a divulgação do projeto, a elaboração do Plano de Ação Municipal, um convênio para a execução de ações, efetivar direitos sociais e incentivar a qualidade de vida e dignidade.

Um Curso de Especialização em Envelhecimento Ativo para profissionais da saúde pública ocorreu na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 2010. Uma parceria entre o Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUCRS e a Escola de Saúde Pública traçou o perfil do idoso, apontando prioridades na promoção do envelhecimento ativo (RIO GRANDE DO SUL, 2009).

Em 2016, Veranópolis se tornou a primeira “Cidade Amiga do Envelhecimento” brasileira. Ações ocorreram nas áreas da educação, assistência social, meio ambiente e saúde (capacitação de profissionais) (CLICRBS, 2017).

Pesquisas na cidade de Pelotas, na área da saúde (DUCA, 2008), mostram que idosos ativos são mais independentes para atividades sociais. A redução da dependência funcional e o aumento da qualidade e da expectativa de vida dos longevos pode ser alcançado através de atividades físicas em espaços públicos adequados e seguros. A carência de relações sociais, como fator de risco à saúde

(WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983), tem sido considerada tão prejudicial quanto tabagismo, pressão arterial elevada, obesidade e sedentarismo (ANDRADE; VAITSMAN, 2002). Berkman e Glass (2000) mostram que comportamentos de risco são inversamente relacionados ao tamanho e à conectividade das redes sociais. A saúde é afetada pela redução quantitativa e qualitativa das relações sociais. O estímulo às relações geracionais e intergeracionais é essencial ao bem estar físico e psicológico e ao envelhecimento ativo (RAMOS, 2002).

Segundo o programa Cidades Amigas do Envelhecimento as atividades intergeracionais são mais recomendadas do que as etárias (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2009). A aproximação dos conceitos do envelhecimento ativo e da intergeracionalidade culminou no Ano Europeu para o Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações, em 2012. Entretanto, os estudos intergeracionais iniciaram na década de 1940, quando a guerra ausentava adultos do núcleo familiar, deixando idosos encarregados das crianças (OLIVEIRA, 2011). Ascher (2010) descreve o enfraquecimento das relações intergeracionais no pós-guerra. A intergeracionalidade se refere a complexas relações entre gerações que compreendem diversos arranjos etários e contextos (VANDERBECK; WORTH, 2015). O primeiro normalmente ocorre no núcleo familiar e, no decorrer da vida, se estende a outros núcleos sociais e à externalidade do meio urbano. Mumford (1949; 1956 apud VANDERBECK; WORTH, 2015) destaca as relações urbanas para o equilíbrio da comunidade, que ocorre pelo contato entre as fases da vida.

Nos anos 60, as práticas intergeracionais foram conceitualizadas (THANG, 2015) e a partir dos anos 80, reconhecidas por abordar problemas de autoestima e isolamento (BETH JOHNSON FOUNDATION, 2011) entre jovens e idosos. O fato coincide cronologicamente com o início das assembleias mundiais sobre envelhecimento que frisavam o papel do idoso de transmitir valores aos mais novos:

“esse papel assegurou a sobrevivência e o progresso do homem. A presença dos idosos (...) em todas as formas de vida social ainda ensina (...) pelos resultados de seu trabalho (...) e pela memória de suas palavras e ações. Isso pode (...) tornar-nos mais conscientes das responsabilidades para com as gerações futuras” (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983, p.12)¹².

¹²Tradução livre da autora: “this role has ensured man's survival and progress. The presence of the elderly (...) in all forms of social life still teaches (...) by the results of their labour (...) and the memory of their words and deeds. This may encourage us to (...) grow more fully aware of the responsibilities toward future generations”.

De fato, o Plano de Viena destacou a necessidade da integração etária; erradicação da discriminação; apoio entre gerações (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983); naturalização do envelhecimento; e enfraquecimento do estereótipo idoso. Em 1985, os Programas e Atividades Intergeracionais foram reconhecidos pelo Conselho Nacional dos EUA sobre o Envelhecimento por estimular a “cooperação, interação ou o intercâmbio”¹³ (THANG, 2015, p.46) entre gerações.

NEWMAN et al. (1997) exploram links extrafamiliares, evidenciando que:

"envolver pessoas mais velhas e mais jovens não biologicamente ligadas em interações que incentivam a ligação entre gerações, promovem o intercâmbio cultural e fornecem sistemas de apoio positivos que ajudar a manter o bem-estar e a segurança das gerações mais velhas e mais novas “ (NEWMAN et al., 1997p. 56)¹⁴.

Em 1998, a Associação Americana de Pessoas Aposentadas (AARP) (GOYER; ZUSES, 1998 apud MELVILLE; HATTON-YEO, 2015) definiu programas intergeracionais em espaços compartilhados como aqueles em que diferentes gerações recebem serviços no mesmo lugar e interagem através de atividades planejadas ou informais. No ano de 1999, ocorreu o Consórcio Internacional para a Prática Intergeneracional que definiu os programas intergeracionais como “veículos sociais” que geram aprendizagem, benefícios individuais e sociais. Posteriormente, o conceito incluiu práticas culturais e comunitárias para unir gerações (KAPLAN et al., 2007) e, no início do século XXI, a intergeracionalidade foi reconhecida como estímulo à potencialidade urbana, lidando com tensões etárias e reduzindo preconceitos. Em 2001, o potencial da prática intergeracional na construção de comunidades coesas e no engajamento cívico teve destaque através de atividades que promovam: “compreensão e respeito (...) A prática intergeracional é inclusiva, construindo sobre os recursos positivos que os jovens e os idosos têm para oferecer um ao outro”¹⁵ (BETH JOHNSON FOUNDATION, 2011, p. 4).

A cronologia da evolução dos dois conceitos, Envelhecimento e Relações Intergeracionais pode ser vista na figura resumo a seguir (Figura 1.3).

¹³ Tradução livre da autora: “*cooperation, interaction or exchange*”

¹⁴ Tradução livre da autora: “*to engage nonbiologically linked older and younger persons in interactions that encourage cross-generational bonding, promote cultural exchange, and provide positive support systems that help to maintain the well-being and security of the younger and older generations*”.

¹⁵ Tradução livre da autora: “*(...) understanding and respect (...) Intergenerational practice is inclusive, building on the positive resources that the young and old have to offer each other*”.

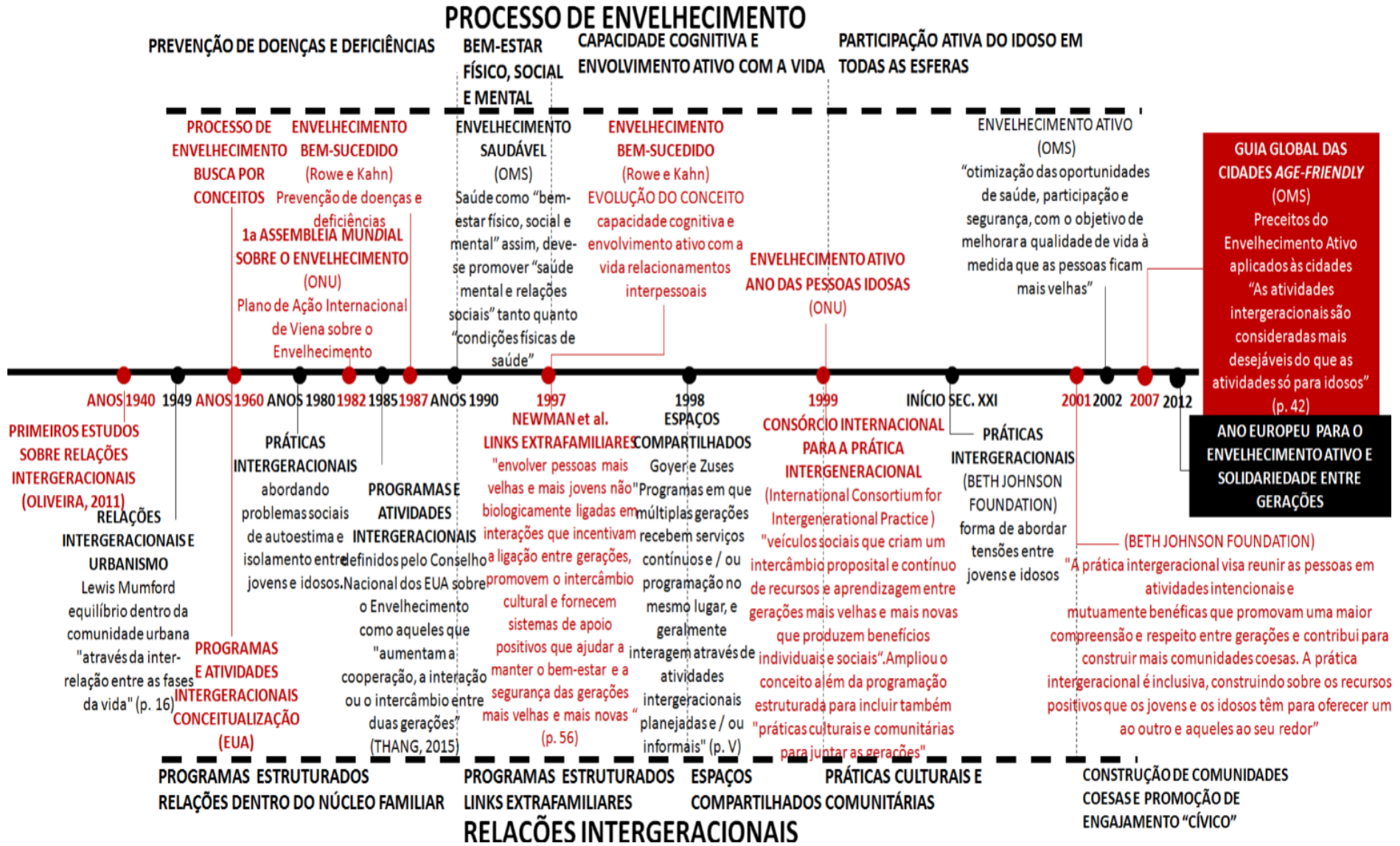


Figura 1.3 - Evolução dos conceitos de envelhecimento e relações intergeracionais. Fonte: autora, 2018.

As relações intergeracionais beneficiam os jovens através de (i) experiências de vida e narrativas que transmitem a identidade comunitária; (ii) estruturação do caráter, exercício do companheirismo, cuidado e afastamento da marginalidade; (iii) autoestima e satisfação com a vida adulta pela contribuição com a sociedade (ERIKSON, 1963; RHODES, 2002; STEINFELD, 1972 apud LAYNE, 2009); e (iv) a naturalização do processo de envelhecimento. Para os idosos, as relações podem (i) afastar a solidão, o pensamento sobre problemas e incapacidades e a depressão, promovendo a inclusão; (ii) facilitar o acesso às tecnologias contemporâneas, combatendo o sentimento de que idoso é ultrapassado; e (iii) promover o auxílio em tarefas cotidianas que se tornam complexas devido a déficits físicos.

As relações intergeracionais acontecem através de ações sociais ou espontaneamente. O “novo idoso”, aquele que busca qualidade de vida durante o envelhecimento, que é ativo, facilita a aproximação espontânea intergeracional. Trata-se tanto daquele que busca uma maior inserção no meio social quanto do que mantém hábitos desenvolvidos na juventude (Figuras 1.4 e 1.5). Para muitos, o termo idoso chega a ser desconfortável, dado seu estilo de vida que oportuniza contato com universitários, esportistas e outras subculturas. Assim, as interações espontâneas são cotidianas. Segundo Kim (2012), as interações ativas espontâneas podem ser mais frequentes entre pares intergeracionais do que entre díades etárias.

Skatista idoso roda as ruas de Porto Alegre com suas muletas

Nem um sério acidente afastou Sérgio Marreta do skate. Conhecido nas pistas da capital, ele supera a dor e dá exemplo para a guriçada

Por: Greyce Vargas / Especial
28/02/2015 - 16h01min



"Os 60 são os novos 40"

Ainda que o IBGE e a Organização Mundial da Saúde considerem idoso quem tem 60 anos ou mais, quem chegou nessa fase não se encara como parte da terceira idade

Por: Greyce Vargas / Especial
28/02/2015 - 16h02min



Figura 1.4- Matéria de Greyce Vargas (2015) para Zero Hora sobre idosos que praticam esportes desde a juventude. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

Figura 1.5 - Matéria de Greyce Vargas (2015b) para Zero Hora sobre idosos que estão se inserindo em meios de educação e de trabalho. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/>

Paralelamente, ações sociais ocorrem seguindo a ideia de que a similaridade de necessidades entre jovens e idosos pode trazer à tona comportamentos parecidos. No projeto Lata 65, em Portugal, idosos participam de uma imersão no mundo do grafite com aulas sobre sua história e execução (Figuras 1.6 e 1.7).



Figura 1.6 - Aula de história do grafite pelo Lata 65. Fonte: <http://www.woolfest.org/page/17/>
Figura 1.7 - Aula de execução do grafite pelo Lata 65. Fonte: <http://www.woolfest.org/page/17/>

A atividades os aproximam da cultura urbana, diminuem o preconceito e promovem solidariedade entre gerações (VARO, 2013). O projeto foi realizado em São Paulo, em 2015 (VARO, 2015). No Rio Grande do Sul, o *Smile Flame*¹⁶, desde 2012, realiza o Skate no Asilo (Figuras 1.8 e 1.9) (COSTA, 2015) para a divulgação das atividades e necessidades do asilo e aumento do voluntariado. Nos eventos, os idosos são jurados da competição de skatistas. Em depoimento à jornalista Fernanda da Costa (2015), Maria Stabel, de 83 anos, mostra efeitos da aproximação intergeracional: “Isso é uma maravilha. Adoro música e receber visitas dos jovens”.

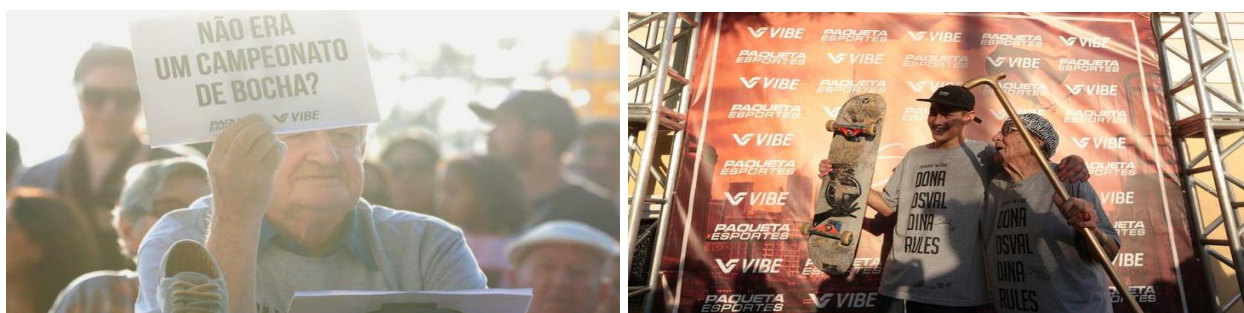


Figura 1.8 - Idosos são jurados na competição Skate no Asilo. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>
Figura 1.9 - Interação durante o Skate no Asilo. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>

Em Pelotas, em 2016, houve o *Spray'Sons*, evento nacional de grafite que trocou a hospedagem de artistas por uma intervenção artística no muro lateral do lar de idosos, situado em frente ao Parque Dom Antônio Zattera (Figura 1.10).



Figura 1.10 - A interação entre idosos e grafiteiros no *Spray'Sons*. Fonte: <http://www.ecult.com.br>

¹⁶ A autora deste estudo buscou contato com os desenvolvedores do projeto para enriquecer a discussão através de experiências intergeracionais, porém não houve interesse de participação.

Uma matéria para E-Cult Online ressalta que a interatividade entre idosos e grafiteiros foi grande. Os idosos posicionaram cadeiras na área externa do asilo para acompanhar a execução. Professores do curso de artes da UFPel salientaram que a arte urbana é uma forma de aproximação intergeracional (SCHWONKE, 2016).

A seção a seguir traz a relação entre espaços urbanos e intergeracionalidade.

1.1.5 Intergeracionalidade e Espaços Públicos Urbanos

Espaço intergeracional tem “o objetivo de facilitar e promover a interação entre membros de diferentes grupos geracionais (mais comumente jovens e idosos)” (VANDERBECK; WORTH, 2015, p. 26)¹⁷. Há de se considerar que gerações distintas, com necessidades e desejos específicos estão envolvidas. A pluralidade resultante das individualidades precisa ser refletida em ambientes suportivos. Há necessidade de equilíbrio entre definido e indefinido e entre necessidades, por vezes, contrastantes. Atividades que induzem ao uso sem o limitar, espaços “inacabados” que expressam usuários, atividades e significados, podem atrair a convivência dos diferentes. A atratividade pode ocorrer através do reconhecimento dos iguais ou da curiosidade pelo desconhecido (ALEXANDER et al., 1977).

Pares intergeracionais podem ser, assim como todas as díades: (1) Díades observacionais: observação das atividades um do outro; (2) Díades de atividades conjuntas: nível de maior engajamento, práticas similares e simultâneas; (3) Díades primárias: nível mais profundo, dispensam o encontro físico. São alterações comportamentais de uma pessoa por pensar na outra. As díades podem evoluir, a observação pode despertar o interesse dos envolvidos até se tornar uma atividade e esta pode gerar laços de uma díade primária (BRONFENBRENNER, 1979).

Recentemente, os estudos intergeracionais começaram a considerar implicações espaciais nas relações humanas (VANDERBECK; WORTH, 2015). Haider e Kaplan (2004) destacam *affordances* para o espaço intergeracional: **(1) Estímulo Sensorial:** instiga a curiosidade jovem e estimula os sentidos deficientes dos idosos; **(2) Legibilidade:** “processamento e assimilação” do ambiente, é ligada à distinção de elementos e identidade; **(3) Adaptabilidade:** diversos tipos de usos, atividades e público. Se relaciona à flexibilidade de suporte a comportamentos que mudam

¹⁷ Tradução livre da autora: “the purpose of facilitating and promoting interaction between members of different generational groups (most commonly the young and the old)”.

conforme interesses, relações e capacidades. A adaptabilidade é ligada às **atividades** oferecidas e às **habilidades físicas** suportadas pelo ambiente. **(4) Controle:** grau de personalização e reivindicação territorial (HAIDER; KAPLAN, 2004). Quanto mais controle, menor é a necessidade de elementos de **segurança** (LAYNE, 2009). **(5) Sociabilidade:** interação que o ambiente proporciona, o **engajamento interpessoal**; **(6) Significado:** receptividade a todas as idades. Conexão e orgulho do lugar que apoiam uma relação saudável entre cidade e habitantes (HAIDER; KAPLAN, 2004) e o sentimento de **pertencimento**.

As *affordances* também se relacionam entre si, na complementaridade ou na proporção inversa. Haider e Kaplan (2004) se aproximam de Layne (2009) que, em estudo com jovens e idosos, utilizou 5 *affordances*: (i) Segurança, (ii) Suporte a diferentes capacidades físicas, (iii) Diversidade de atividades, (iv) Pertencimento e (v) Engajamento interpessoal. Todavia, os autores sinalizam a necessidade do estudo através dos cinco sentidos humanos ao enfatizar os estímulos sensoriais, o que avulta a pertinência de estudos de caso. A diversidade de tipologias espaciais e sua dinâmica é importante para a sociabilidade: espaços para parar, transitar, interagir e se refugiar (DINES et al., 2006). Baseada em Layne (2009), Kim (2012) estudou crianças e idosos em espaços públicos fechados e sugeriu que pares intergeracionais têm mais contato interativo, o encontro das gerações promoveu interação. Kim confirma a tríade no espaço ideal: estímulo (café, comida, conversar, divertido), relaxamento (observar, sentar, sem ter multidão) e proteção. O estudo ressalta similaridades de preferência, comportamento e necessidade de diversão:

“estimular múltiplos sentidos foi (...) importante (...) o riso (...) foi uma das razões (...) pelas quais as pessoas visitam um lugar (...) pessoas mudam o comportamento para melhor se é divertido” (KIM, 2012, p.137)¹⁸.

Mahdjoubi e Spencer (2015), destacam que a brincadeira não sugere um “foco monogeracional no *design*; adultos também brincam e têm um papel importante na brincadeira das crianças” (HAIDER, KAPLAN, 2004)¹⁹. Spencer (2015) afirma que idosos gostariam de se divertir mais no meio urbano, o maior impedimento é o medo de “parecer bobo”.

¹⁸ Tradução livre da autora: “*simulating multiple senses was (...) important (...) laughter (...) was one of the (...) reasons that people visit a place (...) people change human behavior for the better if it is fun*”.

¹⁹ Tradução livre da autora: “*mono-generational focus in design; adults also play and have an integral role in the play of children*”.

1.2 AMBIENTE: ESPAÇOS PÚBLICOS URBANOS

“Cada subcultura precisa de um centro para sua vida pública: um lugar onde você pode ir para ver pessoas, e ser visto” (ALEXANDER et al., 1977,p.169)²⁰

A cidade é um agrupamento de pessoas onde as diferenças coexistem e convivem (SENNET, 1988) que ocorre em quantidade significativa, em determinado lugar e de forma contínua. Evita-se o termo “permanente” dada a relevância do aspecto dinâmico das ocupações humanas. “A dinâmica da urbanização está ligada ao potencial de interação oferecido pelas cidades, à sua “urbanidade”, ou seja, à potência multiforme que gera o reagrupamento de uma grande quantidade de pessoas em um mesmo lugar” (ASCHER, 2010, p.19). A dinâmica de ocupação urbana depende de aspectos físicos e humanos. Há uma série de variáveis que norteiam as escolhas de ocupação social e a produção de territórios ou, dependendo da escala de alcance e outros fatores, de microterritorialidades.

Mesmo que alguns espaços públicos atendam a um público prioritário, suas características deixam explícita a natureza de uso comum a qualquer cidadão. A comunicação com as vias e a abertura do perímetro convidam o usuário. Entretanto, espaços privados ajudam a manter a vivacidade urbana (JACOBS, 1961; HANNES, 2016). São relações público-privadas que serão explanadas neste capítulo.

1.2.1 Relações sociais contemporâneas em meio urbano

A diferença entre grupos sociais precisa ser vista como uma realidade espacial (TONKISS, 2005). Quando se evoca a questão social, é necessário que haja uma compreensão do sujeito e do processo pelo qual passa a sociedade. A visão cosmopolita do século XVIII, gerou mudanças comportamentais. A vida urbana refletia a manutenção do *status* de classes. Parques urbanos foram construídos, passeios públicos tornaram-se locais de lazer e cafés de socialização. No século XIX, o individualismo e a privacidade foram valorizados, numa nova relação social urbana: a exposição aos semelhantes e a proteção dos diferentes (SENNET, 1988). Processos de individualização, racionalização e diferenciação social marcam a modernização da sociedade. Na individualização, preferências e necessidades de apropriação individuais se sobrepõem às coletivas; na racionalização, a alteração das relações sociais ocorre

²⁰ Tradução livre da autora: “*Each subculture needs a center for its public life: a place where you can go to see people, and to be seen*”

através de reflexão (bagagem cultural); e na diferenciação social, ocorre a diversificação de indivíduos e grupos, aumentando a complexidade e as possibilidades de escolha (ASCHER, 2010). Assim, a individualização implica em alterações da organização do território e do espaço pessoal. A “terceira revolução urbana moderna”²¹ (ASCHER, 2010, p. 61) lida com transformações sociais baseadas na intensificação destes processos, influenciando as pessoas na forma de agir, pensar e se relacionar socialmente. A diferenciação social ainda pode alterar a estrutura familiar implicando na vulnerabilidade jovem (LAYNE, 2009; ASCHER, 2010) e na mudança da ordem lógica dos ciclos de vida.

Atualmente, o individualismo é fortalecido pela interação à distância, alterando o significado do espaço físico, que passa a ter caráter de escolha. Entretanto, há um movimento de reapropriação dos espaços públicos incitado pelo urbanismo contemporâneo. Essa corrente segue novas subjetividades através da transgressão, a quebra de limites dos usos tradicionais (SHAW; HUDSON, 2009). O urbanismo lida com o não planejado que, em espaços tradicionais, é mais evidente. Assim, é pertinente o estudo da sociabilidade contemporânea nestes locais.

São necessárias soluções de espaços atrativos, interessantes e que comportem um multipertencimento social, inerente a indivíduos singulares e complexos, mas que compartilham características por um período de tempo e que por isso, se organizam em grupos sociais efêmeros (ASCHER, 2010). Assim, acessibilidade e possibilidades de encontro levam à valorização espacial. Das possibilidades de encontro depende a coesão das redes sociais e elas estão relacionadas a padrões de ocupação e a heterogeneidades do espaço urbano (NETTO, 2014). As apropriações urbanas por agrupamentos seguem a lógica do mosaico de subculturas de Alexander et al. (1977), que preza a variedade e as especificidades da individualidade. São pequenas homogeneidades em um contexto heterogêneo. A oportunidade de encontros entre grupos sociais pode enfraquecer estereótipos e preconceitos que levam à segregação. Na subseção a seguir serão discutidos os espaços de apropriação, rejeição, segregação e integração.

²¹Evoluiu nos últimos 30 anos (considerando que a obra de Ascher seja de 2001). É caracterizada por: metapolização, mudança dos sistemas de mobilidade, formação do espaço-tempo individual, redefinição das relações entre interesses individuais, coletivos e gerais e novas relações de risco.

1.2.1.1 Espaços de apropriação, rejeição, segregação e integração

As apropriações urbanas refletem relações socioespaciais estabelecidas pelo uso e desenvolvem identidade e apego. As relações podem ocorrer verticalmente, através da dominação de um grupo sobre o outro, ou horizontalmente, coexistindo com certa harmonia no contexto (SOBARZO, 2006). Há na apropriação um potencial de subversão à dominação homogeneizante (LEFEBVRE, 1991; CARLOS, 2007), onde sistemas enrijecidos pelo planejamento podem sofrer transgressões.

Construídas através de processos de identidade, as apropriações podem ser percebidas “de dentro e de fora”. “Dentro” estão usuários que se apropriam, identificam-se com o ambiente e “fora” está o restante dos usuários que, sem identificação, não utiliza o ambiente plenamente. A dualidade ocorre em processos de apropriação ou rejeição, com a segregação ou integração dos envolvidos.

A apropriação produz significados em um espaço que adquire uma identidade e passa a ser um lugar (RELPH, 2009). Ela é temporal e efêmera: considera as mudanças do sujeito ao longo do tempo; e é dinâmica: é alterada conforme novas relações indivíduo-espaço se estabelecem. Em termos de temporalidade, o espaço público é uma sobreposição de camadas de apropriação que ocorrem ao longo de sua vida útil e que deixam resquícios mais ou menos perceptíveis umas nas outras.

As apropriações urbanas podem ocorrer espontaneamente ou por planejamento ou ação intencional, diferindo quanto ao simbolismo. A construção do simbolismo pode ocorrer a partir da ação transformação e da identificação simbólica. A primeira produz o simbolismo *a priori* através de um programa de necessidades, normalmente de iniciativa governamental. O planejamento prévio pode considerar ou não as necessidades e expectativas do usuário. Há o risco, neste caso, de que o simbolismo tido como solução ideal não estabeleça uma comunicação satisfatória e o espaço seja ignorado ou vandalizado (MORENO; POL, 1999). Já o simbolismo *a posteriori* ocorre com relações de pertencimento, o tempo auxilia na construção da identidade do lugar. O relacionamento usuário-ambiente constrói este simbolismo, que normalmente gera apropriações persistentes ainda que obedeçam à ordem cíclica das ocupações urbanas efêmeras. São apropriações espaciais autênticas, cujo risco é que os indivíduos que não fazem parte delas rejeitem os espaços.

A Figura 1.11 ilustra os processos de apropriação dos espaços públicos urbanos.



Figura 1.11 - Resumo da seção apropriações dos espaços públicos. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

As funcionalidades espaciais estão nos atributos físicos e nos indícios de apropriação que demonstram seu potencial pela flexibilização. Esse estudo engloba tanto o que Mendonça (2007) chama de espaços públicos formalmente constituídos - tipologias e usos pré-definidos -, quanto apropriações imprevistas e improvisadas .

Hall (1986) divide os espaços em: (i) funcionalidade fixa - arranjo de atividades que mantém certa constância e forma padrões de comportamento por área (BARKER,1968); (ii) funcionalidade semi-fixa – elementos que alteram a funcionalidade espacial temporariamente (como a disposição de mesas de cafés em espaços públicos); (iii) informais, mais potenciais do que físicos. Dão espaço para o imprevisto, para a criatividade. Assim, as apropriações ocorrem devido aos espaços sociais formalmente constituídos ou à informalidade, conforme as seções a seguir.

1.2.1.2 Espaços urbanos de socialização formalmente constituídos: Tipologias Espaciais

Em centros urbanos, a quantidade de pessoas favorece o anonimato, dificultando a interação ativa (GEHL, 1996). Há vários níveis de interação. Interações breves podem atenuar a insegurança pelo reconhecimento do diferente, o que não permite subestimar sua significância social (ANDRADE; BAPTISTA, 2015).

Os espaços podem ser: (i) predominantemente constituídos por elementos culturais, projetados e construídos pelo homem; ou (ii) com elementos naturais como destaque. Se fala em predominantemente pois, em espaços urbanos, os elementos naturais estão sujeitos à ação do homem, são contidos e projetados e coexistem com os culturais. A natureza não é avaliada pela “autenticidade ou o quão selvagem é, mas em níveis de saúde e bem-estar” (LAYNE, 2009, p. 217)²².

²² Tradução livre da autora: “*authenticity or wilderness, but in degrees of health and wellbeing*”.

Francis (1991) classifica espaços públicos abertos em: (i) tradicionais - parte histórica do desenho das cidades. São parques (localizados em vias de destaque, com distinção por seu tamanho), *playgrounds* (áreas de brincar para crianças com amenidades para seus acompanhantes), ruas comerciais para pedestres (com tráfego restrito e certas amenidades) e *plazas*²³ (espaços abertos de edifícios, numa relação público-privada com o meio urbano); e (ii) inovativos - gerados pela expansão dos conceitos de lazer e sociabilidade urbanos. Dentre os inovativos estão: ruas (com amenidades para permanência), feiras e locais informais onde há sociabilidade, como esquinas, caminhos entre edifícios e escadarias. Em *Public Space* (CARR et al., 1992), as tipologias foram ampliadas, abrangendo: praças centrais (ligadas ao desenvolvimento urbano); memoriais (para homenagear fatos e pessoas de destaque); e mercados (edifícios comerciais históricos).

Tonkiss (2005) divide a sociabilidade urbana em três tipologias espaciais: (i) Praça, que representa pertencimento coletivo; possibilita manifestações, ver e ser visto e o encontro da maioria dos estereótipos da população; (ii) Café, que representa a troca social, estende sua sociabilidade para as ruas e oferece familiaridade, mas com limites de ocupação; e (iii) Rua, que representa encontros informais, cotidianos e efêmeros, onde se pode descansar, comprar ou tomar um café. Tonnelat (2010) destaca o café (ponto de encontro) e a praça (lugar de comunicação) para encontros sociais. Em conjunto, esses espaços de certa forma personalizáveis, oportunizam o formal e o informal (SHAFTOE, 2008).

Em uma pesquisa britânica sobre interações em espaços públicos, Holland et al. (2007) adotam as tipologias: espaços verdes, comerciais, cívicos, áreas residenciais e centros de vizinhança. Os espaços verdes são uma das principais formas de contato com a natureza em meio urbano. Por vezes, há a possibilidade de aproximação com elementos de água, uma necessidade psicológica humana.

Assim, para a sociabilidade urbana, têm-se as tipologias destacadas na Figura 1.12. As tipologias marcadas com linha tracejada são enfatizadas pelos autores estudados devido ao potencial de sociabilidade urbana. Este estudo visa aprofundar-se em quatro tipologias: duas com apelo cultural e duas com apelo natural, porém todas

²³ Plaza: uma praça pública, mercado, ou espaço aberto similar em uma área construída.. Um centro de comércio. Fonte: OXFORD DICTIONARIES ONLINE. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/plaza>>.

classificadas como tipologias tradicionais. São elas: (1) rua comercial para pedestres, (2) área externa de cafés, (3) praça e (4) parque.



Figura 1.12 - Tipologias de espaços públicos e sociabilidade. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

1.2.1.1.1 Rua comercial exclusiva para pedestres: o calçadão

Mesmo com características que induzem o movimento (LAMAS, 2004), além do fluxo de pedestres, as ruas estimulam a permanência por amenidades como mobiliário urbano, sombra e alargamentos de desaceleração, potencializando encontros efêmeros e cotidianos. Alexander et al. (1997) tratam o passeio como lugar para ver e ser visto. No Brasil, no século XIX, desenvolveu-se o hábito de *flânerie*, “o passeio ao ar livre feito lenta e vagarosamente conversando ou cismando, contemplando a beleza natural ou a beleza da arte” (MULLER, 2010, p.222). Assim, a inserção social ocorre ainda que à distância da simples observação.

Ao contrário de espaços com atividades específicas, ruas são espaços acidentais onde as relações sociais ocorrem de forma não programada, informal e improvisada. Acessos e reentrâncias em fachadas são extensões do domínio público que favorecem a socialização com algum conforto (ALEXANDER et al., 1977).

Lynch (2005) destaca as vias pela: (i) largura; (ii) distinção do entorno; (iii) vegetação expressiva; (iv) continuidade visual; e (v) começo e fim evidentes. Hannes (2016) classifica as vias pelo uso: acesso exclusivo de pedestres ou limitado a veículos de serviço, cobertas ou a céu aberto, comerciais ou *promenades*²⁴. Nos calçadões brasileiros, a restrição a veículos e o nivelamento do piso garantem segurança; o mobiliário e o paisagismo, conforto. Entre os usos contemporâneos estão feiras e artistas, gerando consumo e diversidade (Figura 1.13).

²⁴ Promenade: (...) relacionada ao ato de caminhar por lazer, um passeio por um lugar público para se encontrar ou ser visto por outros. Fonte: OXFORD DICTIONARIES ONLINE. Disponível em: < <https://en.oxforddictionaries.com/definition/promenade> >.



Figura 1.13 - Resumo da seção vias de pedestres. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

1.2.1.1.2 Área externa de cafés e alimentação em geral

Das atividades que favorecem a sociabilidade nas ruas, os cafés e o comércio de alimentos são destaque como atratores e suporte aos espaços públicos, pois:

“transitam entre a esfera pública e a privada, portanto, de interesse coletivo e com grande diversidade de usos, sendo que estes determinarão o grau de constituição da esfera pública.” (HANNES, 2016, p. 133).

A bebida café é associada à socialização, é oferecida às visitas no ambiente doméstico ou em uma reunião informal. As cafeterias são espaços de origem privada e por si só não seriam objeto deste estudo. Ocorre que há uma capacidade desses espaços expandirem sua sociabilidade através de mobiliário em calçadas e alargamentos, estabelecendo uma relação público-privada (Figura 1.14).

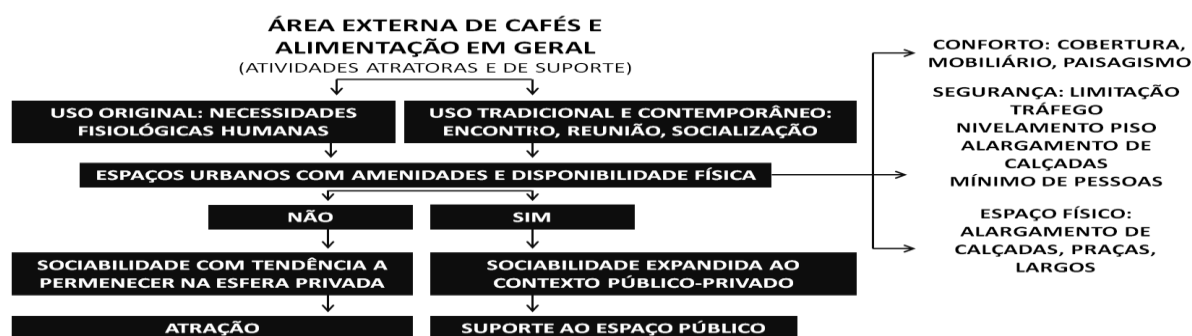


Figura 1.14 - Resumo da seção áreas externas de comércio de alimentos. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

Vias de pedestres, alargamentos, largos e praças secas têm esse potencial de uso. Em malhas urbanas tradicionais, os largos mantêm relação com edificações importantes como Igrejas e Mercados Públicos, pois dão visibilidade à construção ou conjunto arquitetônico (HANNES, 2016). Diferentemente das praças, são espaços acidentais: “vazios ou alargamentos da estrutura urbana e que, com o tempo, foram apropriados e usados, mas nunca adquirem significação igual ao [sic] da praça porque

não nasceram como tal” (LAMAS, 2004, p. 102). A associação dos largos a estruturas de destaque e importância cultural gera significados diferenciados que podem ser reforçados pelos usos efêmeros e potenciais de um vazio urbano. Feiras e cafés são algumas das estruturas que podem conferir dinamismo a estes espaços.

O mercado de alimentos confere destaque na malha urbana (LYNCH, 2005). Mercados públicos e feiras guardam ainda algumas características especiais: a oferta de produtos primários e o contato direto com os produtores são uma experiência única de socialização que se opõe à impessoalidade dos supermercados. Vendedores e compradores usam feiras e mercados como ponto de encontro, formando núcleos sociais urbanos (ALEXANDER et al., 1977).

1.2.1.1.3 Praça

As praças diferem-se dos alargamentos e nós viários pela “intencionalidade de desenho”, pois possuem: destaque na malha urbana; um entorno diferenciado; forma e programa definidos; uma significação cultural que reflete a heterogeneidade da cidade (LAMAS, 2004). Como espaço tradicional, a praça tem seus significados alterados ao longo do tempo. Lamas (2004) afirma que um dos problemas com que o urbanismo contemporâneo lida é a perda da significação funcional e da qualificação espacial das praças. Contínuos processos de resignificação por vezes transgridem os usos originais das praças, mas as mantém vividas. Por isso é relevante o estudo das relações sociais contemporâneas no espaço público.

Quando a separação campo-cidade ficou evidente no Brasil, o movimento social e comercial deu vida às praças, estimulando o costume de “ver e ser visto” (CERQUEIRA, 2013). Carnavais e manifestações as consolidaram como locais de destino, permanência e contato social duradouro (GEHL, 2015; LAMAS, 2004). Atualmente, há potencial nas praças para práticas diversas devido à heterogeneidade que evocam e às configurações espaciais diferenciadas.

“apropriado por artistas de rua, músicos, vendedores ambulantes, mesas e guarda-sóis de cafés e restaurantes, a praça representa o espaço de onde se pode observar a vida na cidade” (HANNES, 2016, p.134).

Alexander et al. (1977) tratam a praça como nó para onde convergem vias de pedestres com uma estrutura atratora. Seu sucesso depende de: (i) facilidade de acesso; (ii) tamanho ideal para a concentração de atividades; (iii) usos do entorno

suportivos entre si, mas que possibilitem diversidade; (iv) distribuição uniforme na área urbana. A Figura 1.15 mostra os principais aspectos discutidos sobre praças.



Figura 1.15 - Resumo da seção praças. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

Nas praças existem monumentos, construções com significado de temporalidade por representar memórias da cidade e que, por isso, auxiliam na manutenção de sua imagem. Outro elemento comum às praças brasileiras são as árvores, elementos compositivos que organizam e definem espaços (LAMAS, 2004).

1.2.1.1.4 Parque urbano

Surgido na Revolução Industrial como área de lazer para uma população que enfrentava trabalhos insalubres, atualmente, seu uso é ligado à busca pela melhor qualidade de vida nas grandes cidades. Lima et al. (1994, p. 548) conceituam parque urbano como “área Verde, com função ecológica, estética e de lazer, entretanto com uma extensão maior que as chamadas Praças e Jardins Públicos”. Os parques oportunizam atividades passivas, oferecem práticas esportivas e por vezes têm estrutura própria, como banheiros e restaurantes (HANNES, 2016). Assim, são classificados de acordo com forma, tamanho e usos. Parques gerais utilizam a diversidade do entorno para sua sustentabilidade e vivacidade. Quando a diversidade externa não é suficiente, parques especializados inserem uma combinação de usos específicos (JACOBS, 1961). Por isso Hannes (2016) diz que há independência entre parque e entorno, mas Jacobs (1961) sustenta que a diversidade de usos no entorno dos parques tem influência direta no seu sucesso. Diferentes usos implicam em diferentes usuários, com horários diversos e motivações distintas. Assim, um ritmo cíclico é mantido durante o dia. A autora acompanha Whyte (1980) sobre fluxo contínuo: pessoas são atraídas por pessoas.

Os parques dependem da diversidade, complexidade (variedade de cenários), centralidade (ponto de clímax), sol e limites físicos (JACOBS, 1961). Quanto à complexidade, Nasar (1992), versando sobre estímulos visuais, ressalta que deve-se evitar sua falta (entediante) ou excesso (caótico). Consequentemente, a coerência espacial (organização e unidade) pode auxiliar na agradabilidade. Os edifícios no entorno organizam e estabelecem limites e a forma do parque (JACOBS, 1961). A vegetação também delimita, provendo recantos com privacidade (HOLLAND et al., 2007). Jacobs (1961) cita ainda: forma, tamanho, estética, manutenção, localização, água, música, cor, luzes, facilidades para ciclistas. Com relação ao tamanho, grandes áreas verdes podem tender à subutilização (ALEXANDER et al., 1977), representando desperdício de potencial de lazer e um efeito negativo por abrigar comportamentos antissociais, causando insegurança (JACOBS, 1961) (Figura 1.16).

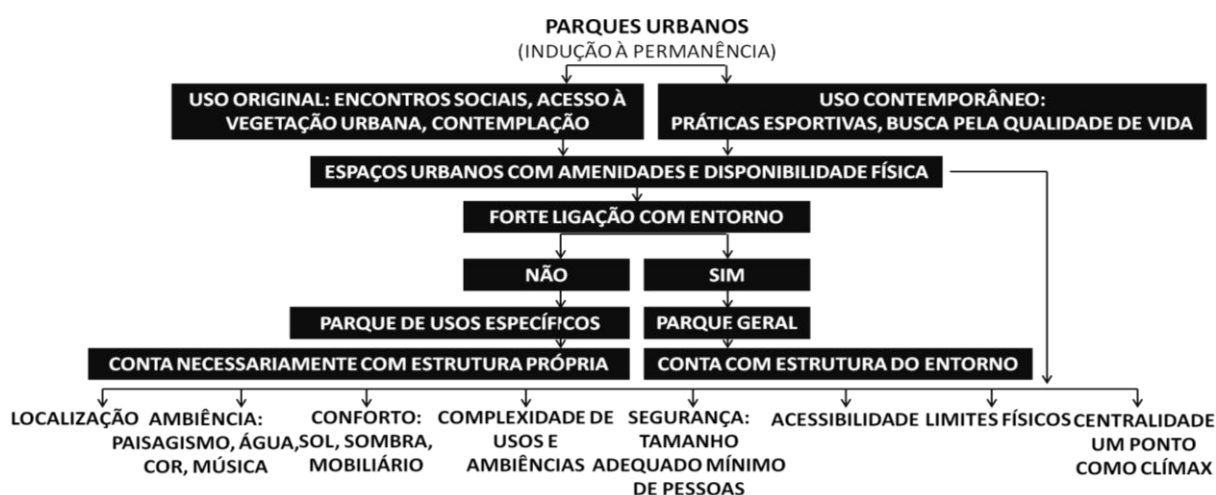


Figura 1.16 - Resumo da seção parques. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

Assim, apesar das tipologias possuírem características próprias, não se limitam à funcionalidade original. As funcionalidades se sobrepõem seguindo a dinâmica de apropriação e as nuances da sociedade. Elas refletem a época em que os espaços foram concebidos, mas também a atualidade, numa compatibilização ora pacífica e ora conflituosa do tradicional e moderno, dos elementos físico e humano.

A subseção a seguir trata das apropriações sociais informais na forma de territórios que, por vezes, ocorrem dentro das tipologias formais discutidas.

1.2.1.3 Espaços de socialização informalmente constituídos: Territórios

As apropriações humanas acomodam usos inusitados que fogem do planejamento. “Canteiros e muretas fazem papel de bancos; escadarias comportam-se

como grandes salas de estar; (...) sombrinhas ocupam áreas de caminhar, montando praias urbanas” (HANNES, 2016, p.140). Queiroga (2001) diz que há *pracialidade* onde a sociabilidade de praças ocorre sem intencionalidade projetual. A diversificação de usos adapta lugares tradicionais à contemporaneidade, produzindo transgressões (SHAW; HUDSON, 2009) e territórios em meio à heterogeneidade.

A cidade ideal é “um ponto de referência em relação ao qual se medem os problemas da cidade real” (ARGAN, 1995, p. 73). Não há uma simplificação da realidade a ponto de desconsiderar fatores humanos ou de tratar como controláveis variáveis complexas e particulares. Na atualidade, a complexidade social chega ao nível das variantes de particularidades individuais e os territórios refletem essa diversificação. A territorialidade é um fenômeno espacial e social (LAWSON, 2001) que retrata o comportamento (SACK, 1983) sem ser totalmente positiva ou negativa. Tudo depende do propósito da territorialidade, modo e força com que identidades são impressas. Sem exploração todos são favorecidos (SACK, 1983), estimulando o uso do espaço (ALEXANDER et al., 1977), mas quando há acesso diferencial, há benefício de um em detrimento do outro (SACK, 1983), acentuando diferenças. É potencialmente negativa, mas por si só as diferenças não geram conflitos.

O lugar da apropriação é o território, é onde pessoas exercem atividades por um tempo, estabelecendo padrões e significados (RELPH, 1976 apud SEAMON; SOWERS, 2008). O espaço físico é dividido em territórios e microterritórios que vão desde delimitações amplas até as mais reduzidas e subjetivas como o espaço pessoal (LANG, 1994) que, diferentemente do território, acompanha o indivíduo (SOMMER, 1959). No território, o comportamento social é potencializado pois atributos do ambiente, usos e significados psicológicos compatibilizam sua identidade com a identidade do usuário. A territorialidade tem aqui uma abordagem ampla de aspectos individuais e coletivos na construção, manutenção e desconstrução de territórios pessoais. A territorialidade humana é a tentativa de “afetar, influenciar ou controlar as ações e interações (...) sobre uma área”²⁵ (SACK, 1981 apud SACK, 1983, p. 55). A relação entre pessoas ou grupos, onde um controla o outro direta ou indiretamente. Assim, a análise espacial deve considerar arranjos espaciais, distâncias pessoais e

²⁵ Tradução livre da autora: “*affect, influence or control actions and interactions (...) over a area*”

fluxos de pessoas pois “territorialidade não é um objeto, mas um relacionamento” (SACK, 1981, apud SACK, 1983, p. 56)²⁶.

Como os microterritórios dependem das relações pessoais, os espaços podem ser territoriais e deixar de sê-lo, caracterizando efemeridade e transitoriedade (HEIDRICH, 2013), da mesma forma, territórios podem ser maleáveis e permeáveis ou intransponíveis. “Os territórios mudam de tamanho [de forma] e de natureza, conforme as práticas e as mobilidades individuais” (ASCHER, 2010) (Figura 1.17). A permeabilidade vem do espaço pessoal. “Pessoas que têm um fraco senso próprio podem desejar menos se misturar fisicamente com outros (...) territorialidade [pode] reforçar que eles não gostariam de ser abordados” (SACK, 1983)²⁷. A “proxêmica” estudou distâncias pessoais (HALL, 1966) e prosseguiu com o “espaço pessoal” de Sommer (1959) e as “distâncias humanas” de Lawson (2001).



Figura 1.17 - Resumo da seção apropriações informais dos espaços públicos. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

A filosofia relaciona o indivíduo ao contexto social em que está inserido. O contexto afeta e é afetado pelo indivíduo (GUATTARI; ROLNIK, 1996). O afeto é o resultado de encontros entre pessoa e elementos externos. Os encontros são positivos se aumentam a potência do território próprio; ou negativos se produzem desterritorialização, caos momentâneo. O caos é associado ao encontro das diferenças, tirando o indivíduo da zona de conforto, mas a “volta ao território” combina caos e território. Assim, território é próprio a alguém (MANSANO, 2009). A seção seguinte se detém nas relações ambiente-usuário, utilizando para isso, os preceitos da Psicologia Ambiental.

²⁶ Tradução livre da autora: “territoriality is not an object, but a relationship”.

²⁷ Tradução livre da autora: “people who have a weak sense of self would be less willing to mix physically with others (...) territoriality [can] ensure that they would not be approached”.

1.3 PERCEPÇÃO: ESTUDOS AMBIENTE-COMPORTAMENTO

”Nós não paramos de brincar porque nós envelhecemos; nós envelhecemos porque nós paramos de brincar” (George Bernard Shaw)²⁸

A área de estudo denominada Psicologia Ambiental (CANTER, 1977; CLARK; UZZELL, 2002; GIFFORD; STEG; RESER, 2011) emergiu na década de 1960 buscando adequar o planejamento espacial às necessidades e condições humanas através de estudos ambiente-comportamento. A Psicologia Ambiental trata das relações estabelecidas entre os indivíduos e os ambientes físicos nos quais estão inseridos (GIFFORD, 2007). No processo, há a percepção ambiental (LYNCH, 2005). Dentre os princípios da Psicologia Ambiental estão: estudo dos ambientes cotidianos; considerar pessoa e ambiente como um todo; relação ativa indivíduos-ambientes e trabalho interdisciplinar (GIFFORD; STEG; RESER, 2011). A interdisciplinaridade exprime a conexão entre diversas áreas, base deste estudo.

Bechtel (1997) aponta onze áreas de estudo ambiente-comportamento: Valores, Crenças e Atitudes; Percepção Ambiental e Estética; Cognição Ambiental; Espaço Pessoal; Comportamento Territorial; Aglomerações; Psicologia Ecológica; Estresse Ambiental; Fatores Humanos; Energia e Avaliação de Pós-Ocupação. Layne (2009), destaca três no estudo de comparação perceptiva entre idosos e jovens: Percepção e Estética, Psicologia Ecológica e Valores, Crenças e Atitudes. A Psicologia Ecológica é base teórica da Psicologia Ambiental (GIFFORD; STEG; RESER, 2011) e ampara este estudo. Nela estão a Teoria dos *Behavior Settings* (BARKER, 1968) - que numa tradução à língua portuguesa seriam configurações comportamentais, contextos espaciais e temporais com padrões regulares de comportamento - e a Teoria das *Affordances* (GIBSON, 1986) - que aborda as relações ambiente-usuário e como estão vinculadas à “significância do ambiente” (CLARK; UZZELL, 2002). A Teoria Ecológica busca entender o comportamento humano em situações cotidianas e como isso afeta a relação com o ambiente, assumindo que tanto o comportamento quanto o ambiente podem ser influenciados um pelo outro. A abordagem traz alguns preceitos de pesquisa (LANG, 1994): (i) É **multidimensional**, está sujeita ao comportamento e não pode controlá-lo; (ii) Usa a **descrição** para desenvolver explicações sobre os processos.

²⁸Tradução livre da autora: “*We don't stop playing because we grow old; we grow old because we stop playing*”.

No sistema ecológico do ambiente estão (LAWTON,1970): (i) **indivíduo**; e os ambientes (ii) **físico** - suporte ou restrição a comportamentos; (iii) **pessoal** - agentes do controle comportamental (família, autoridades, etc); (iv) **suprapessoal** - com características e particularidades dos grupos que o utilizam; e (v) **social** - convenções sociais e instituições. Assim, a multiplicidade de ambientes inclui fatores físicos, sociais e psicológicos (Figura 1.18), que proporcionam um conjunto complexo de estímulos recebidos pelo usuário de forma única através dos sentidos (GIBSON, 1986), gerando alterações psicológicas e sociais.

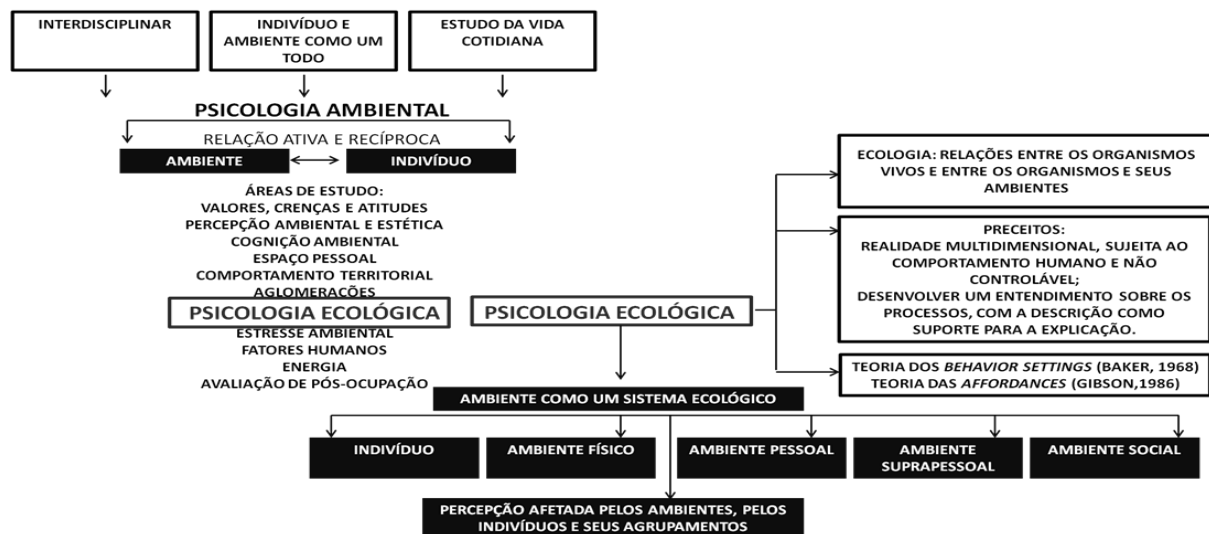


Figura 1.18 - Resumo da seção Psicologia Ambiental. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

Como parte do sistema ecológico, indivíduos e grupos também interferem na percepção ambiental uns dos outro e estabelecem relações entre si que produzem aproximação ou afastamento, inserção ou rejeição. Pessoas são atraídas a espaços sociais (WHYTE,1980), mas também precisam de simples observação (GEHL,1996). O meio urbano pode prover um tipo de inclusão que resguarda a conveniência de ficar sozinho (CLARK; UZZELL, 2002; DINES et al., 2006). Assim, diferentes níveis de convivialidade devem ser respeitados em estudos intergeracionais, não é preciso uma interação direta entre indivíduos para uma convivência agradável e estimulante.

1.3.1 A compreensão do ambiente pelo usuário

Os ambientes visam atender aos usuários (específicos ou não), assim, devem ter capacidade de comunicação com as pessoas. Infere-se com as *affordances* que não há uma única forma de comunicação, o *link* estabelecido varia conforme o usuário. As mensagens são recebidas de diversas formas por diferentes pessoas.

Na Psicologia Ambiental, há duas correntes teóricas sobre o processo de percepção ambiental (RAPOPORT, 1977). A primeira admite que a atividade de percepção ocorre através dos cinco sentidos humanos (WEBER, 1995 apud REIS; LAY, 2006). Nesta corrente, Weber, Schnier e Jacobsen (2008) abordam a atratividade visual através do reconhecimento de atributos morfológicos dos objetos e das propriedades espaciais no julgamento da qualidade estética urbana. Configura assim, independência entre as atividades de percepção e cognição (associação dos atributos a significados a uma bagagem cultural, valores e experiências prévias e individuais). Assim sendo, subentende-se que atividade de percepção seja:

“independente de qualquer influência exercida pelo conjunto de esquemas cognitivos de um indivíduo e, portanto, é também independente de tais processos cognitivos internos como imaginação, memória, e reconhecimento” (WEBER, 1995, apud REIS; LAY, 2006, p. 23).

Já Gibson (1982), sugere uma relação entre a percepção física do espaço e do seu significado: “A percepção do que uma coisa é a percepção do que ela significa não são separadas”²⁹. As características físicas são identificáveis pela visão (forma, textura, etc.) e o significado se concentra nas *affordances*, usos potenciais.

Assim, há de se considerar o que o usuário sabe sobre o ambiente, sente sobre isso e o que irá fazer a respeito disso. Rapoport (1977) chama esse processo de cognição ambiental. Consequentemente, o processo de percepção como um todo possui: cognição (sentidos e conhecimento prévio, o que sabe sobre o ambiente), emoção (sentimentos e valores, o que sente no ambiente) e conação (ação, o que faz no ambiente) (RAPOPORT, 1977; ANDERSON; ZEISEL, 1984; WEIDEMANN, 1997; LAYNE, 2009;). E as respostas do usuário aos estímulos podem ser: responsivas, operacionais e inferenciais (RAPOPORT, 1977; LAYNE, 2009).

Bell et al. (1990 apud CARMONA et al., 2003) se referem à percepção ambiental como um processo com as atividades: (i) cognitiva - “pensar a respeito, organizar e manter informação” (CARMONA et al., 2003, p. 88), faz com que o ambiente tenha sentido; (ii) afetiva - sentimentos, como eles são influenciados e influenciam a percepção do ambiente; (iii) interpretativa - depende dos significados adquiridos através de associações e comparações, pela memória; e (iv) avaliativa, utiliza preferências pessoais para se posicionar sobre o ambiente (Figura 1.19).

²⁹ Tradução livre da autora: “*The perception of what a thing is and the perception of what it means are not separate, either*”.

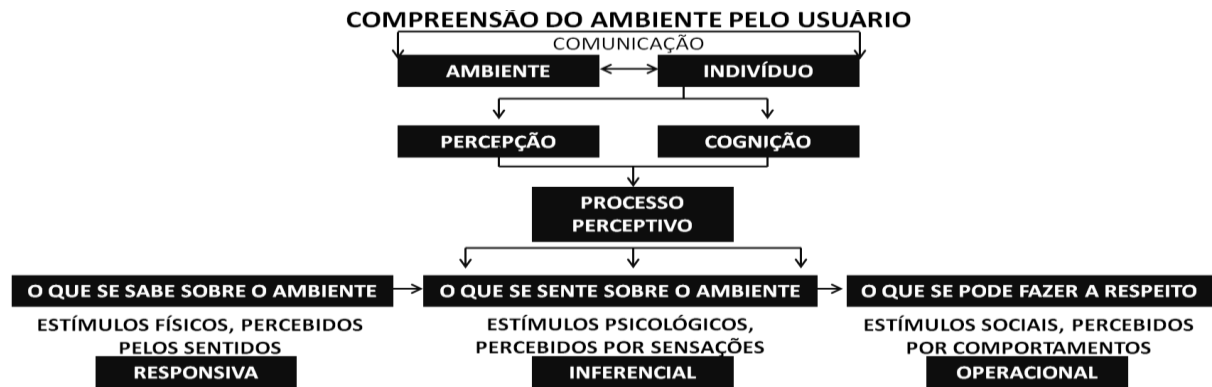


Figura 1.19 - Resumo da seção compreensão do ambiente pelo usuário. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

Inferi-se que a percepção dá diretrizes em três tipos de respostas aos estímulos ambientais: (i) **Responsivas** (físicas, percebidas pelos sentidos), atributos espaciais, podem ser contados, mensurados e percebidos de forma semelhante por diferentes pessoas devido a características objetivas (BROWER, 1988 apud KIM, 2012); (ii) **Operacionais** (sociais, percebidas por comportamentos), características espaciais, permitem ou impedem ações. É o potencial do ambiente que depende das atribuições dos seus elementos e de necessidades, desejos e características do usuário (RAPOPORT, 1977; LAYNE, 2009); e (iii) **Inferenciais** (psicológicas, percebidas por sensações): qualidades espaciais que despertam sentimentos e interpretações simbólicas do ambiente utilizando a memória (LAYNE, 2009).

1.3.1.1 Affordances

Maslow (1970) criou uma hierarquia de necessidades humanas (Figura 1.20) que começa com as necessidades fundamentais - fisiológicas, de sobrevivência e de segurança - seguidas pelas psicológicas - amor, pertencimento e estima - e de auto-realização. O cumprimento das necessidades através do ambiente traz a vida saudável (MASLOW, 1970), que vai ao encontro do envelhecimento ativo.



Figura 1.20 - Hierarquia das necessidades humanas segundo Maslow. Fonte: MASLOW, 1970, p. 35-47.

Para expressar o relacionamento suportivo ou impeditivo estabelecido entre ambiente e usuários, Gibson (1986) empregou o termo *affordance* que é originado do verbo da língua inglesa *afford* que é traduzido por “permitir” (AFFORD..., 2007). As *affordances* são mensuradas de acordo com as características de ambiente e usuário e compõem um arranjo único para cada indivíduo, que as percebe conforme suas capacidades, necessidades e bagagem cultural. São significados que “permanecem invariáveis na maioria das situações” (GOLDSTEIN, 1981)³⁰.

Em 1990, Day (2004) identificou “necessidades da alma”, atingindo a psicologia humana: interesse e atividade (atividades), durabilidade atemporal e senso de raízes (pertencimento), conexão com a natureza, lugares sociais e relaxantes (engajamento), e harmonia, tranquilidade. Em 1994, Lang modificou o modelo de Maslow pois a hierarquia nem sempre é respeitada devido às individualidades humanas. O autor aponta 5 *affordances* de suporte em ambientes sociais: (i) **Segurança**, sensação de proteção; (ii) **Pertencimento**, conexão com o espaço; (iii) **Atividades**, suporte a diversos usos, flexibilidade; (iv) **Habilidades Físicas**, suporte às capacidades físicas; (v) **Engajamento Interpessoal**, suporte às relações pessoais. Carmona et al. (2003, p. 100) apontam atributos das *affordances*: (i) **Conforto e Imagem (Segurança e Pertencimento)**, *Affordances*: segurança, atratividade, espiritualidade, vegetação, limpeza, sentabilidade, caminhabilidade³¹, etc. Utiliza: dados criminais e ambientais, limpeza, condições gerais, etc.; (ii) **Acesso e ligação (Habilidades)**, *Affordances*: legibilidade, caminhabilidade, proximidade, conectividade, conveniência, acessibilidade, etc. Utiliza: dados de trânsito, atividades de pedestres, etc.; (iii) **Uso e Atividade (Atividades)**, *Affordances*: autenticidade, sustentabilidade, singularidade, capacidade de permitir usos, diversão, atividade, utilidade, vitalidade, etc. Utiliza: valor de propriedade, uso do solo, vendas, empresas locais, etc.; (iv) **Sociabilidade (Engajamento)**, *Affordances*: Cooperação, vizinhança, orgulho, diversidade, interatividade. Utiliza: Vida urbana e noturna, redes sociais, número de mulheres, crianças e idosos.

A cidade inclusiva é a chave do conceito “*streets for life*” (ruas para vida) de Burton e Mitchell (2006) que possui seis *affordances* - acessibilidade, distinção, familiaridade, segurança, conforto e legibilidade. Layne (2009) utilizou 5 *affordances*

³⁰Tradução livre da autora: “*remain invariant in most situations*”.

³¹Sentabilidade: termo do urbanismo. Atratividade a sentar. Caminhabilidade: atratividade à caminhada.

numa comparação intergeracional: Segurança e Pertencimento (necessidades fundamentais), Atividades e Habilidades (necessidades psicológicas e físicas) e Engajamento Interpessoal (necessidade de auto-realização) (Figura 1.21).



Figura 1.21 - Necessidades para interação intergeracional segundo Layne. Fonte: LAYNE, 2009, p. 208.

Estas *affordances*, além de apontar divergências entre grupos etários, são capazes de avaliar os espaços urbanos e atributos mais suportivos para jovens e idosos (LAYNE, 2009). Por conseguinte, pode-se detectar semelhanças e diferenças entre suas percepções ambientais. Dando prosseguimento aos estudos com as cinco *affordances*, Kim (2012) versou sobre relações de crianças e idosos em espaços fechados. Outros autores também abordaram as *affordances*, por exemplo, o conceito “cidades para pessoas” de Gehl (2015) afirma a importância da cidade nas relações sociais e dos fatores de humanização dos espaços nesse processo.

Este estudo propõe o suporte ao convívio intergeracional através de semelhanças perceptivas observadas pelas *affordances*, apresentadas a seguir.

1.3.1.1.1 Segurança

A sensação de segurança está ligada à capacidade do espaço de favorecer a proteção da integridade física e psicológica do usuário, mantendo níveis desejáveis de vigilância e privacidade.

A disseminação da criminalidade e das drogas torna a segurança urbana imprescindível, especialmente para grupos sociais vulneráveis como jovens e idosos (LANG, 1994). No Distrito Federal, Günther et al. (2003) apontam que 35,3% dos jovens preferem ficar em casa devido à crescente sensação de insegurança. Em estudo no Rio Grande do Sul com dois grupos de idosos (longevos e mais jovens), a insegurança é o principal motivo por querer ficar em casa. Ambientes públicos inseguros foram relatados em 26,1% dos casos (NAVARRO et al., 2015). Não se

espera que as pessoas permaneçam em locais onde não há a sensação de que seu espaço pessoal, individualidade e segurança fisiológica (contra danos físicos) e psicológica (gerada por senso de lugar, inserção e controle, sem ameaça de comportamento antissocial) estão sendo protegidos (JACOBS, 1961) (Figura 1.22).



Figura 1.22 - Resumo da seção Segurança. Fonte: autora, 2018, adaptado de LANG, 1994,p. 235.

Gibson (1986) apresenta o conceito de “margem de segurança”, relacionando essa *affordance* à territorialidade dos limites visuais presente em ambientes protetivos (LAYNE, 2009), com privacidade para certas atividades (LANG, 1994). Além disso, ambientes bem cuidados tendem a passar segurança (LAYNE, 2009).

Lang (1994) destaca que, para haver segurança, deve-se manter níveis toleráveis de: (1) segregação ou usos incompatíveis; e níveis desejáveis de: (2) vigilância, (3) privacidade, (4) orientação em lugar e tempo, e (5) senso de lugar, social e geográfico. Jacobs (1961) sugere que espaços de uso misto inspiram segurança por atrair diversos usuários, mas os usos devem ser compatíveis, evitando a segregação. A vigilância pode ser natural (próprios usuários); ou artificial, (monitoramento ou policiamento) (LANG, 1994), mas a vigilância diminui a privacidade, daí a necessidade de manter níveis desejáveis (Figura 1.23).

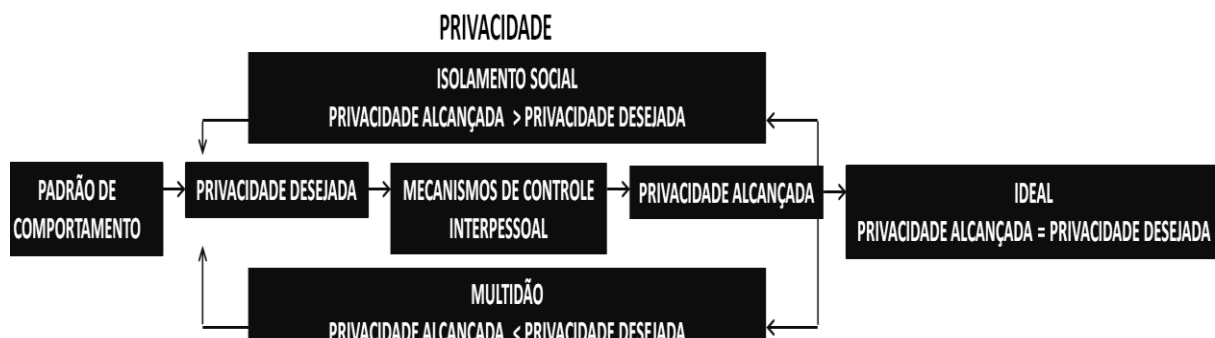


Figura 1.23 – Resumo da seção Privacidade. Fonte: autora, 2018, adaptado de LANG, 1994,p. 240.

1.3.1.1.2 Pertencimento

Parte do senso de lugar, o pertencimento aponta uma conexão emocional entre o indivíduo e o ambiente, normalmente estabelecida através do tempo, de memórias e apropriações que alteram sensivelmente a identidade do lugar.

Apesar da complexidade da sociedade, características em comum entre as pessoas são como elos de ligação e as reúnem em grupos sociais, como os objetos dessa pesquisa. Há um multipertencimento social (ASCHER, 2010), indivíduos fazem parte de grupos simultâneos, por vezes contraditórios, porém não excludentes.

Através da apropriação dos espaços, comportamento, valores e cultura se fundem com o ambiente, produzindo senso de lugar. O senso de lugar está tanto nas atividades que ocorrem no espaço como na sua estética. Os indivíduos avaliam se o ambiente tem condições para uso e se seus usuários se comportam apropriadamente (LANG, 1994). Shamai (1991) aponta pertencimento como um dos níveis de senso de lugar: **(0) Nenhum senso de lugar;** **(1) Consciência de estar em um lugar:** reconhecimento instintivo, sem vínculo emocional; **(2) Pertencimento ao lugar:** familiaridade com os aspectos físicos do ambiente e conexão emocional; **(3) Apego ao lugar:** conexões emocionais fortes, o lugar possui identidade importante para o usuário; **(4) Identidade com o lugar:** o lugar satisfaz plenamente os objetivos dos usuários, eles estão integrados; **(5) Envolvimento com o lugar:** os usuários têm papel ativo no ambiente, há investimento de tempo e dinheiro; **(6) Sacrifício pelo lugar:** o comprometimento ultrapassa questões pessoais.

O apego ao lugar é dinâmico, algumas vezes contraditório (negativo e positivo, inconsciente e consciente) e mediado pelas identidades de grupo (DINES et al., 2006). “As pessoas precisam de uma unidade espacial identificável para pertencer” (ALEXANDER et al., 1977, p.81)³². O pertencimento é ligado à inserção no contexto (LANG, 1994), ter crenças e valores refletidos em um grupo ou espaço e estabelecer relações afetivas com eles. A busca pelo contato visa superar a alienação e a solidão (MASLOW, 1970), frequentemente relacionadas aos idosos. Kweon, Sullivan, e Wiley (1998) apontam relações entre a inserção social e o senso de pertencimento com o bem estar psicológico de idosos. Para jovens, é importante pertencer “a uma tribo urbana” e a um espaço com condições para a reunião do grupo. O termo jovem

³² Tradução livre da autora: “People need an identifiable spatial unit to belong to”.

“quebrada” é usado no Brasil para se referir ao lugar ao qual cada grupo pertence, descrevendo a relação jovem-ambiente (MAGNANI, 2005).

Além do espaço, o tempo também influencia a construção do pertencimento. O espaço acomoda camadas onde se alternam pessoas e atividades na dimensão temporal. São pontos de referência com certas permanências. Daí a significância dos centros urbanos históricos para uma ambiência lúdica (ANDRADE; BAPTISTA, 2015), estimuladora da sociabilidade, onde passado e presente coexistem.

As lembranças vinculadas aos espaços são especialmente relevantes para os idosos, que tendem a ter raízes mais profundas. Essas camadas os auxiliam a se sentirem inseridos, não ultrapassados pelas novas gerações. As lembranças ajudam a construção do senso comunitário, elos intergeracionais. Através da transmissão oral de vivências, jovens recebem significados que constituem temporalidades da cidade, garantindo a continuidade e sustentabilidade da comunidade (LAYNE, 2009).

O pertencimento reflete o apego, envolvimento e interesse por um lugar e reflete (RELPH, 1976, apud SEAMON; SOWERS, 2008) a identidade criada com ele. É uma categorização perceptiva (MASLOW, 1970) que identifica o que está “dentro” ou “fora” do contexto. “Se uma pessoa se sente dentro de um lugar, ele ou ela está aqui ao invés de lá, seguro ao invés de ameaçado, fechado ao invés de exposto, à vontade ao invés de estressado” (RELPH, 1976 apud SEAMON; SOWERS, 2008, p. 45). O “fora” é não se encaixar no lugar, uma tendência ao isolamento.

Há dois tipos de identidade: *do* lugar e *com* o lugar. A Identidade *do* Lugar é a “unidade que permite que aquele [lugar] seja diferenciado de outros”³³ (RELPH, 1976, p.45, apud SEAMON; SOWERS, 2008). Ela auxilia a aceitação das diferenças, “mistura diferentes dimensões do ambiente físico com crenças, valores, sentimentos, expectativas e preferências” (USER - THEMATIC SEMINAR, 2013). É composta por (i) ambiente físico; (ii) atividades, situações e eventos (iii) significados individuais e de grupo criados através das experiências no lugar. A identidade tem relação com o tempo, é com ele que o espaço adquire *genius loci*, um caráter que reflete não só a sociedade atual na ocupação como também seus precursores (CONZEN, 1966, apud JIVE’N, LARKHAM, 2003). Canter (1977) afirma na Teoria do Senso de Lugar que os três fatores compõem o significado do ambiente, mas Lynch (2005) diferencia

³³ Tradução livre da autora: “unity which allows that [place] to be differentiated from others”.

identidade e significado. O significado de uma coisa é sua construção referencial, o que representa para o observador, seja de ordem prática (usos potenciais) ou emocional; já a identidade ocorre por comparações com outros elementos e seus significados (NETTO, 2014), trata do que difere uma coisa da outra.

A Identidade *com* o Lugar é dada por estar “dentro” (pertencimento) ou “fora” (estranhamento): o apego que pessoas têm pelo lugar. As identidades produzem lugares na deslugaridade (RELPH, 1976 apud SEAMON; SOWERS, 2008): usuários unem-se à forma e história do lugar na criação do *genius loci* (JIVE’N; LARKHAM, 2003), “a atmosfera geral do lugar” (NORBERG-SCHULZ, 1980).

Como um nível elevado de senso de lugar, a identidade é de similar importância para jovens, pois a construção de uma identidade própria é um dos seus objetivos. A produção de identidades em espaços urbanos por subculturas diferenciam grupos de jovens (ALEXANDER et al., 1977, MAGNANI, 2005). Na velhice, a manutenção da identidade adquirida é uma conquista, pois é um dos fatores do processo saudável de envelhecimento, além de relacionamentos, divertimento, autonomia, segurança e crescimento individual (WHO, 2002).

1.3.1.1.3 Atividades Múltiplas

A multiplicidade de atividades suportada por um espaço se baseia não apenas na quantidade de atividades principais, oferecidas diretamente por ele, mas também na sua capacidade de gerar e absorver atividades complementares diversas, ou seja, no seu potencial e na sua flexibilidade.

A busca por um lugar é ligada às atividades que ele oferece. O espaço influencia as pessoas envolvidas e tipo de atividades, que podem ser: **Funcionais:** necessárias, ocorrem sob quaisquer condições; **Opcionais:** ocorrem por vontade, com tempo disponível, clima e ambiente favoráveis; ou **Sociais:** dependem de outras pessoas (GEHL, 1996; 2015). Atividades sociais podem ser planejadas (LAYNE, 2009) ou espontâneas, decorrentes de outras (GEHL, 1996). Atividades resultantes dão suporte às que eram o objetivo inicial do usuário. A sua relevância intergeracional se deve à catalisação de interações que dificilmente ocorreriam em vias normais, como oportunidades de diálogo intergeracional a partir de esportes (HOLLADAY; KEARNS, 1997 apud LAYNE, 2009; WILLIAMS; NUSSBAUM, 2012).

As atividades são percebidas como ações potenciais. Podem ser dinâmicas, envolvendo movimentação ou deslocamento; ou passivas, onde a movimentação é mínima e o deslocamento nulo. Também podem ser: **Programadas** - diretamente ofertadas pelo ambiente, parte de um programa de necessidades pré-estabelecido; ou **Potenciais**-favorecidas indiretamente pelo ambiente. São parte das significações *a posteriori*. Gehl (2015) elege atividades, para o conforto nos espaços urbanos: (i) **Caminhar**, caminhos amplos, sem obstáculos, superfícies niveladas, acessibilidade, arquitetura atrativa; (ii) **Ficar em pé**, espaços de desaceleração (apoios e encostos); (iii) **Sentar**, mobiliário, espaços interessantes; (iv) **Ver**, distâncias convenientes (respeitando distâncias pessoais), acesso visual, iluminação; (v) **Ouvir e conversar**, pouco barulho, mobiliário que possibilite a interação; (vi) **Brincar e praticar atividade física**, suporte à criatividade, jogos e esportes.

A interação ocorre em vários níveis, desde díades observacionais, até díades de atividades simultâneas (LAYNE, 2009). Conversas intergeracionais são importantes para jovens e idosos (HOLLADAY; KEARNS, 1997 apud LAYNE, 2009; WILLIAMS; NUSSBAUM, 2012). As atividades dos grupos aos quais pertencem mobilizam os jovens (MAGNANI, 2005) a sair da virtualidade das relações sociais atuais (ASCHER, 2010). Os idosos necessitam de motivos para transpor barreiras físicas e psicológicas que os afastam do meio público (NAVARRO et al., 2015).

1.3.1.1.4 Habilidades

O suporte a diferentes níveis de habilidades em um espaço está ligado à sua capacidade de ser acessado e utilizado de forma plena por todos os indivíduos, independentemente de suas especificidades físicas ou psicológicas.

No planejamento de um espaço de domínio público é crucial considerar a heterogeneidade da população a quem visa atender. Dentro das especificidades individuais, os diferentes níveis de habilidades físicas são algumas das que mais criam barreiras ao uso dos espaços. A acessibilidade é a relação entre a capacidade funcional individual e a demanda do ambiente (IWARSSON; STAHL; LOFQVIST, 2013). Ela considera a usabilidade, ou seja, como atividades podem ser realizadas.

No Brasil, a acessibilidade é garantida pela Lei Federal nº 10.098 (BRASIL, 2000), Decretos nº 3.298 de 1999 (BRASIL, 1999) e Nº 5.296 de 2004 (BRASIL, 2004)

e NBR 9050, de 1983, revista em 2015 (ABNT, 2015). A norma considera como acessibilidade a possibilidade e condição de:

“alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes (...) bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo (...) por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida” (ABNT, 2015, p. 2).

A NBR 9050 (ABNT, 2015) estende sua abrangência ao público em geral, de forma que tudo: “possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa”. Obstáculos são todas as barreiras à livre movimentação e uso.

Em paralelo, materiais como cartilhas são criados por municípios para divulgar medidas que facilitam o deslocamento no meio urbano, desde dimensionamento de passeios até mobiliário. Os esforços visam facilitar o acesso de pessoas com algum tipo de deficiência ou redução de mobilidade (como idosos) aos espaços públicos. Entretanto, a acessibilidade é democrática, trazendo facilidades e bem estar não apenas àqueles com déficit de mobilidade, mas ao público em geral. A acessibilidade é multidimensional: garante deslocamento e autonomia, mas também a inserção social. Outrossim, a falta de acessibilidade pode ser igualmente prejudicial e deve considerar barreiras físicas e psicológicas.

“não é simplesmente movimentar-se (...) com um enfoque mais amplo que o da mobilidade, ao se tratar de acessibilidade, (...) há uma conexão entre a oferta do sistema de circulação e a estrutura urbana, e ela refere-se ao modo como o indivíduo pode usar o espaço da cidade” (PEREIRA, 2006).

O estudo de Macedo et al. (2008), realizado em Brasília e Natal, vincula a falta de acessibilidade em grande parte dos espaços públicos e a diminuição das capacidades físicas à permanência dos mais velhos no ambiente doméstico. Assim, muitas vezes, eles são privados da convivência em comunidade e da vida pública.

1.3.1.1.5 Engajamento Interpessoal

A capacidade do ambiente em promover o engajamento é refletida em atributos e atividades que estimulam permanência, onde interações sociais de diversos níveis podem ocorrer, resguardando a necessidade de privacidade.

Pessoas atraem pessoas (WHYTE, 1980), elas são a maior atração da cidade (GEHL, 2015). As possibilidades de encontro tiram as pessoas de casa, dos limites do privado e controlado, para o público, imprevisível, que as torna vulneráveis.

O engajamento depende da interação em diversos níveis. A fisionomia e a voz são reconhecidas até cerca de 21 metros. Assim, nessa área há interação e comunicação mesmo que com voz elevada. Tudo o que acontece nesta área pode afetar um usuário e incluí-lo nas atividades que ocorrem a sua volta (ALEXANDER et al., 1977). Para haver interação, tem que existir a consciência da presença do outro, alterando o comportamento e produzindo engajamento (KIM, 2012).

Além das formas com que a interação ocorre, os interesses que a iniciam são inúmeros (SILVA, 2014). Simmel (2006) distingue forma e conteúdo: não há propagação de conteúdo sem existir a forma, mas não há razão de propagação sem conteúdo. Silva (2014) apresenta o fator lúdico da sociabilidade, que a resume ao desejo de sociação, forma pela qual a interação se estabelece (SIMMEL, 2006).

Sixsmith et al. (2014) apontam que os mais velhos percebem a manutenção dos laços sociais e engajamento social como um dos apoiadores da conquista de um envelhecimento saudável. No caso dos jovens, no Distrito Federal, Günther et al. (2003) destacam o papel do engajamento interpessoal e dos espaços de sociabilidade como locais comerciais na construção da identidade desta faixa etária.

A subseção a seguir aborda os tipos de estímulos ambientais que, através das *affordances*, podem favorecer as relações intergeracionais.

1.3.1.2 Espaços Estimulantes, Protetivos e Calmantes

As pessoas são atraídas e tendem a permanecer mais tempo em espaços com suporte a necessidades específicas, que são estimulantes, interessantes, oferecem conforto, ou o relaxamento de espaços naturais. São necessárias alternativas no meio urbano como se os espaços tivessem frente, convidativa ao público, e fundos, voltados ao individualismo (ALEXANDER et al., 1977). Há três estímulos ambientais que juntos favorecem relações intergeracionais por oferecer opções de interação ou privacidade: (i) **Espaços estimulantes**, divertidos, engajantes, vibrantes e com vida pública, têm diversidade de opções, são lineares e estimulam o movimento, são delimitados por edifícios, situados próximos a ruas importantes. Possuem facilidades (superfícies niveladas, livres de barreiras); amenidades (sol, sombra, vegetação, assentos); concentração de pessoas; (ii) **Espaços protetivos**, convidativos, privativos e reclusos. Possuem: atividades no centro; delimitação visual; atividades em grupo; sombra e sol; pessoas mas não multidões; monitoramento; caminhos e locais para sentar; superfície

nivelada; casais e indivíduos sozinhos; um espaço central e aberto num entorno complexo e diversificado; vegetação. São naturais e culturais; locais de destino; familiares; e (iii) **Espaços calmantes**, pacíficos, repousantes, bonitos e contemplativos, legíveis porém interessantes. São retirados; margeiam espaços abertos; têm elementos verticais, densidade moderada de pessoas e natureza. São locais de destino e encontro com atividades passivas, assentos para grupos e cafés; proteção contra sol e chuva; casais; acessibilidade, segurança e monitoramento (LAYNE, 2009).

1.3.1.3 Affordances na apropriação por grupos de usuários em espaços públicos urbanos – Microterritorialidades Etárias

Na geografia, a territorialidade humana se refere à relação entre indivíduos, com tipos e níveis diferentes de controle e delimitação espacial (SACK, 1983). Na antropologia, é a ocupação, uso e controle por um grupo de uma área, convertendo-a em seu território, com identidade própria (LITTLE, 2004). Os conceitos convergem ao instinto de defesa de si mesmo e da sua área. A territorialidade retrata a relação de grupos, com um tipo de controle que implica em delimitação de área através da impressão de características (SACK, 1983; LITTLE, 2004) (Figura 1.24). Aqui, tem-se microterritorialidade como apropriação anfêmera³⁴, contínua e quantitativamente significativa por grupos etários específicos de micropartes do espaço urbano, resultando na produção de microterritorialidades etárias com identidade própria.

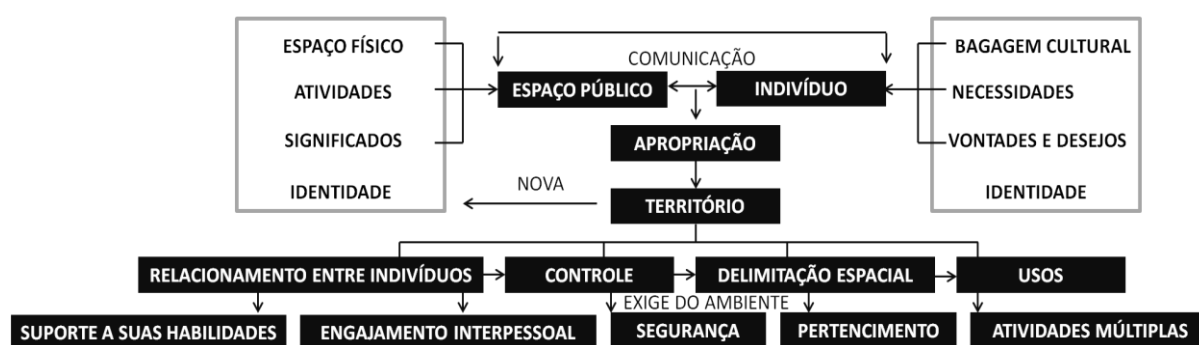


Figura 1.24 - Affordances nos territórios resultantes das apropriações humanas. Fonte: autora, 2018, baseado nos autores da seção.

A necessidade de controle sobre o espaço é inversamente proporcional à sensação de *segurança* que o ambiente proporciona (LAYNE, 2009). As relações interpessoais pressupõem a existência de *engajamento* de indivíduos desempenhando *atividades* inerentes às práticas do grupo. Para que isso seja possível, as *habilidades* suportadas pelo espaço precisam ser compatíveis com os usuários. Além disso, a

³⁴ Cotidiana, corriqueira.

classificação do que “é meu” ou “é seu” é relacionada ao *pertencimento*, pois o ambiente pertence e faz pertencer. A tendência é que quanto mais forte seja o senso de pertencimento em um ambiente, mais relevante seja seu significado como lugar (LAYNE, 2009). Ainda há a tendência de que a apropriação seja originada numa *identidade* forte, tanto do grupo quanto do lugar.

1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

A discussão da produção bibliográfica acerca da temática levou a questões chave nas três áreas estruturantes desta pesquisa: social, psicológica e física. Na primeira parte do capítulo, especificidades sobre os grupos etários foram abordadas. Importantes semelhanças perceptivas e de necessidades físicas, sociais e psicológicas foram discutidas, sinalizando pontos comuns significativos para a apropriação de espaços públicos. Além disso, as relações intergeracionais levantaram a questão sensorial dos espaços, o que torna o estudo de caso uma ferramenta para ultrapassar a estimulação puramente visual de estudos anteriores.

Na segunda parte, o estudo passou pelas tipologias espaciais e suas potencialidades sociais. Dos ambientes culturais, vias de pedestres e áreas externas de comércio alimentício foram destacadas, dos ambientes com apelo natural, parques urbanos e praças tiveram ênfase. A partir daí, chegou-se às apropriações informais. A abordagem aos espaços públicos tornou evidente que há de se considerar: atributos físicos, atividades suportadas e significados nos processos de apropriação, rejeição, segregação e integração. Assim, os territórios sociais etários podem apontar semelhanças de apropriação que retratem estilos de vida dos grupos de estudo, auxiliando sua compatibilização em espaços intergeracionais.

Na terceira parte, os aspectos relativos à Psicologia Ambiental em relações intergeracionais foram discutidos: *affordances*, tipos de estímulos ambientais e modos perceptivos. As cinco *affordances* base deste trabalho – Segurança, Pertencimento, Atividades, Habilidades e Engajamento - foram introduzidas.

O capítulo seguinte apresenta objetivamente a forma com que os objetivos da pesquisa foram atingidos através da exposição da metodologia empregada.

CAPÍTULO 02 METODOLOGIA

Neste capítulo são detalhados os procedimentos empregados para alcançar os objetivos da pesquisa. Inicialmente, a estratégia do estudo de caso é apresentada e, em seguida, o objeto de estudo é definido através de critérios de escolha. Finalmente, são expostos os métodos e as técnicas para coleta e análise quantitativa e interpretação qualitativa de dados. A metodologia das ciências sociais aplicadas é amparada nos fundamentos teóricos inerentes à Psicologia Ambiental.

O encaminhamento da investigação foi iniciado pela pesquisa de referências em internet, livros, trabalhos científicos, textos, documentos e demais publicações sobre o tema, bem como em relatos de eventos e acontecimentos mundiais de relevância, já que se trata de uma abordagem contemporânea e que, por esta razão, se encontra na agenda global. Assim, foi possível a discussão teórica do Capítulo 1 e a definição do uso do estudo de caso, abordado na seção a seguir.

2.1 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso lida com uma ampla variedade de evidências. Conforme Yin (2001), a metodologia deve considerar: a pergunta de pesquisa, a existência ou não de controle sobre eventos comportamentais e a temporalidade do acontecimento. Como nesta pesquisa não há controle comportamental e os acontecimentos são contemporâneos, esta abordagem é considerada adequada ao propósito.

O estudo é dividido em dois momentos, detalhados a seguir: (1) delimitação preliminar da área de pesquisa, onde foi desenvolvido um estudo exploratório para determinar tipologias significativas para os grupos; (2) as tipologias mais relevantes são aprofundadas no estudo de caso.

2.1.1 Seleção preliminar dos objetos de estudo

Pelotas foi escolhida devido às características urbanas próprias de cidades brasileiras de porte similar: espaços urbanos que privilegiam função em detrimento de estética, lazer e socialização; que não apoiam diferentes níveis de mobilidade; não se adequam a certos usos contemporâneos, sendo subutilizados ou vandalizados (MONTELLI, 2008); e que possuem usos divididos por faixa etária. Além disso, Pelotas possui amostra significativa dos grupos etários estudados. Em 2010, a população

acima dos 60 anos no Rio Grande do Sul e em Pelotas se destacava em relação ao Brasil. Havia 328.275 habitantes em Pelotas (Tabela 2.1):

Jovens de 15 a 19 anos: 26.672 (8,12%)		Idosos de 60 a 79 anos: 42.466 (12,94%)	
13.306 (4,05%) meninos	13.366 (4,07%) meninas	17.578 (5,35%) homens	24.888 (7,58%) mulheres
Jovens de 20 a 24 anos: 27.815 (8,47%)		Idosos com mais de 80 anos: 7.298 (2,22%)	
13.570 (4,13%) meninos	14.245 (4,34%) meninas	2.177 (0,66%) homens	5.121 (1,56%) mulheres

Tabela 2.1 - Populações dos grupos etários estudados em Pelotas. Fonte: IBGE, 2010.

Os grupos considerados pelo estudo eram, em 2010: 54.487 (16,60%) jovens e 49.764 (15,16%) idosos, caracterizando amostras semelhantes. Há prevalência de idosos sobre idosos, enquanto o grupo jovem é equilibrado em gênero (IBGE, 2010).

Em Pelotas, ações buscam a inclusão do idoso. Desde 2014, a “Semana do Idoso” ocorre anualmente no Largo do Mercado. Em 2015, ocorreram diversas atividades que promoviam o envelhecimento ativo, trocas intergeracionais e convívio social. Entretanto, na cidade e na literatura, as atividades programadas recebem mais atenção do que os espaços físicos onde acontecem (Figuras 2.1 e 2.2).



Figura 2.1 - Atividades da semana do idoso em Pelotas em 2015. Fonte: autora, 2015.

Figura 2.2 - Atividades da semana do idoso em Pelotas em 2016. Fonte: autora, 2016.

Barroso (2012), estudando a acessibilidade na área central de Pelotas, aponta que os usuários seguem o sugerido por Gehl (1996) e Whyte (1980), de que pessoas são atraídas por pessoas. Movimento e permanência acontecem em pontos com mais atividades, como os calçadões, mas há uma divisão etária que indica a preferência de jovens e idosos por certos espaços. Segundo Montelli (2008), a presença de idosos em certos lugares de convivência da cidade não é significativa.

A cidade reflete o urbanismo que aposta em espaços multigeracionais, com divisão etária de atividades e usos e que podem ou não promover oportunidades de trocas intergeracionais. Mumford (1956 apud VANDERBECK; WORTH, 2015) afirma que deve-se buscar "integração etária" em vez de "segregação etária" urbana.

Silva (2015), estudando crianças, jovens e adultos de até 30 anos em espaços públicos de Pelotas, ressalta a importância da inclusão social pelo lazer passivo e de melhorias na limpeza, estética e conforto. Com foco na estética, Montelli (2008) realizou o estudo de praças de Pelotas, buscando averiguar a existência de similaridades e/ou diferenças perceptivas entre adolescentes, adultos e idosos em relação à satisfação e uso do espaço urbano. Os resultados negam a existência de “grande divergência na avaliação estética de praças” pelos grupos etários (MONTELLI, 2008, p. 60). Nas praças Piratinino de Almeida, José Bonifácio e Parque Dom Antônio Zattera, os idosos constituíram uma amostra pequena, demonstrando pouco uso dos espaços. Um estudo no campo da saúde aponta que, em Pelotas, a presença de sintomas depressivos na população idosa é muito alta, sendo que frequentemente optam por ficar em casa (GAZALLE et al., 2004). Entretanto, nenhuma pesquisa apontou os motivos que levam idosos a frequentar ou não certos espaços, nem as razões que geram a divisão etária do espaço urbano.

Partiu-se então para a delimitação espacial preliminar com o intuito de apontar potenciais tipologias sociais para cada grupo, definindo assim, os espaços de coleta de preferências e percepções. Para isso, foi considerado que a literatura sobre convivência social urbana e intergeracionalidade sugere que a diversidade de tipologias de espaços oferecidos dentro de uma área é determinante na interação e que diferentes tipos de estímulos psicológicos são desejáveis (DINES et al., 2006; HOLLAND et al., 2007; LAYNE, 2009; LARKIN; KAPLAN; RUSHTON, 2010; SARKISSIAN; STENBERG, 2013). O centro histórico de Pelotas foi escolhido pela atratividade dos centros urbanos, que são o “coração da cidade” (ALEXANDER et al., p. 58-59). Nele, há diversidade de atividades e tipologias espaciais. Além disso, a proximidade entre as áreas estudadas pode mostrar o panorama geral de usos e acessos. A escolha também se deve a ser uma área com usos espontâneos de jovens e idosos. Para a delimitação da área, optou-se pelos limites da Zona de Preservação do Patrimônio Cultural, segundo o III Plano Diretor de Pelotas.

A seleção dos objetos de estudo se apoia nas tipologias sociais expressivas para jovens e idosos apontadas pela literatura. São quatro espaços tradicionais, dois culturais - largo e rua de pedestres e dois naturais – praça e parque. Silva e Rabuske (2013), apontam o Calçadão e a Praça Cel. Pedro Osório como locais de lazer importantes para idosos, ainda que moradores de bairros afastados. A partir dos anos

2004 e 2005, iniciou a revitalização de algumas edificações da área do entorno da praça com o programa Monumenta³⁵, em 2015, começou a revitalização da Praça Cel. Pedro Osório com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Cidades Históricas e, em 2017, as obras do calçadão, com recursos do Programa de Aceleração do Crescimento Mobilidade. O panorama aponta um momento ímpar para o estudo com os usuários dos espaços, fornecendo subsídio para a compatibilização entre as ações do poder público e suas necessidades. Assim, os espaços escolhidos para a fase exploratória são: (1) Parque Dom Antônio Zattera; (2) Calçadões das Ruas Andrade Neves e Sete de Setembro (3) Praça Cel. Pedro Osório e (4) Largo do Mercado Público (Figura 2.3).

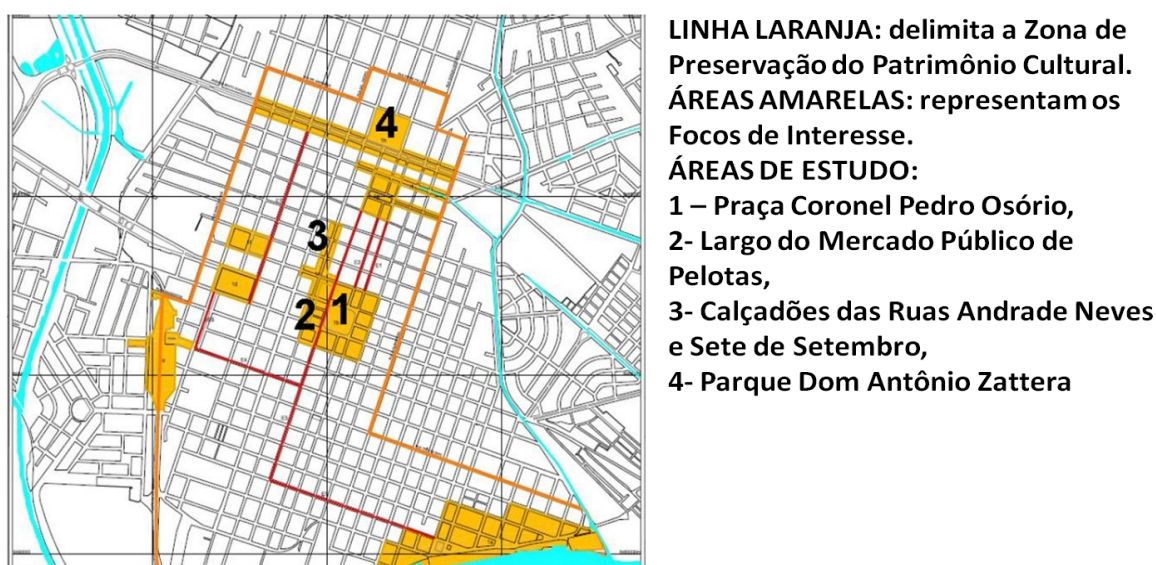


Figura 2.3 - Mapa do III Plano Diretor de Pelotas adaptado pela autora. Fonte: PELOTAS, 2008.

A seguir, a distribuição da população jovem (Figuras 2.4 e 2.5) e idosa (Figuras 2.6 e 2.7) residentes na área de estudo (IBGE, 2010).

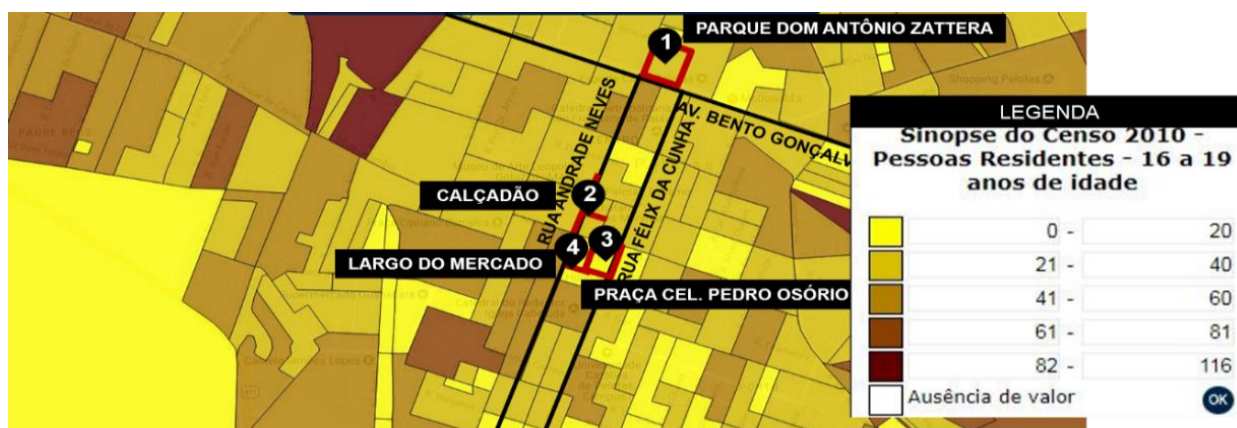


Figura 2.4 - Jovens de 16 a 19 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

³⁵ Programa de Recuperação do Patrimônio Cultural Urbano Brasileiro do Ministério da Cultura.

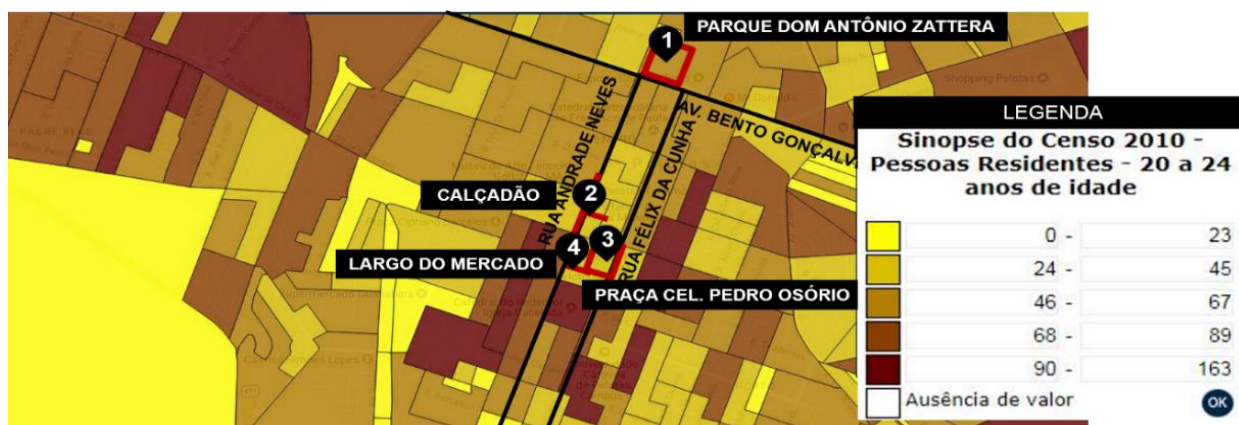


Figura 2.5 - Jovens de 20 a 24 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

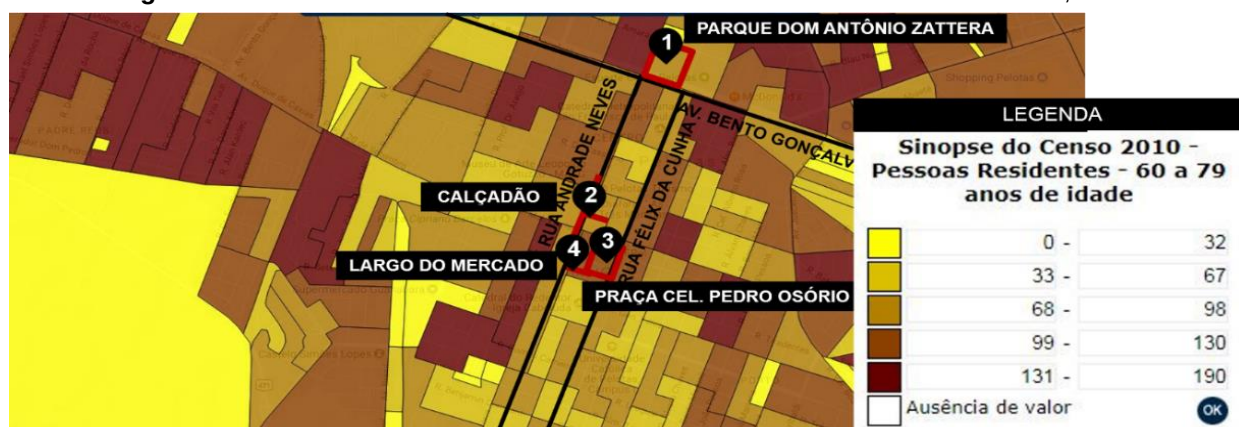


Figura 2.6 - Idosos de 60 a 79 anos residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

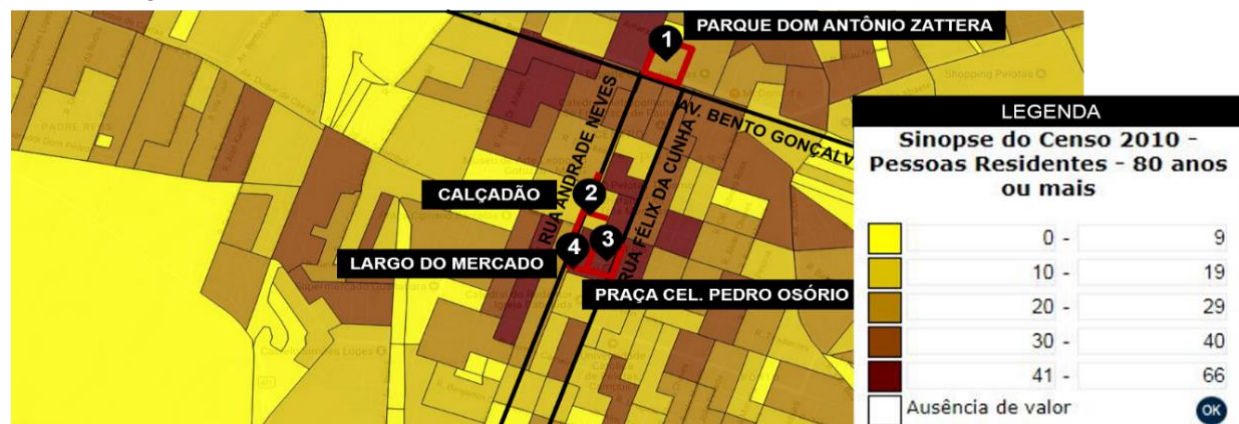


Figura 2.7 - Idosos de 80 anos ou mais residentes na área de estudo. Fonte: IBGE, 2010.

Jovens de 16 a 19 anos tendem a residir em bairros afastados, jovens de 20 a 24 anos e idosos longevos se concentram na área de estudo e idosos de 60 a 79 configuram pontos densos. Assim, espera-se encontrar menos moradores da faixa etária 1. A partir daí, ocorreu estudo de campo nas tipologias, introduzidas a seguir.

2.1.2 Apresentação da cidade de Pelotas e dos objetos de estudo

Em 7 de julho de 1812, foi fundada a freguesia de São Francisco de Paula, marco importante na conformação urbana de Pelotas (PARADEDA, 2003). Segundo a

tradição urbanística brasileira, foi definida a localização da igreja, seguida pela “praça, as melhores casas, a administração” (MAGALHÃES, 1993, p. 20). A área, onde hoje se encontra a Catedral São Francisco de Paula, constituiu o primeiro loteamento da freguesia, que desenvolveu-se com traçado reticulado. Pelo papel político, social e religioso, a implantação da praça e de seu entorno de edifícios importantes, transforma um núcleo de ocupação em cidade. A maior parte das praças de Pelotas ocupa uma ou mais quadras (PARADEDA, 2003).

O sistema viário cria hierarquia: as ruas norte-sul são as mais valorizadas. Os eixos formados pelos espaços estudados ocupam vias arteriais (Figura 2.8).



Figura 2.8 - Eixos de ligação dos espaços públicos estudados. Fonte: autora, 2018.

Destacam-se a proximidade entre as áreas estudadas e os principais eixos que as conectam. Nas próximas seções, cada uma delas é introduzida.

2.1.2.1 Parque Dom Antônio Zattera

O parque é localizado na Av. Bento Gonçalves, via ampla e arborizada como os *boulevards* europeus. O Secretário Geral da Sociedade Francesa de Urbanistas e autor do "Plano Agache" do Rio de Janeiro, destacou o potencial do parque (PARADEDA, 2003) devido à massa verde, área de 37.925m² (FLACH; BERDETE, 2016) e localização. Em 1924, o espaço recebeu estrutura de educação e lazer infantil (MATTOS, 2007), símbolo de desenvolvimento cultural (PARADEDA, 2003).

O espaço é multigeracional e, para fins de análise, foi dividido em 8 áreas, respeitando caminhos principais, mas subdividindo quadrantes, pois o movimento próximo às vias diferencia-se do que ocorre no interior do parque (Figura 2.9).

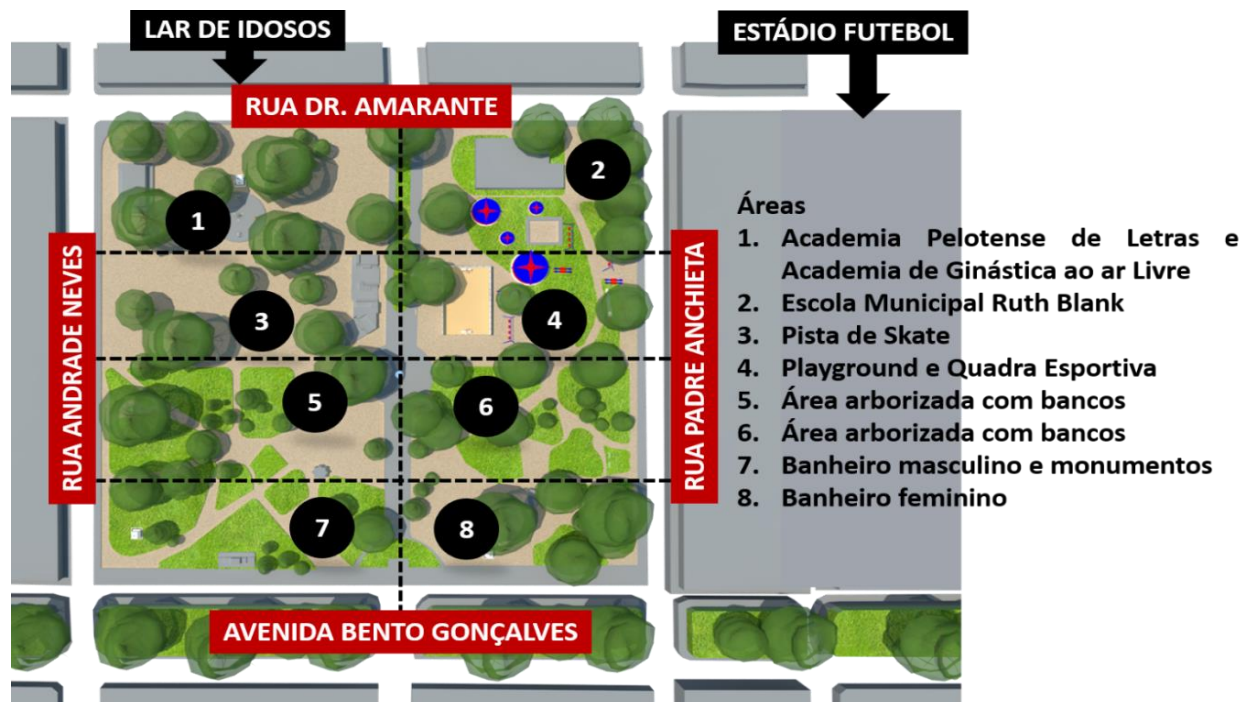


Figura 2.9 - Parque Dom Antônio Zattera: divisão das áreas de estudo. Fonte: autora, 2018.

Na área 01 estão a Academia Pelotense de Letras e, desde 2016, a estrutura do programa federal “Academia da Saúde” do Ministério da Saúde (SILVA, 2017); na 02, a Escola Municipal Ruth Blank; na 03, a pista de skate (única pública em espaço central); na 04, o *playground* de uso gratuito, mini parque (de uso aos fins de semana e feriados e pago) e a quadra esportiva; na 05, árvores de sombra; na 07, monumentos e banheiro público masculino; e na 08, o feminino. Por estar em frente ao lar de idosos (pela Rua Dr. Amarante) há potencial de lazer para a terceira idade.

2.1.2.2 Calçadas das Ruas Andrade Neves e 7 de Setembro

Nos anos 1950, a Rua Andrade Neves se igualou em importância comercial à Rua XV de Novembro (MAGALHÃES, 2000) e teve a vocação reforçada nos anos 1980, com o zoneamento do Plano Diretor. Em 1982, a via carroçável foi elevada ao nível das calçadas (PETER, 2010), dando uso prioritário aos pedestres e eventual a veículos de serviço. Os calçadões são pavimentados com ladrilhos hidráulicos, e dão acesso a comércio, serviços e galerias. No eixo central há bancos ao redor de árvores de grande porte, desviando o fluxo para as laterais, próximo às fachadas. Para análise, as 4 quadras foram divididas em 8 áreas (Figura 2.10).

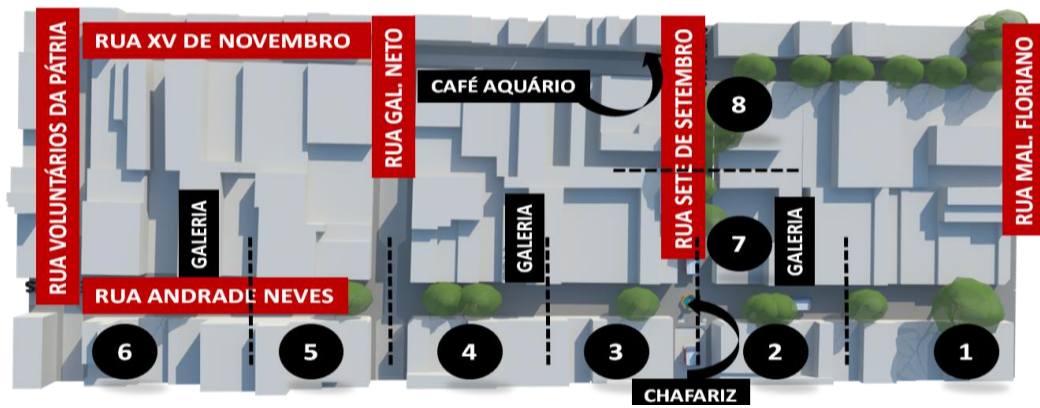


Figura 2.10 - Calçadões: divisão das áreas de estudo. Fonte: autora, 2018.

As áreas de 01 a 06 estão na Rua Andrade Neves e 07 e 08 na Rua Sete de Setembro. Os trechos dividem as quadras partes similares. Um chafariz marca o encontro dos calçadões e doçarias tradicionais e o café Aquário (histórico local de socialização) marcam o encontro das Ruas XV de Novembro e Sete de Setembro,

2.1.2.3 Praça Coronel Pedro Osório

A Praça Cel. Pedro Osório é destaque na malha urbana. Nos anos 1876 e 1877 foi arborizada e ajardinada, (FLACH; BERDETE, 2016) se tornando lugar de passeio, “para ver e ser visto” e de carnaval, que ocupava praça, teatro, cafés e ruas (MULLER, 2010). De 1878 a 1879, recebeu iluminação e o lago (FLACH; BERDETE, 2016). No “redondo” ocorriam manifestações (PARADEDA, 2003). Com área de 19.500m² (FLACH; BERDETE, 2016), possui 8 acessos em ladrilhos hidráulicos, que delimitam os canteiros e convergem para o chafariz. É multigeracional e, para fins de análise, foi dividida em 9 áreas, respeitando o traçado dos canteiros (Figura 2.11).



Figura 2.11 - Praça Coronel Pedro Osório: divisão das áreas de estudo. Fonte: autora, 2018.

Na área 01 está o chafariz "As nereidas", réplica do chafariz escocês Ross Fountain, vindo da França em 1873 (PARADEDA, 2003); na 02, o monumento ao Dr. Francisco Amarante e, desde 2016, uma estátua de Simões Lopes Neto; na 03, o monumento a Domingos de Almeida; na 04, mesas de xadrez e o monumento ao Dr. Miguel Barcellos; na 05, uma esplanada em frente ao Teatro Sete de Abril; na 06, o monumento ao Dr. José Brusque Filho; na 07, o lago; na 08, o monumento às Mães, o *playground* e os banheiros; e na área 09, está o monumento ao Dr. Urbano Garcia.

Obras de requalificação iniciaram em agosto de 2015 para "resgatar a ideia de jardim histórico", estimulando a caminhada e contemplação. As obras iniciaram nas áreas 08, 09 e 03, que receberam telas de 2,20m de altura, impedindo o acesso (PELOTAS, 2015). Durante a pesquisa, em setembro de 2016, a obra foi encerrada, concluindo a retirada de camada vegetal, meios-fios e poda (PELOTAS, 2016).

2.1.2.4 Largo do Mercado Público Central

Entre 1930 e 1940, a Praça Sete de Julho, em frente ao mercado, recebeu a centralização das linhas de ônibus, removida em 1983. Em 1985, vendedores ambulantes foram transferidos para o local, mas as barracas impediam a visualização do edifício, destituindo-o da função de marco arquitetônico (ANTUNES; HALLAL, 2016). Finalizada em 2012, a reforma do mercado pelo Programa Monumenta do Governo Federal, transferiu lancherias e restaurantes para o largo da Rua Lobo da Costa, onde mesas estendem a sociabilidade à área externa. Para análise, o espaço foi dividido em 6 áreas (Figura 2.12). A feira ecológica às quintas-feiras e a feira de antiguidades aos sábados são atividades que ocupam o largo.



Figura 2.12 - Largo do Mercado Público Central: divisão das áreas de estudo. Fonte: autora, 2018.

A seguir, os métodos de coleta e análise dos dados do estudo das tipologias.

2.2 MÉTODOS E TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para fortalecer a confiabilidade do estudo e levar a um melhor entendimento das percepções de jovens e idosos, usa-se uma abordagem metodológica mista no desenvolvimento dos procedimentos investigativos. Uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos visa coletar, mensurar e analisar respostas e dar suporte à triangulação metodológica dos dados e análise de resultados (Figura 2.13).

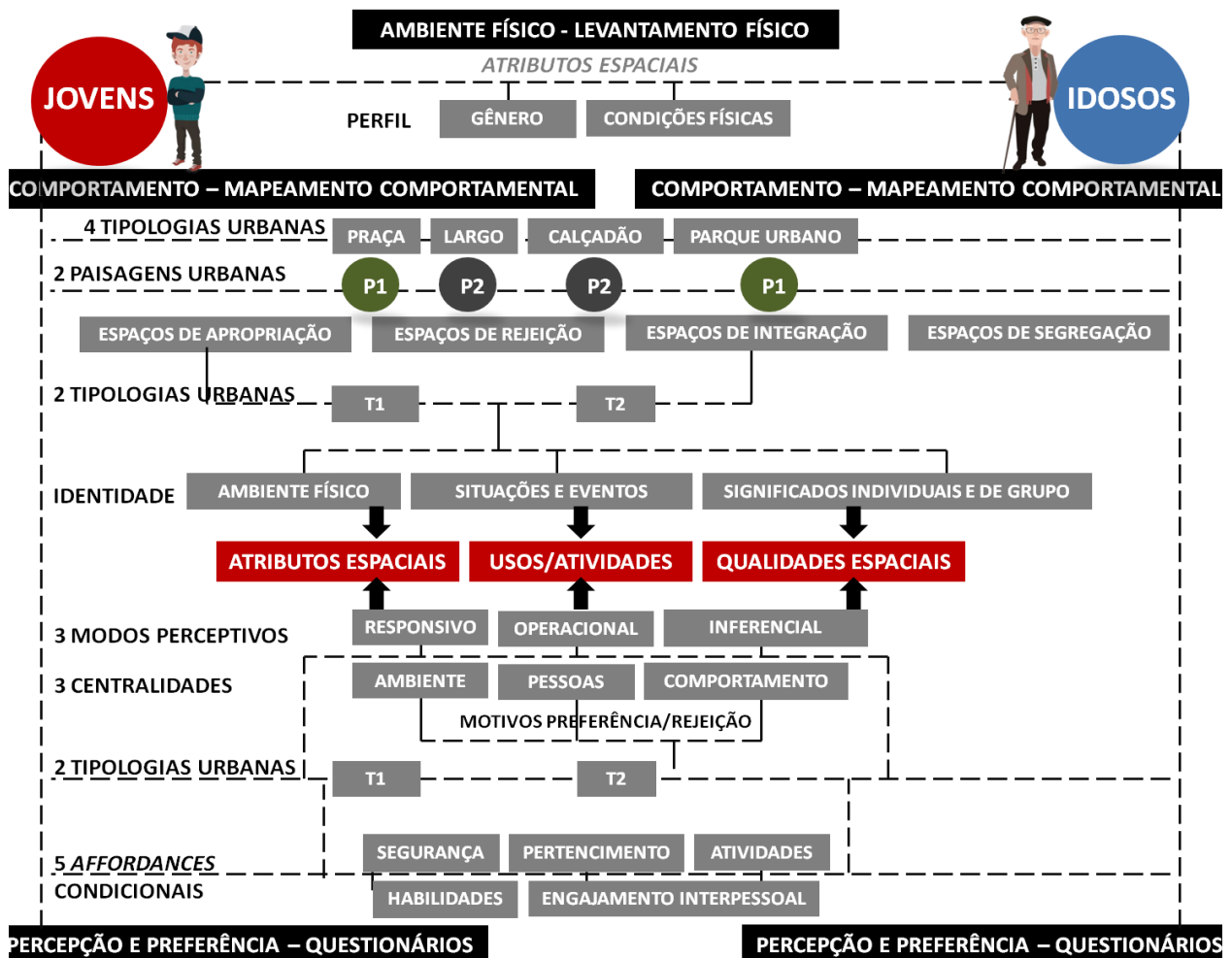


Figura 2.13 - Esquema da estrutura metodológica. Fonte: autora, 2018.

Os levantamentos que visam atender ao estudo são: (1) Bibliográfico; (2) Documental e (3) De campo. No levantamento de campo estão: (3.1) Observações com registro fotográfico; (3.2) Mapeamento Comportamental; (3.3) Questionários.

2.2.1 Levantamento Bibliográfico

A pesquisa ocorreu através de fontes primárias e secundárias, nacionais e internacionais sobre aspectos relativos a: Psicologia Ambiental, Percepção, Gerontologia, Desenvolvimento Humano, Espaços Urbanos e suas relações com

jovens e idosos, histórico dos espaços estudados e caracterização de usuários. Todo o aporte teórico da pesquisa discutido no capítulo anterior é base da determinação das variáveis e questões a serem respondidas pelo estudo.

2.2.2 Levantamento Documental

A base do levantamento físico foi a pesquisa documental que permitiu o desenho e a caracterização prévia das áreas de estudo. Nesse sentido, foram utilizados o Mapa Urbano Básico do Município de Pelotas, o levantamento físico com medição do calçamento e da Praça Cel. Pedro Osório de Barroso (2012) e o mapeamento do Parque D. Antônio Zattera de Fernandes, Portella e Freitas (2015). Devido ao caráter dinâmico e efêmero urbano, procedeu-se a checagem *in loco* de alterações, possibilitando o início dos demais métodos de coleta.

2.2.3 Levantamento de Campo

O levantamento de campo visa a obtenção de informações diretamente no local de estudo, caracterizando-o de forma ampla, mas focada nos objetivos da pesquisa. Um estudo exploratório ocorreu nas tipologias espaciais (1) Parque, (2) Calçamento, (3) Praça, (4) Largo. Nesta fase, foram aplicados Levantamento fotográfico e Mapeamento Comportamental, essenciais para caracterizar apropriações dos grupos etários estudados e assim, delimitar os dois objetos do estudo de caso. Os resultados dessa fase foram aprofundados em um capítulo específico, mas cabe antecipar que a praça se destacou como apropriação jovem e o calçamento, idosa. A identificação das áreas possibilitou o desenvolvimento da fase seguinte do estudo que buscou o aprofundamento nos objetos de estudo através da percepção do usuário. Para tanto, foram aplicados questionários aos seus usuários.

2.2.3.1 Observações com registro fotográfico

As fotografias capturam detalhes que passam despercebidos pela observação, ainda que não representem a experiência total (SANOFF, 1991), elas complementam outros métodos, minimizando erros (MARANS; AHRENTZEN, 1987). As observações iniciaram em março de 2016. Foram identificados atributos físicos, comportamentos e usos. No entorno, as fotografias obedeceram intervalos regulares, possibilitando a montagem do perfil das quadras no programa Photoshop.

2.2.3.2 Mapeamento Comportamental

Mapeamento comportamental é um método observacional que visa descrever atividades num dado espaço e compreender relações entre o sujeito e seu ambiente. O ambiente é tudo à exceção do indivíduo observado (SANOFF, 1991). O método permite a coleta de dados de forma indireta, o pesquisador se insere no ambiente, mas o observado não toma consciência de sua atividade, evitando alterações comportamentais. Ele complementa questionários e entrevistas, mais invasivos, com um número limitado de participantes e que podem suggestionar e direcionar as respostas, criando uma coleta de dados tendenciosa. Além disso, o método registra aspectos culturais de grupos e comportamentos individuais. Para uma observação sistemática, são considerados (SANOFF, 1991): (i) **Pessoas**, quantidade, sexo, idade, localização, sozinhas, casais ou grupos (SOMMER; SOMMER, 2002); (ii) **Atividades**, interações entre pessoas e pessoas-ambiente; (iii) **Configuração espacial**, o que sugere ou dá suporte; (iv) **Tempo**, quantas vezes cada configuração é observada, intervalo entre observações, duração e o horário mais conveniente.

O registro deve ser ágil, pois comportamentos são alterados em fração de segundos. Assim, nos mapas base, a legenda previa comportamentos. Centrado no ambiente, o estudo registrou usuários, atividades, data, hora e clima. Ocorreu em dias e horários pré-estabelecidos, apontando padrões comportamentais (SOMMER; SOMMER, 2002). Trajetos foram pré-estabelecidos, buscando padronização por haver mais de um pesquisador envolvido. No calçadão, depois do pré-teste a abordagem foi alterada devido ao grande fluxo. Uma linha central imaginária dividiu longitudinalmente o espaço, permitindo a realização simultânea por duas pesquisadoras, com o registro de fotos pela terceira. De 18 de maio a 19 de junho de 2016, 12 sessões por área ocorreram em dias de semana, sábados e domingos, às 9:30h, 11:30h, 15:30h e 17:30h, pois o maior fluxo no centro ocorre no fim da manhã e da tarde (BARROSO, 2012). Foram consideradas condições climáticas típicas de maio e junho: maio - temperatura maior que 11.1°C (média mínima), próxima a 15.1°C (média) e menor que 20.8°C (média máxima); junho - temperatura maior que 8.6°C (média mínima), próxima a 12.4°C (média) e menor que 17.8°C (média máxima) (EMBRAPA, 2000). Os dados foram registrados no programa *AutoCAD* e tabelados no *EXCEL*, agrupados em: atividades funcionais, opcionais e fluxo (Apêndice A). Os trechos foram analisados individualmente e em conjunto.

2.2.4 Questionários

O questionário é um dos três métodos de coleta de dados mais utilizados com idosos no Brasil (PEREIRA et al., 2018) e aparece em estudos com foco: intergeracional (LEYSHON; TVERIN, 2015); intergeracional com idosos (LAYNE, 2009; KIM, 2012; HARDILL, 2015; MOSS, 2015; PORTER et al., 2015); em idosos longevos (NAVARRO et al., 2015), etc. Questionários podem descobrir semelhanças e diferenças que não observadas diretamente (SOMMER; SOMMER, 2002). Como método quantitativo, permite uma grande amostra e a análise estatística dos dados.

A construção dos questionários (Apêndice B) foi orientada por: objetivos de pesquisa, variáveis definidas pelas *affordances* e mapeamento comportamental, que apontou usos de cada local. A estrutura é dividida em: (1) pessoa - traça o perfil do respondente e investiga sua posição sobre relações intergeracionais; (2) espaço físico - elenca lugares preferidos e evitados; (3) *affordances* - elege prioridades; (4) perfil demográfico da amostra. A aplicação ocorreu individualmente, o pesquisador perguntava e anotava as respostas, elucidando dúvidas. O contexto foi preservado através da gravação do áudio das aplicações quando havia consentimento do participante, gerando material de análise qualitativa (Apêndice A).

Na parte dedicada à pessoa foram utilizadas questões de múltipla escolha, para avaliar o ambiente deu-se preferência à Escala de Likert, pois percepções ambientais podem ser expressadas de acordo com sua intensidade (STAMPS, 2013). Questões de ranqueamento ajudaram a eleger locais preferidos e *affordances* condicionais e questões abertas possibilitaram análise de conteúdo e a construção de nuvens de palavras, que geram maior apelo visual dos resultados (HEIMERL et al., 2014). As respostas abertas foram preparadas e inseridas no programa de análise textual Iramuteq versão 0.7 alpha 2, onde a nuvem de palavras foi gerada.

A análise de conteúdo produz compreensão de fenômenos sociais pela interpretação de mensagens. Ela passa por: (i) Preparação - amostra é isolada (questões abertas); (ii) Unitarização - são definidas unidades de análise (palavras-chave) que são agrupadas por semelhança de significado e reescritas para serem compreendidas fora do contexto; (iii) Categorização - a semelhança semântica as insere em categorias temáticas que identificam modos perceptivos; (iv) Descrição – resultados e (v) Interpretação – conclusões (MORAES, 1999).

Depois de um estudo piloto, em junho de 2017, houve a adaptação de termos e um material de apoio foi criado para as questões de ranqueamento, para auxiliar os respondentes a visualizar os objetos a serem ordenados. O material foi elaborado com fonte grande, acompanhado de imagens para melhorar a identificação (Figuras 2.14 e 2.15). As fichas ficavam com o participante durante a aplicação. Como a análise utiliza estatística não-paramétrica³⁶, a amostra mínima é de 30 respondentes por grupo em cada um dos estudos de caso (Figuras 2.16, 2.17, 2.18 e 2.19).



Figura 2.14 - Questionários: fichas do material de apoio. Fonte: autora, 2018.

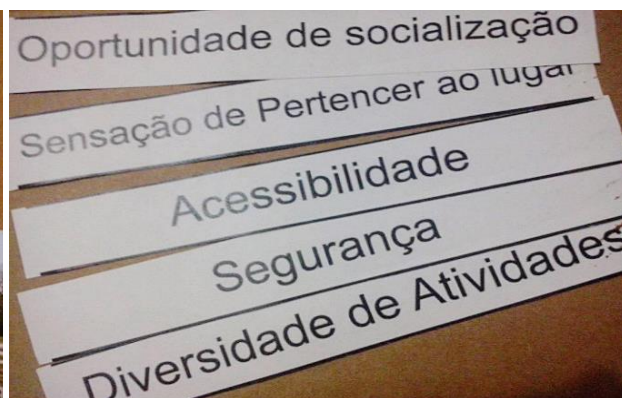


Figura 2.15 - Questionários: fichas do material de apoio. Fonte: autora, 2018



Figura 2.16 - Questionários: sessão de aplicação com jovens na praça. Fonte: autora, 2018.



Figura 2.17 - Questionários: sessão de aplicação com idoso na praça. Fonte: autora, 2018.



Figura 2.18 - Questionários: sessão de aplicação com jovem no calçadão. Fonte: autora, 2018.



Figura 2.19 - Questionários: sessão de aplicação com idoso no calçadão. Fonte: autora, 2018.

³⁶ Utilizada nas ciências do comportamento, infere que não há controle ou conhecimento sobre os condicionantes que influenciam as variáveis envolvidas.

Para haver equilíbrio amostral, a aplicação buscou se aproximar de: (i) **15 a 19 anos**- 15 questionários entre meninos e meninas; (ii) **20 a 24 anos**- 15 questionários entre meninos e meninas; (iii) **60 a 79 anos**- 15 questionários entre homens e mulheres; (iv) **+80 anos**: 15 questionários entre homens e mulheres. Os respondentes foram selecionados aleatoriamente, respeitando os critérios de idade e de estarem presentes em um dos locais de estudo. Os usuários foram abordados pela pesquisadora auxiliada por quatro pesquisadores pela manhã e tarde. Os pesquisadores auxiliares receberam instruções prévias sobre os procedimentos.

As análises das questões fechadas ocorreram no programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) em testes não-paramétricos, dispensando o teste de normalidade de distribuição de amostras. Foram utilizadas frequências, tabulações cruzadas, o teste Qui-Quadrado (validando relações com sig. menor ou igual a 0,05), de Mann-Whitney, que aponta quebras de padrões entre amostras independentes, de Mann-Kendall, específico para *ranking*, e Spearman, considerando os valores (Tabela 2.2):

Intensidade	Classificação	Intensidade	Classificação
$0 < \text{coef.} \leq 0,3$	Fraca	$0,7 < \text{coef.} \leq 0,9$	Muito forte
$0,3 < \text{coef.} \leq 0,5$	Moderada	$0,9 < \text{coef.} \leq 1,0$	Excepcional
$0,5 < \text{coef.} \leq 0,7$	Forte		

Tabela 2.2 - Classificação para testes de correlação. Fonte: SIEGEL; CASTELLAN, 2006.

1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Conforme o exposto no capítulo, entende-se que as quatro tipologias de espaços públicos constituem objetos de estudo adequados para as análises desta investigação. As observações apontam elementos importantes para o uso social dos espaços pelos dois grupos etários estudados. Os métodos de coleta de dados escolhidos demonstram ser eficientes, uma vez que permitem a identificação e a caracterização da área analisada a partir dos dados adquiridos nas sessões de observação e mapeamento comportamental. Os questionários se mostram um método eficaz à investigação da percepção ambiental de distintos grupos de indivíduos. Os métodos de análises de dados são capazes de atender aos objetivos pretendidos e produzir um estudo comparativo etário. Posto isto, o terceiro capítulo apresenta a imersão nos espaços sociais de jovens e idosos e discute os principais resultados obtidos a partir da aplicação dos métodos.

CAPÍTULO 03 JOVENS E IDOSOS, MEIO SOCIAL

A seguir, os resultados da aplicação dos métodos de coleta e análise de dados. A discussão é embasada no marco teórico. O capítulo inicia na fase exploratória e culmina nas subseções de aprofundamento dos objetos de estudo.

3.1 ETAPA EXPLORATÓRIA

Conforme mencionado, o primeiro passo dos levantamentos corresponde à etapa exploratória, destinada a definir os objetos dos estudos de caso. Nesta etapa, em cada uma das tipologias espaciais, foram produzidos doze mapas comportamentais. A seguir, os resultados preliminares do método são introduzidos.

3.1.1 Mapeamento Comportamental

Foram observadas ao todo 2.084 pessoas na Praça Coronel Pedro Osório, 950 pessoas no do Largo do Mercado, 3.348 pessoas no Calçadão e 2.631 pessoas no Parque Dom Antônio Zattera. Na Tabela 3.1, a frequência por idade e gênero em cada uma das tipologias (Apêndices A e C)³⁷.

	CRIANÇAS		JOVENS		ADULTOS		IDOSOS		TOTAL
	MENINOS	MENINAS	MENINOS	MENINAS	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	
PRAÇA	94	76	284	305	544	509	174	98	2084
	170		589		1053		272		
% DENTRO DO GRUPO ETÁRIO	55,29%	44,71%	48,22%	51,78%	51,66%	48,34%	63,97%	36,03%	
% DO TOTAL	4,51%	3,65%	13,63%	14,64%	26,10%	24,42%	8,35%	4,70%	
LARGO	14	7	78	79	327	278	96	71	950
	21		157		605		167		
% DENTRO DO GRUPO ETÁRIO	66,67%	33,33%	49,68%	50,32%	54,05%	45,95%	57,49%	42,51%	
% DO TOTAL	1,47%	0,74%	8,21%	8,32%	34,42%	29,26%	10,11%	7,47%	
CALÇADÃO	55	43	199	166	952	1091	634	208	3348
	98		365		2043		842		
% DENTRO DO GRUPO ETÁRIO	56,12%	43,88%	54,52%	45,48%	46,60%	53,40%	75,30%	24,70%	
% DO TOTAL	1,64%	1,28%	5,94%	4,96%	28,43%	32,59%	18,94%	6,21%	
PARQUE	217	140	227	140	815	740	193	159	2631
	357		367		1555		352		
% DENTRO DO GRUPO ETÁRIO	60,78%	39,22%	61,85%	38,15%	52,41%	47,59%	54,83%	45,17%	
% DO TOTAL	8,25%	5,32%	8,63%	5,32%	30,98%	28,13%	7,34%	6,04%	

Tabela - 3.1 Frequência etária e por gênero em cada tipologia estudada. Fonte: autora, 2018.

Com relação à frequência etária total nas tipologias, pode-se observar que: (i) **A praça** é destaque da frequência jovem, onde esta representa **28,27%** (589 jovens) da frequência total de usuários; (ii) **O calçadão** é destaque da frequência idosa, onde esta representa **25,15%** (842 idosos) da frequência total de usuários; (iii) **O parque** apresenta distribuição etária mais homogênea entre: crianças (357;13,57%), jovens

³⁷ No arquivo digital que acompanha esta dissertação encontra-se toda a produção de dados resultante da aplicação dos métodos. No caso do mapeamento comportamental, os dados são apresentados por dia de aplicação, cada um deles contendo fotos, mapas e planilhas de contagem.

(367;13,95%) e idosos (352; 13,38%); (iv) **O largo** possui a segunda maior frequência jovem (16,53%) e idosa (17,58%); e (v) Ainda que a população idosa feminina supere a masculina na cidade, a **presença feminina** nos espaços estudados apresentou uma tendência de diminuir nas idades mais avançadas. Em nenhum deles a presença de idosas supera a de idosos. Na praça (idosas são 4,70% do total) e no calçadão os números revelam uma diferença ainda mais significativa. Silva (2014) destaca as atividades de conversação, jogo e café como forma de engajamento para homens aposentados. Isso reflete o fato das mulheres “não terem sido socializadas no passado em atividades de sociabilidade autônomas” (ALVES, 2004, p.16). As mulheres idosas, muitas vezes, são restritas ao ambiente do lar e a situações de socialização controladas, em grupos de atividades específicas, em ambientes fechados. A situação é diferente entre os jovens: há equilíbrio de gênero e, por vezes, a presença feminina supera a masculina.

Devido à maior presença jovem na praça, maior frequência idosa no calçadão e à representatividade mais equilibrada dos dois grupos etários no parque, o largo foi excluído como área prioritária para o estudo comportamental das faixas etárias foco. O próximo passo caracteriza a ocupação de cada grupo etário nas áreas em que as três tipologias restantes foram divididas.

3.1.1.1 Parque Dom Antônio Zattera

O mapeamento adota a convenção: verde - crianças, vermelho - jovens, amarela - adultos e azul - idosos³⁸. Na Figura 3.1, o mapeamento do parque com uma ocupação etária tendendo à uniformidade. A ocupação é esparsa, as “manchas” etárias não identificam a ocupação de jovens ou idosos se sobressaindo. O gráfico complementa a imagem e mostra a frequência etária por área do parque.

Para os jovens, destaca-se a pista de skate (33,46% do total de usuários da área), formando sutilmente uma mancha etária. Lá, jovens se misturam com crianças e adultos, especialmente durante aulas de skate (Figura 3.2). Já para os idosos, as áreas 01 (20,10% do total na área) e 02 (20,11% do total na área) são destaque. Sua permanência nessas áreas é, em grande parte, devido às feiras de sábado, nas quais, os frequentadores assíduos encontram conhecidos (Figura 3.1).

³⁸ Buscando uma padronização que facilite a leitura do estudo, esta convenção segue a mesma em todos os elementos gráficos

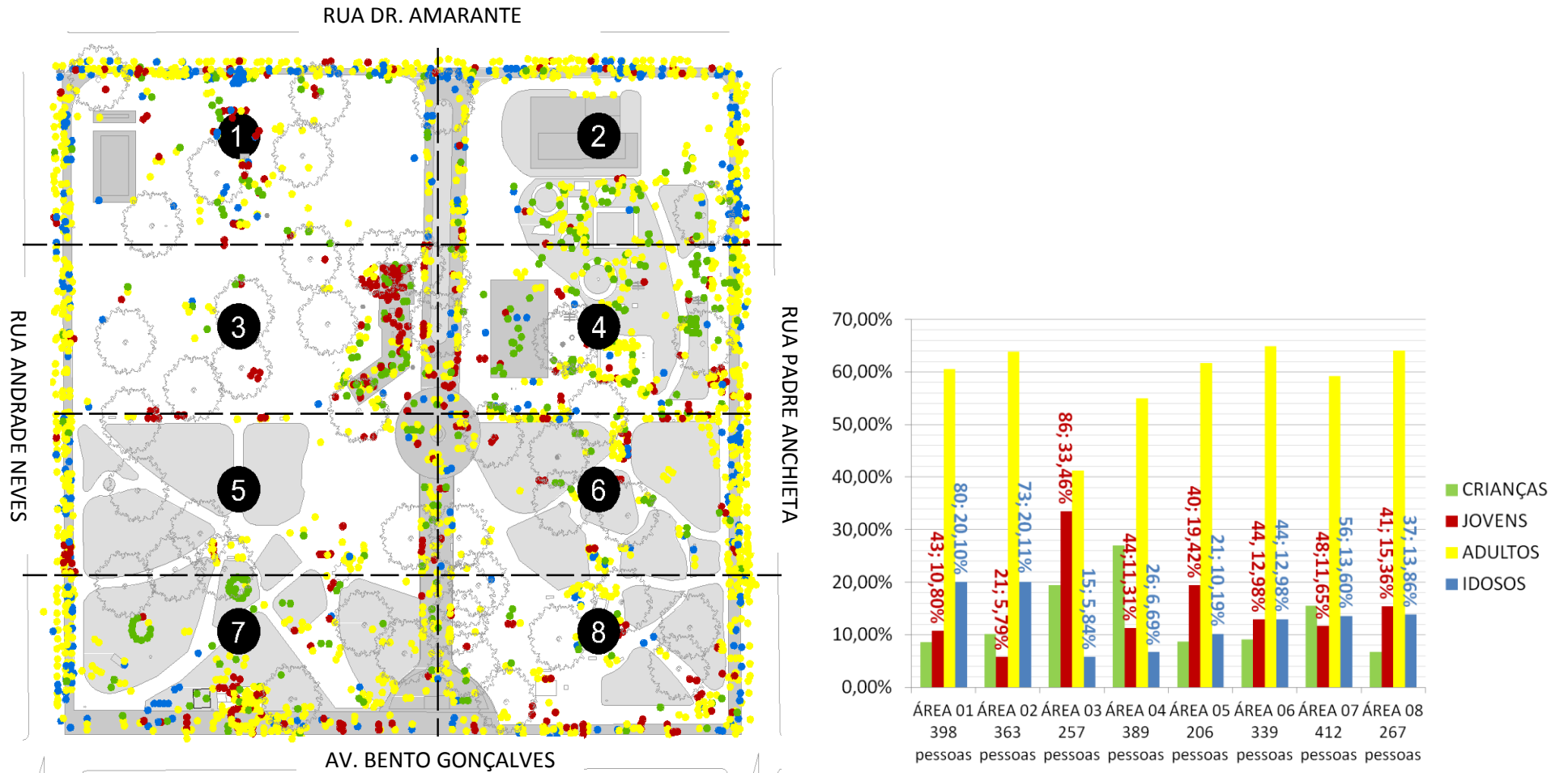


Figura 3.1- Mapa síntese do parque (sobreposição dos 12 mapas) e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas. Fonte: autora, 2018.

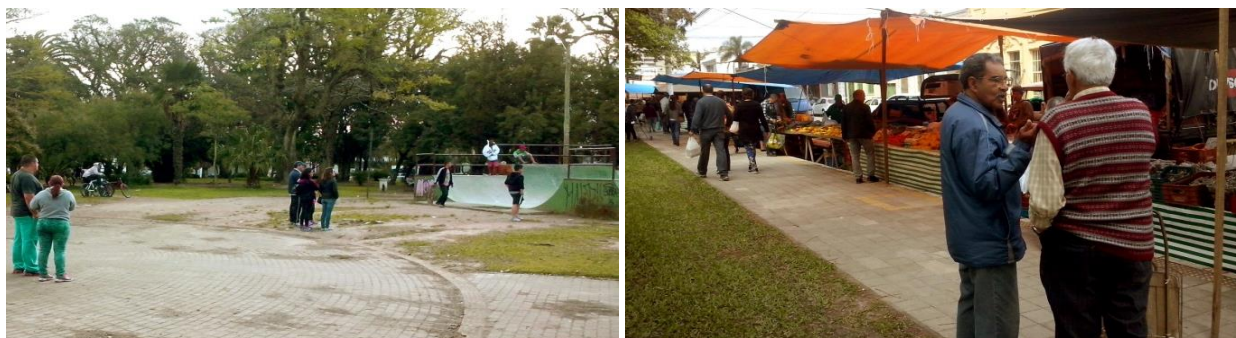


Figura 3.2 - Pista de skate, tarde de 4 de junho no parque. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.3 - Feira de sábado, manhã de 17 de setembro no parque. Fonte: autora, 2016.

Na área 01, idosos observam as atividades da academia ao ar livre, inserção recente no parque. Assim, a disposição do mobiliário não visa contemplar essa atividade, poucos bancos privilegiam sua visualização, mas o espaço favorece a personalização. O monumento é usado como assento e cadeiras são trazidas de casa. A área 07 é a terceira em importância para a frequência idosa, sendo que, do total de usuários da área, este grupo representa 13,60%. A aproximação intergeracional ocorreu mais visivelmente na área 07, onde nenhum dos grupos tem representatividade menor do que 10% e há equilíbrio entre os grupos menos frequentes (15,53% crianças; 11,65% jovens; 13,60% idosos) (Figuras 3.4 e 3.5).



Figura 3.4 - Idosos em cadeiras para ver o movimento, tarde de 18 de setembro. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.5 - Grupos intergeracionais utilizando cadeiras, tarde de 18 de setembro. Fonte: autora, 2016.

A área 07 é um espaço potencial, não indica usos específicos, mas favorece usos diversos (LIBARDONI; CHIARELLI; PORTELLA, 2017). É próxima à Av. Bento Gonçalves, onde o fluxo é grande. Há espaço cívico e estruturas efêmeras (palco e brinquedos infláveis). Sem a existência de bancos, o monumento vira assento e usuários levam cadeiras, especialmente aos fins de semana. Lá ocorre o encontro dos escoteiros, crianças jogam bola e famílias descansam. Destaca-se a baixa frequência idosa em áreas de uso etário como *playground* (6,69% do total de usuários da área) e pista de skate (5,89% do total de usuários da área).

3.1.1.2 Calçadas das Ruas Andrade Neves e 7 de Setembro

O mapeamento dos calçados mostra a formação de uma mancha etária idosa que inicia timidamente na área 02 e se estende às áreas 07 e 08 de forma marcante. Jovens têm apropriação sutil na área 06, com algum delineamento de mancha. A “mancha” azul é a área onde a ocupação idosa se sobressai (Figura 3.6).

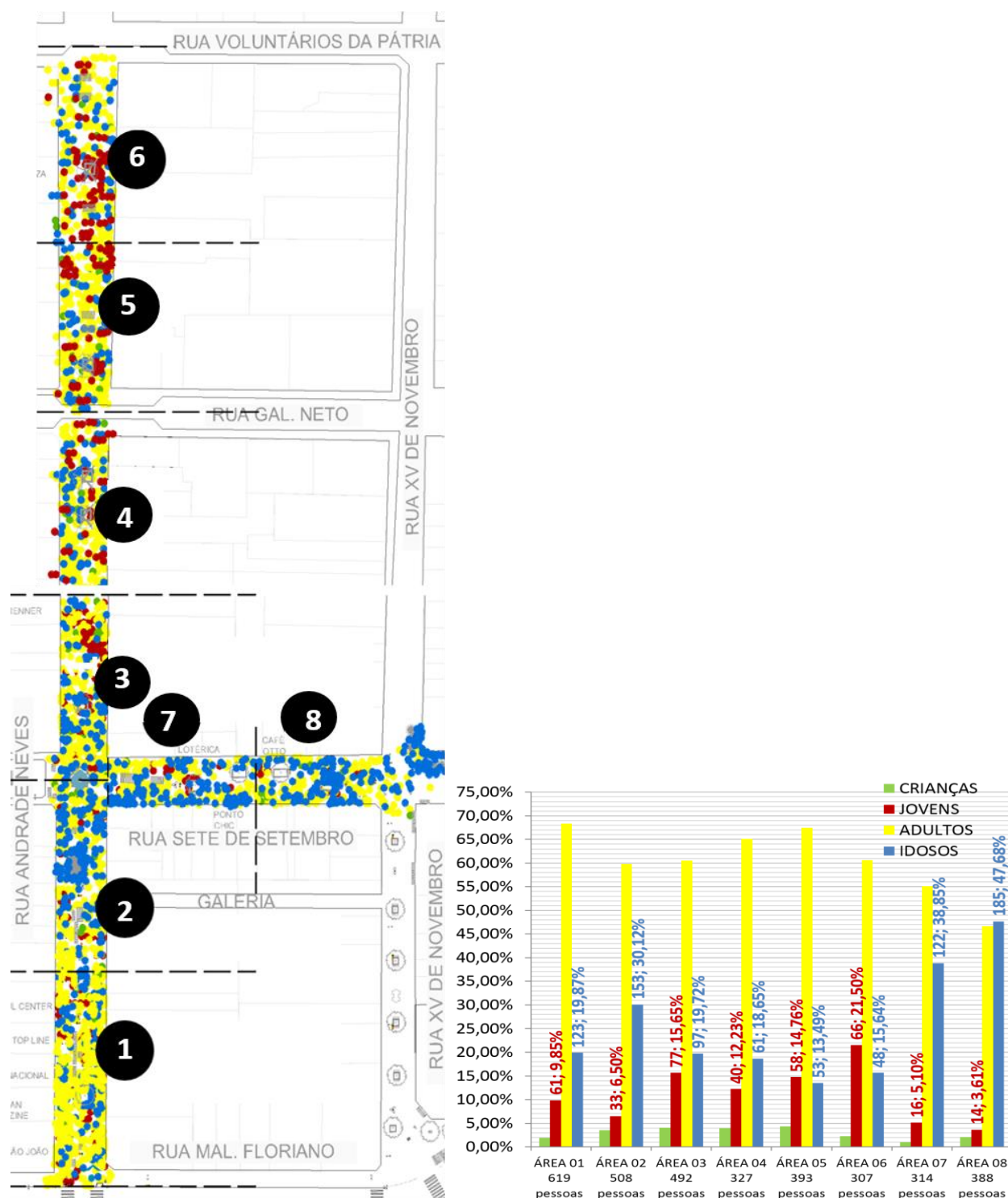


Figura 3.6 - Mapa síntese do calçamento (sobreposição dos 12 mapas) e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas. Fonte: autora, 2018.

O estudo aponta a relevância das áreas 02 (153 ou 30,12% do total de usuários da área), 07 (122 ou 38,85% do total de usuários da área) e 08 (185 ou 47,68% do total de usuários da área) para idosos (Figura 3.7). O “L” formado pelos trechos representa mais da metade (54,63% ou 460 pessoas) da frequência total de idosos no calçadão. Para os jovens, a área destaque é a área 06, especialmente no banco que se localiza na frente da galeria onde está o cinema (Figura 3.8).



Figura 3.7 - Idosos em grupos de socialização na área 07. Tarde de 15 de agosto. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.8 - Jovens na área 06. Manhã de 19 de maio. Fonte: autora, 2016.

No estudo, a área 08 se destaca como a única em que a presença de idosos superou a de adultos durante as observações. Dessa forma, caracteriza-se um microterritório social etário idoso, onde comportamentos podem ser estudados afim de complementar os trabalhos comparativos de percepção ambiental.

3.1.1.3 Praça Coronel Pedro Osório

O mapeamento da praça mostra duas manchas jovens. Uma delas é delineada timidamente na área 06 e a outra é mais definida na área 02. Os idosos configuram apropriação esparsa, mas também com algum delineamento de mancha etária na área 05, essencialmente devido à manifestação antimanicomial que ocorria durante uma das sessões de observação. A “mancha” etária vermelha identifica uma micro área onde a ocupação de jovens sobressai às demais (Figura 3.9).

O gráfico destaca as áreas 02 (188 ou 44,13% do total de usuários da área), 06 (69 ou 40,83% do total de usuários da área) e 04 (56 ou 32,18% do total de usuários da área) para o público jovem (Figura 3.10). Para os idosos, os destaques de frequência são as áreas 09 (19 ou 20,88% do total de usuários da área), 04 (34 ou 19,54% do total de usuários da área) (Figura 3.11) e a área 05 (59 ou 19,22% do total de usuários da área) que constituiu mancha etária devido a um uso pontual.

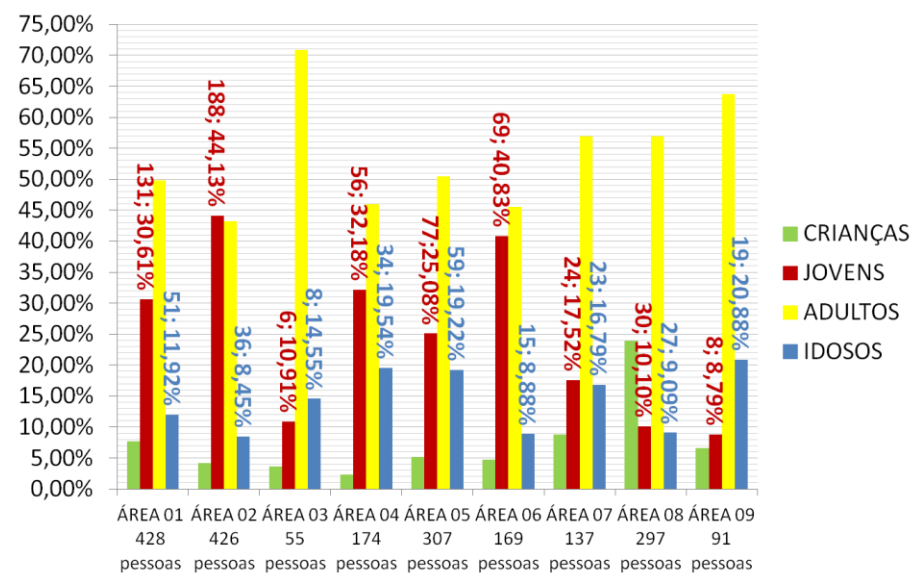
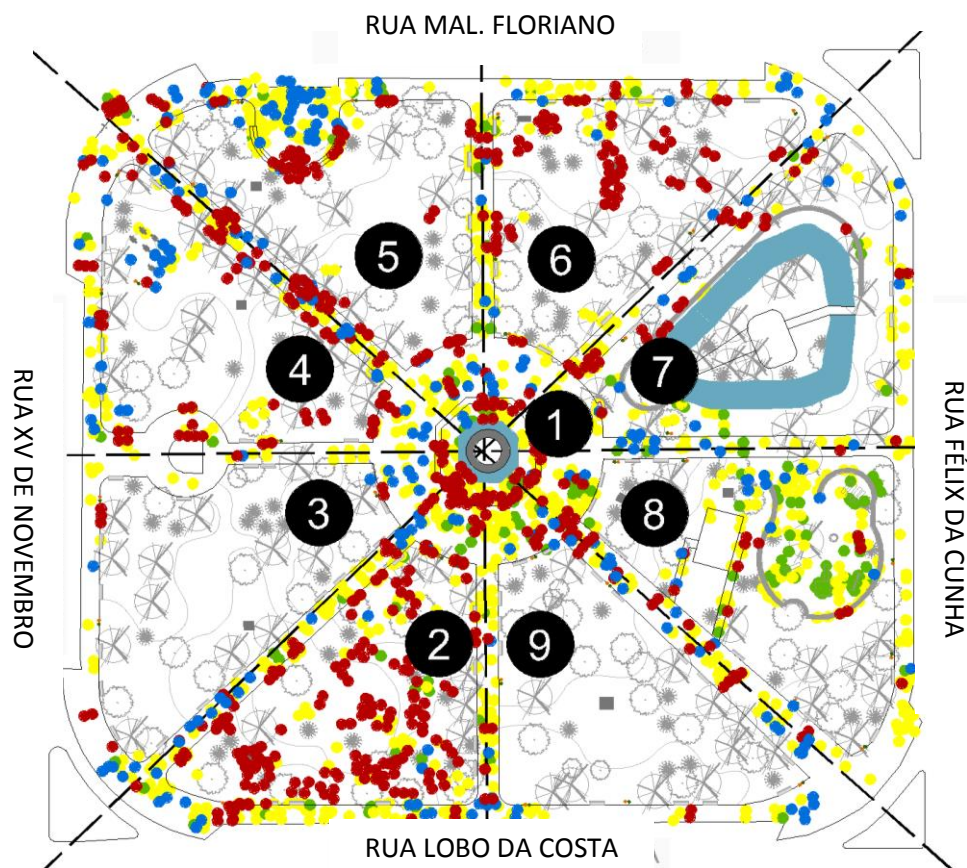


Figura 3.9 - Mapa síntese da praça (sobreposição dos 12 mapas) e gráfico com a frequência etária em cada uma de suas áreas. Fonte: autora, 2018



Figura 3.10 - Apropriação jovem na área 02 da praça. Tarde de 29 de julho. Fonte: autora, 2017.

Figura 3.11 - Idosos jogam xadrez na área 04. Tarde de 29 de julho. Fonte: autora, 2017.

A área 02 é a única em que jovens superaram adultos durante o levantamento, caracterizando seu microterritório social. Com a indicação de microterritórios etários jovem e idoso, foram definidos os dois objetos de estudo, nos quais são detalhados comportamento e percepção ambiental dos grupos a seguir.

3.2 ETAPA DOS ESTUDOS DE CASO

A seção se concentra em caracterizar as duas tipologias que representaram maior importância para a socialização de jovens e idosos – praça e calçadão.

3.2.1 Praça Coronel Pedro Osório

3.2.1.1 Levantamento Fotográfico do Entorno

O entorno da área 02 (microterritório jovem) é formado pelas ruas Lobo da Costa (Figura 3.12) e XV de Novembro (Figura 3.13).



Figura 3.12 - Entorno da praça. Perfil da Rua Lobo da Costa. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.13 - Entorno da praça. Perfil da Rua XV de Novembro. Fonte: autora, 2018.

Ao confrontar a praça, a Rua Lobo da Costa possui altos edifícios residenciais e casarões históricos como o Grande Hotel, atualmente sede do curso de hotelaria da

UFPel. Também há uma agência bancária, um restaurante e um bar que são normalmente frequentados por jovens. O largo do mercado fica no encontro das duas ruas, com acesso visual ao microterritório jovem, bares e restaurantes. Ele causa afunilamento da via carroçável antes de chegar na praça, diminuindo o fluxo e a velocidade dos veículos neste trecho. Na Rua XV de Novembro estão a Prefeitura e a Biblioteca Pública. Além disso, há um fliperama frequentado por adolescentes e dois acessos ao calçadão pelas travessas Conde de Piratini e Ismael Soares.

O entorno da área 06, segunda em importância para a ocupação jovem, é formado pelas Ruas Félix da Cunha (Figura 3.14) e Mal. Floriano (Figura 3.15).



Figura 3.14 - Entorno da praça. Perfil da Rua Félix da Cunha. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.15 - Entorno da praça. Perfil da Rua Mal. Floriano. Fonte: autora, 2018.

A Rua Félix da Cunha possui altos edifícios residenciais, museus e a Secretaria de Cultura. Na Rua Mal. Floriano está o Teatro Sete de Abril, que coincide com a localização da esplanada da praça. No trecho, o fluxo e a velocidade dos veículos são maiores devido ao asfaltamento e ao gabarito da faixa carroçável.

3.2.1.2 Acessos e equipamentos

Atualizando o levantamento de Barroso (2012), foi incluído o alargamento na esquina das Ruas Lobo da Costa e Félix da Cunha, que obriga os veículos a contornar a praça e excluída a rampa entre as Ruas XV de Novembro e Mal. Floriano. Além disso, foi incluída a ciclofaixa que tangencia a praça. O estudo considerou a Norma de Acessibilidade da ABNT de 2015 (que mantém parâmetros usados pela autora) para determinar rotas acessíveis (em vermelho na Figura 3.16).

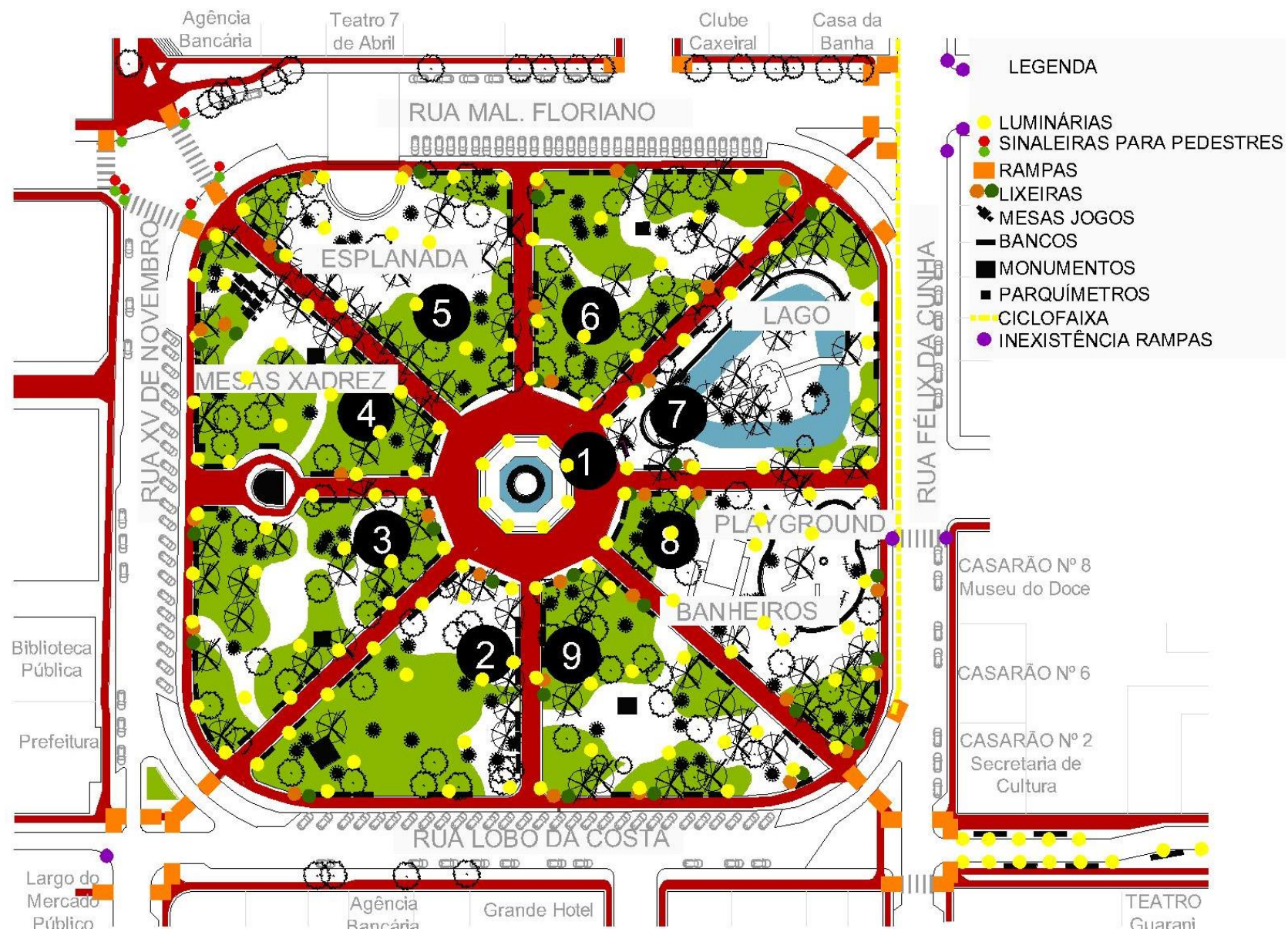


Figura 3.16 - Acessos e equipamentos urbanos. Fonte: autora, 2018, baseado em Barroso (2012)

O estudo respeitou a largura mínima de 1,20m para faixa livre, 0,45m junto ao comércio no alinhamento predial; 0,25m junto ao mobiliário urbano e 0,25m junto à entrada de edificações. Nos caminhos da praça, de largura igual a 5,00m, a faixa livre é de 4,00m. Nos caminhos externos, têm-se faixas livres de 1,50m e 2,00m. Um problema constatado é que, por vezes, as rampas não estão aos pares, dificultando a subida na calçada, especialmente considerando a altura elevada dos meio-fios, característica do centro da cidade. A pesquisadora presenciou um idoso cadeirante caindo ao usar a rampa de acesso à faixa de pedestres, na esquina das ruas XV de Novembro e Mal. Floriano. Ele tinha o auxílio de um acompanhante, mas a cadeira ficou presa no paralelepípedo (Figura 3.17), ressaltando a importância do modo como as rampas são executadas pois, para usuários com mobilidade reduzida, pequenos obstáculos representam grandes desafios. As luminárias e lixeiras, apesar da boa quantidade e distribuição, têm manutenção precária: as luminárias abrem facilmente, favorecendo o roubo de lâmpadas e as lixeiras estão corroídas e, por vezes, com as bases soltas, descaracterizando-as da função (Figura 3.18).



Figura 3.17 - Idoso cadeirante caindo ao usar a rampa. Manhã de 6 de fevereiro. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.18 - Lixeira com a base desprendida devido à ação da corrosão. Fonte: autora, 2017.

Os bancos estão em boas condições, à exceção de um na esquina das Ruas Mal. Floriano e Félix que está tombado. Há trechos do piso de ladrilhos hidráulicos com peças faltando, onde foi aplicado um piso cimentado; e trechos de transição do centro da praça aos acessos com desnivelamento devido a raízes de árvores.

3.2.1.3 Sessões de Observação

Ao todo, foram observadas 2.084 pessoas na Praça Cel. Pedro Osório: 170 (8,16%) crianças, 589 (28,26%) jovens, 1.053 (50,53%) adultos e 272 (13,05%) idosos. Para melhor entendimento da dinâmica etária na Praça Coronel Pedro Osório, têm-se, a seguir, a ocupação jovem (Figura 3.19).

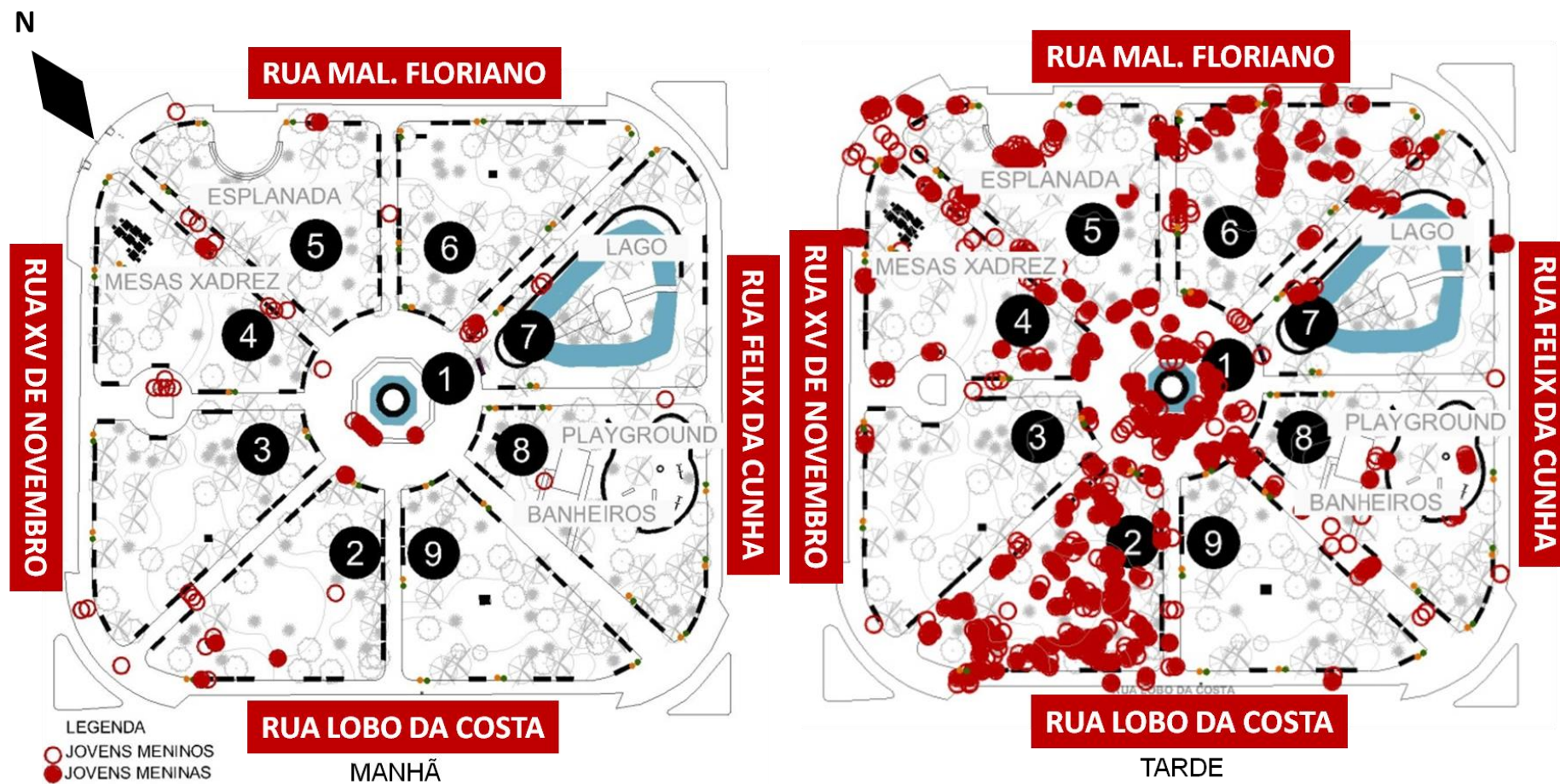


Figura 3.19 - Mapas comportamentais síntese de ocupação jovem das manhãs e tardes. Fonte: autora, 2018.

A maior parte da movimentação dos jovens ocorre no turno da tarde, quando toma forma de apropriação marcante em alguns espaços específicos. Pelas manhãs, são observados pequenos núcleos isolados de socialização jovem (áreas 02, 04, 05 e 07). São, em sua maioria, adolescentes caracterizados pelo estereótipo normalmente vinculado à marginalidade e a comportamentos antissociais como o uso de drogas. Talvez este seja um dos motivos pelo quais o isolamento seja buscado (Figura 3.20). As atividades jovens nas áreas 02 e 07 ocorrem em pequenos grupos ou individuais, com animais de estimação (Figura 3.21).



Figura 3.20 - Núcleo isolado de socialização jovem. Manhã de 24 de maio. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.21 - Jovem passeando com cachorro. Manhã de 4 de junho. Fonte: autora, 2016.

Os bancos mais ocupados pelos jovens durante as manhãs são os do eixo norte-sul, especialmente aqueles próximos às mesas de jogos. Na área 07 também há grupos recorrentes devido ao jogo para *smartphone* *PokémonGo*, que sobrepõe a realidade virtual à espacial. A área 07 e a área 03, em frente à Biblioteca, são pontos estratégicos para o jogo. Na área 01 também ocorrem núcleos de socialização de jovens mais velhos que usam o chafariz para encontro.

No período da tarde, a ocupação jovem é massiva e territorial, configurando manchas etárias bem definidas. Os núcleos de socialização não são isolados como no turno da manhã, mas simultâneos, o que os torna particularmente importantes para o estudo pois dão indícios de permeabilidade territorial (ALEXANDER et al., 1977). A área 02 se destaca pela relevância à ocupação jovem. Na região 06, os núcleos tendem a uma ocupação mais esparsa, resguardando maior espaço físico entre si. Nas áreas 04 (monumento), 05 (esplanada e canteiro) e 07 (banco no perímetro do lago) acontecem núcleos isolados. A ocupação dos bancos é equilibrada e frequente nas áreas 02, 04, 05, 06 e 07 e rara na área 08.

Dando prosseguimento, a Figura 3.22 mostra a ocupação idosa na praça.

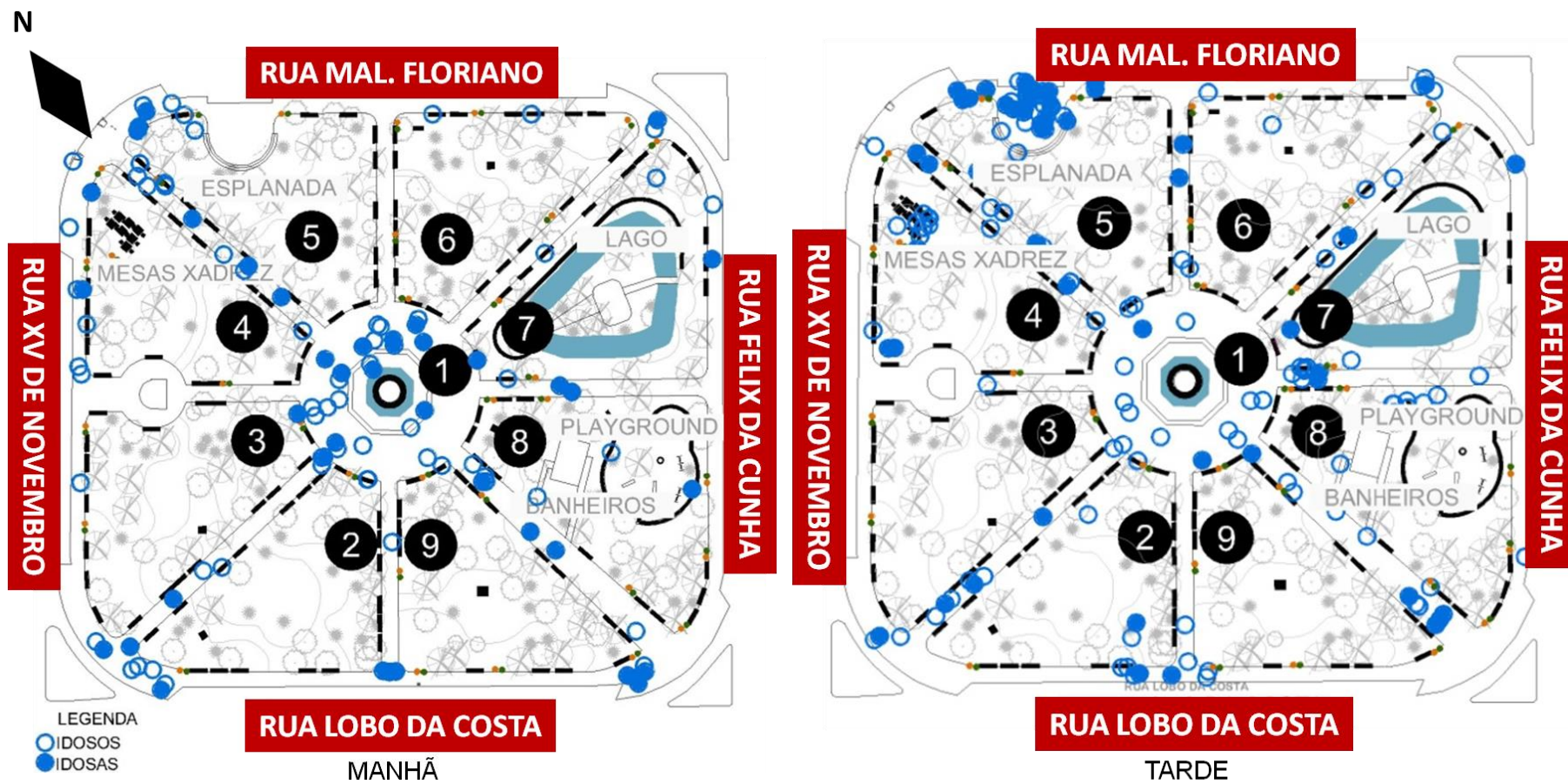


Figura 3.22 - Mapas comportamentais síntese de ocupação idosa as manhãs e tardes. Fonte: autora, 2018.

A circulação dos idosos é constante durante os dois turnos, mas configura apropriação esparsa por se tratar de fluxo. Pela manhã, a área central é destaque para o fluxo e socialização, especialmente em pares e casais (Figura 3.23). Também há visita guiada de turistas durante a Feira Nacional do Doce (Figura 3.24). Os bancos mais ocupados por idosos são os do eixo norte-sul, especialmente os próximos aos jogos, mas os bancos das áreas 02, 06 e 07 também são utilizados.



Figura 3.23 - Casal de idosos observa o chafariz. Manhã de 24 de maio de 2016. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.24 - Visita guiada turística. Manhã de 4 de junho de 2016. Fonte: autora, 2016.

Núcleos sociais maiores de idosos ocorrem à tarde, especialmente na periferia das áreas 02 e 06 (grupos intergeracionais), na área 04 (jogos) e na área 05 (eventos na esplanada). A ocupação dos bancos é menos frequente na área 08. Quanto aos dias da semana, há diferença na interação intergeracional. Durante os finais de semana, parte da interação resulta de núcleos familiares que aproveitam os dias de folga e normalmente é ativa, ou seja, ultrapassa a díade observacional e chega à atividade. Já a convivência intergeracional dos dias de semana tende a ocorrer em díades observacionais entre desconhecidos (Figura 3.25), mas essas díades podem evoluir para atividades (BRONFENBRENNER, 1979), ainda que não hajam laços familiares entre as partes, como o observado durante os jogos de xadrez (Figura 3.26). Nesse sentido, desafios de resolução de problemas demonstram uma atratividade intergeracional natural (KAPLAN et al., 2003).



Figura 3.25 - Convivência intergeracional típica dos dias de semana. Fonte: autora, 2017.

Figura 3.26 - Interação intergeracional nas mesas de xadrez. Fonte: autora, 2017

Considerando a praça como a tipologia de maior ocupação jovem, tem-se duas áreas contrastantes (1) de apropriação e (2) de rejeição jovem:

(1) APROPRIAÇÃO JOVEM: área 02 (jovens são 44,13% da ocupação total).

Configuração Espacial: O canteiro inicia na esquina das ruas Lobo da Costa e XV de Novembro, onde o tráfego de veículos é menor e mais lento devido a um afunilamento gerado pelo largo do Mercado Público. É delimitado por desnível e bancos, posicionados de costas para ele, de forma que o usuário senta observando o fluxo dos caminhos da praça. Pode ser dividido em: área central (espaçosa, aberta, ensolarada, com gramado uniforme, vegetação baixa e árvores que geram menos sombra) e área periférica (árvores de copa mais fechada e grama esparsa). A divisão espacial fica mais evidente pela diferenciação de usos descrita no item a seguir e gera uma configuração protetiva (LAYNE, 2009). Possui acesso visual aos edifícios do Mercado Público, Grande Hotel, Prefeitura e Biblioteca.

Atividades: do total de pessoas observadas, 4,23% (18) eram crianças, 44,13% (188) jovens, 43,19% (184) adultos e 8,45% (36) idosos. A maioria das atividades de jovens nesta área eram opcionais, de permanência, (88,83% ou 167 pessoas), sendo que apenas 11,17% (21 pessoas) dos jovens estava em atividades de fluxo e nenhum estava em atividades funcionais, relacionadas essencialmente a trabalho. Os jovens estavam majoritariamente acompanhados (91,49% ou 172 pessoas), seja em casais ou grupos maiores, sendo que apenas 8,51% (16 jovens) estavam sozinhos. Nota-se uma preferência de grupos maiores pela área central do espaço, enquanto casais sentavam próximo à vegetação baixa que, segundo Holland et al. (2007), confere a privacidade buscada pelos jovens, escondendo-os da visualização pela calçada (Figura 3.27). Entre os jovens, as meninas correspondiam a 57,98% (109) e meninos a 42,02% (79). Ambos preferiam o espaço central, onde desempenhavam diversas atividades, na maioria das vezes sentados na grama (104 ou 53,32%). A diversidade de atividades não previstas (*slackline*, piquenique, ler, deitar, brincar com o cachorro, violão, *frisbee*, etc) confere potencialidade ao espaço. Essa flexibilidade facilita o compartilhamento de funções territoriais em núcleos de convivência e as mudanças de uso que dão ritmo ao lugar e produzem permeabilidade. Os grupos de jovens possuíam identidades variadas e, por vezes, com especificidades fortes que, normalmente tenderiam a conflitos entre “tribos”, mas a convivência era pacífica, equilibrada e em núcleos muito próximos nos dias de uso mais intenso do espaço.



Figura 3.27 - Vegetação baixa confere privacidade a quem senta na grama. Fonte: autora, 2016.

A metade dos idosos estava em fluxo (18 ou 50%), 15 ou 41,67% em atividades opcionais e 3 ou 8,33% em atividades funcionais. Dos 33 idosos que não estavam em atividades funcionais, 18 ou 54,55% estavam acompanhados e 15 ou 45,45% sozinhos. Os dados refletem a permanência de idosos observando as atividades da área. Quanto a gênero, 61,11% (22) dos idosos na área eram homens e 38,89% (14) mulheres. A ocupação idosa e intergeracional ocorreu, em grande parte, na periferia, aumentando a divisão espacial. Atividades intergeracionais ocorreram essencialmente aos finais de semana (Figuras 3.28 e 3.29).



Figura 3.28 - Grama e sol contrastando com a faixa de terra e sombra. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.29 - Grupos intergeracionais em cadeiras de frente para o canteiro. Fonte: autora, 2016.

Diversas gerações posicionam cadeiras para visualizar as atividades no centro. Os bancos da praça, por vezes, ficam vazios, pois sua orientação permite a coexistência, mas dificulta a interação direta e a visualização do centro do canteiro.

Significado: O espaço não oferece formalmente atividades, mas é potencial, dá suporte à diversidade e ao significado de transgressão (SHAW; HUDSON, 2009): usos não previstos, ultrapassam limites do tradicional e do formal, que são típicos jovens e compõem o cenário urbano contemporâneo. Este tipo de ocupação na área é recente, talvez devido à universalização do acesso às universidades.

Para uma avaliação espacial preliminar, recorreu-se a dez fatores constituintes de cada *affordance* (CARMONA et al., 2003; LAYNE, 2009; KIM, 2012), adaptados ao estudo. Na Tabela 3.2, itens marcados com um “x” foram considerados presentes no local. A maioria dos itens foi avaliada conforme o levantamento observacional, mas algumas especificidades são apontadas na coluna da direita:

Fatores		Formas de avaliação
SEGURANÇA	Pessoas	x
	Monitoramento/ policiamento	x
	Proteção do sol e da chuva	Presença policial total na praça
	Manutenção	A área fica vazia durante períodos de chuva
	Iluminação artificial	Estado satisfatório do mobiliário urbano na área, grama aparada e limpeza
	Espaço aberto/ acesso visual	
	Configuração espacial protetiva	
	Delimitação física	
	Proximidade a ruas importantes	Desnível, bancos , árvores e grama.
	Marcos visuais	
ATIVIDADES	Diversidade	x
	Pessoas comendo	x
	Pessoas se divertindo	x
	Pessoas conversando	x
	Configuração espacial estimulante	Monumentos e chafariz (visual direta para o espaço)
	Pessoas observando	x
	Espaço ensolarado	Quantidade e heterogeneidade de pessoas e atividades
	Esportes/jogos	x
	Música	x
	Lojas/ cafeterias	Piquenique na grama, pipoca nos bancos
PERTENCIMENTO	Vegetação	x
	Agradabilidade da vista	x
	Lugar de encontro	x
	Familiaridade	x
	Configuração espacial relaxante	Jogos e música
	Elementos com água	
	Sombra	x
	Edifícios culturais	x
	Muitas cores	x
	Pessoas aprendendo	x
HABILIDADES	Pessoas de diferentes idades	x
	Cadeirantes/ carrinhos de bebê	
	Pavimentação	x
	Livre de barreiras ao deslocamento	
	Assentos acessíveis	x
	Superfícies niveladas	
	Caminhos amplos	x
	Rampas de acesso	x
	Pouco fluxo	x
	Suporte a jogos/ brincadeiras	x
ENGAJAMENTO	Pessoas conversando	x
	Pessoas sentadas	x
	Bancos que acomodam grupos	
	Tranquilidade	x
	Privacidade	x
	Casais	x
	Interação sem distração	x
	Pessoas contemplando	x
	Refúgios	x
	Mesas	

Tabela 3.2 - Fatores considerados na avaliação da área 02 da praça através das *affordances*. Fonte: autora, 2018.

Segurança tem mais indicadores. Engajamento, Pertencimento (relacionado à identidade) e Atividades vêm logo em seguida. A maior deficiência é no suporte a habilidades por se tratar de um canteiro, onde a acessibilidade é prejudicada.

(2) REJEIÇÃO JOVEM: área 08 (jovens são 10,10% da ocupação total)³⁹.

Configuração Espacial: Localizado na esquina das Ruas Lobo da Costa e Félix da Cunha. Como a última é uma das principais vias da cidade, o tráfego de veículos é maior e mais rápido. O canteiro é delimitado por desnível e bancos dispostos essencialmente na área sul. É dividido em dois usos principais: banheiros e *playground*. A disposição das atividades faz com que no *playground* não haja acesso visual ao chafariz ou ao restante da praça. Assim, o *playground* fica isolado dos espaços frequentados por outros grupos etários. À exceção do *playground*, que é área aberta, o canteiro possui árvores de copa fechada e pouca grama, sendo uma das áreas de mais sombra da praça. Sua configuração é protetiva (LAYNE, 2009) e tem acesso visual ao Museu do Doce e à Secretaria de Cultura.

Atividades, Situações e Eventos: das pessoas observadas 23,91% (71) eram crianças, 10,10% (30) jovens, 56,90% (169) adultos e 9,09% (27) idosos. A maioria dos jovens estava em fluxo (21 ou 70%) e apenas 9 jovens (30%) estavam em permanência. Nestes números foram considerados os caminhos e os bancos nele localizados. Assim, até mesmo a circulação jovem na área não é significativa.

Similarmente à área 02, os jovens estavam majoritariamente acompanhados (23 ou 76,67%), seja em casais ou grupos, e apenas 23,33% (7 jovens) estavam sozinhos. A porcentagem de jovens sozinhos é bem mais expressiva. Há preferência dos pequenos grupos de jovens pela área central, por vezes utilizando os balanços do *playground* como assento, ou o banco que delimita o perímetro. Durante a observação, nenhum jovem utilizou os bancos posicionados nos caminhos.

Com relação ao gênero, meninas representaram 43,33% (13) e meninos 56,67% (17) do grupo jovem. Das atividades da área, 21,55% (64 pessoas de todas as idades) eram brincadeiras no *playground*. Algumas atividades comerciais como venda de pipoca e algodão doce também ocorreram nas imediações do *playground*.

³⁹ Embora a área 09 tenha apresentado a menor ocupação jovem (8,79% da ocupação total da área), ela (e a área 03) foi descartada da avaliação por estar fechada ao público durante a coleta de dados.

A maior parte dos idosos na área estava em fluxo (12 ou 44,44%), 29,63% (8) estavam em atividades funcionais (venda de pipoca, algodão doce ou foto em cavalinhos), e 25,93% (7) em atividades opcionais. Dos 19 idosos que não estavam em atividades funcionais, 47,37% (9) estavam sozinhos e 52,63% (10) acompanhados. A divisão de gênero é desequilibrada, 74,07% (20) eram homens e 25,93% (7) mulheres. Assim como na área 02, ocupação idosa ocorria na periferia.

Significado: O espaço se divide em banheiros e *playground*, tem caráter de estrutura funcional da praça e de lazer, mas há limitação ao significado da funcionalidade. O tipo e a distribuição dos brinquedos seguem uma fórmula pronta: balanço + gangorra + escorregador + roda e geram comportamentos iguais, na maior parte do tempo. As crianças, seu público alvo, tendem a percorrer o circuito, permanecendo mais ou menos em cada equipamento, mas restritas às atividades por eles oferecidas. Atividades lúdicas e outros tipos de brincadeiras foram raras durante as observações. A padronização faz com que o significado lúdico se perca em vias de funcionalidade. Com a standardização, o *playground* deixou de ser:

“um catalisador da ligação entre as pessoas de uma determinada comunidade e deixou de conter elementos de design bem executados, complexos e atrativos; acresce ainda, a falta de exploração individual e coletiva, socialização, negociação, fantasia e o improviso, que são importantes para o desenvolvimento saudável da criança.” (GOMES, 2016).

Este aspecto afeta a intergeracionalidade, pois elementos criativos podem desencadear comportamentos inesperados, atraindo heterogeneidade de usuários. Uma avaliação espacial usou os mesmos critérios da área 02 (Tabela 3.3):

Fatores		Fatores		Fatores	
SEGURANÇA	Pessoas	x	ATIVIDADES	Diversidade	
	Monitoramento/ policiamento	x		Pessoas comendo	x
	Proteção do sol e da chuva			Pessoas se divertindo	x
	Manutenção	x		Pessoas conversando	x
	Iluminação artificial	x		Configuração espacial estimulante	
	Espaço aberto/ acesso visual			Pessoas observando	x
	Configuração espacial protetiva	x		Espaço ensolarado	
	Delimitação física	x		Esportes/jogos	x
	Proximidade a ruas importantes	x		Música	
	Marcos visuais	x		Lojas/ cafeterias	
HABILIDADES	Pessoas de diferentes idades	x	ENGAJAMENTO	Pessoas conversando	x
	Cadeirantes/ carrinhos de bebê	x		Pessoas sentadas	x
	Pavimentação	x		Bancos que acomodam grupos	x
	Livre de barreiras			Tranquilidade	x
	Assentos acessíveis	x		Privacidade	x
	Superfícies niveladas			Casais	x
	Caminhos amplos	x		Interação sem distração	x
	Rampas de acesso	x		Pessoas contemplando	x
	Pouco fluxo	x		Refúgios	
	Suporte a jogos/ brincadeiras	x		Mesas	
PERTENCIMENTO			PERTENCIMENTO	Vegetação	x
				Agradabilidade da vista	x
				Lugar de encontro	x
				Familiaridade	x
				Configuração relaxante	
				Elementos com água	
				Sombra	x
				Edifícios culturais	x
				Muitas cores	x
				Pessoas aprendendo	x

Tabela 3.3 - Fatores considerados na avaliação da área 08 da praça através das *affordances*. Fonte: autora, 2018.

Há equilíbrio entre as *affordances*. Atividades é a mais deficiente, retratando usos fixos que não estimulam outras atividades. Houve um decréscimo da segurança, em relação à área 02 devido a elementos que impedem a visualização total do espaço. Isto pode explicar a menor presença de mulheres idosas (HE, 2005). Na próxima subseção, são discutidos os resultados da avaliação perceptiva dos usuários sobre a praça, através dos questionários.

3.2.1.4 Questionários

Foram aplicados 30 questionários⁴⁰ a jovens na praça: 8 meninas e 7 meninos de 15 a 19 anos (faixa etária 1)⁴¹, 7 meninas e 8 meninos de 20 a 24 anos (faixa 2). Nenhum deles tinha limitação física. Dos 30 idosos, eram: 8 mulheres e 12 homens de 60 a 79 anos (faixa 3), 4 idosas e 6 idosos com mais de 80 anos (faixa 4). A baixa presença de longevos limitou a amostra da faixa 4. Três idosos (10%) tinham limitação auditiva, dois (6,7%) de mobilidade e um (3,3%) de mobilidade e auditiva.

A primeira parte do questionário se dedicava a conhecer mais sobre os respondentes, seus hábitos e posicionamento quanto às relações intergeracionais.

Questão 1: Você mora em Pelotas há quanto tempo? Dos 30 jovens, 10 (33,33%) moravam de 1 a 5 anos na cidade, 8 (26,7%) sempre moraram, 5 (16,7%) há menos de um ano, 4 (13,33%) há mais de 5 anos e 3 (10%) não moravam em Pelotas. Dos não moradores de Pelotas, 2 eram do Capão do Leão⁴² e 1 de Santa Maria⁴³. Quanto aos idosos, 12 (40%) sempre moraram na cidade, 9 (30%) não moravam e 9 (30%) moravam há mais de 5 anos. Não há diferença significativa entre os grupos ($U=394,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,397$). A maioria da faixa etária 1 e da faixa 4 sempre morou em Pelotas (7 ou 11,7%; e 8 ou 13,3% do total de respondentes da praça). A faixa 2 (8 ou 13,3%), tende a morar na cidade de 1 a 5 anos e a faixa 3 não mora na cidade (8 ou 13,3%) ou mora há mais de 5 anos (8 ou 13,3%). Caracteriza-se a extensão do uso da praça aos municípios vizinhos e uma população jovem adulta intermitente⁴⁴.

⁴⁰ No arquivo digital que acompanha a dissertação estão os dados resultantes da coleta. No caso dos questionários, os registros contam com fotos, audios das aplicações e transcrições.

⁴¹ Por razões éticas, foram considerados apenas os respondentes a partir de 18 anos incompletos.

⁴² O município era um bairro de Pelotas, emancipado 1982. Fica distante 17Km da cidade.

⁴³ O município se localiza a aproximadamente 293Km de Pelotas e também é um pólo universitário.

⁴⁴ Talvez por Pelotas ser uma cidade universitária que atrai jovens de diversas partes do país.

Questão 2: Qual é a frequência com que você vem à praça? A maioria dos jovens tem frequência média (1 a 2 vezes/ semana) (56,67%). Os idosos apontam frequência alta (3 ou mais vezes/ semana) (36,67%) e média (33,33%) (Figura 3.30).

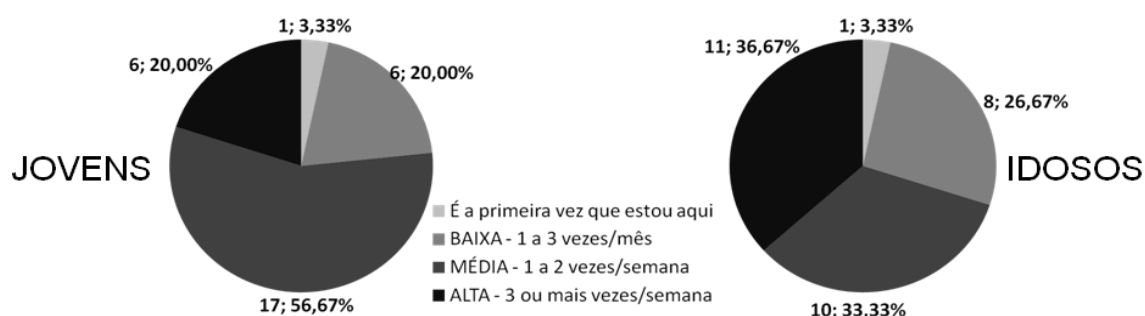


Figura 3.30 - Frequência de uso da praça. Fonte: autora, 2018.

Não há diferença significativa entre os grupos quanto à frequência de uso ($U=415,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,585$), ambos tendem à média-alta, favorecendo a coexistência no espaço. Não há relações significativas entre o tempo que jovens ($Square=12,718$, $DF=12$, $P\text{-value}=0,390$) ou idosos ($Square=9,561$, $DF=6$, $P\text{-value}=0,144$) moram na cidade e sua frequência de uso. Assim, há inserção da praça na rotina dos usuários mesmo quando estes não são da cidade.

Questão 3: Quais dias você mais frequenta a praça? Os jovens se dividem entre: dias de semana e finais de semana (46,7%); dias de semana (43,3%). A maioria dos idosos (73,3%) frequenta a praça nos dias de semana (Figura 3.31).

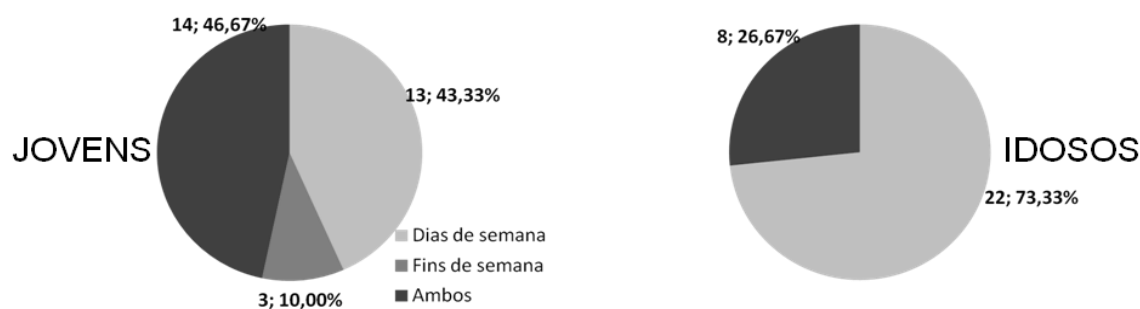


Figura 3.31 - Dias preferidos de uso da praça. Fonte: autora, 2018.

Há diferença estatística entre jovens e idosos quanto aos dias preferidos ($U=327,000$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,036$). As maiores oportunidades de encontro eventual entre os grupos na praça ocorrem nos dias de semana, embora a convivência intergeracional ativa seja mais perceptível durante os finais de semana.

Há uma relação estatística significativa entre o tempo que os jovens moram na cidade e os dias em que frequentam a praça ($Square=17,922$, $DF=8$, $P\text{-value}=0,022$). A tendência é de que os que sempre moraram na cidade frequentem a praça todos os dias (5 jovens ou 16,7%), enquanto jovens que moram na cidade entre 1 e 5 anos

preferam os dias de semana (6 jovens ou 20,0%), o que pode indicar que os jovens que moram na cidade de 1 a 5 anos representam uma parcela envolvida com atividades de estudo e trabalho que geram visita à praça. Como Pelotas é uma cidade universitária, parte dos habitantes jovens são originários de outras cidades e constituem população flutuante em períodos escolares. Quanto aos idosos, a relação não foi confirmada (Square=2,585, DF=2, P-value=0,275).

Questão 4: Em qual turno você mais frequenta a praça? Jovens (29 ou 96,7%) e idosos (24 ou 80%) preferem o turno da tarde. Apenas 1 (3,3%) jovem e 5 (16,7%) idosos preferem a manhã e 1 idoso (3,3%) respondeu ambos. Assim, não há diferença significativa entre os grupos (U=404,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,227), caracterizando o turno da tarde como o mais provável para encontro.

Questão 5: Normalmente, você vem sozinho ou acompanhado? A maioria dos jovens (27 ou 90%) vai acompanhada, 2 (6,7%) vão sozinhos e 1 (3,33%) não respondeu porque era sua primeira vez lá. Os idosos vão sozinhos (17 ou 56,7%) ou acompanhados (13 ou 43,3%). Há diferença estatística entre os grupos (U=218,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,000). A Tabela 3.4 apresenta os motivos para ir sozinho ou acompanhado agrupados em categorias e sua frequência nos discursos.

5.1. Motivos*	Jovens		Idosos	
	Sozinho	Acompanhado	Sozinho	Acompanhado
Conversar	-	10 (30,3%)	-	1 (3,33%)
Ponto de encontro de amigos	-	5 (15,5%)	1 (3,33%)	-
Tem medo de vir sozinho / Insegurança	-	3 (9,09%)	-	-
Quanto mais gente melhor, dá pra fazer mais coisas	-	3 (9,09%)	-	-
Descansar	1 (3,03%)	-	-	-
Tomar mate	-	3 (9,09%)	-	-
Vem com colegas de escola/ faculdade	-	2 (6,06%)	-	-
Gosta da praça pra ficar sentado, silêncio	1 (3,03%)	-	-	-
Área verde	-	2 (6,06%)	-	-
Relaxar	-	1 (3,03%)	-	-
Vem com a família dar uma volta	-	1 (3,03%)	-	-
Sempre com o cachorro e às vezes, com amigos	-	1 (3,03%)	-	-
Viúvo (a) / Mora sozinho (a)	-	-	4 (13,33%)	-
Vem usar comércio/ serviços	-	-	3 (10%)	1 (3,33%)
Para se distrair/ passar o tempo	-	-	2 (6,67%)	-
Ida ou volta do trabalho	-	-	2 (6,67%)	-
Gosta de andar sozinho (a)	-	-	2 (6,67%)	-
Esposa trabalha	-	-	1 (3,33%)	-
Fazer caminhada	-	-	1 (3,33%)	-
Ver o movimento	-	-	1 (3,33%)	-
Vem com marido/ esposa	-	-	-	3 (10%)
Necessita de ajuda para caminhar	-	-	-	2 (6,67%)
Trazer os netos para passear	-	-	-	2 (6,67%)
Acompanhar a patroa idosa	-	-	-	1 (3,33%)
A filha a traz de carro	-	-	-	1 (3,33%)
Conhecer a praça e os casarões com a amiga	-	-	-	1 (3,33%)
Amigos vêm jogar xadrez	-	-	-	1 (3,33%)

*A pergunta 5.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.4- Motivos para jovens e idosos irem sozinhos ou acompanhados à praça. Fonte: autora, 2018.

As respostas afirmam a praça como espaço social jovem e seu potencial para atividades em grupo, mas também apontam certa insegurança. Há relação entre a escolha por ir sozinho ou acompanhado à praça e o motivo da preferência para jovens (Square=29,000, DF=11, P-value=0,002). Os que vão acompanhados tendem a ter o objetivo de conversar (8 ou 27,6%) ou encontrar mais amigos em um ponto de encontro (5 ou 17,2%). A praça assume o papel de distração solitária para idosos viúvos e para os que preferem estar sozinhos para ver o movimento e caminhar. Há relação estatística entre a escolha por ir sozinho ou acompanhado à praça e o motivo para idosos (Square=26,946, DF=16, P-value=0,042): aqueles que vão sozinhos moram sozinhos, são viúvos (4 ou 13,3%) ou usam o comércio (3 ou 10%).

Não há diferença estatística entre os grupos (U=319,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,053). Para idosos, há relação entre a frequência da ida à praça e o motivo para irem sozinhos ou acompanhados (Square=72,392, DF=48, P-value=0,013). Idosos com baixa frequência tendem a passar pela praça para utilizar comércio ou serviços (2 ou 6,7%) ou acompanhar netos (2 ou 6,7%), ou seja, atividades funcionais ou sem apelo de necessidade individual. Idosos sozinhos ou viúvos (3 ou 10%) ou que frequentam a praça acompanhados do(a) parceiro(a) (2 ou 6,7%) tendem à frequência média. Idosos com frequência alta vão sozinhos para se distrair (2 ou 6,7%), por gostar de andar sozinhos (2 ou 6,7%) ou ser caminho do trabalho (2 ou 6,7%); ou acompanhados pela dificuldade de locomoção (2 ou 6,7%).

Questão 6: Você mora a quantas quadras de distância daqui? Metade dos jovens (15 ou 50% do grupo etário) e a maioria dos idosos (22 ou 73,3%) mora a mais de 10 quadras da praça (Figura 3.32). Não há diferença estatística significativa entre eles nessa questão (U=357,000, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,114).

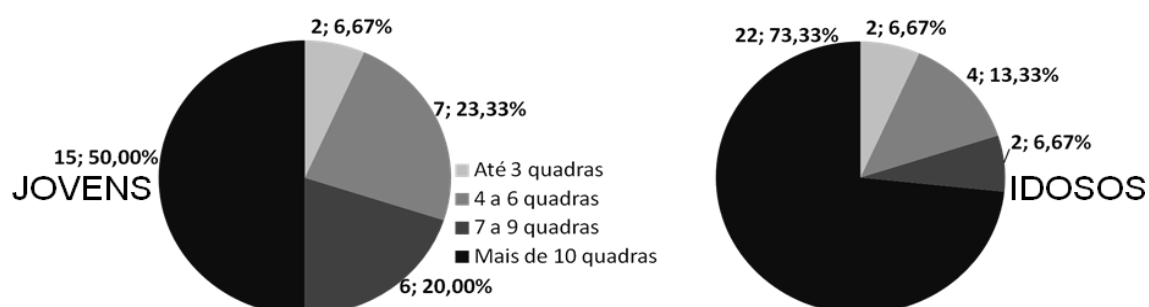


Figura 3.32 - Distância da moradia dos respondentes à praça. Fonte: autora, 2018.

Os dados retratam a capacidade de atração da praça a residentes de áreas mais afastadas e caracterizam uma amostra jovem com tendência a morar mais afastada do centro, seguindo os dados do IBGE (2010) (Figuras 2.4 e 2.5).

Não foram encontradas relações entre a frequência do uso e a distância que moram da praça para jovens (Square=8,331, DF=9, P-value=0,501) ou idosos (Square=8,496, DF=9, P-value=0,485). Assim, não há indícios de interferência significativa do trajeto na frequência de uso, contrariando a ideia de que apenas moradores próximos das áreas verdes (2 ou 3 quadras) as disfrutam plenamente, pois a consciência da necessidade desse relaxamento pode diminuir com o aumento dos trajetos (ALEXANDER et al.,1977). Entretanto, há relação entre o motivo por ir à praça sozinho ou acompanhado e a distância da casa do usuário para jovens (Square=57,195, DF=33, P-value=0,006) e idosos (Square=70,227, DF=48, P-value=0,020): os que fazem um trajeto maior até a praça tendem a buscar socialização (7 ou 23,3%), em grupos (3 ou 10%), fortalecendo sua função social. Idosos que moram a menos de 3 quadras necessitam ajuda para deslocamento⁴⁵ (2 ou 6,7%) e os que moram mais distante visam o comércio (4 ou 13,3%) ou vão junto com o(a) companheiro(a) (3 ou 10%), em atividades complementares e funcionais.

Questão 7: Como você chega aqui? Jovens (21 ou 70%) tendem a ir a pé e os idosos de ônibus (14 ou 46,7%) ou a pé (11 ou 36,7%). Há diferença estatística entre eles (U=277,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,005) (Figura 3.33): jovens caminham e usam transportes ativos (skate e bicicleta) e idosos utilizam mais ônibus, o que pode diminuir as chances de encontros eventuais durante os trajetos.

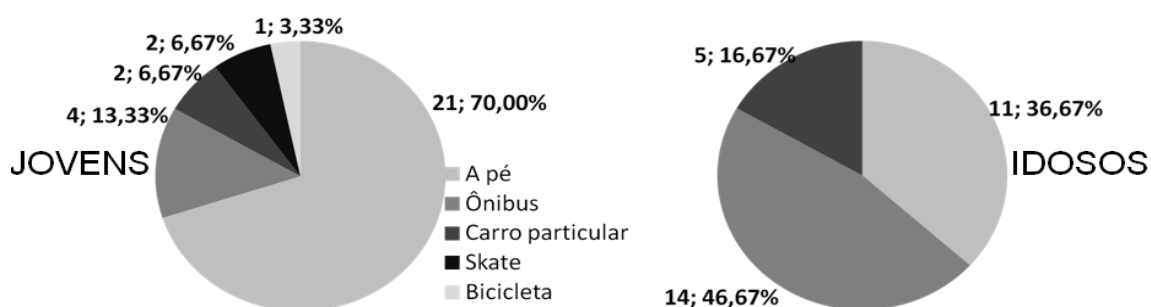


Figura 3.33 - Meios de chegar à praça. Fonte: autora, 2018.

Não há relação estatística entre ir à praça sozinho ou acompanhado e o modo como os usuários chegam lá para os jovens (Square=2,524, DF=4, P-value=0,640). Para idosos, a relação existe (Square=8,025, DF=2, P-value=0,018): aqueles que vão sozinhos à praça tendem a ir de ônibus (9 ou 30%) ou a pé (8 ou 26,7%) e os acompanhados vão de ônibus (5 ou 16,7%) ou de carro (5 ou 16,7%). Além disso, para eles, há relação entre o motivo por ir à praça sozinho ou acompanhado e o modo como

⁴⁵ Estes respondentes estavam acompanhados de cuidadores.

chegam lá (Square=48,484, DF=32, P-value=0,031). A tendência é que os que moram sozinhos ou são viúvos vão a pé (4 ou 13,3%) enquanto os que usam o comércio vão de ônibus (3 ou 10%). A caminhada é mais importante para idosos sozinhos, possivelmente visando inserção, distração ou realizar tarefas no trajeto.

Para os jovens, não há relação entre a distância da sua casa à praça e o tipo de transporte utilizado (Square=8,895, DF=12, P-value=0,712). Para os idosos, a relação existe (Square=16,165, DF=6, P-value=0,013): todos os respondentes que moram a mais de 10 quadras do espaço utilizam ônibus (14 ou 46,7%).

Por não se referirem especificamente a um dos estudos de caso, as questões de 8 a 11, 13, 14 e 24 são analisadas posteriormente, considerando a amostra total.

Questão 12: Qual é, normalmente, seu principal objetivo quando você vem aqui? Todos os participantes responderam à questão, produzindo 100% de respostas válidas. Na Tabela 3.5, as motivações que os levam à praça.

12. Objetivo	Jovens	Idosos	Objetivo	Jovens	Idosos
Conversar com amigos	16 (53,3%)	5 (16,7%)	Sentar na grama	1 (3,33%)	-
Passar o tempo / Esperar ônibus ou pessoas	5 (16,7%)	6 (20%)	Acompanhar alguém de outra faixa etária	-	2 (6,7%)
Trazer animal de estimação	3 (10,0%)	-	Praticar caminhada / Corrida	-	2 (6,7%)
Descansar	2 (6,7%)	4 (13,3%)	Acompanhar alguém da sua faixa etária	-	1 (3,33%)
Ver o movimento	1 (3,33%)	7 (23,3%)	Cortar caminho p/ outro lugar	-	1 (3,33%)
Participar de aulas de dança	1 (3,33%)	-	Conhecer Pelotas (história...)	-	1 (3,33%)
Slackline	1 (3,33%)	-	Jogar xadrez com os amigos	-	1 (3,33%)

Tabela 3.5 - Objetivos que levam jovens e idosos usuários à praça. Fonte: autora, 2018.

A socialização, novamente, é a atividade principal para jovens, mas atividades como passar o tempo e descansar entre aulas ou períodos de trabalho, passear com o cachorro, ver o movimento, sentar na grama e atividades físicas como a prática de *slackline* e aulas de dança também são citadas. Estas atividades demonstram o potencial da área para adaptar-se a ocupações transgressoras (SHAW; HUDSON, 2009). Para os idosos, a importância maior é dada a ver o movimento, atividade que pode ocorrer de forma solitária, mas que, neste estudo, se destaca pelo favorecimento da inserção social passiva. Os idosos com frequência média-alta na praça tendem a ir ver o movimento (7 ou 23,3%) ou conversar com amigos (5 ou 16,7%) (Square=56,670, DF=33, P-value=0,006), sinalizando a relevância dessas atividades como atradoras e catalisadoras de rotina. A praça é lugar para observar a heterogeneidade da vida urbana e acontecimentos sociais (HANNES, 2016). Nesse sentido, há indícios de que as mudanças de ambiências nessa tipologia sejam percebidas pelos usuários, permitindo socialização com certa intimidade, destaque para os jovens, e atividades

ligadas à vivacidade urbana, valorizadas pelos idosos. O cenário retrata permeabilidade entre territórios, adequada a espaços intergeracionais e destaca modos de vivenciação urbana distintos entre os grupos.

A força da função social da praça para jovens aparece novamente ao passo que, aqueles que moram mais distantes, tendem a ter como objetivo principal conversar com amigos (11 ou 36,7%) (Square=36,710, DF=21, P-value=0,018). Também há sinalização de que a socialização jovem na praça, por vezes, seja uma extensão de outros meios sociais, pois há relações estatisticamente significativas entre a forma com que os jovens vão à praça e os principais motivos para frequentá-la (Square=50,875, DF=28, P-value=0,005). A tendência é que jovens que vão à praça conversar façam o trajeto à pé (10 ou 33,3%) e já acompanhados.

A relação estatística significativa entre o grau de agradabilidade que a convivência intergeracional assume e os motivos para frequentar a praça para jovens (Square=34,294, DF=21, P-value=0,034) mostra que aqueles que vão à praça para conversar com amigos tendem a considerar a convivência intergeracional “agradável” (10 ou 33,3%) ou “muito agradável” (4 ou 13,3%). Também há relações significativas entre o grau de concordância em querer mais oportunidades de convivência com idosos e os principais motivos para frequentar a praça para os jovens (Square=31,587, DF=14, P-value=0,005). Os jovens que vão à praça para conversar com amigos tendem a “concordar” em querer mais oportunidades (15 ou 50%). Assim, jovens participantes de núcleos sociais etários em espaços urbanos podem ser mais abertos à convivência intergeracional nestes lugares, produzindo permeabilidade entre territórios. Pela Teoria do Contato Intergrupo (PETTIGREW, 1998), grupos sociais desenvolvem uma identidade coletiva que delinea o pertencimento e a aproximação de pessoas “de fora” pode diminuir preconceitos com o grupo todo. Participar de atividades de socialização urbanas pode trazer inserção no contexto intergeracional com naturalidade. A dinâmica se equipara a um mosaico de subculturas (ALEXANDER et al., 1977) (ver página 45). Para os idosos, há relação entre o grau de concordância em querer oportunidades de convivência com jovens e os principais motivos para frequentar a praça (Square=50,107, DF=33, P-value=0,029): os que vão à praça passar um tempo tendem a “concordar” em querer mais oportunidades (5 ou 16,7%).

Questão 15: Você já deixou de frequentar alguma área da praça por causa da sua idade? A maioria dos jovens (23 ou 79,31%) e idosos (25 ou 83,33%) não aponta restrição. As áreas apontadas como restritivas foram (Figura 3.34):

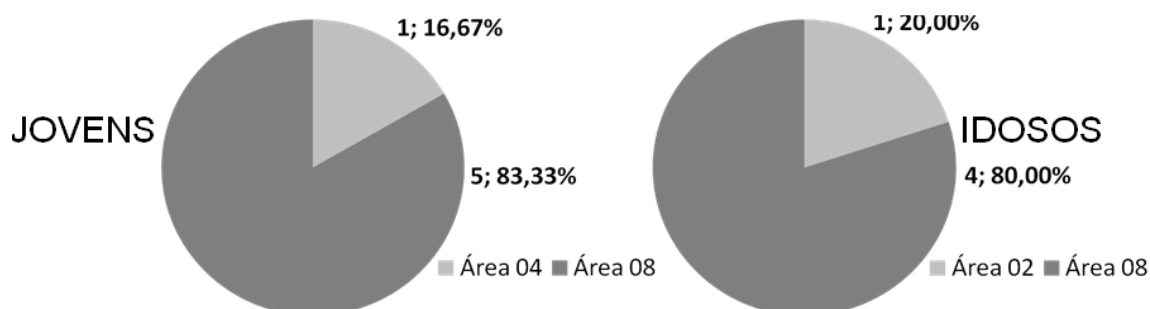


Figura 3.34 - Área evitada na praça devido à idade do respondente. Fonte: autora, 2018.

A limitação etária na área 08 apareceu no discurso dos jovens (Apêndices D e E) pelo *playground* ser destinado a crianças, sinalizando perda de flexibilidade e da função como fomentador de socialização e proximidade geracional (GOMES, 2016).

Questão 16: Você já deixou de frequentar alguma área da praça por causa da idade das pessoas que normalmente estão por lá? A maioria de jovens (25 ou 86,21%) e idosos (29 ou 96,67%) não aponta restrição. Apenas 4 jovens (13,79%) e 1 idoso (3,33%) sinalizaram afirmativamente. Há relatos de que, ainda que encontrar pessoas de outras idades não seja o objetivo, não há restrição (Apêndice E), destacando núcleos etários no contexto intergeracional:

“RESPONDENTE 42: Eu procuro geralmente pessoas da minha idade... mas não é uma coisa que me incomoda” (JM, 22)⁴⁶.

Considerando somente os participantes que responderam afirmativamente, jovens e idosos apontaram as áreas conforme a Figura 3.35:

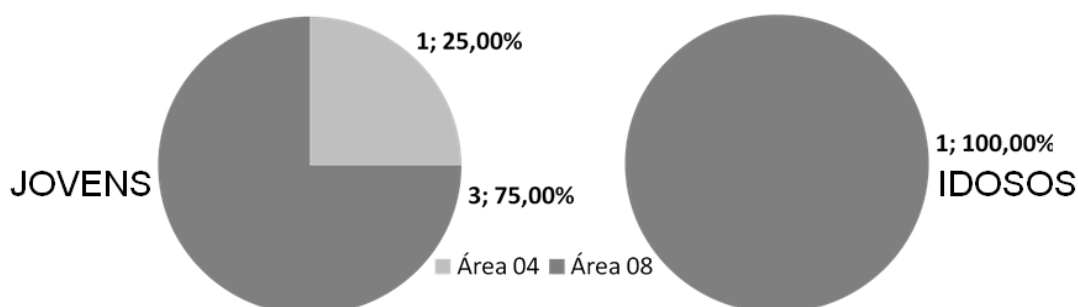


Figura 3.35 - Área evitada na praça devido à idade dos usuários. Fonte: autora, 2018.

Jovens relataram que, às vezes, evitam áreas infantis devido ao tabagismo. Os dados mostram que as áreas utilizadas por um grupo não são evitadas pelo outro devido à idade dos usuários.

⁴⁶ Identificação adotada neste estudo: JM, 22 – Jovem do sexo masculino, 22 anos.

Questão 17: Qual é a melhor área da praça para passar um tempo com um amigo? A maioria jovem apontou a área 02 e idosa, a 01 (Figura 3.36):

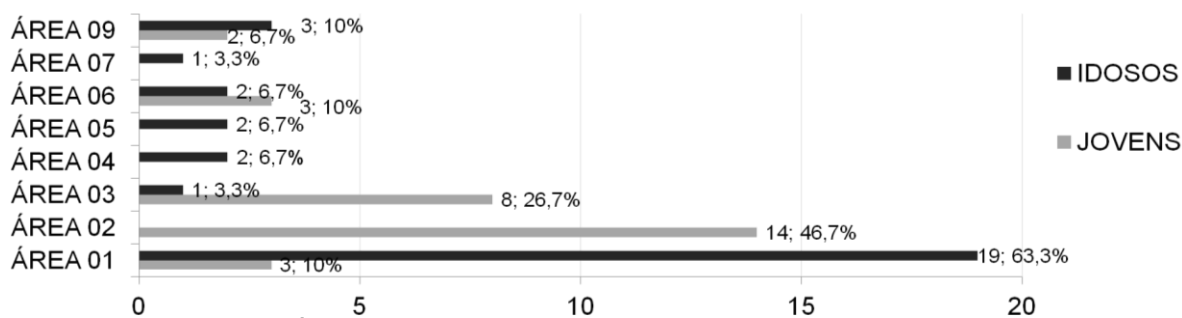


Figura 3.36 - Área preferida na praça por jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Os dados destacam a área 02 para o lazer jovem e também incluem as áreas 03 e 09, fechadas durante as observações. Há diferença significativa entre os grupos ($U=317,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,043$): jovens escolhem seu microterritório e idosos preferem o local de maior fluxo. Todos os respondentes apontaram motivos. A Tabela 3.6 mostra sua frequência no discurso dos usuários.

17.1 Motivos* RESPONSIVO	ÁREA 1		ÁREA 2	ÁREA 3		ÁREA 6	
	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Movimento / Agrupamento / gente	1 (2,22%)	2 (6,9%)	-	3 (6,67%)	-	-	1 (3,45%)
Chafariz	1 (2,22%)	2 (6,9%)	2 (4,44%)	-	-	-	-
Vegetação / Árvores	1 (2,22%)	-	-	1 (2,22%)	-	-	-
Prédios / Vista casarões / Mercado	-	-	2 (4,44%)	4 (8,89%)	-	-	-
Sombra	-	5 (17.2%)	2 (4,44%)	-	-	-	-
Mais gente da mesma idade	-	-	1 (2,22%)	-	-	-	-
Sol	-	-	-	1 (2,22%)	-	-	-
INFERENCIAL							
Calmo / Sossegado/ Tranquilidade	1 (2,22%)	-	2 (4,44%)	1 (2,22%)	1 (3,45%)	3 (6,67%)	-
Vista Interessante / bonita	1 (2,22%)	2 (6,9%)	-	-	-	-	-
Segurança	-	-	2 (4,44%)	1 (2,22%)	-	-	-
Atrativo	-	-	1 (2,22%)	-	-	-	-
Agradável / É bom / Se sente bem	-	3 (10,3%)	1 (2,22%)	-	-	-	-
Liberdade	-	-	1 (2,22%)	-	-	-	-
OPERACIONAL							
Ponto de encontro / amigos	1 (2,22%)	2 (6,9%)	2 (4,44%)	-	-	-	-
Grama / sentar na grama	-	-	3 (6,67%)	1 (2,22%)	-	1 (2,22%)	-
Várias atividades / fazer o que quiser	-	-	2 (4,44%)	-	-	-	-
“Praia pelotense”	-	-	1 (2,22%)	-	-	-	-
Hábito	-	-	-	1 (2,22%)	-	-	-
Centralidade	-	1 (3,45%)	-	-	-	-	-
Perto do banheiro	-	1 (3,45%)	-	-	-	-	-
Aberto / Sem esconderijo / ver tudo	-	5 (17.2%)	-	-	-	-	-
Bancos	-	3 (10,3%)	-	-	-	-	-
Mais próximo de casa + Facilidade	-	-	-	-	-	-	1 (3,45%)
*A pergunta 17.1 é aberta e as respostas foram agrupadas conforme acima. as respostas originais constam no Apêndice D.							

*A pergunta 17.1 é aberta e as respostas foram agrupadas conforme acima, as respostas originais constam no Apêndice D.

Tabela 3.6 - Motivos para preferir uma área na praça para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas jovens é responsiva. Destacam-se: Tranquilidade (7), Edifícios do entorno (6) e Grama (5). A grama foi classificada como operacional, pois dá o apelo natural ao espaço, mas também possibilita usos potenciais e informais. A

18.1 Motivos*	Não tem		ÁREA1	ÁREA2	ÁREA5	ÁREA 7		ÁREA 8	
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
INFERENCIAL									
Inseguro/ Assaltos	-	-	1 (2,33%)	1 (3,13%)	-	-	1 (3,13%)	7 (16,3%)	3 (9,38%)
Ruim	-	-	-	-	1 (2,33%)	1 (2,33%)	-	-	-
Feio	-	-	-	-	1 (2,33%)	-	-	-	-
Desagradável	-	-	-	-	-	-	1 (3,13%)	1 (2,33%)	-
OPERACIONAL									
Não vai lá	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,33%)	1 (3,13%)
É pra criança	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,33%)	-
Não tem o que fazer	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,33%)	-
Playground	-	-	-	-	-	-	-	3 (6,98%)	-
Sem Grama/ Terra	-	-	-	-	2 (4,65%)	-	-	-	-

*A pergunta 18.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.7 - Motivos para evitar uma área na praça para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018

A maioria das respostas jovens é responsiva. Destacam-se: Escuro (9), Insegurança (8), Banheiros (3) e *Playground* (3). A maioria das respostas dos idosos é inferencial. Destacam-se: Insegurança (7), Banheiros (3), Escuro (2) e Homossexuais (2). A rejeição à área 08, ligada à menor insolação e à sensação de insegurança, é também devido aos banheiros, considerados desagradáveis, e ao uso etário do *playground* ser restritivo. Conforme Thang e Kaplan (2013), estruturas de uso predeterminado e fixo limitam a flexibilidade espacial, diminuindo a percepção de potencialidade a públicos diversos. A área 08 tem uma das menores incidências de sol no centro dos canteiros devido às árvores de copa fechada. No microterritório jovem ocorre o oposto: a insolação é marcante (Figura 3.38).

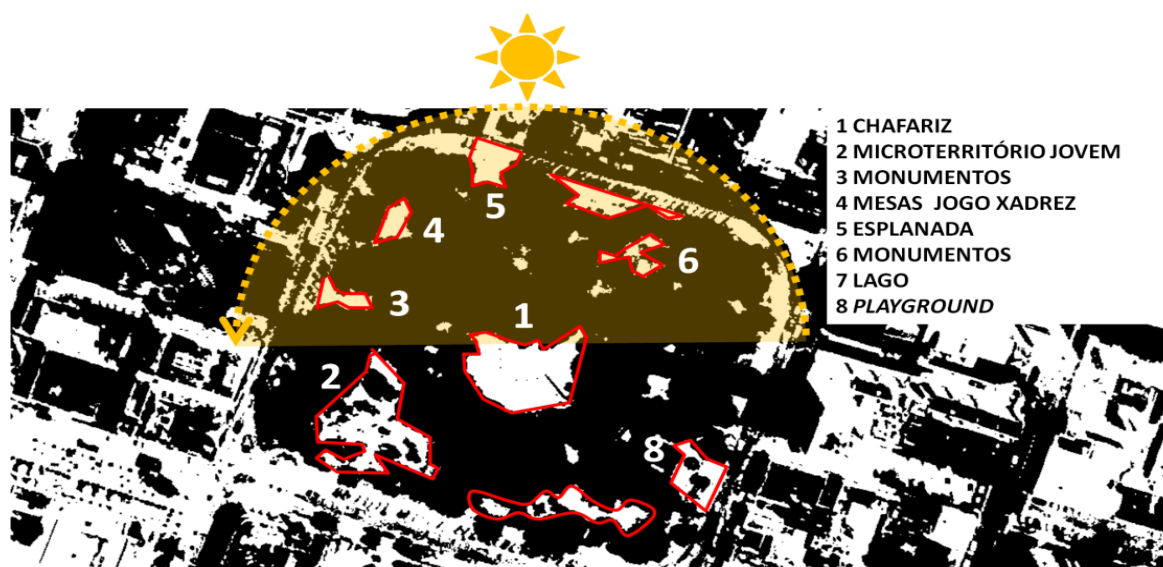


Figura 3.38 - Imagem de cheios e vazios da vista superior da praça, Fonte: autora, 2018.

Dos jovens que afirmaram não haver área pior, 1 disse que “todas aquelas que não têm recantos” são ruins, pela falta de refúgios. Quanto aos idosos, 1 (3,4%) disse “até o banheiro é limpo” e 1(3,4%) que são os “lugares sem sombra”.

Questão 19. Qual é a melhor área da praça para jovens se encontrarem? A maioria de jovens e idosos apontou a área 02 (Figura 3.39). Não há diferença significativa entre os grupos ($U=378,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,218$), mostrando percepção semelhante sobre preferências jovens no meio urbano.

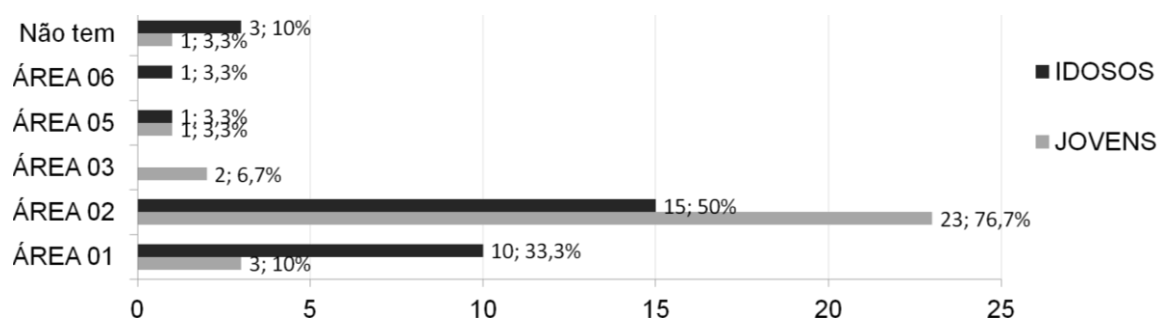


Figura 3.39 - Área preferida na praça para jovens se encontrarem. Fonte: autora, 2018.

Dos 30 jovens, 1 (3,3%) não apontou motivo para a preferência. Todos os idosos justificaram. Na Tabela 3.8, a frequência dos motivos válidos nos discursos.

19.1 Motivos*	Não tem	ÁREA 1		ÁREA 2		ÁREA 3	ÁREA 5	
	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Idosos
Não sabe	1 (2,86%)	-	-	-	-	-	-	-
RESPONSIVO								
Visão total da praça	-	1 (2,56%)	-	-	-	-	-	-
Pessoas	-	-	1 (2,86%)	2 (5,13%)	-	-	-	-
Vista / Paisagem	-	-	1 (2,86%)	2 (5,13%)	-	-	-	-
Vista dos edifícios	-	-	-	1 (2,56%)	-	1 (2,56%)	-	-
Sombra	-	-	1 (2,86%)	1 (2,56%)	-	-	-	-
Sol	-	-	-	1 (2,56%)	-	-	-	-
Área verde	-	-	-	-	-	1 (2,56%)	-	-
Movimento / circulação	-	-	1 (2,86%)	-	-	-	1 (2,56%)	-
Sem movimento	1 (2,86%)	-	-	-	-	-	-	-
Espaço aberto	-	-	-	1 (2,56%)	-	-	-	-
Pontos referência	-	-	-	1 (2,56%)	-	-	-	-
INFERENCIAL								
Bonito	-	1 (2,56%)	1 (2,86%)	-	-	-	-	-
Liberdade	-	-	-	4 (10,3%)	2 (5,71%)	-	-	-
Bom	1 (2,86%)	-	-	-	-	-	-	-
Calmo / Sossegado	-	-	-	-	1 (2,86%)	-	-	-

19.1 Motivos*	Não tem	ÁREA 1		ÁREA 2		ÁREA 3	ÁREA 5	
	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Idosos
OPERACIONAL								
Bancos	-	1 (2,56%)	2 (5,71%)	-	-	-	-	-
Esportes	-	-	-	-	1 (2,86%)	-	-	-
Sentar no chão	-	-	-	-	1 (2,86%)	-	-	-
Ponto de Encontro	-	1 (2,56%)	2 (5,71%)	5 (12,8%)	5 (14,3%)	-	-	-
Concentração de jovens	-	-	1 (2,86%)	1 (2,56%)	-	-	-	-
Sentar no chafariz	-	1 (2,56%)	1 (2,86%)	-	-	-	-	-
Grama (deitar, comer)	-	-	-	6 (15,4%)	6 (17,1%)	-	-	-
Diversas Atividades / dá pra fazer qualquer coisa	-	-	-	4 (10,3%)	1 (2,86%)	-	-	-
Espaço p/ atividades	-	-	1 (2,86%)	-	-	-	1 (2,56%)	1 (2,86%)
Grupos grandes	-	-	-	1 (2,56%)	-	-	-	-
Bem localizado / Central	-	-	2 (5,71%)	-	-	-	-	-

*A pergunta 19.1 é uma aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.8 - Motivos para preferir certa área na praça para o encontro de jovens. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas dos jovens é operacional. Destacam-se: ponto de encontro (6), grama (6), liberdade (4), diversidade de atividades/ dá pra fazer qualquer coisa (4). A maioria das respostas dos idosos é operacional Destacam-se: ponto de encontro (7), grama (6), liberdade (2), bancos (2), espaço para atividades (2) e centralidade (2). Ambos os grupos apontam a importância da socialização jovem no espaço e relacionam a grama à diversidade de usos, à sensação de que podem fazer qualquer coisa e à liberdade. A percepção sobre as necessidades e preferências jovens são similarmente percebidas pelos dois grupos. A percepção demonstra ser baseada em observação e convivência e não em expectativas comportamentais que normalmente são atreladas à construção de estereótipos.

20. Qual é a melhor área da praça para idosos se encontrarem? A maioria dos idosos apontou a área 01 (66,7%) e jovens se dividem entre as áreas 04 (43,3%) e 01 (33,3%) na escolha do melhor local para os mais velhos (Figura 3.40):

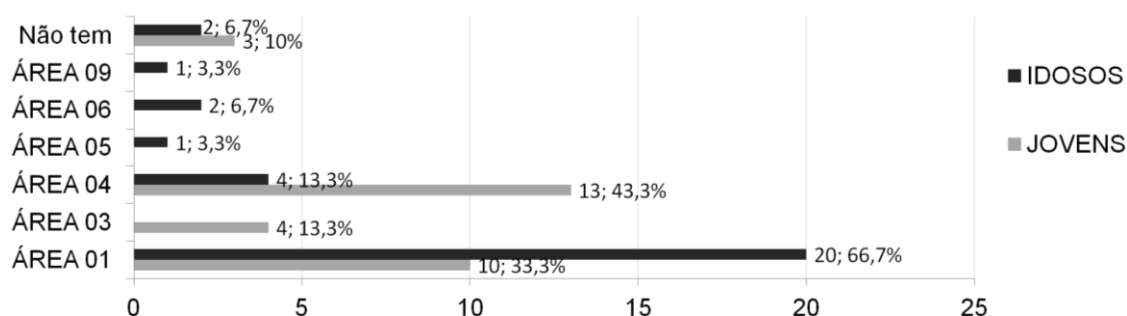


Figura 3.40 - Área preferida na praça para idosos se encontrarem. Fonte: autora, 2018.

Apesar de jovens valorizarem mais a área 04, a diferença entre os grupos não é significativa ($U=347,000$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,099$). Dos 30 jovens, 1 (3,3%) não apontou motivo da preferência. Das respostas dos idosos, 100% são válidas. Na Tabela 3.9, a frequência dos motivos válidos no discurso dos usuários.

20.1 Motivos*	Não tem		ÁREA 1		ÁREA 3	ÁREA 4		ÁREA 5	ÁREA 6	ÁREA 9
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Idosos	Idosos	Idosos	Idosos
Todas	-	1 (2,5%)	-	-	-	-	-	-	1 (2,5%)	-
RESPONSIVO										
Sombra	-	-	2 (5,56%)	5 (12,5%)	-	-	-	1 (2,5%)	-	-
Vista chafariz	-	-	1 (2,78%)	-	-	-	-	-	-	-
Movimento	-	-	2 (5,56%)	4 (10%)	1 (2,78%)	-	-	-	1 (2,5%)	-
Reúne todos	-	-	1 (2,78%)	-	-	-	-	-	-	-
Sol	-	-	1 (2,78%)	-	-	-	-	-	-	-
INFERENCIAL										
Cara de vô	-	-	-	-	-	1 (2,78%)	-	-	-	-
Seguro	-	-	-	2 (5%)	-	-	-	-	-	2 (5%)
Calmo	-	-	-	1 (2,5%)	-	-	-	1 (2,5%)	-	-
Bom/ Agradável	-	1 (2,5%)	-	1 (2,5%)	-	-	-	-	-	-
OPERACIONAL										
Jogo xadrez	-	-	-	-	-	10 (27,8%)	4 (10%)	-	-	-
Ponto encontro	-	-	-	6 (15%)	1 (2,78%)	2 (5,56%)	-	-	-	-
Bancos	2 (5,56%)	-	7 (19,5%)	9 (22,5%)	5 (11,1%)	1 (2,78%)	-	-	-	-

*A pergunta 20.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.9 - Motivos para preferir certa área na praça para o encontro de idosos. Fonte: autora, 2018.

A maioria dos jovens aponta bancos e xadrez e a maioria dos idosos é focada em bancos, sombra e na socialização em pontos de encontro. Há supervalorização do xadrez pelos jovens, possivelmente mais ligada a expectativas comportamentais do que à observação da realidade, o que pode fortalecer estereótipos.

As questões 21, 22 e 23 utilizam uma escala de 5 pontos para obter os graus de satisfação, agradabilidade e conforto dos grupos etários (Tabela 3.10):

Fatores		Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
JOVENS	21. Opções de lazer com amigos	-	5 (16,7%)	7 (23,3%)	14 (46,7%)	4 (13,3%)
	22 Sinalização/ orientação	2 (6,7%)	6 (20%)	8 (26,7%)	13 (43,3%)	1 (3,3%)
	22.1 Acesso à banheiros	12 (40%)	10 (33,3%)	6 (20%)	2 (6,7%)	-
		Muito Desagradável	Desagradável	Nem Desagradável nem Agradável	Agradável	Muito Agradável
	23. Agradabilidade	-	-	1 (3,3%)	17 (56,7%)	12 (40%)
		Muito Desconfortável	Desconfortável	Nem desconfortável nem Confortável	Confortável	Muito Confortável
	23.1 Conforto	-	1 (3,3%)	7 (23,3%)	18 (60%)	4 (13,3%)

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
IDOSOS 21. Opções de lazer com amigos	1 (3,3%)	2 (6,7%)	9 (30%)	18 (60%)	-
22 Sinalização/orientação	2 (6,7%)	-	3 (10%)	24 (80%)	1 (3,3%)
22.1 Acesso à banheiros	6 (20%)	11 (36,7%)	11 (36,7%)	-	-
	Muito Desagradável	Desagradável	Nem Desagradável nem Agradável	Agradável	Muito Agradável
23. Agradabilidade	-	-	2 (6,7%)	12 (40%)	16 (53,3%)
	Muito Desconfortável	Desconfortável	Nem desconfortável nem Confortável	Confortável	Muito Confortável
23.1 Conforto	-	4 (13,3%)	7 (23,3%)	14 (46,7%)	5 (16,7%)

Tabela 3.10 - Grau de satisfação com relação a fatores da praça. Fonte: autora, 2018.

21. Lazer com amigos: jovens (14 ou 46,7%) e idosos (18 ou 60%) tendem à satisfação, sem diferença entre eles ($U=448,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,981$).

22. Quanto à sinalização/orientação espacial: a maioria dos jovens (13 ou 43,3%) e dos idosos (24 ou 80%) está “satisfeita”, mas há diferença significativa ($U=292,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,007$): a porcentagem de jovens (43,3%) satisfeitos é menor do que de idosos (80%). Os jovens dizem que falta sinalização, mas a configuração espacial e referências facilitam o deslocamento (Apêndice E):

“**RESPONDENTE 39:** Não tem muita sinalização... mas não tem muito como... é bem evidente (...) O chafariz central...” (JF, 23).⁴⁷

“**RESPONDENTE 38:** Não que tenha sinalização (...) aqui é aberto” (JM, 23).

22.1 Acesso a banheiros: jovens (12 ou 40%) tendem a estar “muito insatisfeitos” e idosos “insatisfeitos” (11 ou 36,7%) ou “nem insatisfeitos e nem satisfeitos” (11 ou 36,7%). Assim, ambos tendem à insatisfação (Apêndice E):

“**RESPONDENTE 42:** É ruim... insatisfeito. Eu nunca vou no banheiro aqui (...) Se tiver que ir no banheiro, eu vou no mercado.” (JM, 22).

23. Agradabilidade: a maioria dos jovens (17 ou 56,7%) considera a praça “agradável” e dos idosos (16 ou 53,3%), “muito agradável”. Não há diferença significativa entre os grupos ($U=401,000$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,414$).

23.1 Conforto: a maioria dos jovens (18 ou 60%) e dos idosos (14 ou 46,7%) considera a praça “confortável”. Não há diferença estatística ($U=411,500$, $N1=30$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,533$), com ambos os grupos tendendo ao conforto.

A terceira parte do questionário se detém nas 5 *affordances*. A questão 24 considera todos os respondentes, assim, ela é apresentada posteriormente.

25. Na praça, avalie sua satisfação quanto à (Tabela 3.11):

⁴⁷ Identificação adotada por este estudo: JF, 23 – Jovem do sexo feminino, 23 anos.

<i>Affordances</i>		Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Insatisfeito e nem Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Mean Rank
JOVENS	25. Sensação de Segurança	3 (10%)	4 (13,3%)	9 (30%)	14 (46,7%)	-	2,34
	25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	-	-	5 (16,7%)	19 (63,3%)	6 (20%)	3,76
	25.2 Diversos Usos e Atividades	1 (3,3%)	5 (16,7%)	6 (20%)	11 (36,7%)	7 (23,3%)	3,12
	25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	2 (6,7%)	10 (33,3%)	8 (26,7%)	10 (33,3%)	-	1,91
	25.4 Oportunidade para interagir	-	-	2 (6,7%)	21 (70%)	6 (20%)	3,86
IDOSOS	25. Sensação de Segurança	1 (3,3%)	6 (20%)	4 (13,3%)	13 (43,3%)	6 (20%)	2,97
	25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	-	-	4 (13,3%)	18 (60%)	8 (26,7%)	3,65
	25.2 Diversos Usos e Atividades	4 (13,3%)	3 (10%)	12 (40%)	10 (33,3%)	1 (3,3%)	2,10
	25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	-	8 (26,7%)	8 (26,7%)	13 (43,3%)	1 (3,3%)	2,50
	25.4 Oportunidade para interagir	-	-	3 (10%)	21 (70%)	6 (20%)	3,78

Tabela 3.11 - Avaliação das 5 *affordances* na praça para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância moderada entre jovens (Kendall's W = 0,396, DF=4, p=0,000) e fraca entre idosos (Kendall's W = 0,269, DF=4, p=0,000). Não há diferença estatística significativa entre os graus de concordância dos grupos quanto à segurança, sensação de pertencer ao lugar, suporte a diversas capacidades físicas e oportunidade de socialização na praça, mas, com relação às atividades, há diferença perceptiva entre eles (Tabela 3.12).

<i>Affordances</i>	Teste U de Mann-Whitney
25. Sensação de Segurança	U=343,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,096
25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	U=413,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,528
25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	U=361,000, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,165
25.4 Oportunidade para interagir	U=421,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,797
25.2 Diversos Usos e Atividades	U=322,000, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,049

Tabela 3.12 - Testes Mann-Whitney entre os grupos com as *affordances* na praça. Fonte: autora, 2018.

Jovens tendem à maior satisfação com as atividades do que idosos. A correlação direta e de média intensidade entre os graus de importância da caminhada em espaços urbanos e de satisfação com a oferta de atividades na praça para idosos (Spearman, coef=0,418, sig=0,022) pode indicar que esta contribui com a percepção sobre a diversidade de atividades. Sabe-se pelas observações que, pelas manhãs, idosos vão à praça acompanhados de cuidadores para caminhar.

Pelo teste Mean Rank (Tabela 3.11) há similaridade entre os grupos: as *affordances* mais satisfatórias são Pertencimento e Engajamento, mostrando a construção de senso de lugar e oportunidades de interação. A acessibilidade descrita como deficiente nas observações e na análise espacial é mais notada pelos jovens, porém ela e as atividades são pontos a serem melhorados para idosos.

Não existe uma relação significativa entre o tempo que os usuários moram na cidade e seu grau de pertencimento ($\text{Square}=12,801$, $\text{DF}=8$, $\text{P-value}=0,119$). Há tendência em se sentir parte do lugar tanto entre moradores de Pelotas quanto entre usuários de fora. Esse fato vai ao encontro de um estudo britânico (PHILLIPS, 2013) focado em como o senso de identidade é desenvolvido por idosos em lugares não familiares, que afirma que a atratividade do espaço construído, através de edifícios distintos e históricos e a acessibilidade são importantes. Burton e Mitchell (2006) e Dines et al. (2006) tratam a distinção de forma ampla: qualquer marco visual que diferencie o local do entorno, positiva ou negativamente. Os elementos históricos (casarões e monumentos), pontos de referência (chafariz) e elementos naturais (árvores e grama) (LAYNE, 2009) da praça podem ajudar na construção de apego.

Questão 26. Em uma palavra, descreva um significado que a praça tem para você: Na Tabela 3.13, o significado que a praça assume para jovens e idosos, considerando 100% de respostas válidas para os dois grupos.

26. Significado*	Jovens	Idosos	Significado*	Jovens	Idosos
Tranquilidade/ Paz/ Sossego	11 (36,7%)	8 (22,9%)	Conveniente	1 (3,33%)	-
Refúgio	3 (10%)	1 (2,86%)	Bom / Ótimo	-	3 (8,57%)
Liberdade	3 (10%)	-	Descanso	-	2 (5,71%)
Lazer	2 (6,67%)	2 (5,71%)	Harmonia	-	1 (2,86%)
Diversidade	2 (6,67%)	-	Pertence a nós	-	2 (5,71%)
Socialização/ Convivência	1 (3,33%)	1 (2,86%)	Faz parte da nossa Pelotas / Representa Pelotas	-	3 (8,57%)
Parte da minha vida / rotina	1 (3,33%)	-	Amigos / Amizade	-	1 (2,86%)
Distração	1 (3,33%)	2 (5,71%)	Movimento/ ver movimento	-	2 (5,71%)
Se sente bem/ agradável	1 (3,33%)	1 (2,86%)	Memórias	-	1 (2,86%)
Positividade	1 (3,33%)	-	História / Cultura	-	1 (2,86%)
Natureza	1 (3,33%)	-	Precisa de mais cuidado	-	1 (2,86%)
Encontro	1 (3,33%)	1 (2,86%)	Coração da cidade	-	1 (2,86%)
Passeio	1 (3,33%)	-	Lindo / Maravilhoso	-	2 (5,71%)

*A pergunta 26 é aberta e as respostas que mostravam mais de um significado foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.13 - Significado da praça para usuários jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Para melhor visualização, foi construída uma nuvem de palavras. O tamanho da fonte está relacionado à frequência da palavra no discurso (Figura 3.41).

As nuvens mostram que, apesar de a tranquilidade ser o significado mais presente em ambos os discursos, para jovens ele é muito mais focado do que para idosos. Entende-se que há a construção de uma percepção com certa unidade coletiva acerca do espaço de apropriação jovem. A sensação de tranquilidade faz com que o ambiente seja um refúgio verde no coração de um centro comercial movimentado. A liberdade e a diversidade citadas pelos jovens representam usos contemporâneos e transgressores típicos das praças (SHAW; HUDSON, 2009).

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Mean Rank
JOVENS						
27 Pessoas presentes no local	-	-	2 (6,7%)	19(63,3%)	9 (30%)	16,76
27.1 Policiamento	3 (10%)	14(46,7%)	2 (6,7%)	11(36,7%)	-	6,57
27.2 Proteção do sol e da chuva	2 (6,7%)	12 (40%)	4 (13,3%)	12 (40%)	-	7,17
27.3 Cuidado/ manutenção	1 (3,3%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)	15 (50%)	-	9,52
27.4 Iluminação	4 (13,3%)	10(33,3%)	9 (30%)	6 (20%)	-	5,33
SEGURANÇA						
27.5 Diversidade	4 (13,3%)	1 (3,3%)	14(46,7%)	11(36,7%)	-	16,39
27.6 Espaços para comer	-	9 (30%)	4 (13,3%)	15 (50%)	2 (6,7%)	10,04
27.7 Oportunidades de diversão ativa	-	3 (10%)	7 (23,3%)	19(63,3%)	1 (3,3%)	11,50
27.8 Contato interpessoal	-	-	1 (3,3%)	19(63,3%)	10(33,3%)	17,46
27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	-	3 (10%)	2 (6,7%)	17(56,7%)	8 (26,7%)	15,31
DIVERSIDADE DE ATIVIDADES						
27.10 Vegetação	-	2 (6,7%)	-	13(43,3%)	15 (50%)	17,89
27.11 Vista bonita/ atrativa	-	-	1 (3,3%)	15 (50%)	14(46,7%)	18,33
27.12 Lugar de encontro	-	-	-	16(53,3%)	14(46,7%)	18,50
27.13 Familiaridade	-	1 (3,3%)	1 (3,3%)	21 (70%)	7 (23,3%)	15,85
27.14 Espaço relaxante	-	1 (3,3%)	4 (13,3%)	17(56,7%)	8 (26,7%)	15,54
PERTENCIMENTO						

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Mean Rank
27.15 Diversidade de idades	-	1 (3,3%)	-	19(63,3%)	10(33,3%)	16,26
27.16 Acesso a cadeirantes	4 (13,3%)	6 (20%)	15 (50%)	5 (16,7%)	-	5,89
27.17 Pavimentação	3 (10%)	2 (6,7%)	8 (26,7%)	17(56,7%)	-	9,50
27.18 Espaço livre de barreiras	-	3 (10%)	10(33,3%)	15 (50%)	2 (6,7%)	11,24
27.19 Assentos acessíveis	-	4 (13,3%)	3 (10%)	22(73,3%)	1 (3,3%)	11,94
ACESSIBILIDADE						
27.20 Espaços para conversar	-	-	1 (3,3%)	19(63,3%)	10(33,3%)	17,02
27.21 Espaços para sentar/descansar	-	1 (3,3%)	1 (3,3%)	16(53,3%)	10(33,3%)	16,85
27.22 Bancos que acomodam grupos	2 (6,7%)	16(53,3%)	7 (23,3%)	5 (16,7%)	-	4,80
27.23 Tranquilidade	-	-	3 (10%)	13(43,3%)	14(46,7%)	18,54
27.24 Privacidade	1 (3,3%)	3 (10%)	9 (30%)	15 (50%)	2 (6,7%)	10,80
ENGAJAMENTO INTERPESSOAL						
IDOSOS						
27 Pessoas presentes no local	-	-	4 13,3%	22 73,3%	4 13,3%	15,03
27.1 Policiamento	3 (10%)	12 (40%)	7 (23,3%)	7 (23,3%)	1 (3,3%)	6,47
27.2 Proteção do sol e da chuva	1 (3,3%)	6 (20%)	11(36,7%)	12 (40%)	-	8,97
27.3 Cuidado/ manutenção	1 (3,3%)	4 (13,3%)	6 (20%)	19(63,3%)	-	11,22
27.4 Iluminação	4 (13,3%)	7 (23,3%)	14(46,7%)	5 (16,7%)	-	6,15
SEGURANÇA						
27.5 Diversidade	-	2 (6,7%)	5 (16,7%)	23(76,7%)	-	13,10
27.6 Espaços para comer	2 (6,7%)	9 (30%)	14(46,7%)	5 (16,7%)	-	6,03
27.7 Oportunidades de diversão ativa	5 (16,7%)	10(33,3%)	7 (23,3%)	8 (26,7%)	-	6,60
27.8 Contato interpessoal	-	1 (3,3%)	1 (3,3%)	26(86,7%)	2 (6,7%)	15,27
27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	-	-	5 (16,7%)	18 (60%)	7 (23,3%)	15,73
DIVERSIDADE DE ATIVIDADES						
27.10 Vegetação	-	4 (13,3%)	6 (20%)	7 (23,3%)	13(43,3%)	15,58
27.11 Vista bonita/ atrativa	-	1 (3,3%)	-	19(63,3%)	10(33,3%)	17,77
27.12 Lugar de encontro	-	-	-	19(63,3%)	11(36,7%)	18,43
27.13 Familiaridade	-	-	2 (6,7%)	19(63,3%)	9 (30%)	17,05
27.14 Espaço relaxante	-	-	-	20(66,7%)	10(33,3%)	17,90
PERTENCIMENTO						
27.15 Diversidade de idades	-	1 (3,3%)	1 (3,3%)	24 (80%)	4 (13,3%)	15,53
27.16 Acesso a cadeirantes	-	7 (23,3%)	8 (26,7%)	15 (50%)	-	9,90
27.17 Pavimentação	-	5 (16,7%)	8 (26,7%)	16(53,3%)	1 (3,3%)	11,12
27.18 Espaço livre de barreiras	-	2 (6,7%)	4 (13,3%)	23(76,7%)	1 (3,3%)	13,52
27.19 Assentos acessíveis	1 (3,3%)	7 (23,3%)	4 (13,3%)	17(56,7%)	1 (3,3%)	10,98
ACESSIBILIDADE						
27.20 Espaços para conversar	-	-	1 (3,3%)	23(76,7%)	6 (20%)	16,53
27.21 Espaços para sentar/descansar	-	1 (3,3%)	2 (6,7%)	25(83,3%)	2 (6,7%)	14,78
27.22 Bancos que acomodam grupos	-	11(36,7%)	3 (10%)	16(53,3%)	-	9,62
27.23 Tranquilidade	-	-	3 (10%)	18 (60%)	9 (30%)	16,98
27.24 Privacidade	-	2 (6,7%)	2 (6,7%)	22(73,3%)	4 (13,3%)	14,73
ENGAJAMENTO INTERPESSOAL						

Tabela 3.14 - Avaliação dos fatores na praça para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância moderada entre jovens (Kendall's W = 0,492, DF=24, p=0,000) e idosos (Kendall's W = 0,396, DF=24, p=0,000). Há diferença estatística entre a satisfação dos grupos quanto à (Tabela 3.15):

Fatores	Teste U de Mann-Whitney
27.5 Diversidade	U=302,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,012
27.6 Espaços para comer	U=297,000, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,018
27.7 Oportunidades de diversão ativa	U=216,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,000
27.8 Contato interpessoal	U=323,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,013
27.16 Acesso a cadeirantes	U=298,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,018
27.22 Bancos que acomodam grupos	U=285,500, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,009
27.24 Privacidade	U=311,000, N1=30, N2=30, two-tailed, p=0,018

Tabela 3.15 - Testes U de Mann-Whitney entre os dois grupos com os fatores das *affordances* na praça.
Fonte: autora, 2018.

Os jovens tendem à maior satisfação nos fatores com diferença perceptiva, com exceção do acesso a cadeirantes, bancos para grupos e privacidade.

3.2.2 Calçadas das Ruas Andrade Neves e Sete de Setembro

3.2.2.1 Levantamento Fotográfico do Entorno

As áreas 08 e 07, primeira e segunda em importância para os idosos, respectivamente, correspondem à Rua Sete de Setembro (Figuras 3.42 e 3.43).



Figura 3.42 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Sete de Setembro: Trechos 7 e 8. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.43 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Sete de Setembro: Trechos 8 e 7. Fonte: autora, 2018.

Há presença marcante de locais de permanência como cafés e confeitarias, além de “O sobrado”, local tradicional de bailes. Nos trechos da Rua Andrade Neves há 14 lojas de vestuário (26,92% das atividades). A concentração desta atividade ocorre essencialmente nos trechos 01, 02, 03 e 04 (Figuras 3.44, 3.45, 3.46 e 3.47).



Figura 3.44 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 1 e 2. Fonte: autora, 2018



Figura 3.45 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 2 e 1. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.46 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 3 e 4. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.47 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 4 e 3. Fonte: autora, 2018.

Nos trechos 05 e 06 (Figuras 3.48 e 3.49) predominam lojas de eletrodomésticos que geram movimento menor, sem a frequência que bens com menor vida útil tendem a proporcionar. Além disso, durante os levantamentos, um dos maiores espaços comerciais da quadra estava vazio, diminuindo o movimento.

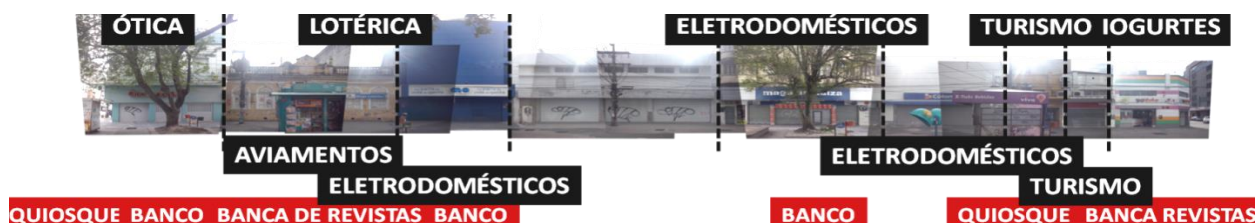


Figura 3.48 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 5 e 6. Fonte: autora, 2018.



Figura 3.49 - Entorno do calçadão. Perfil da Rua Andrade Neves: Trechos 6 e 5. Fonte: autora, 2018.

3.2.2.2 Acessos e equipamentos

Na checagem *in loco* da realidade do calçadão, vendedores ambulantes foram considerados apenas nos casos de uso persistente pois, devido às ações municipais de retirada do comércio informal, a disposição das bancas varia muito rapidamente. De acordo com a NBR 9050 (ABNT, 2015), têm-se as faixas livres em vermelho na Figura 3.50. O trecho livre mais estreito é de 1,90m e o mais amplo de 4,50m. Na Rua Andrade Neves a faixa livre mais estreita é devido aos postes de luz e a ambulantes. Na Rua Sete de Setembro, há estrangulamento devido às mesas dos cafés.

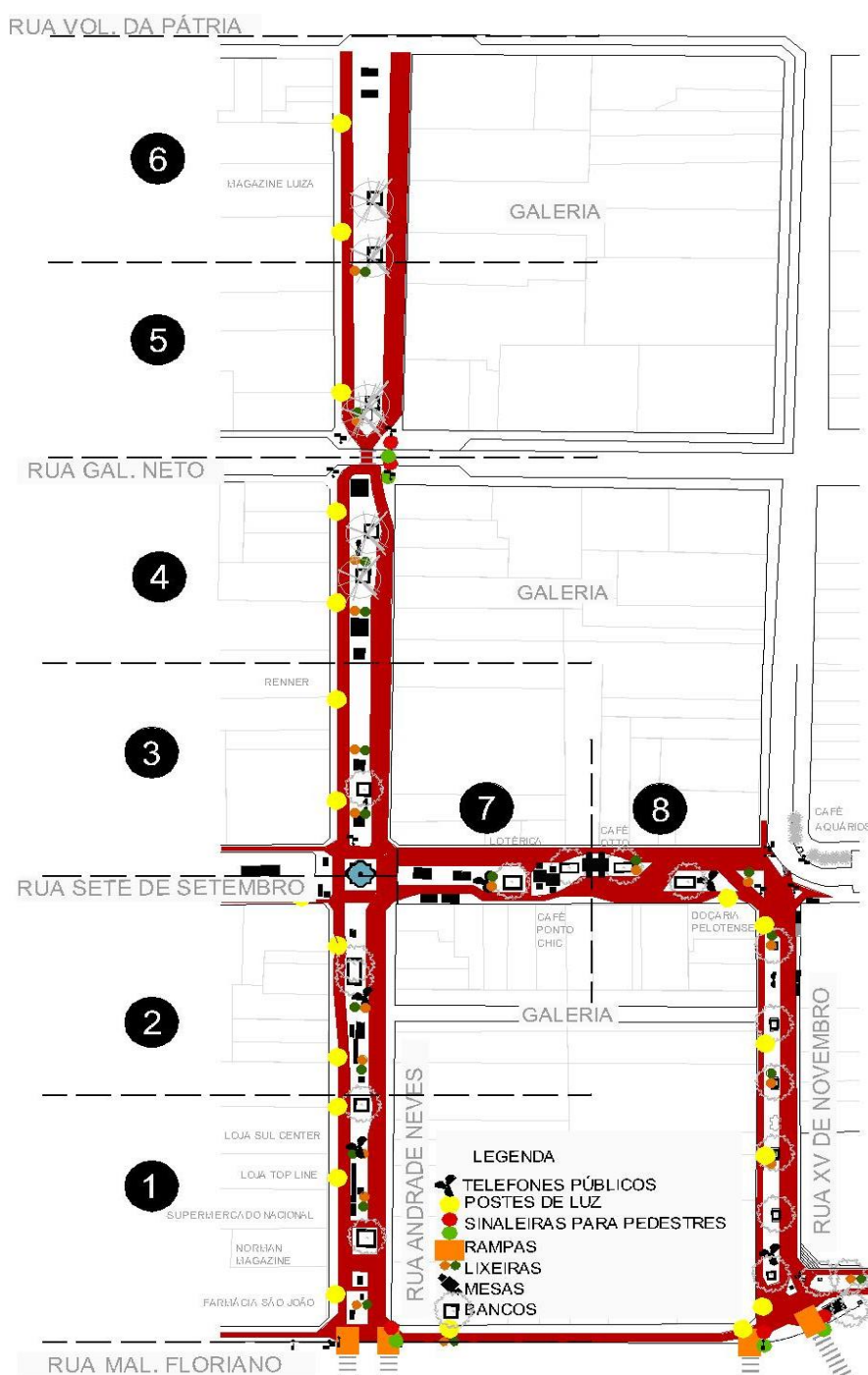


Figura 3.50 - Calçadão: acessos e equipamentos. Fonte: autora, 2018, adaptado de Barroso (2012).

Os postes altos de luz evitam que lâmpadas sejam furtadas, mas os fios geram poluição visual. As lixeiras mostram sinais de corrosão. Os bancos estavam em boas condições de uso, mas, durante as obras de revitalização, alguns foram quebrados. Eles são compostos por tábuas de madeira afixadas em estruturas metálicas que se apoiam nos canteiros de concreto, sem encosto. Também há peças faltando no piso de ladrilhos hidráulicos, onde foi aplicado um piso cimentado.

3.2.2.3 Sessões de Observação

Foram observadas 3.348 pessoas: 98 (2,92%) crianças, 365 (10,90%) jovens, 2043 (61,02%) adultos e 842 (25,15%) idosos. Grande parte da movimentação jovem ocorre à tarde, mas os turnos são mais equilibrados do que na praça (Figura 3.51).

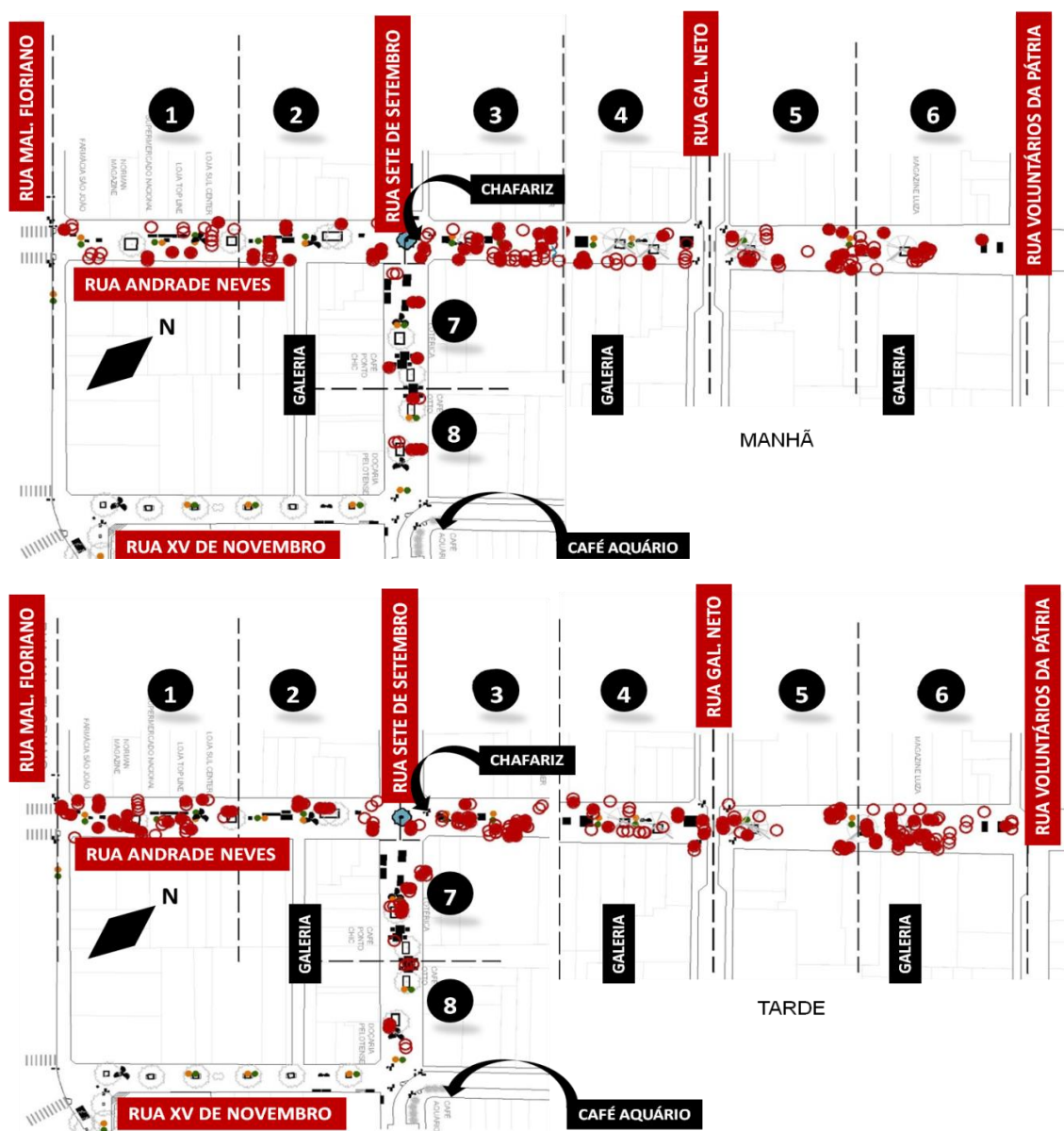


Figura 3.51 - Mapas síntese jovem das manhãs e tardes. Fonte: autora, 2018.

Há algum delineamento de apropriação na área 06, em frente à galeria do cinema, além de núcleos eventuais nas áreas 01, 03 e 07. Entretanto, a atividade é predominantemente de fluxo, configurando apropriação esparsa. Pelas manhãs, há pequenos núcleos sociais jovens isolados. Em sua maioria, são adolescentes com uniforme escolar. Os bancos mais ocupados são os das áreas 06 e 08. Na área 06 os grupos são mais isolados e na área 08 há maior integração com grupos de outras idades. À tarde, a ocupação jovem é marcante na área 06. Os núcleos não são tão isolados como pela manhã. A ocupação dos bancos é equilibrada, frequente nas áreas 01 e 07 e mais intensa na 06. Os bancos da área 02 são menos utilizados.

Os idosos, como na praça, mantêm circulação constante durante os dois turnos. Atividades de permanência ocorrem nas áreas 02, 07 e 08 (Figura 3.52).

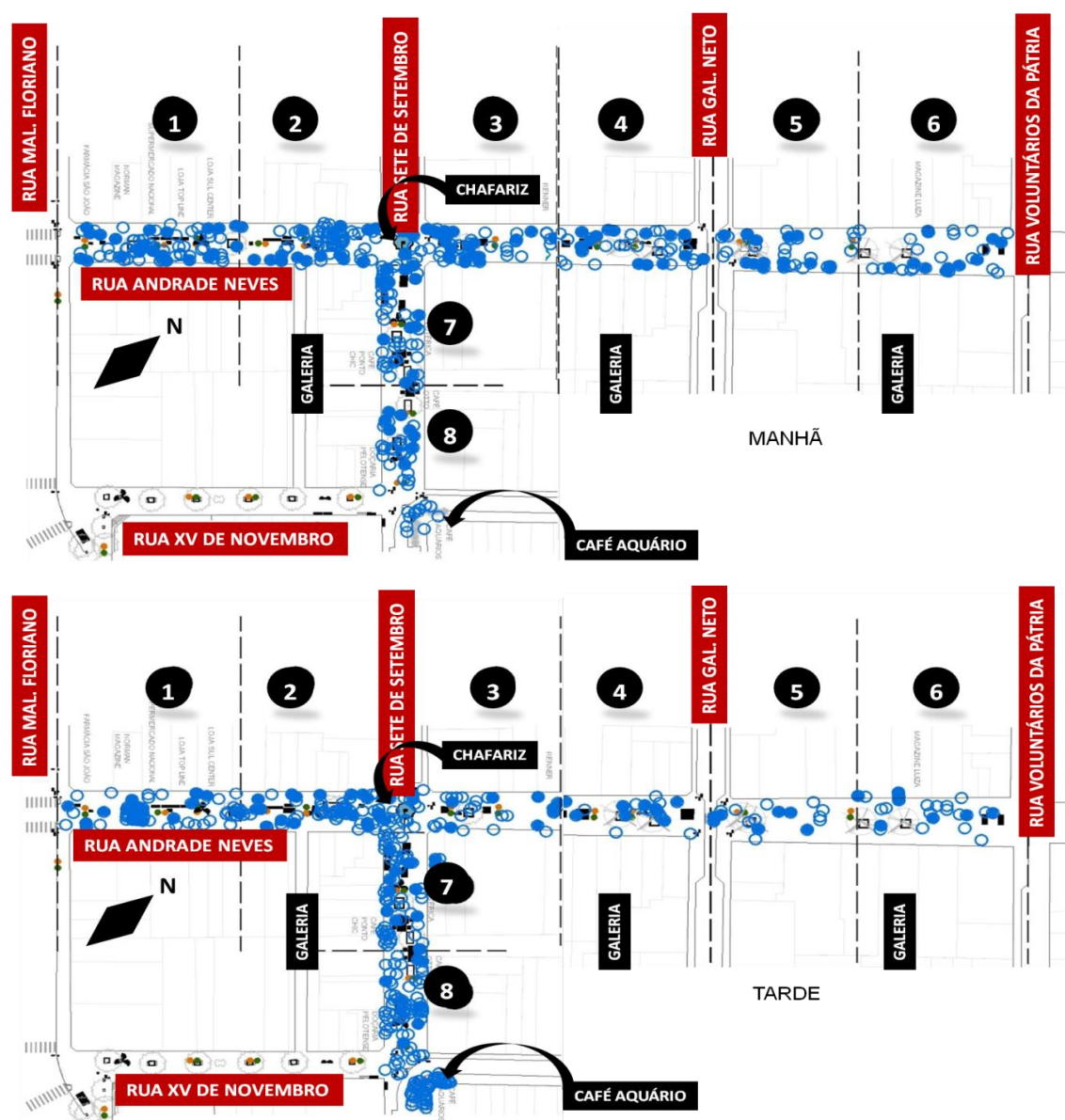


Figura 3.52 - Mapas síntese idoso das manhãs e tardes. Fonte: autora, 2018.

Durante a manhã, o “fim do calçadão” (áreas 05 e 06) tem mais importância de fluxo do que à tarde, mostrando distribuição mais equilibrada. Há menor quantidade de mulheres nas áreas 07 e 08, mas homens têm ocupação territorial. Os bancos mais ocupados por eles estão na área 02, próximo ao chafariz, e os mais evitados nas áreas 04, 05 e 06. À tarde, a ocupação idosa é massiva e territorial, configurando manchas etárias bem definidas. Alguns núcleos de socialização ocorrem simultaneamente com grupos de outras faixas etárias. Os núcleos simultâneos são particularmente importantes para o estudo pois indicam permeabilidade territorial (ALEXANDER et al., 1977). Nesse sentido, a área 08 (

Figura), se destaca para os idosos. As regiões 02 e 07 também são significativas. Na área 02 os idosos sentam-se no banco que circula o canteiro ou ficam de pé contra a fachada de um bar. Na área 07, ocorre uma ocupação semelhante à da área 08, com a maioria dos idosos de pé na periferia do espaço.

Considerando o calçadão como uma tipologia de ocupação idosa, tem-se:

(1) ESPAÇO DE APROPRIAÇÃO IDOSA: área 08 (idosos representam 47,68% da ocupação total da área).

Configuração Espacial: mantém a configuração espacial básica do calçadão, mas se diferencia da Rua Andrade Neves por dois motivos principais: (i) Atividades comerciais diferenciadas, enquanto na Rua Andrade Neves a predominância é de lojas de vestuário, a Rua Sete de Setembro concentra 5 cafés e confeitarias tradicionais de Pelotas que ocupam a via com mesas, estendendo sua sociabilidade ao espaço público. Além disso é onde se encontra “O Sobrado”, local tradicional de bailes. Este fato lhe confere ambiência tradicional; e (ii) Menor fluxo de pessoas, as atividades comerciais do trecho proporcionam maior permanência.

Para uma avaliação espacial preliminar, recorreu-se a fatores que podem indicativos das *affordances* nos espaços (LAYNE, 2009) adaptados à realidade de estudo. Na Tabela 3.16, os itens marcados com um “x” foram considerados presentes no local. A maioria dos itens foi avaliada conforme os resultados do levantamento observacional, mas considerações sobre algumas especificidades da avaliação são apontadas na coluna da direita:

Fatores		Formas de avaliação	
SEGURANÇA	Pessoas	x	
	Monitoramento/ policiamento	x	Presença policial total no calçadão
	Proteção do sol e da chuva	x	Marqueses das lojas
	Manutenção	x	Estado satisfatório do mobiliário urbano na área e limpeza
	Iluminação artificial	x	
	Espaço aberto/ acesso visual	x	
	Configuração espacial protetiva		
	Delimitação física	x	Edifícios no entorno e elevação do piso nas áreas de pedestres
	Proximidade a ruas importantes	x	As do entorno e as que constituem o calçadão
	Marcos visuais	x	Chafariz, que, mesmo situado fora da área, tem visual direta para o espaço
ATIVIDADES	Diversidade	x	Quantidade e heterogeneidade de pessoas e atividades
	Pessoas comendo	x	Lancherias, cafeterias, doçarias e suas mesas externas
	Pessoas se divertindo	x	Atividades opcionais ativas em ocasiões específicas (brinquedos infláveis)
	Pessoas conversando	x	
	Configuração espacial estimulante	x	
	Pessoas observando	x	Sentadas nos bancos ou de pé, na periferia do espaço
	Espaço ensolarado	x	
	Esportes/jogos		
	Música		
	Lojas/ cafeterias	x	
PERTENCIMENTO	Vegetação	x	Árvores, não foi considerada a quantidade, apenas sua existência
	Agradabilidade da vista		Existência de poluição visual (HANNES, 2016)
	Lugar de encontro	x	
	Familiaridade	x	
	Configuração espacial relaxante		
	Elementos com água		Chafariz, embora visível na área não modifica as atividades ali exercidas
	Sombra	x	Árvores e marqueses
	Edifícios culturais		
	Muitas cores	x	
	Pessoas aprendendo		
HABILIDADES	Pessoas de diferentes idades	x	
	Cadeirantes/ carrinhos de bebê	x	
	Pavimentação	x	
	Livre de barreiras		Mesas, cadeiras e vendedores ambulantes afunilam a faixa livre de circulação
	Assentos acessíveis	x	Bancos, ainda que sem encosto
	Superfícies niveladas	x	
	Caminhos amplos	x	
	Rampas de acesso	x	Localizadas nos acessos ao calçadão
	Pouco fluxo		
	Suporte a jogos/ brincadeiras	x	Brincadeiras com crianças em eventos específicos
ENGAJAMENTO	Pessoas conversando	x	
	Pessoas sentadas	x	
	Bancos que acomodam grupos	x	Ainda que as pessoas fiquem de pé, para melhor conversar com as sentadas
	Tranquilidade		Movimentação de pessoas, barulho gerado pelo anúncio de ofertas das lojas
	Privacidade		Bancos são dispostos de forma que os usuários ficam expostos ao movimento
	Casais	x	
	Interação sem distração		O fluxo na área é intenso e os níveis de ruído por vezes dificultam a conversa
	Pessoas contemplando		Usuários parados estão em geral observando o movimento e não o espaço
	Refúgios		Não há espaços com um pouco mais de privacidade
	Mesas	x	Dos cafés

Tabela 3.16 - Fatores considerados na avaliação da área 08 do calçadão através das *affordances*.
Fonte: autora, 2018.

Os destaques são Segurança, Habilidades e Atividades, nesse sentido, Holland et al. (2007) sugerem que o comércio é atrativo aos idosos devido às diversas atividades. A área teve resultados similares ao território jovem em Segurança e Atividades e um melhor desempenho em Habilidades. A maior deficiência é relativa ao Engajamento, com relação à privacidade, tranquilidade e interação sem distração (prejudicada pela diversidade de estímulos).

Atividades, Situações e Eventos: das pessoas observadas na área, 2,06% (8) eram crianças, 3,61% (14) jovens, 46,65% (181) adultos e 47,68% (185) idosos. Há

destaque para o lazer, pois a maioria das atividades de idosos nesta área é opcional (130 idosos ou 70,27%), sendo que 28,11% (52) deles estavam em fluxo e 1,62% em atividades funcionais. Das 189 pessoas em atividades de permanência na área, 2 (1,06%) eram crianças, 4 (2,12%) jovens, 53 (28,04%) adultas e 130 (68,78%) idosos. Mesmo que o espaço tenha função de fluxo e acesso ao comércio, representa socialização de maior permanência, especialmente para homens idosos (apenas 3 idosos foram observadas em atividades de permanência na área). Dos 185 idosos observados, 110 estavam em socialização de pé, na periferia do espaço.

Pode-se dizer que há um padrão de ocupação espacial: idosos se dispõem de pé em diversos núcleos simultâneos, ao longo das fachadas das lojas e no final do calçadão, próximo ao Café Aquários⁴⁸. Similarmente ao microterritório jovem, a maior parte dos idosos (138 ou 74,59%) estava acompanhada. Apenas 23,78% deles estavam sozinhos. Cabe salientar a baixa frequência de idosos, que representam 9,73% dos usuários do espaço e apenas 1,59% das atividades de permanência, enquanto que, no território jovem, mulheres tinham maior representatividade. Alves (2004) já versava sobre a falta de atividades autônomas de socialização entre as idosos. O estudo acompanha Tonkiss (2005) que argumenta que o espaço urbano tem sido separado por gênero (não só por idade).

As atividades são, muitas vezes, relacionadas às lancherias e cafeterias, gerando o compartilhamento de funções territoriais em núcleos de convivência com permeabilidade. Os núcleos são muito próximos durante o uso mais intenso do espaço. Há usos sociais nos bancos coletivos e nos acessos aos cafés (Figura 3.53). Os bancos acomodam diversas pessoas, porém são deficientes para o contato direto em grupos: usuários ficam sentados enquanto outros estão de pé, para conversar de frente, apontando conflito de uso (Figura 3.54). A disposição central dos bancos os deixa em destaque e a vegetação dos canteiros tem função de sombra mas não de limite visual, prejudicando a privacidade. As interações dos idosos acontecem na periferia do espaço, de pé, ou sentados (na fachada do café), onde podem mais ver do que ser vistos (HOLLAND et al., 2007). A ocupação segue a incidência do sol, as fachadas preferidas são as voltadas para o norte. Às 11h30min ocorre a intensificação do uso do espaço externo ao Café Aquários. As atividades retratam o fator lúdico da

⁴⁸Tradicional ponto de encontro masculino, estabelece relação público-privada com o meio urbano: “Na fachada do Aquário há sempre homens sentados no ressalto (...)Essa fachada envidraçada revela totalmente todo o interior do café (...) inspirando o nome ‘Aquário’” (PINHEIRO, 2013).

sociabilidade (SILVA, 2014). O café entre os idosos no calçadão atinge um nível de sociabilidade onde forma supera o conteúdo e interesses pessoais ficam em segundo plano. O costume prevalece, ainda que o espaço não contribua plenamente para isso (Figuras 3.55 e 3.56).



Figura 3.53 - Núcleos idosos em frente ao café na área 07. Tarde de 19 de maio. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.54 - Idosos de pé de buscando interação direta. Tarde de 19 de maio. Fonte: autora, 2016.



Figura 3.55 - Idosos em socialização de pé. Tarde de 21 de setembro. Fonte: autora, 2017.

Figura 3.56 - Idoso utiliza floreira como assento. Tarde de 21 de maio. Fonte: autora, 2016.

Na área 08, 4 jovens (28,57%) estavam em fluxo, mas a maioria (10 ou 71,43%) estava em atividades de permanência e socialização (Figuras 3.57 e 3.58).



Figura 3.57 - Dupla de jovens na área 08. Tarde de 19 de maio. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.58 - Jovens com animal de estimação na área 08. Tarde de 21 de maio. Fonte: autora, 2016.

Havia equilíbrio de gênero, eram: 8 (57,14%) meninos e 6 (42,86%) meninas. Jovens permanecem nas mesas dos cafés e nos bancos, principalmente no próximo à Rua XV de Novembro, único com vegetação baixa, que pode conferir privacidade.

Significado: O encontro do atual e do tradicional e o tipo de socialização no espaço conferem um significado lúdico. Espaços urbanos históricos pode remeter a outras épocas, estimulando a sociabilidade (ANDRADE; BAPTISTA, 2015). A ambiência tradicional é mantida pela configuração física do espaço (elementos da identidade da cidade como cafés e confeitarias); pela manutenção de hábitos cotidianos (permanência do uso de socialização); e pelos usuários (com vestuário mais tradicional como chapéus). Estudos descrevem idosos “melhor vestidos” em cafés do que em praças, apontando divisão de identidade (HOLLAND et al., 2007).

(2) ESPAÇO DE REJEIÇÃO IDOSA: é predominantemente a área 05 (idosos representam 13,59% da ocupação total da área).

Configuração Espacial: se diferencia das outras áreas da Rua Andrade Neves em relação a (i) Atividades comerciais - enquanto nos trechos 01, 02, 03 e 04 da Rua Andrade Neves a predominância é de lojas de vestuário, os trechos 05 e 06 concentram lojas de eletrodomésticos. No trecho 05 se localiza a galeria onde está o único cinema da área central de Pelotas; (ii) Menor fluxo de pessoas - devido às atividades comerciais do trecho. Durante os levantamentos, uma das maiores unidades comerciais do trecho estava vazia, perdendo potencial de atração; e (iii) Configuração como “fim do calçadão” - é um dos extremos do calçadão, mais distante do comércio de maior movimento. Para uma avaliação espacial preliminar, recorreu-se às *affordances* e seus 10 fatores (LAYNE, 2009) (Tabela 3.17):

Fatores			Fatores			Fatores		
SEGURANÇA	Pessoas		ATIVIDADES	Diversidade	x	PERTENCIMENTO	Vegetação	x
	Monitoramento/ policiamento	x		Pessoas comendo	x		Agradabilidade da vista	
	Proteção do sol e da chuva	x		Pessoas se divertindo	x		Lugar de encontro	x
	Manutenção	x		Pessoas conversando	x		Familiaridade	x
	Iluminação artificial	x		Configuração espacial estimulante	x		Configuração relaxante	
	Espaço aberto/ acesso visual	x		Pessoas observando	x		Elementos com água	
	Configuração espacial protetiva			Espaço ensolarado	x		Sombra	x
	Delimitação física	x		Esportes/jogos	x		Edifícios culturais	
	Proximidade a ruas importantes	x		Música	x		Muitas cores	x
	Marcos visuais			Lojas/ cafeterias	x		Pessoas aprendendo	
HABILIDADES	Pessoas de diferentes idades	x	ENGAJAMENTO	Pessoas conversando	x			
	Cadeirantes/ carrinhos de bebê	x		Pessoas sentadas	x			
	Pavimentação	x		Bancos que acomodam grupos	x			
	Livre de barreiras	x		Tranquilidade	x			
	Assentos acessíveis	x		Privacidade				
	Superfícies niveladas	x		Casais	x			
	Caminhos amplos	x		Interação sem distração	x			
	Rampas de acesso	x		Pessoas contemplando				
	Pouco fluxo	x		Refúgios				
	Suporte a jogos/ brincadeiras			Mesas				

Tabela 3.17 - Fatores considerados na avaliação da área 05 do calçadão através das *affordances*.
Fonte: autora, 2018.

Destacam-se Habilidades e Atividades. O suporte a diferentes habilidades é maior em relação às áreas 07 e 08 devido ao fluxo livre, sem vendedores e mesas. O

Engajamento é favorecido pelo menor fluxo e barulho. A presença intermitente de pessoas que, em alguns horários, não atende ao mínimo sugerido por Alexander et al. (1977) - 1 pessoa a cada 14 ou 28m² - diminui a segurança. O autor recomenda uma extensão menor do que 140m para vias de pedestres para manter a densidade.

Atividades, Situações e Eventos: das pessoas observadas 4,33% (17) eram crianças, 14,76% (58) jovens, 67,43% (265) adultos e 13,49% (53) idosos. O caráter é de passagem, pois a maioria das atividades neste trecho é de fluxo. Das 393 pessoas ali observadas, 81 estavam em permanência. A maioria dos idosos estava em fluxo (42 ou 79,25%), apenas 18,87% (10) estavam em atividades opcionais, de permanência e 1,89% (1) em atividade funcional. Das 81 pessoas em permanência, 3 (3,70%) eram crianças, 18 (22,22%) jovens, 50 (61,73%) adultas e 10 (12,35%) idosos. Além do espaço ter configuração linear, que induz ao fluxo, faltam atividades e amenidades que promovam permanência. Com relação a gênero, 2 mulheres idosas foram observadas em permanência, representando 20% da faixa etária idosa. Dos 10 idosos em permanência, 7 estavam em socialização de pé, na periferia do espaço e só 3 utilizavam os bancos, mantendo a tendência de ocupação da área 08.

Diferente do microterritório idoso, há equilíbrio entre idosos sozinhos (25 ou 48,08%) e acompanhados (27 ou 51,92%), devido à menor vocação social da área. A socialização era relacionada a encontros casuais que ocorreriam em qualquer via.

Na área 05, 18 (31,03%) jovens estavam em permanência, a maioria estava em fluxo (40 ou 68,97%). Eles ficam nos bancos (8 ou 44,44%) ou de pé (10 ou 55,56%), na frente à galeria, importante ponto de encontro (Figuras 3.59 e 3.60).



Figura 3.59 - Jovem skatista na área 05. Tarde de 25 de setembro. Fonte: autora, 2016.

Figura 3.60 - Galeria como ponto de encontro. Tarde de 25 de setembro. Fonte: autora, 2016.

Jovens utilizam mais o espaço para socialização do que idosos. Há fluxo de skatistas na área, na direção do Parque D. Antônio Zattera, no início da tarde, e no

sentido contrário no fim da tarde. Com relação à divisão de gênero, há equilíbrio: eram 29 (50%) meninos e 29 (50%) meninas.

Significado: forte significado de passagem. As atividades atratoras da quadra caracterizam o que Bernardino et al. (2004) classificam como atração geradora, decorrente de planejamento, que resulta em deslocamento funcional e específico. O comércio de bens duráveis como eletrodomésticos não favorece a atração por impulso durante o deslocamento. É o oposto do que ocorre nos trechos iniciais do calçadão que, pelo arranjo de lojas, cria uma sinergia de atração aos consumidores, a atração cumulativa; e dos trechos 07 e 08 que, pela oferta de espaços para comer, pode fortalecer a atração por negócios compartilhados, vizinhos.

5.1.1.1. *Questionários*

Foram aplicados 33 questionários⁴⁹ a jovens no calçadão: 10 meninas e 5 meninos de 15 a 19 anos (faixa etária 1) e 8 meninas e 10 meninos de 20 a 24 anos (faixa etária 2). Não havia limitação física. A amostra de 30 idosos é composta por 10 mulheres e 7 homens de 60 a 79 anos (faixa etária 3) e 4 mulheres e 9 homens com 80 anos ou mais (faixa etária 4). O grupo das idosas longevas é menor devido à baixa frequência no espaço. Dos idosos respondentes, 2 (6,7%) eram obesos, 2 (6,7%) tinham mobilidade reduzida e 1 (3,3%) tinha déficit auditivo e de mobilidade.

A primeira parte do questionário se dedicava a conhecer mais sobre os respondentes, seus hábitos e posicionamento quanto às relações intergeracionais.

Questão 1: Você mora em Pelotas há quanto tempo? Dos 33 respondentes jovens do calçadão, 24 (72,7%) sempre moraram na cidade, 4 (12,1%) moravam de 1 a 5 anos, 4 (12,1%) há mais de 5 anos e 1 (3%) não morava em Pelotas. Quanto aos idosos, 15 (50%) sempre moraram em Pelotas, 14 (46,7%) moravam há mais de 5 anos e 1 (3,3%) não morava na cidade. Dessa forma, a amostra caracteriza uma população habituada à realidade e ao cotidiano da cidade.

Não há diferença estatística entre os grupos nesta questão ($U=413,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,192$). Observando as frequências, a maioria dos jovens das faixas etárias 1 (14 ou 22,1%) e 2 (10 ou 15,9%) sempre morou em Pelotas. Os idosos

⁴⁹ No arquivo digital que acompanha a dissertação encontram-se os dados resultantes dos métodos. No caso dos questionários, os registros contam com fotos, audios das aplicações e transcrições.

da faixa 3 se dividem entre sempre morar em Pelotas (8 ou 12,7%) e morar há mais de 5 anos (8 ou 12,7%), assim como ocorre com idosos da faixa 4 (7 ou 11,1% e 6 ou 9,5% respectivamente). A amostra jovem no calçadão difere da encontrada na praça, sendo formada essencialmente por pelotenses.

Questão 2: Qual é a frequência com que você vem ao calçadão? Como na praça, a maioria jovem tem frequência média (51,52%). Os idosos, ao contrário dos jovens em seu território, têm frequência alta (56,7%), apontando importância diferenciada do espaço público em seus hábitos cotidianos (Figura 3.61).

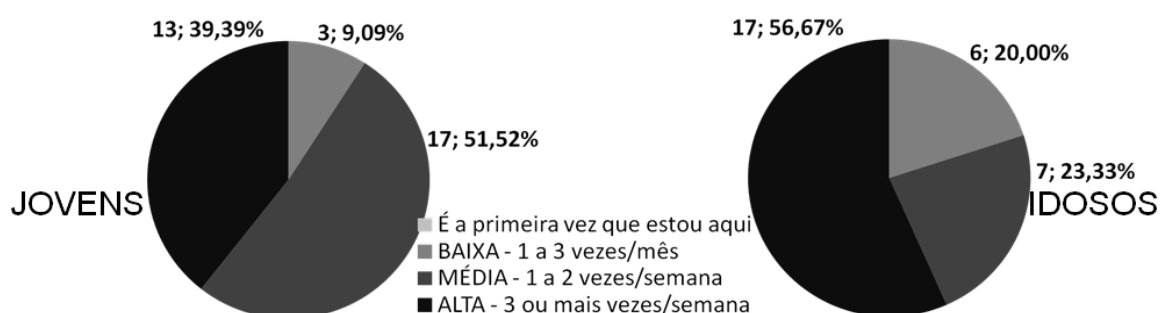


Figura 3.61 - Frequência de jovens e idosos no calçadão. Fonte: autora, 2018.

Não há diferença significativa entre os grupos nesta questão ($U=443,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,441$), o que favorece sua convivência no espaço.

Questão 3: Quais dias você mais frequenta o calçadão? A maioria dos jovens (27 ou 81,8%) e idosos (28 ou 93,3%) frequenta o calçadão nos dias de semana, refletindo seu caráter comercial, cujo poder de atração cai drasticamente em ocasião do término do horário de funcionamento das lojas (Figura 3.62).

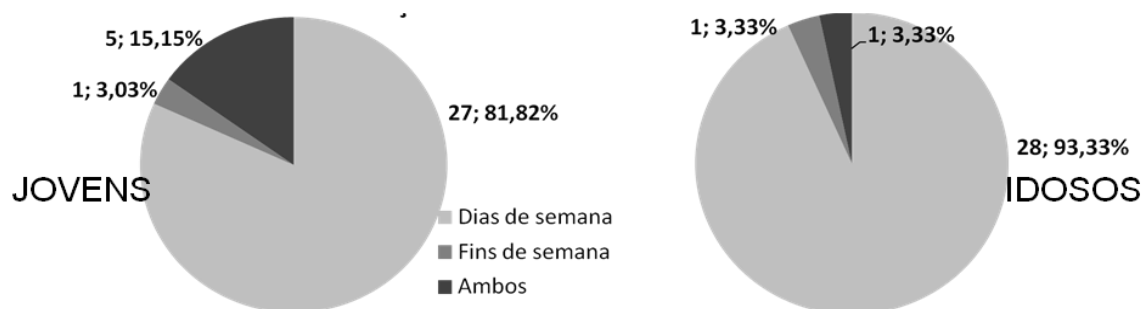


Figura 3.62 - Dias preferidos de uso do calçadão. Fonte: autora, 2018.

Não há diferença estatística entre os grupos ($U=436,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,160$), as maiores oportunidades de encontro entre os grupos no calçadão (à semelhança da praça) ocorrem durante os dias de semana.

Questão 4: Em qual turno você mais frequenta o calçadão? A preferência pela tarde é destaque para jovens (24 ou 72,7%) e idosos (24 ou 80%). Apenas 5 (15,2%) jovens vão tanto de manhã quanto à tarde e 4 (12,1%) frequentam mais pela manhã (possivelmente indo para a escola). Apenas 3 (10%) idosos apontaram a manhã e 3 (10%) afirmaram ir em ambos os turnos. Não há diferença significativa entre os grupos ($U=481,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,803$), a tarde é o turno mais provável para convívio intergeracional no calçadão e na praça.

Questão 5: Normalmente, você vem sozinho ou acompanhado? A maioria dos jovens vai acompanhada (18 ou 54,5%), 13 (39,4%) vão sozinhos e 2 (6,1%) de ambas as formas. A maioria dos idosos vai sozinha (24 ou 80%), só 6 (20%) vão acompanhados. Há diferença estatística entre os grupos ($U=288,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,001$). Para entender o contexto das respostas, a Tabela 3.18 apresenta a frequência dos motivos da escolha no discurso dos usuários.

5.1 Motivos*	Jovens			Idosos	
	Sozinho 39,4%	Acompanhado 54,5%	Tanto Faz 6,1%	Sozinho 80%	Acompanhado 20%
Ponto de encontro de amigos	-	-	-	9 (29,03%)	-
É viúvo (a) / Mora sozinho (a)/Não tem companhia	-	-	-	7 (22,58%)	-
Vem com amigos	-	5 (14,7%)	-	-	2 (6,45%)
Vem usar comércio/serviços	5 (14,7%)	1 (2,94%)	-	1 (3,23%)	2 (6,45%)
Esposa trabalha	-	-	-	1 (3,23%)	-
Pra fazer caminhada	-	-	-	1 (3,23%)	-
Para se distrair / Passar o tempo	-	-	-	1 (3,23%)	-
Necessita ajuda para caminhar	-	-	-	-	1 (3,23%)
Esposa é cega, fica em casa	-	-	-	1 (3,23%)	-
Esposa não tem o hábito de vir	-	-	-	1 (3,23%)	-
Vem tomar café	-	-	-	1 (3,23%)	-
Não gosta de sair sozinho (a)	-	2 (5,88%)	-	-	1 (3,23%)
Sempre trabalhou fora/ anda sozinha	-	-	-	1 (3,23%)	-
Vem visitar amigo	-	-	-	1 (3,23%)	-
Ida/Volta trabalho/faculdade/cursinho	5 (14,7%)	-	-	-	-
Não fica muito tempo no espaço	1 (2,94%)	-	-	-	-
Tem que ajudar a avó	1 (2,94%)	-	-	-	-
É horário de escola	1 (2,94%)	-	-	-	-
Trabalho	1 (2,94%)	-	-	-	-
Colegas de escola/cursinho/faculdade	-	9 (26,47%)	-	-	-
Com parentes	-	1 (2,94%)	-	-	-
Com a mãe, namorado ou sozinha	-	-	1 (2,94%)	-	-
Depende se tem companhia	-	-	1 (2,94%)	-	-

*A pergunta 5.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.18 - Motivos para jovens e idosos irem sozinhos ou acompanhados. Fonte: autora, 2018.

O calçadão é uma área de socialização para jovens que estão se deslocando *de* e *para* outros pontos, como escola ou faculdade, fato que o destaca para socialização efêmera, originada de outras atividades. Para os idosos, a socialização tem caráter de atividade principal. Apesar de a maioria dos idosos ir ao calçadão sozinha, seu principal objetivo é a socialização pelo reconhecimento do espaço como ponto de encontro de

amigos. Uma leitura profunda da amostra aponta semelhança ao que relata Silva (2014), sobre idosos num calçadão: considerável representatividade de idosos que moram sozinhos, afirmando a relevância da tipologia na manutenção da sua inserção social e configurando o fator lúdico da sociabilidade, resumido ao desejo de sociação (SIMMEL, 2006). Os idosos casados mencionaram não ser acompanhados por suas parceiras pela falta de costume destas em frequentar o calçadão ou a incapacidades que dificultam a mobilidade. Mulheres idosas são a maioria dos usuários que vão ao local acompanhados, indicando, possivelmente, sensação de vulnerabilidade.

Há relação estatística entre ir sozinho ou acompanhado e o motivo para jovens (Square=66,000, DF=26, P-value=0,000) e idosos (Square=30,000, DF=16, P-value=0,018). A tendência é que jovens que vão sozinhos ao calçadão o façam porque é parte do seu trajeto para trabalho, faculdade ou cursinho (5 ou 15,2%) e jovens que vão acompanhados estejam na companhia de colegas (9 ou 27,3%), o que caracteriza o fluxo gerado pela rede de instituições de ensino descrito por Alexander et al. (1977), mas a permanência depende da oferta de estímulo à sociabilidade nesta rede. Os idosos que vão ao calçadão sozinhos moram sozinhos (5 ou 15,7%) ou o consideram um ponto de encontro (8 ou 26,7%), ou seja, mesmo realizando o trajeto sem companhia, o intuito é encontrar conhecidos (Apêndice E):

“RESPONDENTE 93: Eu moro sozinho. Venho encontrar os amigos aqui. Quase todo mundo aqui é sozinho também (...) A maioria é viúvo.” (IM,80)⁵⁰

Ainda assim, não há diferença estatística entre os grupos quanto aos motivos para ir sozinho ou acompanhado (U=358,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,058).

Questão 6: Você mora a quantas quadras de distância daqui? A maioria jovem (69,7%) e idosa (70%) mora a mais de 10 quadras do local (Figura 3.63).

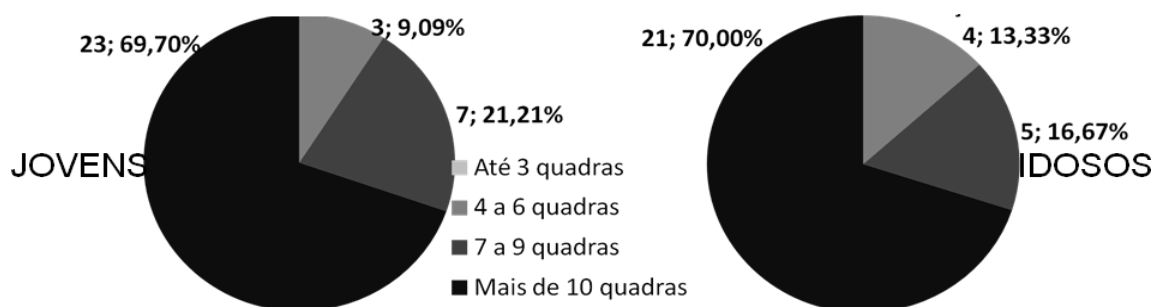


Figura 3.63 - Distância da moradia do respondente ao calçadão. Fonte: autora, 2018.

⁵⁰ Identificação adotada por este estudo: IM, 80 – Idoso do sexo masculino, 80 anos.

Assim, não há diferença estatística significativa entre os grupos quanto à distância que moram do calçadão ($U=490,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,932$). A amostra retrata os dados censitários do IBGE (2010): jovens tendem a morar longe da área central. Entretanto, ainda que o IBGE aponte uma densidade considerável de idosos residindo na área, a maioria dos respondentes mora longe.

Questão 7: Como você chega no calçadão? Jovens vão a pé (35,14%) e de ônibus (37,84%) e metade dos idosos usa ônibus (53,3%) (Figura 3.64).

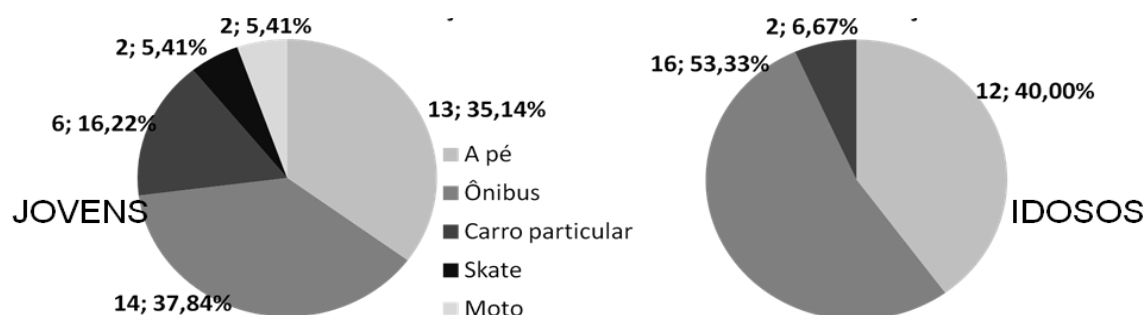


Figura 3.64 - Meios de chegar ao calçadão. Fonte: autora, 2018.

Alguns usuários apontaram mais de uma opção. Não há diferença estatística entre os grupos ($U=476,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,779$).

Questão 12. Qual é, normalmente, seu principal objetivo quando você vem ao calçadão? Na Tabela 3.19, os objetivos com 100% de respostas válidas:

12. Objetivo	Jovens	Idosos		Jovens	Idosos
Conversar com amigos	4 (10,26%)	18 (50%)	Cafés/ lancherias	1 (2,56%)	2 (5,56%)
Comprar / Usar algum serviço	12 (30,77%)	6 (16,7%)	Cortar caminho	8 (20,51%)	-
Praticar caminhada / corrida	-	2 (5,56%)	Trabalhar	4 (10,26%)	-
Passar o tempo / Esperar o ônibus	8 (20,51%)	2 (5,56%)	Passear	1 (2,56%)	-
Ver o movimento	-	5 (13,9%)	Sorvete	1 (2,56%)	-
Descansar a cabeça	-	1 (2,78%)			

Tabela 3.19 - Objetivos que levam jovens e idosos ao calçadão. Fonte: autora, 2018.

Atividades funcionais como acessar comércio ou serviços são destaque para os jovens, demonstrando seu menor interesse em atividades sociais no local. A socialização é a principal atividade para os idosos, da mesma forma que ocorre para os jovens em seu microterritório. Além disso, ver o movimento continua aparecendo com relevância para este grupo. Entretanto, não há diferença significativa entre os grupos nesta questão ($U=370,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,080$).

As questões 13 e 14 são analisadas com a totalidade de respondentes.

Questão 15: Você já deixou de frequentar alguma área do calçadão por causa da sua idade? A totalidade dos jovens respondeu não. A maioria dos idosos (29

ou 96,7%) nunca deixou de frequentar nenhuma área, apenas 1 (3,3%) respondeu que sim. Assim, não há uma diferença estatística entre os grupos quanto a esta questão ($U=478,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,294$). Há menor rejeição a uma área devido à idade do respondente no calçadão do que na praça, indicando que os usos divididos por idade podem ajudar a criar barreiras psicológicas (LIBARDONI; CHIARELLI; PORTELLA, 2017). O respondente idoso que acenou afirmativamente apontou a área 02 (3,3%). O Teste de Mann-Whitney não foi realizado nesta questão devido à ausência de respostas afirmativas do grupo jovem.

Questão 16: Você já deixou de frequentar alguma área do calçadão por causa da idade das pessoas que normalmente estão por lá? A maioria dos jovens (31 ou 93,9%) e idosos (29 ou 96,7%) respondeu não, apenas 2 (6,1%) jovens e 1 (3,3%) idoso disseram sim. Assim, não há diferença significativa entre os grupos nesta questão ($U=481,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,615$). Dos usuários que responderam sim, os dois jovens apontaram a área 08 e o idoso apontou a área 06. Assim, as áreas preferidas por idosos não tendem a ser rejeitadas pelos jovens por causa da idade dos seus usuários e vice-versa.

Questão 17: Qual é a melhor área do calçadão para passar um tempo com um amigo? A área 07 é preferida por um terço dos jovens (33,3%) e mais da metade dos idosos (53,3%) respondentes (Figura 3.65).

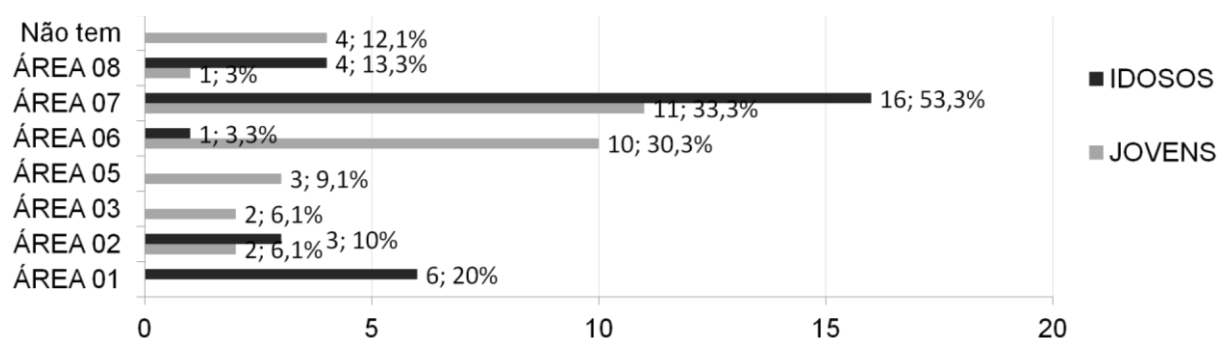


Figura 3.65 - Área preferida no calçadão por jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Ao contrário da praça, não há diferença significativa entre os grupos quanto à área preferida para passar um tempo com um amigo ($U=489,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,931$). Essa semelhança perceptiva é relevante por se tratar de uma tipologia que não possui uma divisão etária projetada de atividades.

Dos 33 jovens, 1 (3%) não apontou motivos para a preferência, produzindo 97% de respostas válidas. No grupo dos idosos, são 100% de respostas válidas. Na Tabela 3.20, a frequência com que os motivos aparecem no discurso dos usuários.

17.1 Motivos* JOVENS	Não tem	ÁREA 1	ÁREA 2	ÁREA 3	ÁREA 5	ÁREA 6	ÁREA 7	ÁREA 8
Não tem	3 (6,38%)	-	-	-	-	-	-	-
Qualquer uma	1 (2,13%)	-	-	-	-	-	-	-
RESPONSIVO								
Movimento/Agrupamento	-	-	1 (2,13%)	-	-	-	-	-
Chafariz	-	-	-	1 (2,13%)	-	-	-	-
Sombra	-	-	1 (2,13%)	-	1 (2,13%)	1 (2,13%)	3 (6,38%)	-
Espaço	-	-	-	-	1 (2,13%)	1 (2,13%)	-	-
Menos gente	-	-	-	-	1 (2,13%)	-	-	-
Menos barulho	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	-	-
INFERENCIAL								
Calmo/Sossegado/ Tranquilo	-	-	-	-	1 (2,13%)	5 (10,7%)	4 (8,52%)	-
Agradável / É bom / Gosta	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	-	-
Potencial	-	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	-
OPERACIONAL								
Ponto de encontro / amigos	-	-	-	1 (2,13%)	-	-	-	-
Bancos / sentar	-	-	-	-	1 (2,13%)	2 (4,26%)	3 (6,38%)	-
Cafés	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,13%)
Lancherias/ comer	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	8 (17,0%)	-
Cinema	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	-	-
Skate	-	-	-	-	-	1 (2,13%)	-	-
IDOSOS								
RESPONSIVO								
Movimento/Agrupamento	-	3 (6,25%)	-	-	-	-	-	-
Chafariz	-	-	2 (4,17%)	-	-	-	1 (2,08%)	-
Sombra	-	-	-	-	-	-	3 (6,25%)	1 (2,08%)
INFERENCIAL								
Calmo/Sossegado/Tranquilo/ Ninguém incomoda/ Dá pra ficar sozinho	-	1 (2,08%)	-	-	-	-	-	1 (2,08%)
Segurança	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,08%)
Agradável / É bom / Gosta	-	1 (2,08%)	-	-	-	-	-	-
Alegre	-	1 (2,08%)	-	-	-	-	-	-
Nosso escritório / Escritório	-	-	-	-	-	-	3 (6,25%)	2 (4,17%)

17.1 Motivos* IDOSOS	Não tem	ÁREA 1	ÁREA 2	ÁREA 3	ÁREA 5	ÁREA 6	ÁREA 7	ÁREA 8
OPERACIONAL								
Ponto de encontro / amigos	-	1 (2,08%)	1 (2,08%)	-	-	1 (2,08%)	2 (4,17%)	-
Hábito	-	1 (2,08%)	1 (2,08%)	-	-	-	-	1 (2,08%)
Bancos	-	-	-	-	-	-	3 (6,25%)	2 (4,17%)
Supermercado	-	1 (2,08%)	-	-	-	-	-	-
Todos passam por aqui	-	-	1 (2,08%)	-	-	-	-	-
Shopping	-	-	-	-	-	1 (2,08%)	-	-
Tem tudo	-	-	-	-	-	-	2 (4,17%)	-
Cafés	-	-	-	-	-	-	5 (10,2%)	-
Lancherias / comer	-	-	-	-	-	-	3 (6,25%)	-
Telefone público	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,17%)

*A pergunta 17.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.20 - Motivos para preferir determinada área no calçadão. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas de jovens e idosos é operacional. Os destaques para jovens são: Tranquilidade (10), Lancherias/Comer (9), Bancos (6) e Sombra (6). A busca por locais tranquilos retrata o que ocorre na praça. Nesse sentido, há relevância das áreas 06 e 07 (situada na transversal da área mais movimentada) como locais potenciais de desaceleração. Os destaques para idosos são: Ponto de Encontro (5), Escritório (5), Cafés (5) e Bancos (5). É significativo no discurso idoso o grau de apego desenvolvido com as áreas 07 e 08, o “escritório dos guris aposentados”: há atratividade e certo conforto, pelos bancos e sombra para parada; cafés para consumir ou usar o banheiro ou pela possibilidade de encontrar amigos.

Questão 18: Qual é a pior área do calçadão para passar um tempo com um amigo? As áreas 01 e 06 do calçadão da Rua Andrade Neves são as piores para jovens (63,6%) e idosos (53,3%) (Figura 3.66), respectivamente, caracterizando diferença estatística ($U=135,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,000$).

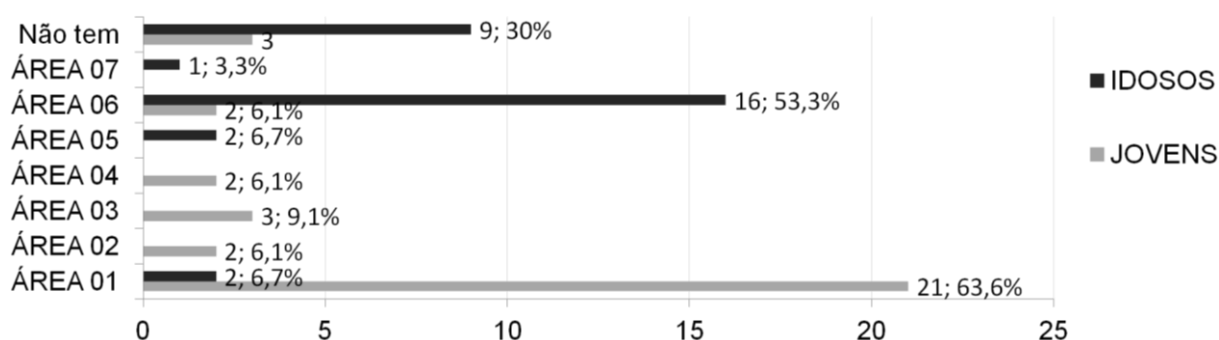


Figura 3.66 - Área rejeitada no calçadão por jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Todos os usuários apontaram motivos para a rejeição, produzindo 100% de respostas válidas. Na Tabela 3.21, a frequência com que aparecem nos discursos.

18.1 Motivos*	Não tem		ÁREA 1		ÁREA 2	ÁREA A3	ÁREA 4	ÁREA 5	ÁREA 6		ÁREA 7
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Idosos
Nenhuma	3 (6,25%)	9 (29%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RESPONSIVO											
Movimento	-	-	15 (31,2%)	-	1 (2,1%)	2 (4,2%)	-	-	-	-	-
Sem sombra	-	-	6 (12,5%)	1 (3,2%)	1 (2,1%)	-	-	-	-	1 (3,2%)	-
Pouco movimento	-	-	-	-	-	-	1 (2,1%)	-	-	4 (12,9%)	-
Cheiro de esgoto	-	-	-	-	-	-	1 (2,1%)	-	-	-	-
Escuro/ Sem sol	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,2%)	-	-	-
INFERENCIAL											
Correria	-	-	4 (8,3%)	-	-	-	-	-	-	-	-
Agitada	-	-	1 (2,1%)	-	-	-	-	-	-	-	-
Morto	-	-	-	-	-	-	1 (2,1%)	-	-	-	-
Desagradável	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,2%)	-
OPERACIONAL											
Sem onde comer	-	-	1 (2,1%)	1 (3,2%)	-	-	-	-	-	-	-
Sem onde caminhar	-	-	2 (4,2%)	-	-	-	-	-	-	-	-
Só comércio	-	-	3 (6,25%)	-	-	-	-	-	-	1(3,2%)	-
Falta de bancos	-	-	2 (4,2%)	-	-	1 (2,1%)	-	-	-	-	-
Perto da praça	-	-	1 (2,1%)	-	-	-	-	-	-	-	-
Não tem nada lá	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,2%)	-	5 (16,1%)	-
Não vai /Sem hábito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5 (16,1%)	-
Lugar afastado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,2%)	-
Amigos não vão lá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,2%)
*A pergunta 18.1 é uma pergunta aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.											

Tabela 3.21 - Motivos para evitar certa área no calçadão para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018

A maioria das respostas dos jovens é responsiva. Destacam-se: Movimento (18), Sem Sombra (7) e Correria (4). São características opostas às da sua área preferida. O movimento e a correria podem estar prejudicando a tranquilidade buscada pelos jovens. Para os idosos, o modo operacional é o mais importante. Destacam-se: Não tem o que fazer (5), Não vai lá (5) e Pouco movimento (4). Para uma faixa etária que busca inserção social, o pouco movimento pode, além de causar insegurança, diminuir a atratividade. As diferenças de intensidade de usos observadas nas áreas influenciam na percepção do pedestre (LYNCH, 2005).

Há diferença estatística entre os grupos ($U=269,500$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,002$). O extremo 01 do calçadão é o pior para jovens devido ao movimento excessivo e o 06 para idosos pela falta de movimento e de atividades suporte. Caracteriza-se um ponto crítico para espaços de convivência: um nível de tolerância baixo ao movimento para jovens e uma necessidade significativa para idosos. Quanto à sombra, as áreas citadas como deficientes têm maior espaçamento entre árvores, criando áreas de sombra pontuais (Apêndice E):

RESPONDENTE 108: “só esses prédios e algumas árvores, aí tem que ficar te mexendo conforme vai mudando o sol (...)”. (JM, 21)

Na Rua 7 de Setembro há continuidade de sombra devido ao menor espaçamento entre árvores, conforme destacado em vermelho na Figura 3.67.

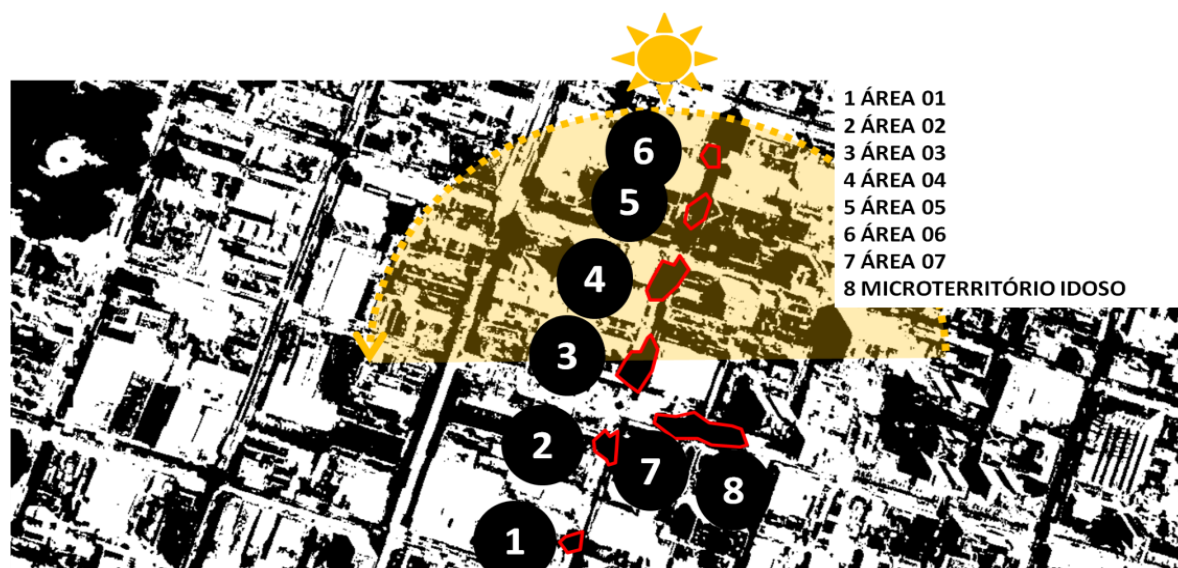


Figura 3.67 - Imagem de cheios e vazios da vista superior do calçadão, Fonte: autora, 2018.

Questão 19: Qual é a melhor área do calçadão para jovens se encontrarem? A maioria dos jovens (42,4%) apontou a área 06. Idosos dizem não haver uma área melhor (23,3%) e apontam a área 06 (23,3%). Um jovem citou a frente do mercado, fora do objeto de estudo (Figura 3.68).

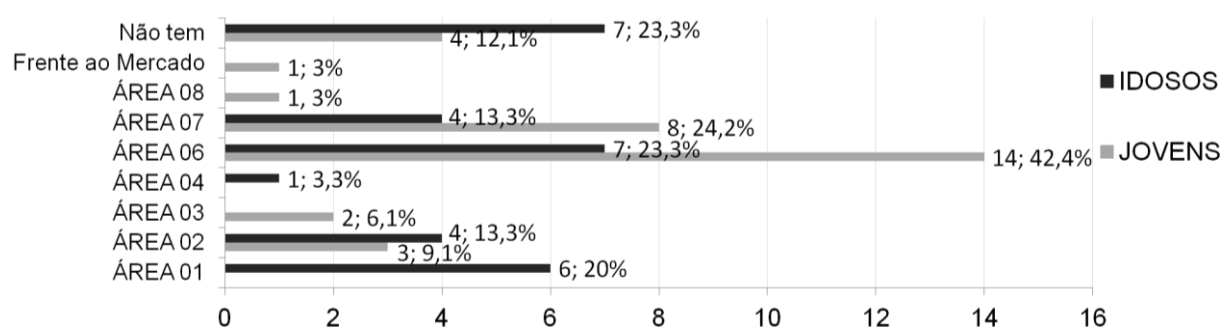


Figura 3.68 - Área preferida no calçadão para jovens se encontrarem. Fonte: autora, 2018.

Há certa semelhança de percepção sobre as preferências jovens. Todos os usuários apontaram motivos, produzindo 100% de respostas válidas. Na Tabela 3.22, a frequência dos motivos no discurso dos usuários.

19.1 Motivos*	Não tem		ÁREA 1	ÁREA 2		ÁREA 3	ÁREA 4	ÁREA 6		ÁREA 7		ÁREA 8
	Jovens	Idosos	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens
Nenhuma	2 (4,4%)	5 (18,5%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Todas	1 (2,2%)	2 (7,4%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RESPONSIVO												
Chafariz	-	-	-	3 (6,5%)	1 (3,7%)	2 (4,4%)	-	-	-	-	-	-
Espaço	-	-	-	-	-	-	-	5 (10,9%)	2 (7,4%)	-	-	-
Movimen- to	-	-	1 (3,7%)	-	1 (3,7%)	-	1 (3,7%)	-	-	-	-	-
Menos Barulho	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,2%)	-	-	-	-
Sombra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,4%)	-	-
INFERENCIAL												
Tranquilo	-	-	-	-	-	-	-	5 (10,9%)	-	3 (6,5%)	-	1 (2,2%)
Agradável	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,2%)	-	-	-	-
Fácil de achar	-	-	-	1 (2,2%)	-	-	-	-	-	-	-	-
É conheci- do	-	-	-	2 (4,4%)	-	-	-	-	-	-	-	-
OPERACIONAL												
Ponto encontro	-	-	4 (14,8%)	-	1 (3,7%)	-	-	3 (6,5%)	2 (7,4%)	-	-	-
Patins/ skate	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,4%)	2 (7,4%)	-	-	-
Perto da escola	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,4%)	-	-	-	-
Praça	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,7%)	-	-	-
Shopping	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (3,7%)	-	-	-
Comércio	-	-	1 (3,7%)	-	1 (3,7%)	-	-	-	-	-	-	-
Hábito	-	-	1 (3,7%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Comer / Beber	-	-	-	-	-	-	-	-	2 (7,4%)	6 (13%)	4 (14,8%)	1 (2,2%)
Bancos	1 (2,2%)	-	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,4%)	-	-
*A pergunta 19.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.												

Tabela 3.22 - Motivos para preferir certa área para o encontro de jovens. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas é operacional. Os destaques para jovens são: Tranquilidade (9), Comer/Beber (7), Chafariz (5) e Espaço (5). Para os idosos, são: Ponto de encontro (7), Comer/Beber (6) e Movimento (3). Os jovens não veem o local como um ponto de encontro tão relevante quanto os idosos. A ênfase para tranquilidade e movimento mostra divergência perceptiva entre os grupos sobre as necessidades jovens. A oferta de alimentos constitui uma semelhança significativa.

Questão 20. Qual é a melhor área do calçadão para idosos se encontrarem? A maioria dos jovens escolheu a área 08 (39,4%), enquanto idosos se dividem entre área 07 (30%) e não haver uma área específica (30%) (Figura 3.69).

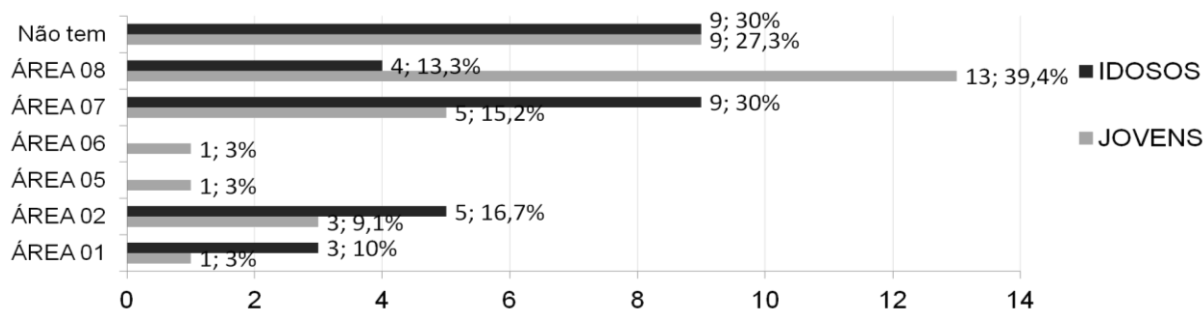


Figura 3.69 - Área preferida no calçadão para idosos se encontrarem. Fonte: autora, 2018.

Não há diferença significativa entre os grupos ($U=417,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,269$). Todos os usuários apontaram motivos para a preferência. Na Tabela 3.23, a frequência dos motivos válidos no discurso dos usuários.

20.1 Motivos*	Não tem		ÁREA 1		ÁREA 2		ÁREA 5	ÁREA 6	ÁREA 7		ÁREA 8	
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Jovens	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Nenhuma	1 (2,4%)	3 (7,3%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Todas	4 (9,5%)	6 (14,6%)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RESPONSIVO												
Chafariz	-	-	-	-	1 (2,4%)	-	-	-	-	-	-	-
Movimen- to	-	-	-	1 (2,4%)	-	2 (4,9%)	-	-	-	2 (4,9%)	-	-
Menos trânsito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,4%)	-	-
Sombra	-	-	-	-	1 (2,4%)	2 (4,9%)	-	-	1 (2,4%)	1 (2,4%)	1 (2,4%)	-
INFERENCIAL												
Tranquilo	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,4%)	-	-	-	-
Segurança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,4%)
OPERACIONAL												
Ponto de encontro	-	-	1 (2,4%)	2 (4,9%)	1 (2,4%)	-	-	-	1 (2,4%)	3 (7,3%)	5 (11,9%)	-
Comércio	-	-	-	-	-	1 (2,4%)	-	-	-	1 (2,4%)	-	-
Hábito	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,9%)	-	-
Comer	-	-	-	-	-	-	-	-	3 (7,1%)	1 (2,4%)	-	1 (2,4%)
Bancos	4 (9,5%)	-	-	-	1 (2,4%)	1 (2,4%)	1 (2,4%)	-	2 (4,8%)	1 (2,4%)	2 (4,8%)	-
Cafés	-	-	-	-	-	-	-	-	2 (4,8%)	2 (4,9%)	9 (21,4%)	2 (4,9%)
Tem tudo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1 (2,4%)	-	-

*A pergunta 20.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.23 - Motivos para preferir certa área para o encontro de idosos. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas de jovens e idosos é operacional. Os destaques para os jovens são: Cafés (11), Bancos (10) e Ponto de encontro (8). Já para os idosos, são:

Ponto de encontro (5), Movimento (5) e Cafés (4). Há similaridade de percepção sobre a necessidade social dos idosos e o papel dos cafés neste contexto. A diferença é que jovens tendem a valorizar mais o conforto de bancos para os idosos enquanto estes valorizam áreas movimentadas.

As questões 21, 22 e 23 utilizam uma escala de 5 pontos para obter a satisfação dos grupos com relação à: opções de lazer com amigos, sinalização/ orientação e banheiros; e os graus de agradabilidade e conforto (Tabela 3.24).

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito nem satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
JOVENS					
21. Opções de lazer com amigos	1 (3%)	14 (42,4%)	12 (36,4%)	6 (18,2%)	-
22 Sinalização/ orientação	2 (6%)	3 (9,1%)	9 (27,3%)	19 (57,6%)	-
22.1 Acesso à banheiros	20 (60,6%)	9 (27,3%)	1 (3%)	3 (9,1%)	-
	Muito Desagradável	Desagradável	Nem Desagradável nem Agradável	Agradável	Muito Agradável
23. Agradabilidade	-	5 (15,2%)	16 (48,5%)	11 (33,3%)	1 (3%)
	Muito Desconfortável	Desconfortável	Nem desconfortável nem Confortável	Confortável	Muito Confortável
23.1 Conforto	2 (6,1%)	7 (21,2%)	21 (63,6%)	3 (9,1%)	-
IDOSOS					
21. Opções de lazer com amigos	1 (3,3%)	3 (10%)	10 (33,3%)	15 (50%)	1 (3,3%)
22 Sinalização/ orientação	-	2 (6,7%)	7 (23,3%)	21 (70%)	-
22.1 Acesso à banheiros	18 (60%)	9 (30%)	-	3 (10%)	-
	Muito Desagradável	Desagradável	Nem Desagradável nem Agradável	Agradável	Muito Agradável
23. Agradabilidade	-	-	4 (13,3%)	14 (46,7%)	12 (40%)
	Muito Desconfortável	Desconfortável	Nem desconfortável nem Confortável	Confortável	Muito Confortável
23.1 Conforto	1 (3,3%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	10 (33,3%)	1 (3,3%)

Tabela 3.24 - Grau de satisfação dos usuários com relação a fatores do calçadão. Fonte: autora, 2018.

21. Com relação a lazer com amigos: a maioria dos jovens (14 ou 42,4%) está “insatisfeita”, e dos idosos (19 ou 57,6%) está “satisfeita”. Contrariando o que ocorreu na praça, há diferença significativa entre as respostas dos grupos ($U=272,500$, $N_1=33$, $N_2=30$, two-tailed, $p=0,001$): jovens tendem à insatisfação e idosos à satisfação.

22. Quanto à sinalização/orientação espacial: a maioria dos jovens (19 ou 57,6%) e idosos (21 ou 70%) está “satisfeita”. Desse modo, não há diferença significativa entre os grupos ($U=423,000$, $N_1=33$, $N_2=30$, two-tailed, $p=0,245$).

22.1 Quanto ao acesso a banheiros públicos: A maioria dos jovens (20 ou 60,6%) e idosos (18 ou 60%) está “muito insatisfeita”, de modo que não há uma diferença significativa entre eles ($U=495,000$, $N_1=33$, $N_2=30$, two-tailed, $p=1,000$). A

satisfação é menor do que na praça, o que é compreensível, já que ali não existem banheiros públicos. O cenário fortalece o suporte de cafés e lojas (Apêndice E):

RESPONDENTE 88: “(...) tem lugares que a gente pede. O único lugar que a gente pode ir é no supermercado, é no... é no mercado (...) e lá na Renner. O resto só pagando pra ir” (IF, 66).

RESPONDENTE 94: “Não tem. As vezes no Otto.” (IM, 90).

RESPONDENTE 93: “Só tem o do Aquário e o Ponto Chic.” (IM, 80).

RESPONDENTE 108: “Não tem. (...) E os que tem, podre. (...) Eu fui uma vez ali naquele da praça e quase morri.” (JM, 21).

Questão 23. Quanto à agradabilidade: grande parte dos jovens (16 ou 48,5%) consideram o calçadão “nem desagradável e nem agradável”, enquanto idosos tendem a considerá-lo de “agradável” 14 (46,7%) a “muito agradável” 12 (40%). Assim, há diferença significativa ($U=177,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,000$): jovens tendem a uma menor sensação de agradabilidade do que idosos.

Questão 23.1 Quanto ao conforto: a maioria dos jovens (21 ou 63,6%) jovens considera o calçadão “nem desconfortável e nem confortável”, enquanto os idosos se dividem entre “nem desconfortável e nem confortável” (11 ou 36,7%) e “confortável” (10 ou 33,3%). Assim, não há uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos ($U=388,000$, $N1=33$, $N2=30$, two-tailed, $p=0,110$).

A terceira parte do questionário se detém nas 5 *affordances*. A questão 24 considera todos os respondentes, de modo que é apresentada posteriormente.

Questão 25. No calçadão, avalie sua satisfação quanto à (Tabela 3.25):

<i>Affordances</i>		Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem Insatisfeito e nem Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Mean Rank
JOVENS	25. Sensação de Segurança	-	1 (3%)	8 (24,2%)	24 (72,7%)	-	4,05
	25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	-	1 (3%)	15 (45,5%)	15 (45,5%)	2 (6,1%)	3,73
	25.2 Diversos Usos e Atividades	7 (21,2%)	13 (39,4%)	9 (27,3%)	4 (12,1%)	-	1,82
	25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	1 (3%)	14 (42,4%)	12 (36,4%)	6 (18,2%)	-	2,36
	25.4 Oportunidade para interagir	-	3 (9,1%)	23 (69,7%)	6 (18,2%)	1 (3%)	3,05
IDOSOS	25. Sensação de Segurança	2 (6,7%)	4 (13,3%)	7 (23,3%)	14 (46,7%)	3 (10%)	2,95
	25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	-	2 (6,7%)	1 (3,3%)	17 (56,7%)	10 (33,3%)	3,98
	25.2 Diversos Usos e Atividades	1 (3,3%)	5 (16,7%)	14 (46,7%)	9 (30%)	1 (3,3%)	2,45
	25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	-	12 (40%)	7 (23,3%)	11 (36,7%)	-	2,30
	25.4 Oportunidade para interagir	-	3 (10%)	5 (16,7%)	17 (56,7%)	5 (16,7%)	3,32

Tabela 3.25 - Avaliação das 5 *affordances* no calçadão para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância moderada entre jovens (Kendall's W = 0,453, DF=4, p=0,000) e fraca entre idosos (Kendall's W = 0,279, DF=4, p=0,000). Há diferença significativa de percepção entre os grupos quanto à sensação de pertencer ao lugar, diversidade de atividades e engajamento (Tabela 3.26).

<i>Affordances</i>	Teste U de Mann-Whitney
25. Sensação de Segurança	U=430,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,307
25.1 Sensação de Pertencer ao Lugar	U=261,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	U=417,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,253
25.4 Oportunidade para interagir	U=257,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
25.3 Suporte a Diversas capacidades físicas	U=264,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,001

Tabela 3.26 - Testes Mann-Whitney entre os grupos com as *affordances* no calçadão. Fonte: autora, 2018.

As respostas mostram que os idosos tendem a perceber pertencimento e engajamento mais fortemente, o que é compreensível visto que se trata do local de apropriação desse grupo, onde núcleos de socialização são cotidianos. Segundo Dines et al. (2006), o uso regular do espaço aliado a redes sociais e estrutura física está vinculado à vitalidade e ao apego ao lugar.

A percepção sobre a diversidade de atividades té maior para os idosos do que para os jovens. Este fato é interessante, pois na praça ocorre o inverso. Os grupos etários tendem a perceber maior oferta de atividades em seu espaço de socialização, mas nenhuma das tipologias têm atividades dedicadas especificamente a essas duas faixas etárias. Assim, há indícios de que a socialização por si só já cumpre um papel tão importante para os dois grupos que acaba suprimindo a falta de outras atividades. O achado confirma que as pessoas são, por vezes, a maior força atratora da cidade (Whyte, 1980; Gehl, 2015), especialmente para grupos que valorizam a sociabilidade de forma diferenciada.

Ainda que Segurança tenha um destaque diferenciado para os jovens, assim como na praça, Pertencimento e Engajamento Pessoal são algumas das *affordances* mais presentes para os grupos. Entretanto, os problemas para favorecer o engajamento descritos no estudo observacional podem influenciar neste potencial. Acessibilidade e atividades são pontos a serem melhorados para o uso jovem.

Ao contrário da praça, há relação significativa entre o tempo que os usuários moram na cidade e sua percepção sobre o grau de pertencimento no calçadão (Square=18,148, DF=9, P-value=0,033). Há tendência de que quanto mais tempo o

usuário mora na cidade, mais ele se sente parte do lugar. Infere-se assim, que os elementos espaciais da praça podem estar ajudando mais na construção de apego.

Questão 26. Em uma palavra, descreva um significado que o calçadão tem:

Na Tabela 3.27, os significados do calçadão, com 100% de respostas válidas.

26. Significado*	Jovens	Idosos	Significado*	Jovens	Idosos
Comércio/ Lojas / Compras	8 (22,9%)	-	Distração	-	5 (14,7%)
Amigos/ Amizade	4 (11,4%)	1 (2,9%)	Vida	-	3 (8,82%)
Correria / "Muvuca"	4 (11,4%)	-	Parte da minha vida/ rotina	-	2 (5,88%)
Movimento	2 (5,71%)	-	Carinho	-	2 (5,88%)
Lazer	1 (2,86%)	-	Socialização/ Convivência	-	2 (5,88%)
Diversidade	1 (2,86%)	-	Ótimo / Bom / Tudo de bom	2 (5,71%)	4 (11,8%)
Barulhento	1 (2,86%)	-	Representa Pelotas	-	1 (2,9%)
Sem graça	1 (2,86%)	-	Pertence a nós	-	1 (2,9%)
Tem potencial	1 (2,86%)	-	Muito ruim	-	1 (2,9%)
Coração da cidade / Tudo acontece no centro / Importante para a cidade	2 (5,71%)	-	Relaxamento / descanso do trabalho cumprido (aposentado)	-	1 (2,9%)
Quente demais	1 (2,86%)	-	Ponto de Encontro	-	2 (5,88%)
Barulho + Dá nos nervos	1 (2,86%)	-	Vegetação pouca e feia	1 (2,86%)	-
Ponto de referência	1 (2,86%)	-	Não tem coisa melhor	-	1 (2,9%)
Passeio	1 (2,86%)	-	Primeiro pensamento do dia	-	1 (2,9%)
Legal	1 (2,86%)	-	Nossa vida / Nosso meio de vida	-	2 (5,88%)
Alegria	-	1 (2,9%)	Agradável/Se sente bem/	1 (2,86%)	3 (8,82%)
Trabalho	1 (2,86%)	-	Nosso escritório	-	1 (2,9%)

*A pergunta 26 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.27 - Significado do calçadão para usuários jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Para a visualização desse significado, foram construídas nuvens de palavras. A fonte maior representa a maior frequência no discurso dos usuários (Figura 3.70).

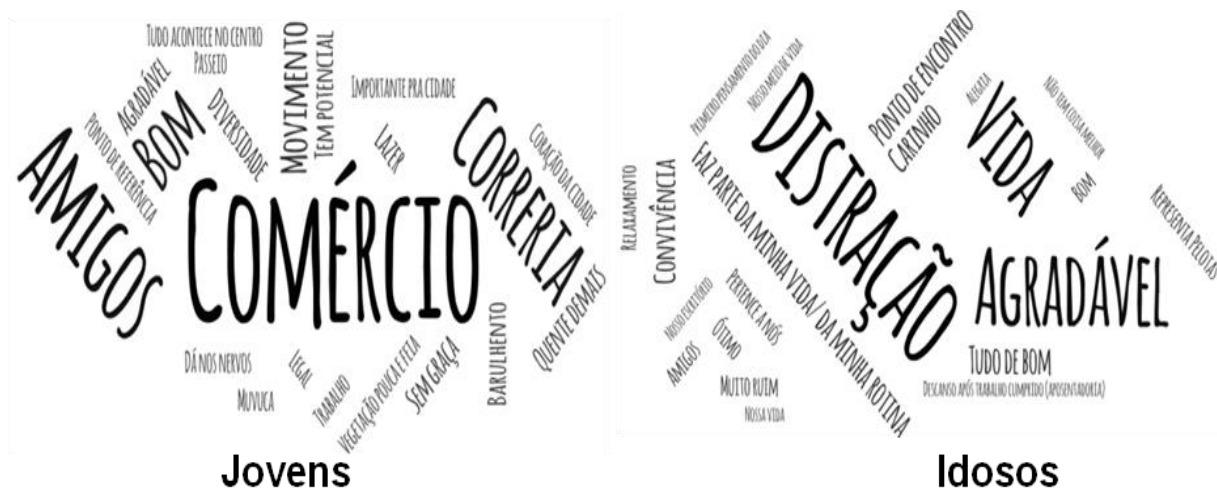


Figura 3.70 - Nuvens de palavras com os significados do calçadão. Fonte: autora, 2018

Apesar de a maioria dos jovens apontar significado negativo e meramente funcional, alguns mencionam a presença de amigos e lazer. Assim, há certo potencial na tipologia como espaço social para esta faixa etária, desde que certos aspectos sejam observados. Para os idosos, há um significado positivo na maioria dos relatos. A distração e a convivência entre amigos reforçam a vocação do espaço em suprir possíveis carências sociais. A “vida” que o movimento confere tem ênfase para os mais velhos. Destaque para o significado lúdico que o microterritório idoso assume, descrito

como “escritório dos guris aposentados”. Além do pertencimento, os usuários chegam à sensação de propriedade (SHAMAI, 1991) (Apêndice E):

RESPONDENTE 93: “Sou meio dono disso aqui (...) As vezes eu corro cara aqui (...) Tava sentado no meu lugar” (IM, 80).

Os usos se mantêm similares ao longo do dia, fortalecendo o significado do espaço, mas, assim como no território jovem, há um ciclo de ocupações marcado por usuários de identidades diversas (Apêndice E):

RESPONDENTE 93: “(...) aqui a gente encontra todo mundo. A esquina 22 (...) Tem várias turmas também, né? (...) Vários horários (...) Depois das cinco e meia vai chegando a turma do Brasil”⁵¹ (IM, 80).

A heterogeneidade de identidades acompanha Silva (2014), que relata grupos de idosos com regras de convivência particulares no calçadão de Juiz de Fora.

Questão 27: Pensando no calçadão, avalie sua satisfação quanto: Na Tabela 3.28, a avaliação do calçadão quanto a fatores específicos:

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito e nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Mean Rank
JOVENS						
27 Pessoas presentes no local	-	3 (9,1%)	11 (33,3%)	19(56,7%)	-	17,08
27.1 Policiamento	2 (6,1%)	4(12,1%)	9(27,3%)	18(54,5%)	-	15,38
27.2 Proteção do sol e da chuva	3 (9,1%)	8(24,2%)	11(33,3%)	11(33,3%)	-	13,23
27.3Cuidado/ manutenção	-	13(39,4%)	15(45,5%)	5(15,2%)	-	11,67
27.4 Iluminação	-	2(6,1%)	19(57,6%)	12(36,4%)	-	15,64
SEGURANÇA						
27.5 Diversidade	-	3(9,1%)	6(18,2%)	21(63,6%)	3(9,1%)	18,73
27.6 Espaços para comer	-	8(24,2%)	12(36,4%)	12(36,4%)	1(3%)	15,11
27.7 Oportunidades de diversão ativa	11(33,3%)	16(48,5%)	3(9,1%)	3(9,1%)	-	6,26
27.8 Contato interpessoal	-	1(3%)	12(36,4%)	20(60,6%)	-	17,80
27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	-	4(12,1%)	7(21,2%)	22(66,7%)	-	17,65
DIVERSIDADE DE ATIVIDADES						
27.10 Vegetação	11(33,3%)	13(39,4%)	6(18,2%)	3(9,1%)	-	7,11
27.11 Vista bonita/ atrativa	11(33,3%)	9(27,3%)	8(24,2%)	5(15,2%)	-	8,53
27.12 Lugar de encontro	2 (6,1%)	1(3%)	5(15,2%)	21(63,6%)	4(12,1%)	18,98
27.13 Familiaridade	-	5(15,2%)	6(18,2%)	16(48,5%)	6(18,2%)	18,20
27.14 Espaço relaxante	13(39,4%)	14(42,4%)	4(12,1%)	2(6,1%)	-	6,11
PERTENCIMENTO						
27.15 Diversidade de idades	-	1(3%)	9(27,3%)	17(51,5%)	6(18,2%)	18,89
27.16 Acesso a cadeirantes	-	10(30,3%)	15(45,5%)	8(24,2%)	-	13,20
27.17 Pavimentação	-	10(30,3%)	12(36,4%)	11(33,3%)	-	13,58
27.18 Espaço livre de barreiras	4 (12,1%)	10(30,3%)	9(27,3%)	10(30,3%)	-	11,70
27.19 Assentos acessíveis	6(18,2%)	8(24,2%)	7(21,2%)	12(36,4%)	-	12,21
ACESSIBILIDADE						

⁵¹ Time de futebol de tradição, é uma das maiores torcidas da cidade, conhecido como o “Xavante”.

Fatores	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito e nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Mean Rank
27.20 Espaços para conversar	5(15,2%)	4(12,1%)	15(45,5%)	9(27,3%)	-	12,77
27.21 Espaços para sentar/descansar	5(15,2%)	5(15,2%)	15(45,5%)	8(24,2%)	-	12,41
27.22 Bancos que acomodam grupos	9(27,3%)	8(24,2%)	13(39,4%)	3(9,1%)	-	8,80
27.23 Tranquilidade	12(36,4%)	8(24,2%)	7(21,2%)	6(18,2%)	-	8,24
27.24 Privacidade	13(39,4%)	12(36,4%)	8(24,2%)	-	-	5,74
ENGAJAMENTO INTERPESSOAL						
IDOSOS						
27 Pessoas presentes no local	1 (3,3%)	1 (3,3%)	1 (3,3%)	20(66,7%)	7 (23,3%)	18,21
27.1 Policiamento	6(20%)	13(43,3%)	4(13,3%)	7(23,3%)	-	8,16
27.2 Proteção do sol e da chuva	5(16,7%)	13(43,3%)	7(23,3%)	3(10%)	2(6,7%)	8,33
27.3Cuidado/ manutenção	4(13,3%)	14(46,7%)	7(23,3%)	-	-	8,79
27.4 Iluminação	2(6,7%)	7(23,3%)	14(46,7%)	7(23,3%)	-	10,67
SEGURANÇA						
27.5 Diversidade	-	4(13,8%)	5(17,2%)	18(62,1%)	2(6,9%)	15,12
27.6 Espaços para comer	-	1(3,3%)	1(3,3%)	21(70%)	7(23,3%)	18,69
27.7 Oportunidades de diversão ativa	4(13,3%)	18(60%)	1(3,3%)	7(23,3%)	-	7,43
27.8 Contato interpessoal	1(3,3%)	-	2(6,7%)	20(66,7%)	7(23,3%)	18,34
27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	1(3,3%)	2(6,7%)	4(13,3%)	14(46,7%)	9(30%)	17,71
DIVERSIDADE DE ATIVIDADES						
27.10 Vegetação	7(23,3%)	17(56,7%)	3(10%)	2(6,7%)	1(3,3%)	5,98
27.11 Vista bonita/ atrativa	-	6(20%)	9(30%)	15(50%)	-	12,91
27.12 Lugar de encontro	-	2(6,7%)	-	16(53,3%)	12(40%)	19,59
27.13 Familiaridade	-	-	1(3,3%)	23(76,7%)	6(20%)	18,91
27.14 Espaço relaxante	1(3,3%)	9(30%)	7(23,3%)	12(40%)	1(3,3%)	12,17
PERTENCIMENTO						
27.15 Diversidade de idades	-	2(6,7%)	-	23(76,7%)	5(16,7%)	18,43
27.16 Acesso a cadeirantes	1(3,3%)	13(43,3%)	7(23,3%)	8(26,7%)	1(3,3%)	10,62
27.17 Pavimentação	11(36,7%)	7(23,3%)	6(20%)	6(20%)	-	7,00
27.18 Espaço livre de barreiras	4(13,3%)	7(23,3%)	7(23,3%)	12(40%)	-	11,19
27.19 Assentos acessíveis	4(13,3%)	18(60%)	3(10%)	5(16,7%)	-	7,29
ACESSIBILIDADE						
27.20 Espaços para conversar	-	3(10%)	4(13,3%)	20(66,7%)	3(10%)	16,50
27.21 Espaços para sentar/descansar	1(3,3%)	2(6,7%)	9(30%)	18(60%)	-	14,41
27.22 Bancos que acomodam grupos	3(10%)	8(26,7%)	11(36,7%)	8(26,7%)	-	10,55
27.23 Tranquilidade	2(6,7%)	-	7(23,3%)	15(50%)	6(20%)	16,17
27.24 Privacidade	3(10%)	7(23,3%)	7(23,3%)	12(40%)	1(3,3%)	11,81
ENGAJAMENTO INTERPESSOAL						

Tabela 3.28 - Avaliação dos fatores das 5 *affordances* de estudo no calçadão. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância moderada entre jovens (Kendall's W = 0,404, DF=24, p=0,000) e entre idosos (Kendall's W = 0,443, DF=24, p=0,000). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos etários com relação ao grau de satisfação com os fatores (Tabela 3.29). Os idosos tendem à maior satisfação nos fatores com diferença perceptiva, com exceção de iluminação e pavimentação (Tabela 3.29).

Fatores	Teste U de Mann-Whitney
27 Pessoas presentes no local	U=279,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,001
27.1 Policiamento	U=268,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,001
27.4 Iluminação	U=357,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,037
27.6 Espaços para comer	U=198,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
27.8 Contato interpessoal	U=285,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,001
27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	U=351,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,027
27.11 Vista bonita/ atrativa	U=223,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
27.12 Lugar de encontro	U=317,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,006
27.13 Familiaridade	U=365,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,039
27.14 Espaço relaxante	U=183,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
27.17 Pavimentação	U=296,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,005
27.20 Espaços para conversar	U=362,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,058
27.21 Espaços para sentar/descansar	U=293,000, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,003
27.23 Tranquilidade	U=145,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000
27.24 Privacidade	U=205,500, N1=33, N2=30, two-tailed, p=0,000

Tabela 3.29 - Testes U de Mann-Whitney entre os dois grupos com os fatores das *affordances* no calçadão. Fonte: autora, 2018.

Na Tabela 3.30, as correlações diretas de intensidade muito forte entre os graus de satisfação com os fatores, encontradas nas respostas dos jovens e as correlações moderadas, encontradas nas respostas dos idosos. A correlação entre a satisfação com as pessoas e as oportunidades de interação dá destaque aos encontros possíveis com conhecidos e a correlação entre vegetação e assentos pode indicar que os melhores bancos são aqueles com sombra (Apêndice F).

JOVENS	Correlações de Spearman
27.10 Vegetação x 27.11 Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,787, sig=0,000
27.14 Espaço relaxante x 27.20 Espaços para conversar	Spearman, coef=0,703, sig=0,000
27.19 Assentos acessíveis x 27.21 Espaços para sentar/descansar	Spearman, coef=0,770, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.24 Privacidade	Spearman, coef=0,833, sig=0,000
IDOSOS	
27 Pessoas presentes no local x 27.8 Contato interpessoal	Spearman, coef=0,509, sig=0,004)
27.1 Policiamento x 27.3 Cuidado/ manutenção	Spearman, coef=0,607, sig=0,000
27.3 Cuidado/ manutenção x 27.9 Ser um espaço vibrante/ alegre	Spearman, coef=0,527, sig=0,003
27.7 Oportunidades de diversão ativa x 27.11 Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,530, sig=0,003
27.10 Vegetação x 27.19 Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,515, sig=0,004
27.11 Vista bonita/ atrativa x 27.14 Espaço relaxante	Spearman, coef=0,514, sig=0,004
27.13 Familiaridade x 27.23 Tranquilidade	Spearman, coef=0,593, sig=0,001
27.16 Acesso a cadeirantes x 27.22 Bancos que acomodam grupos	Spearman, coef=0,597, sig=0,000

Tabela 3.30- Correlações de Spearman entre fatores das *affordances* no calçadão. Fonte: autora, 2018.

Destaca-se a diferença de percepção entre os grupos sobre a tranquilidade que, em um ambiente de fluxo, é percebida como deficiente pelos jovens possivelmente pela falta de privacidade, e como satisfatória pelos idosos provavelmente pela inserção do espaço em seu cotidiano. O policiamento é, para os jovens, o fator com mais correlações inversas, dentre elas, tranquilidade e privacidade (Tabela 3.31). Sabe-se pela literatura que jovens buscam fugir do controle adulto e fortalecer o controle próprio (INTERGENERATIONAL... 2005). A presença policial pode interferir no controle do território, prejudicando a percepção de tranquilidade e privacidade. Assim, os jovens, apesar de perceberem o calçadão como um local de oportunidade de contato com

outras pessoas, têm uma avaliação insatisfatória em fatores que auxiliam o desenvolvimento das relações interpessoais. Estes fatores coincidem com alguns dos mais valorizados por jovens em espaços urbanos como privacidade, tranquilidade e bancos que acomodam grupos.

JOVENS	Correlações de Spearman
27.1 Policiamento x 27.11 Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=-0,382, sig=0,028
27.1 Policiamento x 27.13 Familiaridade	Spearman, coef=-0,388, sig=0,026
27.1 Policiamento x 27.20 Espaços para conversar	Spearman, coef=-0,387, sig=0,026
27.1 Policiamento x 27.23 Tranquilidade	Spearman, coef=-0,380, sig=0,029
27.1 Policiamento x 27.24 Privacidade	Spearman, coef=-0,376, sig=0,031
27.1 Policiamento x 27.10 Vegetação	Spearman, coef=-0,543, sig=0,001

Tabela 3.31 - Correlações de Spearman entre policiamento e fatores no calçadão. Fonte: autora, 2018.

As questões a seguir consideram a totalidade dos respondentes por não se referirem especificamente ao estudo de caso da praça ou do calçadão.

Questão 8: Você acha que é importante a convivência entre pessoas de diferentes idades? Jovens percebem a convivência como importante (49,21%) e muito importante (46,03%). Os idosos também apontam as duas respostas (51,67% e 45%) (Tabela 3.32). Assim, não há diferença significativa entre eles nesta questão ($U=1884,500$, $N1=63$, $N2=60$, two-tailed, $p=0,975$).

	Nada Importante	Pouco Importante	Indiferente	Importante	Muito Importante
JOVENS	-	-	3 (4,76%)	31 (49,21%)	29 (46,03%)
IDOSOS	-	1 (1,67%)	1 (1,67%)	31 (51,67%)	27 (45%)

Tabela 3.32 - Importância da convivência intergeracional para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Ambos os grupos percebem a importância das relações intergeracionais e seus ganhos mútuos (LAYNE, 2009). Por vezes, os usuários destacam a troca de experiências (Apêndice E). Nesse sentido, Moss (2015) salienta o engajamento intergeracional através do compartilhamento de experiências de vida.

RESPONDENTE 42: “troca de experiência entre qualquer idade (...) é bom” (JM, 21).

RESPONDENTE 92: “eu prefiro sempre conversar com os mais jovens (...) A gente, apesar da idade, sempre vai aprendendo alguma coisa. Com esse velho aqui [amigo] o que eu posso aprender com ele? Nada! [risos]” (IM, 80).

Questão 9: Você acha agradável a convivência entre pessoas de diferentes idades nos espaços públicos urbanos? A maioria dos jovens (55,56%) e idosos (56,67%) considera a convivência agradável, mas há diferença entre os grupos ($U=1449,500$, $N1=63$, $N2=60$, two-tailed, $p=0,012$) (Tabela 3.33). Para os jovens a agradabilidade tende a ser menor do que para os idosos.

	Muito Desagradável	Desagradável	Nem agradável nem desagradável	Agradável	Muito Agradável
JOVENS	1 (1,59%)	-	11 (17,46%)	35 (55,56%)	16 (25,40%)
IDOSOS	-	1 (1,67%)	1 (1,67%)	34 (56,67%)	24 (40%)

Tabela 3.33 - Agradabilidade da convivência intergeracional para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Alguns usuários relataram que agradabilidade depende da pessoa em si e do que o ambiente oferece para estas interações (Apêndice E):

RESPONDENTE 39: “depende da pessoa (...) Se tiver ideias legais (...) uma conversa boa depende do lugar também.” (JM, 23).

RESPONDENTE 88: “Eu acho agradável, as pessoas que estão sempre aqui no nosso dia a dia, assim... a gente já tá acostumado...” (IF, 66).

Os dados acompanham o levantamento observacional que, por constatar a coexistência dos grupos na praça, tende a excluir a existência de um conflito etário.

Há correlação direta e de intensidade média entre os graus de importância e de agradabilidade da convivência intergeracional urbana para jovens (Spearman, coef=0,455, sig=0,000), e idosos (Spearman, coef=0,365, sig=0,004). Assim, há indícios de que a conscientização sobre a importância da convivência intergeracional pode auxiliar no desenvolvimento de relações mais agradáveis e saudáveis entre diferentes idades e que experiências anteriores agradáveis de convivência intergeracional podem aumentar a consciência sobre a importância dessas relações.

Questão 10: Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com JOVENS? A maioria dos jovens (47,62%) e idosos (53,3%) concorda em querer conviver com jovens. Os jovens que discordaram ressaltaram que já há convivência suficiente. Há diferença significativa (U=1527,500, N1=63, N2=60, two-tailed, p=0,047): jovens tendem a concordar mais do que idosos (Tabela 3.34).

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
JOVENS	-	4 (6,35%)	12 (19,05%)	30(47,62%)	17 (26,98%)
IDOSOS	-	7 (13,3%)	14 (26,7%)	32 (53,3%)	7 (13,3%)

Tabela 3.34- Grau de concordância em querer oportunidades de conviver com jovens. Fonte: autora, 2018.

Não foi encontrada uma correlação entre os graus de importância da convivência intergeracional e de concordância quanto a querer mais oportunidades de convivência urbana *com* jovens *para* jovens (Spearman, coef=0,022, sig=0,866) e idosos (Spearman, coef=0,102, sig=0,438). Entretanto, há correlação média direta entre os graus de agradabilidade da convivência intergeracional urbana e de concordância quanto a querer mais oportunidades de convivência com jovens para os idosos

(Spearman, coef=0,437, sig=0,000). A tendência é que quanto mais agradável os idosos consideram a convivência intergeracional, mais oportunidades de conviver com jovens gostariam de ter. Assim, há indícios de que nem sempre a consciência da importância das relações intergeracionais é o suficiente para que os idosos desejem buscá-las, pode ser necessária uma experiência positiva prévia.

Questão 10.1: Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com IDOSOS? A maioria dos jovens (58,73%) e idosos (71,67%) concorda em querer mais convivência com idosos (Tabela 3.35), não há diferença significativa entre eles ($U=1768,500$, $N1=63$, $N2=60$, two-tailed, $p=0,467$). Entretanto, no estudo, jovens mostram mais interesse em conviver com idosos do que idosos em conviver com jovens.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
JOVENS	-	-	16 (25,4%)	37 (58,73%)	10 (15,87%)
IDOSOS	-	1 (1,67%)	8 (13,33%)	43 (71,67%)	8 (13,33%)

Tabela 3.35 - Grau de concordância em querer oportunidades de conviver com idosos. Fonte: autora, 2018.

Para os jovens, há correlação fraca e direta entre os graus de importância da convivência intergeracional e de concordância quanto a querer oportunidades de conviver com idosos (Spearman, coef=0,288, sig=0,022); e média e direta entre os graus de agradabilidade das relações intergeracionais e de concordância quanto a querer oportunidades de conviver com idosos (Spearman, coef=0,468, sig=0,000). A tendência é que quanto mais importante e agradável os jovens consideram essa convivência, mais oportunidades de conviver com idosos gostariam de ter.

Questão 11: Considerando o seu cotidiano, avalie a importância da realização das atividades abaixo em espaços públicos urbanos: Na Tabela 3.36, a importância de atividades para o cotidiano dos respondentes.

Atividades		Nada Importante	Pouco Importante	Indiferente	Importante	Muito Importante	Mean Rank
JOVENS	11 Caminhada	1 (1,6%)	5 (7,9%)	18 (28,6%)	19 (30,2%)	20 (31,7%)	2,84
	11.1 Prática de Esportes	5 (7,9%)	7 (11,1%)	15 (23,8%)	20 (31,7%)	16 (25,4%)	2,66
	11.2 Ver o movimento	-	2 (3,2%)	26 (41,3%)	27 (42,9%)	8 (12,7%)	2,48
	11.3 Atividades Programadas	1 (1,6%)	-	1 (1,6%)	40 (63,5%)	21 (33,3%)	3,75
	11.4 Socialização	-	-	11 (17,5%)	35 (55,6%)	17 (27%)	3,27
IDOSOS	11 Caminhada	1 (1,7%)	1 (1,7%)	2 (3,3%)	22 (36,7%)	34 (56,7%)	3,60
	11.1 Prática de Esportes	36 (60%)	6 (10%)	4 (6,7%)	8 (13,3%)	6 (10%)	1,48
	11.2 Ver o movimento	-	-	-	31 (51,7%)	29 (48,3%)	3,53
	11.3 Atividades Programadas	1 (1,7%)	-	2 (3,3%)	32 (53,3%)	25 (41,7%)	3,28
	11.4 Socialização	-	1 (1,7%)	5 (8,3%)	33 (55%)	21 (35%)	3,10

Tabela 3.36 - Avaliação da importância de atividades para jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância fraca entre jovens (Kendall's W = 0,154, DF=4, p=0,000) e moderada entre idosos (Kendall's W = 0,418, DF=4, p=0,000). Foi encontrada uma diferença significativa entre os grupos quanto ao grau de importância da caminhada (U=1207,000, N1=63, N2=60, two-tailed, p=0,000), prática de esportes (U=845,000, N1=63, N2=60, two-tailed, p=0,000) e ver o movimento (U=782,500, N1=63, N2=60, two-tailed, p=0,000). A prática de esportes é mais importante para os jovens, enquanto a caminhada e ver o movimento são atividades mais importantes para idosos respondentes. A valorização de “ver o movimento” para os idosos pode estar relacionada à inclusão no meio social. Lawton (1989) afirma que é comum que os mais velhos acomodem a mobília dentro de casa de forma a permitir o contato visual com o exterior. Nos discursos dos respondentes (Apêndice E) é perceptível a diferença das duas atividades para os grupos.

A caminhada, por vezes, é retratada com caráter opcional pelos jovens, desencorajada pelas facilidades dos meios de transporte, enquanto idosos a apontam como necessária à manutenção da saúde. Conforme a Tabela 3.37, há indícios de que jovens ativos tendem a buscar socialização urbana e que os praticantes de caminhada são mais abertos às relações intergeracionais. Para os idosos, ver o movimento e eventos são correlacionados às relações intergeracionais.

JOVENS		Correlações de Spearman
11 Caminhada x 9 Agradabilidade da convivência intergeracional		Spearman, coef=0,271, sig=0,032
11 Caminhada x 10.1 Mais oportunidades de conviver com idosos		Spearman, coef=0,329, sig=0,008
11 Caminhada x 11.3 Atividades Programadas		Spearman, coef=0,425, sig=0,001
11 Caminhada x 11.4 Socialização		Spearman, coef=0,301, sig=0,017
11.3 Atividades Programadas x 11.4 Socialização		Spearman, coef=0,345, sig=0,005
IDOSOS		
11.4 Socialização x 8 Importância da convivência intergeracional		Spearman, coef=0,341, sig=0,008
11.2 Ver o movimento x 8 Importância da convivência intergeracional		Spearman, coef=0,350, sig=0,006
9 Agradabilidade da convivência intergeracional x 11.2 Ver o movimento		Spearman, coef=0,386, sig=0,002
9 Agradabilidade da convivência intergeracional x 11.3 Atividades Programadas		Spearman, coef=0,275, sig=0,034
10 Mais oportunidades de conviver com jovens x 11.3 Atividades Programadas		Spearman, coef=0,328, sig=0,011

Tabela 3.37 - Correlações de Spearman entre atividades e relações sociais. Fonte: autora, 2018.

Os idosos também mostram correlação fraca e direta entre os graus de importância da caminhada e da socialização (Spearman, coef=0,257, sig=0,047): quanto mais frequente é a caminhada, mais importante é a socialização urbana. Idosos independentes tendem a ser socialmente ativos (PAPALÉO NETTO, 2002).

Apesar de a acessibilidade ser uma das *affordances* menos presentes nos espaços estudados pela percepção de jovens e idosos, e de ambos tenderem a morar

longe dos locais, as tipologias demonstraram forte atração social. Em 2013, Silva e Rabuske enfatizavam a caminhada no Calçadão e na Praça Cel. Pedro Osório como atividade de lazer para os idosos. Os achados desta pesquisa sustentam o estudo de Hanibuchi et al. (2012) que, buscando relação entre capital social, caminhabilidade, data de fundação e grau de urbanização, concluíram que a relevância histórica do lugar e a possibilidade de convívio com outras pessoas podem ser mais importantes para a participação social do que a caminhabilidade.

Questão 13: Se você pudesse escolher uma nova atividade de lazer ao ar livre para o centro de Pelotas, qual seria? Na Tabela 3.38, atividades de lazer sugeridas pelos usuários.

13. Atividade de lazer	Jovens	Idosos	Atividade de lazer	Jovens	Idosos
Nenhuma/ Não sei / Está bom	14 (21,54%)	22 (35,5%)	Piscina pública	-	1 (1,61%)
Esportes / torneios, equipamentos	6 (9,23%)	1 (1,61%)	Feiras / Atividades programadas	3 (4,62%)	3 (4,84%)
Ciclofaixa / Espaço p/ bicicleta	4 (6,15%)	1 (1,61%)	Teatro	-	1 (1,61%)
Música / Shows	10 (15,38%)	8 (12,9%)	Ser entrevistado	-	1 (1,61%)
Pista de skate	5 (7,69%)	-	Academia de ginástica ao ar livre	1 (1,54%)	7 (11,3%)
Contato com a natureza/ água	3 (4,62%)	-	Trabalhar ao ar livre	-	1 (1,61%)
Espaço p/ leitura/ ficar sozinho	2 (3,08%)	-	Espaços interessantes e criativos	5 (7,69%)	1 (1,61%)
Jogos ao ar livre p/ todas idades	1 (1,54%)	3 (4,84%)	Bancos melhores com encosto	-	1 (1,61%)
Aulas de dança	1 (1,54%)	-	Locais para caminhada	1 (1,54%)	-
Roda de conversa/ convivência	1 (1,54%)	2 (3,23%)	Conversa c/usuários de drogas	-	1 (1,61%)
Atividades p/atrair gente, segurança	1 (1,54%)	-	Atividades físicas monitoradas	-	4 (6,45%)
Áreas verdes (praças e parques)	6 (9,23%)	2 (3,23%)	Visitação aos casarões	1 (1,54%)	2 (3,23%)

*A pergunta 13 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.38 - Atividades sugeridas pelos jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

A maioria de jovens e idosos não apontou nenhuma atividade, mas há uma semelhança na preferência por atividades com música nos espaços públicos, dentre elas foram citadas shows e atividades no largo do mercado em dias de semana. A música aparece no estudo de Vieira e Guerra (2012) como atividade com potencial indireto de atrair a convivência intergeracional. Também há uma carência por atividades físicas por ambos os grupos: jovens citam a prática de esportes – disponibilidade de equipamentos que adaptem locais onde não há quadras como a praça – e a prática de skate; e idosos mencionam as academias ao ar livre e as atividades monitoradas – inclusive no largo do mercado. Assim, há inclinação à uma

vida mais ativa pelos usuários que poderia ser estimulada por espaços adequados. Áreas verdes e interessantes também aparecem como necessidade jovem.

Questão 14: Você quer passar um tempo com um amigo. Coloque os locais abaixo em ordem de preferência para o encontro: Os usuários foram levados a eleger do primeiro (melhor) ao quarto (pior) local (Tabela 3.39).

14. Tipologias		1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	Mean Rank	Posição
JOVEM	Praça Cel. Pedro Osório	40 (64,5%)	15 (24,2%)	7 (11,3%)	-	1,47	1º
	Largo do Mercado Público	15 (24,2%)	21 (33,9%)	15 (24,2%)	11 (17,7%)	2,35	2º
	Calçadão	2 (3,2%)	15 (24,2%)	24 (38,7%)	21 (33,9%)	3,03	3º
	Parque D. Antônio Zattera	5 (8,1%)	11 (17,7%)	16 (25,1%)	30 (48,4%)	3,15	4º
IDOSO	Praça Cel. Pedro Osório	25 (41,7%)	15 (25%)	15 (25%)	5 (8,3%)	2,03	2º
	Largo do Mercado Público	11 (18,6%)	22 (37,3%)	22 (37,3%)	4 (6,8%)	2,32	3º
	Calçadão	23 (39%)	18 (30,5%)	13 (22%)	5 (8,5%)	2,00	1º
	Parque D. Antônio Zattera	1 (1,7%)	5 (8,5%)	8 (13,6%)	45 (76,3%)	3,65	4º

Tabela 3.39 - Tipologias para passar um tempo com um amigo. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância moderada entre jovens (Kendall's W = 0,357, DF=3, p=0,000) e idosos (Kendall's W = 0,368, DF=3, p=0,000). Os dados confirmam as sessões observacionais. A praça foi majoritariamente citada em primeiro lugar pelos jovens e o calçadão é o preferido pelos idosos. Há similaridade perceptiva negativa sobre o parque e positiva sobre a praça. Assim, a praça aponta o maior potencial intergeracional.

O estudo contraria Holland et al., (2007), que dão o mesmo destaque a centros comerciais, *shoppings* e parques para a sociabilidade jovem, o que indica características de rejeição particulares ao objeto de estudo. Uma das diferenças entre a área comercial estudada e *shoppings* é que, durante os domingos, os estabelecimentos são fechados, esvaziando o local. A menor importância do parque para esta faixa etária também pode indicar a existência de características específicas restritivas ao uso. Entretanto, a praça estudada tem o apelo natural de parques, oferecendo tranquilidade com o benefício da proximidade do centro urbano. Os autores também apontam centros comerciais e cafés com destaque para idosos.

Dos 63 jovens respondentes, apenas 1 (1,6%) não deu motivo para preferir uma tipologia, produzindo 98,4% de respostas válidas. Todos os idosos apontaram motivos, produzindo 100% de respostas válidas. Na Tabela 3.40, a frequência com que os motivos válidos aparecem no discurso dos usuários.

14.1 Motivos* RESPONSIVO	Praça		Largo		Calçadão		Parque	
	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Vegetação / árvores	9(7,44%)	1(1,02%)	-	-	-	-	1(0,83%)	-
Edifícios / Arquitetura	2(1,65%)	-	-	1(1,02%)	-	-	-	-
Movimento	2(1,65%)	1(1,02%)	1(0,83%)	1(1,02%)	2(1,65%)	4(4,08%)	-	-
Pouco movimento	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Sombra	4(3,31%)	3(3,06%)	-	-	-	-	-	-
Abertura	1(0,83%)	-	-	-	-	-	1(0,83%)	-
Todas idades	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Espaço/ Amplo	2(1,65%)	-	-	-	-	-	2(1,65%)	1(1,02%)
Música	-	-	8(6,61%)	6(6,12%)	-	-	-	-
Elemen.Culturais/Históricos	1(0,83%)	1(1,02%)	-	-	-	-	-	-
Requalificação	-	-	-	1(1,02%)	-	-	-	-
INFERENCIAL								
Atrativo	4(3,31%)	1(1,02%)	-	-	-	-	-	-
Liberdade	3(2,48%)	-	-	-	-	-	-	-
Segurança	2(1,65%)	-	-	-	1(0,83%)	-	-	-
Bonita	5(4,13%)	3(3,06%)	-	-	-	-	-	-
Gosta / bom/ agradável /legal	7(5,79%)	3(3,06%)	2(1,65%)	-	-	2(2,04%)	-	-
Interessante	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Não é interessante	-	-	1(0,83%)	-	-	-	-	-
Se sente à vontade	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Ninguém incomoda	2(1,65%)	-	-	-	-	-	-	-
Diversidade	1(0,83%)	-	-	-	1(0,83%)	-	-	-
Calmo/ tranquilo	5(4,13%)	2(2,04%)	-	1(1,02%)	-	-	-	-
Privacidade	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Bem cuidada	-	2(2,04%)	-	-	-	-	-	-
Aconchegante	2(1,65%)	-	-	-	-	-	-	-
Variedade	-	-	-	1(1,02%)	-	-	-	-
OPERACIONAL								
fazer o que quer	3(2,48%)	-	-	-	-	-	-	-
Próximo/de tudo/trabalho	5(4,13%)	2(2,04%)	-	-	-	1(1,02%)	-	-
Frequente/rotina	3(2,48%)	-	-	-	-	6(6,12%)	-	-
Ponto encontro	6(4,96%)	4(4,08%)	2(1,65%)	1(1,02%)	-	10(10,2%)	1(0,83%)	-
Gramma / sentar na grama	4(3,31%)	-	-	-	-	-	-	-
Conversar/ Áreas conversar	1(0,83%)	-	-	1(1,02%)	-	1(1,02%)	-	-
Violão	1(0,83%)	-	-	-	-	-	-	-
Comida / Bebida	-	-	7(5,79%)	4(4,08%)	-	1(1,02%)	-	-
Noite/ Barzinhos	-	-	2(1,65%)	-	-	-	-	-
Central /tudo passa aqui	3(2,48%)	3(3,06%)	-	-	-	-	-	-
Comércio / Serviços	1(0,83%)	5(5,10%)	-	-	-	2(2,04%)	-	-
Sentar	-	-	1(0,83%)	2(2,04%)	-	1(1,02%)	-	-
Pista de skate	-	-	-	-	-	-	4(3,31%)	-
Distração	-	1(1,02%)	-	-	-	2(2,04%)	-	-
Convivência	-	2(2,04%)	-	-	-	-	-	-
Troca de conhecimentos	-	1(1,02%)	-	-	-	-	-	-
Comodidade	-	1(1,02%)	-	-	-	1(1,02%)	-	-
Xadrez	-	1(1,02%)	-	-	-	-	-	-
Comprar peixe	-	-	-	1(1,02%)	-	-	-	-
Tem de tudo	-	-	-	1(1,02%)	-	-	-	-
Artesanato/ feiras	-	-	-	3(3,06%)	-	-	-	-
Cafés/ Aquario	-	-	-	-	-	2(2,04%)	-	-
Caminhar	-	-	-	-	-	1(1,02%)	-	1(1,02%)
Lazer	-	-	-	-	-	1(1,02%)	-	-

*A pergunta 14.1 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.40 - Motivos para a preferência de certa tipologia de espaço público. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas de jovens e idosos é operacional. Os destaques para os jovens são: Vegetação (10), Ponto de encontro (9) e Música (8); e, para os idosos: Ponto de encontro (15), Comércio/Serviços (7), Movimento (6), Música (6) e Hábito (6) (Figura 3.71). A associação do calçadão, território de identidade idosa, a hábitos diários sustenta o que dizem Fechine e Trompieri (2012) sobre o papel da rotina ao longo do processo de envelhecimento no amparo à identidade do idoso.



Figura 3.71 - Nuvens de palavras com os fatores importantes de atração. Fonte: autora, 2018.

No discurso dos idosos, as pessoas são o maior atrativo, a possibilidade de encontrar amigos, socializar e ver o movimento. Já para os jovens, o ambiente tem um peso maior: vegetação, agradabilidade, tranquilidade, espaços para comer, etc.

Dos 63 jovens, apenas 1 (1,6%) não deu o motivo da rejeição (98,4% de respostas válidas). Dos 60 idosos, 1 (1,7%) não apontou motivo (98,3% de respostas válidas). Na Tabela 3.41, a frequência dos motivos válidos nos discursos.

14.2 Motivos* RESPONSIVO	Praça	Largo		Calçadão		Parque	
	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Movimento/Muita gente/Agitado	-	-	-	11(10,2%)	1 (1,3%)	-	1 (1,3%)
Muito sol/ Não tem sombra	-	2 (1,85%)	-	1 (0,93%)	-	-	-
Sem vegetação /verde / árvores	-	-	-	1 (0,93%)	-	2 (1,85%)	-
Sujo	-	-	-	1 (0,93%)	-	-	-
Terra demais	-	-	-	-	-	1 (0,93%)	-
Mal cuidado / Falta manutenção	-	-	-	1 (0,93%)	-	1 (0,93%)	4 (5,19%)
Barulho	-	-	-	2 (1,85%)	-	1 (0,93%)	-
Não tem fiscalização, polícia	-	-	-	-	1 (1,3%)	1 (0,93%)	-
Pessoas diferentes / desagradáveis	1 (1,3%)	-	-	-	-	-	1 (1,3%)
Não tem espaço	-	-	-	-	1 (1,3%)	-	-
INFERENCIAL							
Não é interessante/ Sem graça	-	-	-	4 (3,7%)	1 (1,3%)	1 (0,93%)	-
Não é harmônico	-	-	-	1 (0,93%)	-	-	-
Desagradável / Não gosta	-	-	-	2 (1,85%)	-	1 (0,93%)	-
Não é atrativo /outro espaço atrai mais	-	-	-	1 (0,93%)	-	2 (1,85%)	2 (2,6%)
Feio	-	-	-	2 (1,85%)	-	4 (3,7%)	1 (1,3%)
Inseguro/ Perigoso	4(5,19%)	-	-	-	1 (1,3%)	9 (8,33%)	13(16,88%)

14.2 Motivos*	Praça	Largo		Calçadão		Parque	
INFERENCIAL	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos	Jovens	Idosos
Não dá vontade de sentar e conversar	-	-	-	7 (6,48%)	1 (1,3%)	-	-
Não dá vontade de ir	-	-	-	-	-	1 (0,93%)	-
Marginais/Usuários de drogas	-	-	-	-	-	3 (2,78%)	7 (9,09%)
OPERACIONAL							
Não tem o que fazer lá	-	7 (6,48%)	-	-	-	-	-
Não tem onde sentar	-	2 (1,85%)	-	2 (1,85%)	-	-	-
Lugar só pra comprar	-	-	-	4 (3,7%)	1 (1,3%)	-	-
Não conhece	-	-	-	-	-	5 (4,63%)	2 (2,6%)
Frequenta pouco / Não tem hábito	-	1 (0,93%)	2 (2,6%)	-	-	5 (4,63%)	11 (14,28%)
Longe / longe do trabalho	-	-	-	1 (0,93%)	-	14(12,97%)	18(23,37%)
Não tem nada	-	1 (0,93%)	-	-	-	-	-
Não tem lugar pra comer	-	-	-	1 (0,93%)	-	-	-
Fora do caminho	-	-	-	-	-	1 (0,93%)	-
Isolado	-	-	-	-	-	1 (0,93%)	-
Dificuldade p/ caminhar	-	-	1 (1,3%)	-	-	-	-
Só vai lá quando tem eventos	-	-	-	-	-	-	2 (2,6%)

*A pergunta 14.2 é aberta e as respostas que mostravam mais de um motivo foram agrupadas nas categorias acima, a tabela com todas as respostas encontra-se no Apêndice D.

Tabela 3.41 - Motivos para a rejeição de certa tipologia de espaço público. Fonte: autora, 2018.

A maioria das respostas dos grupos é operacional. Jovens destacam: Longe (15), Muito movimento (11), Inseguro (9), Não dá vontade de sentar e conversar (7) e Não tem o que fazer (7). Idosos destacam: Longe (18), Inseguro (18), Frequenta pouco (13), Marginais/ Usuários de droga (7) e Falta manutenção (4) (Figura 3.72):



Figura 3.72 - Nuvens de palavras com os fatores importantes de rejeição. Fonte: autora, 2018.

Jovens e idosos tendem a rejeitar espaços distantes e inseguros. Jovens evitam tipologias movimentadas e idosos aquelas que não são parte da sua rotina.

24. Coloque em ordem a importância dos seguintes fatores na escolha de um lugar público para encontrar amigos: A terceira parte do questionário trata das 5 *affordances*. Ao ranquear a prioridade de cada uma delas na escolha de um espaço (Tabela 3.42), os usuários elegeram da primeira (melhor) à quarta (pior):

24. Affordances		1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	5º Lugar	Mean Rank	Posição
JOVENS	Segurança	37(30,3%)	15(12,3%)	7 (5,7%)	3 (2,5%)	1 (0,8%)	1,67	1º
	Pertencer ao Lugar	18(14,9%)	16(13,2%)	10 (8,3%)	9 (7,4%)	10 (8,3%)	2,63	2º
	Diversidade de Atividades	4 (3,3%)	11 (9,1%)	18(14,9%)	11 (9,1%)	19(15,7%)	3,48	3º
	Acessibilidade	1 (0,8%)	15(12,4%)	7 (5,8%)	21(17,4%)	19(15,7%)	3,67	5º
	Engajamento	3 (2,5%)	6 (5%)	21(17,4%)	19(15,7%)	14(11,6%)	3,56	4º
IDOSOS	Segurança	45(36,9%)	4 (3,3%)	2 (1,6%)	3 (2,5%)	5 (4,1%)	1,64	1º
	Pertencer ao Lugar	3 (2,5%)	20(16,5%)	21(17,4%)	9 (7,4%)	5 (4,1%)	2,88	2º
	Diversidade de Atividades	2 (1,7%)	7 (5,8%)	4 (3,3%)	19(15,7%)	26(21,5%)	4,03	5º
	Acessibilidade	4 (3,3%)	12 (9,9%)	13(10,7%)	16(13,2%)	13(10,7%)	3,38	4º
	Engajamento	5 (4,1%)	15(12,4%)	18(14,9%)	11 (9,1%)	9 (7,4%)	3,07	3º

Tabela 3.42 - Avaliação da importância das 5 *affordances* nos espaços públicos. Fonte: autora, 2018.

Através do teste Kendall's W, tem-se uma concordância fraca entre jovens (Kendall's W = 0,289, DF=4, p=0,000) e idosos (Kendall's W = 0,309, DF=4, p=0,000). A segurança e o pertencimento aparecem, assim como no estudo de Layne (2009), em primeiro e segundo lugar tanto pra jovens quanto pra idosos, mostrando uma semelhança de percepção ambiental significativa para a compatibilização etária em espaços urbanos. Segurança também é prioridade para idosos no estudo de Kim (2012), no qual eles relacionam a segurança à inexistência de multidão. Entretanto, aqui, idosos buscam o movimento intenso de pessoas ainda que o local não seja percebido como seguro. A acessibilidade tem mais importância para os grupos no estudo de Layne (2009) - terceiro lugar entre as *affordances* - do que aqui. A maior prioridade da socialização para os idosos acompanha Layne (2009) e é justificável já que idosos tendem a ir sozinhos aos espaços, buscando amigos em pontos de encontro. Enquanto os jovens tendem a ir acompanhados, se detendo mais no que o ambiente oferece para suas interações.

Neste estudo, as respostas dos idosos apontaram correlação entre a percepção de oportunidade de engajamento e fatores da questão 27 (Tabela 3.43):

25.4 OPORTUNIDADES DE ENGAJAMENTO SOCIAL		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		27.9 Espaço festivo/alegre	Spearman, coef=0,359, sig=0,005
27.7 Diversão ativa	Spearman, coef=0,280, sig=0,030	27.23 Tranquilidade	Spearman, coef=0,343, sig=0,007
27.12 Lugar de encontro	Spearman, coef=0,270, sig=0,037	Intensidade: Forte Tipo: Direta	
		27 Pessoas presentes	Spearman, coef=0,412, sig=0,001

Tabela 3.43 - Engajamento social e correlações para idosos respondentes. Fonte: autora, 2018.

O lugar de encontro e as pessoas presentes afirmam a importância dos chamados territórios etários para a formação da rede social urbana ao estimular o uso dos espaços pela expectativa de encontrar conhecidos. A percepção de festividade, alegria e tranquilidade reflete a dicotomia de um ambiente que dá alternativas. No estudo de Kim (2012), os idosos também relacionaram o engajamento aos ambientes

festivos. Além disso, os resultados mostram que, para os idosos, a sociabilidade pode influenciar na percepção da tranquilidade mesmo em tipologias movimentadas e que a diversão ativa é uma opção de atividade programada motivadora à interação social.

Considerando as semelhanças perceptivas encontradas entre jovens e idosos, buscaram-se tendências entre as *affordances* (questão 24) através de Mann-Kendall. Os testes consideram todos os respondentes (Tabela 3.44 e Figura 3.73):

Intensidade: Fraca Tipo: Inversa	
Segurança x Engajamento Interpessoal	Kendall, coef=-0,300, sig=0,000
Pertencimento x Diversidade de Atividades	Kendall, coef=-0,162, sig=0,030
Diversidade de Atividades x Suporte a diversas capacidades físicas	Kendall, coef=-0,198, sig=0,009
Suporte a diversas capacidades físicas x Engajamento Interpessoal	Kendall, coef=-0,176, sig=0,019
Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Segurança x Pertencimento	Kendall, coef=-0,302, sig=0,000
Pertencimento x Suporte a diversas capacidades físicas	Kendall, coef=-0,372, sig=0,000
Diversidade de Atividades x Engajamento Interpessoal	Kendall, coef=-0,305, sig=0,000

Tabela 3.44 - Correlações entre *affordances* para todos os respondentes. Fonte: autora, 2018.

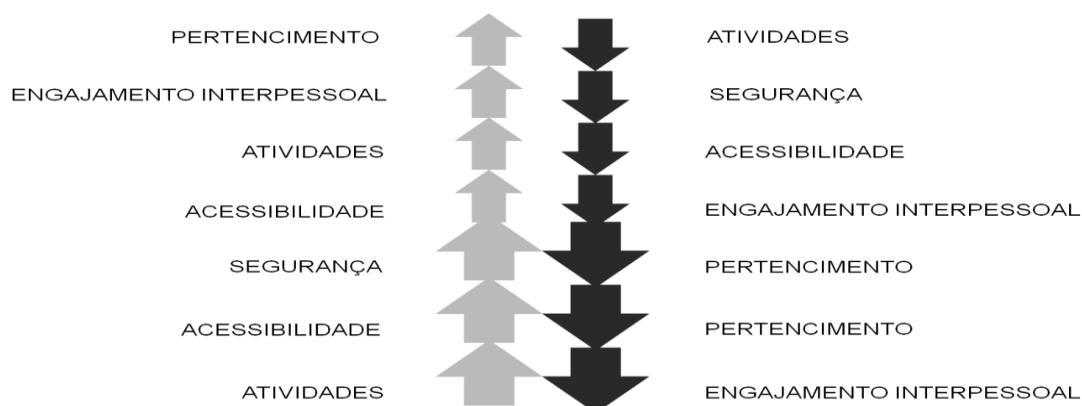


Figura 3.73 - Correlações entre *affordances*. Fonte: autora, 2018.

Os dados seguem Layne (2009) que encontrou uma correlação inversa forte entre segurança e pertencimento, sugerindo que as pessoas que se apropriam do espaço se sentem mais seguras e que quanto mais seguras se sentem, mais se engajam na apropriação de territórios. Além disso, são sustentados por Lang (1994) que afirma que segurança psicológica é gerada por senso de lugar. Assim, vizinhanças tendem a necessitar de menor sensação de segurança pelo forte senso de lugar, personalização e distinção (física e afetiva). Em áreas centrais, onde há impessoalidade e padronização, pode haver maior necessidade de segurança para que sejam atrativas. A intensa apropriação constatada nos espaços de estudo confere a personalização que gera a sensação de controle relatada por Gibson (1986). Também indo ao encontro dos achados de Layne (2009), há correlação um pouco mais fraca entre segurança e engajamento, mas não foi encontrada correlação entre segurança e

atividades ou habilidades, contrariando Jacobs (1961) no efeito dos diversos usos na segurança.

Cabe destacar que, ainda que hajam similaridades entre os grupos sobre as *affordances*, há diferenças nos atributos que as provém, são pontos críticos apontados ao longo do estudo. Assim, os usuários podem eleger atributos contraditórios, mas que retratam a complementaridade de estímulos desejada.

As correlações entre pertencimento e: atividades e habilidades também acompanham Layne (2009). A similaridade dos grupos etários quanto à segurança e pertencimento contraria a literatura que sugere que idosos necessitam mais de segurança e jovens mais de pertencimento (FRANCIS, 1989). Nesse sentido, as correlações de compensação entre *affordances* interferem diretamente na percepção dos usuários sobre seus espaços de apropriação. O forte senso de pertencimento nas apropriações pode estar tornando toleráveis deficiências relacionadas à diversidade de atividades, segurança e acessibilidade (Figura 3.74).



Figura 3.74 - *Affordances* de prioridade na escolha de espaços urbanos x *affordances* nas apropriações de jovens e idosos. Fonte: autora, 2018.

O engajamento como uma das prioridades dos grupos (especialmente dos idosos) retrata a inversão na hierarquia de necessidades humanas relatada por Lang (1994). Destaca-se a semelhança perceptiva dos grupos etários relacionada tanto às *affordances* condicionais de uso do espaço quanto às efetivas, percebidas em seus territórios. A questão que surge é por que há essa rejeição do público jovem ao calçadão se o pertencimento e o engajamento compensariam as deficiências. Os idosos, por demonstrarem uma percepção igual tanto com relação às suas prioridades,

quanto à praça e ao calçadão, indicam uma possível maior facilidade de se apropriar da praça.

Analisando os resultados comportamentais e perceptivos a respeito das duas tipologias, pode-se dizer que alguns fatores destacam a praça como espaço com mais oportunidades de encontros e permanência para jovens e idosos no estudo: (i) Único espaço onde ocorreu interação espontânea entre jovens e idosos aparentemente sem laços familiares; (ii) Maior preferência e menor rejeição: única tipologia que se equipara na preferência dos grupos; (iii) As opções de lazer com amigos são satisfatórias para os grupos, mesmo sem atividades direcionadas aos jovens e apenas o xadrez para os idosos (atividade não significativa no estudo). No calçadão, idosos tendem à satisfação mas os jovens percebem o espaço de forma funcional. Infere-se que os núcleos sociais etários, as atividades potenciais na praça e as amenidades no calçadão podem colaborar para aumentar a percepção sobre a diversidade de atividades; (iv) O principal objetivo dos usuários são atividades opcionais: jovens conversar com amigos e idosos ver o movimento. No calçadão, o objetivo dos jovens é funcional e de fluxo e a motivação dos idosos são atividades opcionais (encontrar amigos e ver o movimento). Há uma maior resistência jovem à permanência que é vinculada à predominância da atividade comercial sem usos alternativos; (v) É mais agradável e confortável do que o calçadão para os grupos.

3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Através das discussões deste capítulo pode-se concluir que as semelhanças perceptivas dos grupos quanto às *affordances* condicionais ao uso dos espaços públicos e às *affordances* efetivas nos espaços de apropriação (apontadas pelos questionários) e suas diferenças nas escolhas de apropriação (apontadas pelo mapeamento comportamental) sinalizam que questões importantes para a compatibilização etária nos ambientes urbanos chegam a níveis sensíveis. Nesse sentido, esta pesquisa entende que as apropriações urbanas e os discursos dos dois grupos estudados podem levantar questões de estilos de vida significativas à discussão. Essa complexidade é discutida no capítulo seguinte, o encaminhamento para construção das recomendações de projeto a que este estudo se propõe.

CAPÍTULO 04 CONSTRUÇÃO DAS RECOMENDAÇÕES DE PROJETO

O presente capítulo acompanha a investigação das razões para a apropriação e rejeição dos espaços estudados por jovens e idosos. Sabe-se que, em espaços de convívio, o equilíbrio de estímulos distintos (LAYNE, 2009) deve ser tal que os fatores de rejeição não anulem dos fatores de atração assim, ambos devem ser considerados no projeto dos espaços. Deve-se buscar níveis toleráveis dos fatores de rejeição e níveis satisfatórios dos fatores de atração. Em um estudo com dois grupos etários distintos, esses fatores opostos podem, em alguns casos, levar aos pontos críticos para sua convivência. Dessa forma, esta seção busca averiguar quais são os fatores que interferem mais, tanto positiva quanto negativamente, na escolha de jovens e idosos por um espaço para passar um tempo com amigos, resultando no delineamento de recomendações de projeto.

4.1 REVISÃO DA METODOLOGIA OBSERVACIONAL

Analisando a metodologia observacional, alguns fatores são destacados por sua influência tanto nos espaços de apropriação quanto naqueles em que há rejeição pelos grupos etários: (i) Organização espacial - separação clara das áreas de fluxo e permanência; (ii) Integração do espaço à tipologia na qual se insere – acesso visual; (iii) Potencialidade de usos/ limitação aos usos projetados; (iv) Usos inerentes à contemporaneidade/ usos consolidados pelo tempo; (v) Variedade de atividades; (vi) Diversidade de ambiências. A seguir, o quadro resumo com os fatores destacados pelos resultados (Figura 4.1).

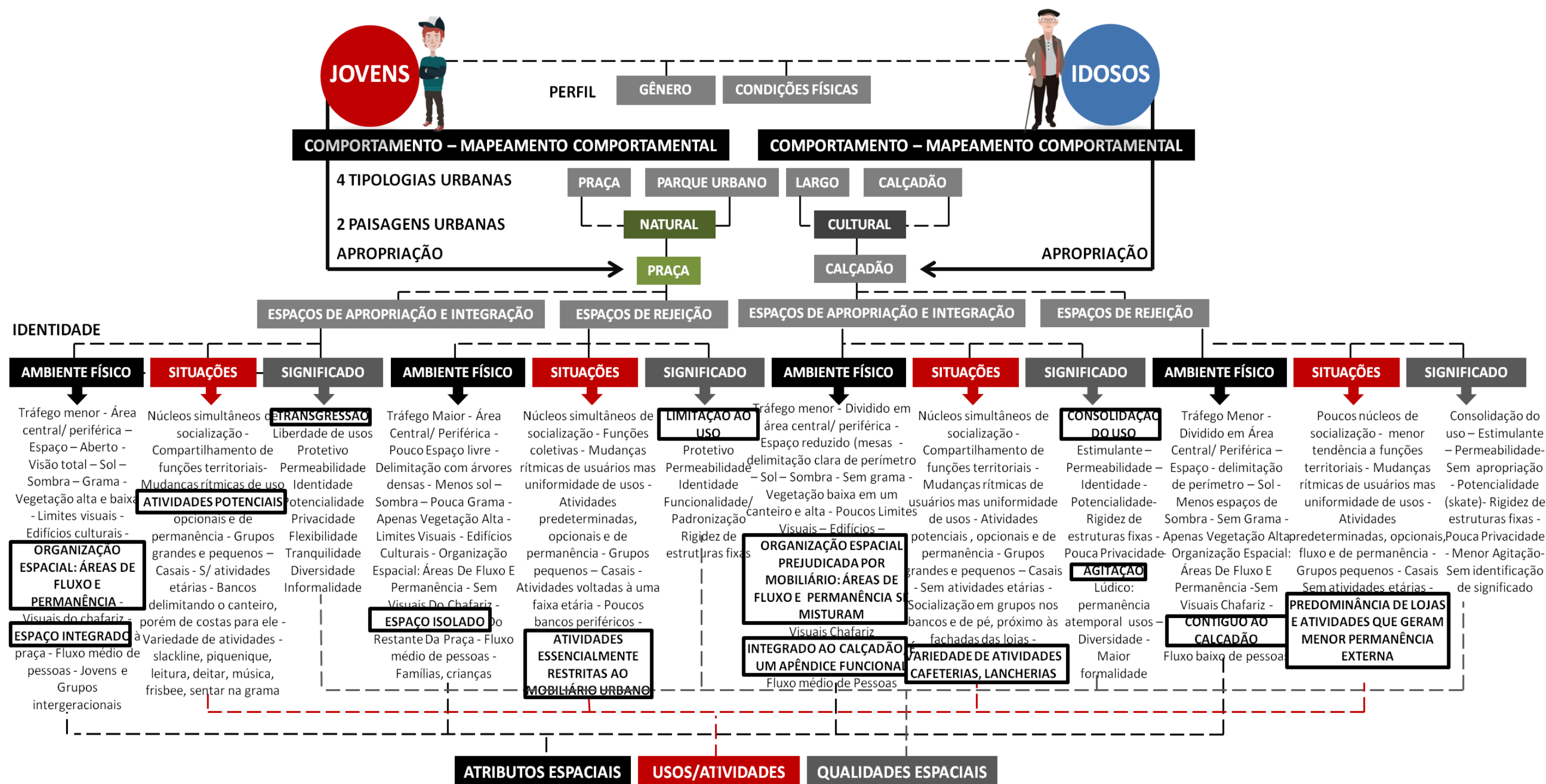


Figura 4.1 - Principais achados da metodologia observacional. Fonte: autora, 2018.

Baseado nos elementos constituintes dos territórios que Haesbaert e Limonad (2007) apontam, entende-se que os fatores podem estar agindo na permeabilidade dos territórios estudados, favorecendo ou desestimulando o convívio intergeracional:

Integração com outros territórios: funcionamento em rede que permite a apropriação por grupos diversos em atividades diversas simultaneamente. No estudo, a possibilidade de estabelecer **contato visual** com outros territórios fortaleceu a rede de conexão entre territórios distintos, diminuindo o isolamento de atividades, especialmente daquelas fixas e destinadas a um público específico;

Fragmentação: diferenciações produzem **ambiências** capazes de reduzir a escala do ambiente na percepção do pedestre, atraindo uma maior heterogeneidade de usuários. É um mosaico de pequenas homogeneidades dentro de um contexto heterogêneo. No estudo, as apropriações de grupos diferenciados dentro de um microterritório etário quebram a homogeneidade que estabelece a relação de dominância de um grupo sobre outro (por tamanho ou distinção). Tipologias com tendência à repetição de elementos merecem atenção nesse sentido;

Inserção temporal: uma das maiores diferenças entre os microterritórios estudados é o significado temporal que eles assumem para os grupos etários. Nesse sentido, Dimenstein (2014) destaca a importância de manter espaços de atividades cotidianas que guardem lembranças e vínculos emocionais. Os hábitos cotidianos e o fator humano aqui aparecem com mais influência no desenvolvimento de apego para os mais velhos do que elementos físicos que, em outros estudos, são ligados ao pertencimento como a vegetação (KIM, 2012). Segundo Phillipson (2007), manter elementos de significado adquirido pode atenuar efeitos colaterais das mudanças como enfraquecimento da identidade pessoal e comunitária;

O estudo ressalta a importância do reconhecimento e familiarização do poder público com os significados adquiridos pelos espaços, em especial quando são devido a apropriações de grupos mais vulneráveis, para que não sejam prejudicadas por intervenções de resignificação. Deve-se conciliar novas possibilidades e potencialidades inerentes à contemporaneidade sem descuidar do tradicional e consolidado. Trata-se da acomodação vertical das camadas temporais onde se inserem jovens e idosos, trazendo o conceito de geodiversidade diacrônica ao espaço

que “no visível e no não visível, apresenta diferentes padrões em diferentes contextos temporais” (FERNANDES, 2012);

Diversificação cíclica: a ideia da inserção temporal também se aplica horizontalmente, quando centrada nos ciclos de pessoas e atividades. O estudo aponta uma acomodação cíclica mais permeável através da compatibilização espacial de ambiências, nas quais há flexibilidade e complexidade que permitem não apenas a alternância de usuários, como também de atividades por ampliar os “critérios de compatibilidade” (BOURDIEU, 1996, apud NETTO, 2014) entre atores sociais distintos. Observou-se que, no espaço com maior diversidade de atividades potenciais, os ciclos de uso tendem a ser mais curtos, teoricamente atendendo a um maior número de pessoas com intuitos diferentes. Na área de apropriação mais formal, onde a atividade social por si só tem maior destaque, há rotatividade de pessoas, porém estas tendem a permanecer mais tempo, exercendo atividades similares. Quando uma atividade teve distinção muito acentuada sobre as demais como o *playground* na praça ou o comércio no calçadão, houve uma tendência à maior repetição comportamental, prejudicando a potencialidade e diversidade;

Rigidez territorial: no estudo, a tensão que ocorre nos limites dos territórios se mostrou menor em áreas de maior fluxo, pois a força do território tende a se diluir na presença de outros usuários. Entretanto, certa rigidez dá sustentabilidade ao território, sendo necessária a setorização entre fluxo e permanência;

Atração externa: observou-se que quando há maior diversificação cíclica de pessoas e atividades, a tendência é aumentar o potencial de atração de pessoas externas ao território, para observar as atividades.

4.2 REVISÃO DA METODOLOGIA PERCEPTIVA

Quanto aos questionários, o quadro resumo e a nuvem de palavras a seguir (Figura 4.2) consideram fatores presentes nas respostas às questões abertas sobre preferências e rejeições. Destacam-se 10 mais frequentes: **Responsivos** – Movimento e Sombra. **Inferenciais** – Segurança, Tranquilidade e Agradabilidade. **Operacionais** - Atividades, Ponto de Encontro de Amigos, Proximidade, Hábito, Sentar e Variedade. Foi incluído um décimo primeiro fator, “Variedade”, devido à sua relação com as atividades desenvolvidas no espaço.

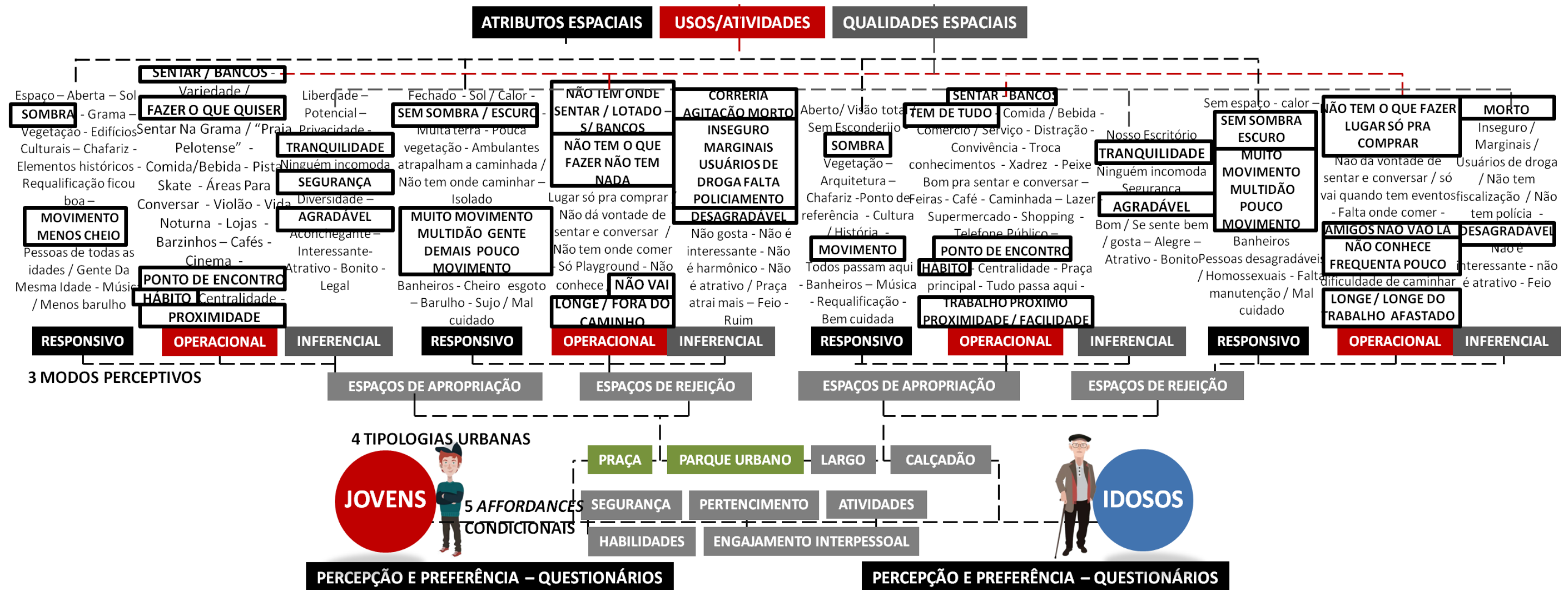


Figura 4.2 - Principais achados dos questionários. Fonte: autora, 2018.

Os estímulos inferenciais e operacionais destacam-se. Se classificados conforme a centralidade, o ambiente em si é o destaque: **Ambiente** - Sombreamento, Segurança, Tranquilidade e Agradabilidade. **Pessoa** - Movimento, Lugar de Encontro de Amigos. **Comportamento** - Atividades, Proximidade, Hábito e Locais Para Sentar.

Nos estudos de Carmona et al. (2003), Layne (2009) e Kim (2012), “movimento” e “sombra” auxiliam a *affordance* Segurança, “tranquilidade” e “sentar” o Engajamento, “agradabilidade” e “ponto de encontro” o Pertencimento, “atividades” e “variedade” a diversidade de Atividades e “proximidade” as diferentes Habilidades. As respostas também destacaram o hábito na escolha de espaços sociais. Ele depende dos cotidianos de usuários reais dos espaços. Entretanto, para entender como o hábito pode interferir na integração das redes sociais, há de se distinguir hábito de rotina. O estudo se ampara em Netto (2014) acerca das redes sociais urbanas. O autor dá similar importância à copresença, encontro, *habitus*, diferenciação das situações sociais e rotinização no processo de integração social. A copresença ocorre quando pessoas e grupos ocupam simultaneamente um espaço, o encontro pelas interações em diversos níveis, a rotinização pela inserção das atividades no cotidiano, o *habitus* por estilos de vida e a compartimentação de atividades e a diferenciação das situações sociais refletem a complexidade de usuários e ambientes.

Assim, este estudo, que busca a aproximação das redes sociais urbanas de jovens e idosos, considera o hábito e a rotina com similar importância a das *affordances* espaciais no processo de apropriação, dando ênfase ao estudo de caso. Aqui, entende-se que o *habitus* tem uma leitura ampla, que retrata estilos de vida e está presente tanto no discurso quanto no comportamento dos usuários, pois um reflete sua visão de mundo e o outro a forma com que produz apropriações sociais.

A forma com que o *habitus* interfere nos fatores destacados pelos usuários representa a complexidade a que este estudo se propõe, buscando particularidades nas semelhanças como forma de respeitar as diferenças. A seguir, os fatores são discutidos buscando recomendações de projeto. A discussão distingue os tipos de recomendações abordados por Lang (1994): **(i) prescritivas**, especificam formas físicas ou padrões; são rígidas, porém facilmente aplicadas; e **(ii) de performance**, especificam que, qualquer que seja a forma, ela deve atingir certo desempenho, permitindo ou impedindo comportamentos; não utilizam soluções padronizadas, permitindo a criatividade do projetista, o que faz com que sejam muito utilizadas no

desenho urbano. Assim, considera-se que as recomendações de performance melhor atendem aos objetivos dessa pesquisa que se apoia na flexibilidade de projeto.

4.3 RECOMENDAÇÕES PROJETUAIS

Com relação aos *habitus* de jovens e idosos que influenciam o uso dos espaços e norteiam as recomendações de projeto, tanto as observações comportamentais quanto o discurso dos usuários foram considerados. Os questionários possibilitaram a análise qualitativa do discurso através das transcrições das aplicações (Apêndice A), que constam em tabela no Apêndice E. Destacam-se:

- (i) Motivação social diferenciada pela intensidade. O fator social urbano aparece com mais ênfase no discurso dos idosos, como fonte primária de sociabilidade, especialmente para indivíduos que moram sozinhos ou são viúvos. Para os jovens, há extensão da sociabilidade de ambientes privados, parte da sua rotina, aos ambientes públicos, que assumem caráter de escolha diante da virtualidade das relações contemporâneas (ASCHER, 2010);
- (ii) As apropriações em microterritórios etários apontam semelhanças entre os grupos, mas também as particularidades inerentes ao desenvolvimento psicológico de cada faixa etária. Os jovens vivem sob controle adulto no lar e em outros meios sociais e buscam liberdade para a afirmação de uma identidade em construção (ERIKSON, 1959 apud ALEXANDER et al., 1977). E os idosos, que passam por perdas sociais, buscam inserção e vivacidade;
- (iii) Os *habitus* sociais urbanos dos grupos produzem significados de apropriação distintos, retratando seu pertencimento a diferentes camadas temporais. Os jovens produzem ocupações transgressoras inerentes à contemporaneidade (SHAW; HUDSON, 2009); e os idosos buscam a manutenção de hábitos desenvolvidos ao longo da vida em um contexto que remete a outras épocas. Ora, ainda que o advento do perfil do novo idoso (OMS, 2015) favoreça sua aproximação dos mais novos, entende-se que o multipertencimento a diferentes camadas temporais urbanas proporciona um tipo de bagagem e relacionamento com o ambiente que não se pode esperar dos jovens;
- (iv) *Habitus* potencial comum: o desejo por um estilo de vida ativo por ambos os grupos aproxima as duas gerações e deve ser estimulado pelos ambientes;

- (v) Diferenças quanto à centralidade: jovens tendem a atividades voltadas para si (ANDRADE, 2010) e seu grupo, “se fechando” ao meio urbano, enquanto o idoso se volta à externalidade, acompanhando as atividades de outrem.

A seguir, o estudo discute os fatores mais citados por jovens e idosos e a forma como as particularidades de *habitus* urbanos interferem nos mesmos.

1.1.2 Tranquilidade e Movimento - Centralidade em si x Externalidade

Na praça, o movimento de pessoas é fator de atração e rejeição para jovens e somente de atração para idosos. Já no calçadão, o destaque da rejeição jovem são espaços com “gente demais”, enfatizando o papel de zonas de desaceleração e escape. Idosos tendem a rejeitar espaços com pouco movimento nesta tipologia. Caracteriza-se assim, diferença na percepção sobre o movimento para os grupos: para os idosos, há uma importância diferenciada de “ver o movimento” como distração e vivenciação do cotidiano da cidade (Apêndice E):

RESPONDENTE 92: “Ver o movimento da cidade, se tá tudo certo no comércio, se tá funcionando tudo bem, arrumadinho...” (IM, 89).

RESPONDENTE 88: “aqui é bom [inaudível] a gente se distrai. As vezes eu dou um pulinho no centro (...) direto pro calçadão... ver o movimento” (IF, 66).

A atividade remete ao hábito de sentar à porta de casa para apreciar a vida urbana. Tradicionalmente, ele era parte do cotidiano da cidade e parece estar sendo mantido de outras formas pelos mais velhos. O costume originou o projeto “Sentar à Porta” da pesquisadora Priscila Oliveira, divulgado na reportagem de Cogoy (2017) para o jornal local Diário da Manhã. Iniciado no bairro Fragata, propôs a retomada da calçada como espaço de interação entre vizinhos. Silva (2014) relata o mesmo tipo de atividade nas sacadas das casas em Juiz de Fora, de onde se observava o movimento de socialização influenciado tardiamente pela Belle Époque francesa.

Entretanto, para os jovens, ainda que o movimento seja um estimulador da segurança (Apêndice E), tende a prejudicar a interação. O movimento positivo é relacionado às ocupações intensas sem muito fluxo, como ocorre em sua área de apropriação, onde ele aumenta significativamente aos finais de semana.

Jovens demonstraram ser mais centrados em si e em suas atividades, o que reflete uma característica dessa fase de transição para a vida adulta (ANDRADE, 2010). Assim, os espaços voltados ao centro, com elementos protetivos, podem ser

mais interessantes a eles. Atividades voltadas aos outros como “ver o movimento” têm menor importância em seu discurso (Apêndice E):

RESPONDENTE 41: “Pra ver o movimento (...) não é o intuito (...) com que eu saio de casa.” (JM, 17).

Há apreciação do movimento pelos grupos, mas com fins e características diferentes. Os dois tipos de movimento são desejáveis em níveis adequados de percepção. Para isso, existem mecanismos de controle pessoal na composição espacial (RAPOPORT, 1977). O padrão de ocupação observado é uma opção: jovens em atividades no centro e idosos observando o movimento nas periferias. A tendência a parar nas periferias se deve ao apoio físico e psicológico (GEHL, 2015).

Alexander et al. (1977) citam fatores para manter uma movimentação constante em vias de pedestres. Comparando com o calçadão de estudo: (i) A localização é central; (ii) É conexão entre nós, serve para “cortar caminho”; (iii) Tem comprimento maior do que 140m, gerando distinção entre “início” e “fim” e baixa densidade de pessoas no “fim”; (iv) Atividades comerciais suporte - positivas quando geram usos de permanência (cafés) e negativas quando geram menor fluxo (bens duráveis); (v) Tem destinos claros na área externa de lancherias; (vi) Concentração deficiente de atividades estratégicas: a falta de atividades geradoras de fluxo no “fim do calçadão” o torna um espaço de uso eventual, condicionado a atividades funcionais; (vii) Conforto insatisfatório: a falta de bancos, sombra e lugares para comer (áreas 01 e 06).

A tranquilidade é o significado principal da tipologia de apropriação jovem e um dos pontos críticos para eles na tipologia de apropriação idosa. Assim, há não apenas diferença de percepção em relação a este estímulo, mas uma necessidade distinta que pode ser um dos pontos chave no projeto de ambientes para ambos. A tranquilidade é tratada pelos jovens como o oposto do fluxo intenso (Apêndice E):

RESPONDENTE 107: “Correria (...)Tranquilidade não tem nada a ver” (JF,18)

Considerando todos os respondentes, há uma correlação direta e média entre a satisfação quanto às pessoas no local (avaliação qualitativa e quantitativa) e à tranquilidade (Spearman, coef=0,368, sig=0,000): usuários satisfeitos com as pessoas tendem a perceber o ambiente como mais tranquilo. Assim, há de se considerar a díade movimento/tranquilidade, mas considerando os dois espaços estudados, jovens e idosos relacionam tranquilidade a fatores diferentes (Apêndice F e Tabela 4.1).

JOVENS	Correlações de Spearman
27.23 Tranquilidade x 23 agradabilidade	Spearman, coef=0,714, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.7 diversão ativa	Spearman, coef=0,719, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,726, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.11 vista bonita	Spearman, coef=0,755, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,762, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,761, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.24 privacidade	Spearman, coef=0,818, sig=0,000
IDOSOS	
27.23 Tranquilidade x 25 segurança	Spearman, coef=0,328, sig=0,010
27.23 Tranquilidade x 25.2 diversidade de atividades	Spearman, coef=0,355, sig=0,005
27.23 Tranquilidade x 25.4 engajamento	Spearman, coef=0,343, sig=0,007
27.23 Tranquilidade x 23 agradabilidade	Spearman, coef=0,386, sig=0,002
27.23 Tranquilidade x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,355, sig=0,005
AMBOS	
27.23 Tranquilidade x 27.11 vista bonita	Spearman, coef=0,589, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,540, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,573, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.24 privacidade	Spearman, coef=0,577, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 25.4 engajamento	Spearman, coef=0,519, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,600, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 23 agradabilidade	Spearman, coef=0,622, sig=0,000
27.23 Tranquilidade x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,355, sig=0,005

Tabela 4.1 - Correlações de Spearman entre tranquilidade e demais fatores. Fonte: autora, 2018.

Para os jovens, o destaque é a correlação com a privacidade, que pode ser afetada negativamente pelo fluxo intenso. Para os idosos, destacam-se fatores que também aparecem para jovens, como agradabilidade e vegetação, mas também a diversidade de atividades, característica de espaços comerciais, e o engajamento, enfatizando o fator social na percepção da tranquilidade. Conforme visto no calçadão, local de maior divergência quanto à tranquilidade, a tendência jovem é correlacioná-la à privacidade, e idosa, à familiaridade, ao uso contínuo de sua apropriação.

Quando considerados todos respondentes, o destaque são espaços relaxantes e agradabilidade. O estudo também dá ênfase para a tríade Vegetação – Espaços Relaxantes – Vista Bonita/Atrativa, com correlações muito fortes (Tabela 4.2).

	Correlações de Spearman
27.10 vegetação x 27.11 vista bonita	Spearman, coef=0,771, sig=0,000
27.10 vegetação x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,627, sig=0,000
27.11 vista bonita x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,746, sig=0,000

Tabela 4.2 - Correlações da tríade Vegetação/Espaços Relaxantes/Vista Bonita. Fonte: autora, 2018.

Os dados se aproximam de PIZZATO (2013), que caracteriza os espaços relaxantes como agradáveis e seguros e os relaciona à satisfação com vista e vegetação. A configuração relaxante é um escape privativo (LAYNE, 2009) ao redor de áreas estimulantes. Assim, infere-se que haja uma setorização de usos, separando o fluxo da permanência. Essa organização foi destaque no estudo observacional tanto positiva quanto negativamente. Os microterritórios se inserem nas tipologias como apêndices funcionais, com potencial de desaceleração (Figuras 4.3 e 4.4).



Figura 4.3 - Fluxo e permanência no território jovem. Fonte: autora, 2018.

Figura 4.4 - Fluxo e permanência no território idoso. Fonte: autora, 2018.

No calçadão, fluxo e permanência são prejudicados um pelo outro. A NBR 9050 (ABNT, 2015) estabelece parâmetros para garantir faixas livres de circulação, mas as áreas sociais também são prejudicadas pelo fluxo. Na praça, a setorização é evidente pela mudança do tratamento do solo, a vegetação é sensível à percepção e a vista é considerada mais satisfatória. Quanto à vista, Hannes (2016) observa que centros históricos promovem satisfação através do controle da poluição visual. A desordem de anúncios comerciais prejudica a qualidade visual do espaço (PORTELLA, 2003) e, no calçadão do estudo, as placas e propagandas do comércio e os fios expostos dos postes de luz podem estar interferindo na agradabilidade.

A vegetação é, neste estudo, destaque para os jovens na escolha de uma tipologia e sua falta é sentida em espaços essencialmente culturais como a via de pedestres. Ela pode tornar a paisagem mais interessante e bonita gerando privacidade, conforto e amenização climática (LAMAS, 2004). Segundo Lynch (2005), a vegetação expressiva destaca a via e delimita a área de permanência. Como os elementos construídos, a vegetação tem organização compositiva, formando ambiências. Trabalhar a vegetação alta e a baixa e volumosa cria recantos fora da vista do fluxo, com a privacidade que jovens necessitam (HOLLAND et al., 2007).

A relação movimento x tranquilidade é uma questão sensível nas tipologias de fluxo. Tranquilidade, espaços relaxantes e privacidade são os pontos mais críticos para os jovens no calçadão. Os fatores são parte das *affordances* Pertencimento e Engajamento, que têm relevância para os grupos. Considerando correlações fortes e muito fortes para os jovens no calçadão, entende-se que os espaços relaxantes, tranquilos e privativos tendem contar com áreas para conversar, comer, sentar, vegetação e vista bonita (Figura 4.5) (Apêndice F). Conforme visto, a configuração relaxante é normalmente dotada de atributos que geram tranquilidade e privacidade.

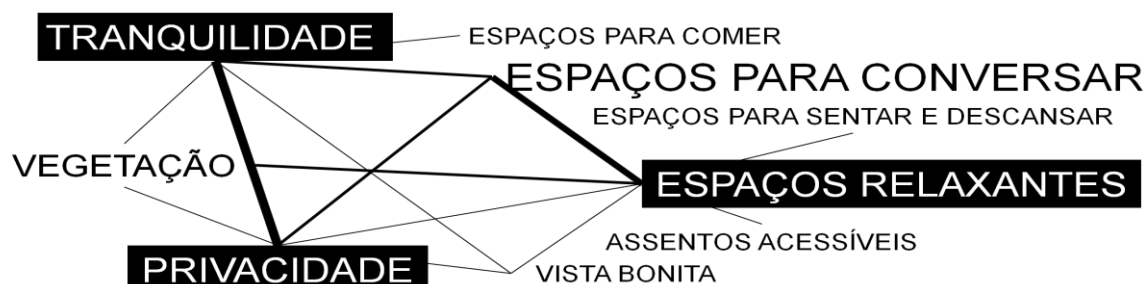


Figura 4.5 - Pontos críticos para jovens no calçadão e correlações. Fonte: autora, 2018.

A configuração relaxante pode auxiliar na percepção jovem sobre o calçadão, que tende a ser estimulante. A Rua Sete de Setembro ilustra a situação, ainda que não em seu pleno potencial. Por estar na transversal do calçadão mais extenso e movimentado, o trecho é um apêndice funcional, onde os usos do solo e a maior presença de vegetação geram permanência. Assim, configura-se como alternativa ao movimento, desde que ofereça amenidades. A configuração em “T” pode se impor à linearidade da via, uma solução para zonas de desaceleração (Figura 4.6).

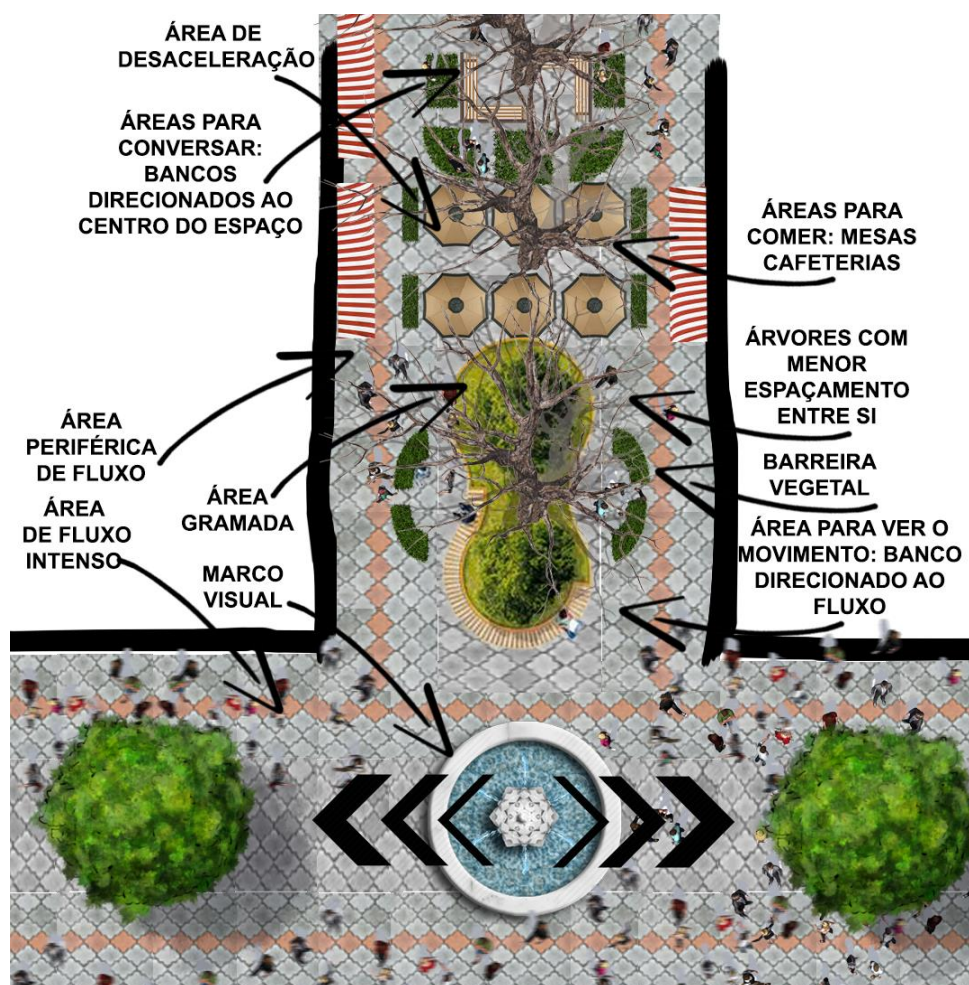


Figura 4.6 - Esquema de configuração em “T” em tipologias de fluxo. Fonte: autora, 2018.

Um dos espaços preferidos pelos jovens é a área 06, a extremidade menos movimentada do calçadão principal, enfatizando a potencialidade do “fim da área

destinada à caminhada” como permanência. Essa área com menos movimento e pouco mobiliário também tem espaço para práticas informais como o skate. Entretanto, se faz necessário um tratamento diferenciado dessas zonas, reforçando sua vocação para a permanência com amenidades que geram conforto e agradabilidade. A falta dessa diferenciação pode, no estudo de caso, estar limitando seu potencial de permanência. Diversas alternativas criam pracialidade em tipologias de fluxo, como: mobiliário que permite ocupações livres, vegetação baixa para amenização sonora e delimitação espacial para privacidade (Figuras 4.7, 4.8, 4.9 e 4.10).



Figura 4.7 - Mobiliário criando uma praia urbana na Robson Square, Vancouver. Fonte: <https://www.theglobeandmail.com/news/british-columbia/locals-check-out-vancouvers-artificial-beach/>.

Figura 4.8 - Mobiliário criando recantos com mais privacidade no Québec, Canadá. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/804786/banco-de-neve-atelier-pierre-thibault>.



Figura 4.9 - Rua de pedestres em Denver, Colorado: assentos informais. Fonte: https://twitter.com/g_meslin/status/752314276933763072.

Figura 4.10 - Rua de pedestres em Denver, Colorado: o gramado artificial gera pracialidade. Fonte: https://twitter.com/g_meslin/status/752314276933763072.

Considerando o exposto, pode-se dizer que o estudo de caso permitiu analisar os usuários submetidos a situações opostas de movimento e tranquilidade. A imersão na realidade abordou sensivelmente as particularidades dos grupos. Visando prover um ambiente favorável à busca por movimento ou tranquilidade, é recomendável:

- (i) **Tratamento diferenciado entre áreas** de fluxo ou permanência: setorização para suavizar a interferência de uma na outra. Deve-se considerar o potencial natural de permanência dos apêndices funcionais em espaços em geral, e das extremidades e da configuração “T” em tipologias de fluxo;

- (ii) Utilização de elementos espaciais que criem **ambiências** tanto voltadas ao centro do espaço e ao usuário em si, com privacidade; quanto voltadas à externalidade urbana. Destaca-se a **vegetação**, não apenas para sombra, como também ao nível do olho do pedestre, sensibilizando-o da sua presença.

1.1.2 Sombreamento - Instigação ao uso pleno x Conforto para permanência

A sombra aparece como fator atrativo, quando moderada, ou restritivo, quando passa a ser notada como escuridão. Os comportamentos observados ocorriam ou não devido às mudanças de insolação. As atividades jovens no seu território têm ápice no sol, tanto no inverno quanto no verão. Um dos jovens o comparou à “praia pelotense”, numa referência aos usos de permanência no sol. Locais ensolarados instigam o uso pleno (JACOBS, 1961) e, no estudo, são favoritos ao lazer potencial e ativo.

A ocupação intergeracional na periferia sombreada do território jovem evidencia a importância da faixa verde no perímetro, deixando livre o quadrante noroeste para prover incidência solar no espaço central durante toda a tarde. O local é uma das únicas áreas da praça em que a incidência de sol no centro do canteiro é maior. Esta configuração protetiva se mostrou mais eficiente para atrair o uso pleno.

Por outro lado, o sombreamento excessivo dos canteiros restringe o crescimento de grama, um dos limitadores para os jovens, influencia na percepção de segurança e no conforto térmico. Áreas ensolaradas são essenciais em climas temperados, devido às estações marcadas (GEHL, 2015) e, na cidade de estudo, a umidade elevada enfatiza essa necessidade. Os locais mais evitados na praça e no parque são aqueles com menor insolação central (Figuras 4.11 e 4.12).



Figura 4.11 - Ao fundo, a área 05, escura e subutilizada do parque em contraposição com a área 07, clara, ocupada durante os fins de semana. Fonte: autora, 2016.

Figura 4.12 - A extensão da sombra dá sensação de escuridão na área 08 da praça. Fonte: autora, 2016.

A Associação Brasileira de Cimento Portland (2013), aponta que sombra gera atividades de permanência e, neste estudo, ela é relevante para idosos, que tendem a permanecer por longos períodos nos espaços. No calçadão, os grupos de idosos se posicionam conforme a incidência de sol ao longo do dia e preferem bancos onde há sombra. As marquises das lojas garantem a proteção para aqueles que socializam de pé, destacando a função de elementos de fachada como amenidades em áreas de permanência. O microterritório idoso é a área com maior projeção de árvores (porte grande e médio, mas de copa não muito fechada) do calçadão, dando continuidade à sombra sem tornar o ambiente escuro, configuração convidativa à parada.

Na linha tênue de percepção entre “sombra” e “escuro”, o estudo solar de massas verdes e edificações pode garantir a hierarquia de iluminação que dá alternativa ao usuário. Para a Agência de Ecologia Urbana de Barcelona - AEUB (2008), o mínimo de obstrução solar em espaços urbanos é de 30%, com ao menos 50% das horas úteis (das 8h às 22h) de conforto. Para vias, ela estipula (Tabela 4.3):

01 árvore de grande porte (>15m de altura, ou > 6m de altura com copa > 6m de diâmetro)	a cada 50m ²
01 árvore de médio porte (copa < 6 m de diâmetro e altura < 15 m)	a cada 28m ²
01 árvore de porte pequeno (copa < 4m de diâmetro e altura < 6m)	a cada 7m ²

Tabela 4.3 - Recomendações da AEUB para vias. Fonte: AEUB, 2008.

A agência, entretanto, não prevê a obstrução máxima que evitaria a sensação de “escuridão” em espaços naturais. No Brasil, a ABCP (2013) elaborou um manual de diagnóstico e metodologia de projeto de espaços públicos que aponta a importância iluminação para a segurança, porém se detém na luz artificial noturna.

A única correlação forte entre o grau de satisfação com a proteção do sol e da chuva é com a orientação para os jovens (Spearman, coef=0,518, sig=0,000). Considerando ambos os grupos, há correlação média entre os fatores (Spearman, coef=0,373, sig=0,000) (Apêndice F). Alexander et al. (1977), se referindo a edifícios, relacionam as mudanças da iluminação ao fluxo. Pessoas são naturalmente atraídas a locais iluminados e esse sistema também é relevante no meio urbano.

A recomendação visa: (i) criar microclimas auxiliando o desempenho térmico durante todo o ano; (ii) permitir o desenvolvimento de vegetação baixa e rasteira, favorecendo a liberdade das ocupações e a privacidade; (iii) organizar atividades – sombra para permanência prolongada e áreas de sol para o uso pleno; (iv) evitar a insegurança pela percepção de escuridão: composição equilibrada de vegetação de

maior e menor sombra oferecendo alternativas; e (v) criar ambiências que favoreçam interesse, potencialidade e diversificação. Entende-se que, para que o sistema de circulação e permanência favoreça a convivência de jovens e idosos é desejável:

- (i) **Hierarquia de incidência solar:** favorecer a permanência vinculada à observação, importante para idosos, em áreas de sombra; e o uso pleno e potencial vinculado a ocupações transgressoras jovens em áreas ensolaradas;
- (iii) **Destaques de iluminação** em áreas de destino. O destaque cria pontos de interesse através de sombra em espaços culturais e de áreas ensolaradas em espaços de apelo natural. Os grupos se mostraram atraídos por estas áreas, embora com interesses diferentes, vistos no item anterior.

1.1.2 Segurança - Liberdade x Constância

O estudo vai ao encontro de *Place Age* (PLACE AGE NEWSLETTER, 2018) que, em pesquisa em três cidades brasileiras – dentre elas Pelotas - e três cidades britânicas, aponta a segurança como um dos fatores chave para a utilização dos espaços públicos por idosos. Aqui, ela é prioridade de ambos os grupos etários.

Entretanto, as diferentes abordagens nas questões dos questionários deste estudo possibilitaram detectar a diferença entre a prioridade consciente sobre a segurança no espaço e a prioridade efetiva. Ainda que segurança seja um aspecto importante na escolha de um espaço, ambos os grupos não identificam uma relevante presença dessa *affordance* em seus espaços de apropriação. A correlação inversa entre a prioridade dada ao pertencimento e à segurança indica que as duas *affordances* podem trabalhar em conjunto, em relação de compensação. O apego ao lugar pode, nesse contexto, aumentar a tolerância à sensação de insegurança e ser mais interessante do que soluções óbvias como aumentar o monitoramento.

Nasar e Jones (1997) apontam dois níveis de medo: (i) à distância - um medo generalizado pela chance de ser vitimizado. É aquele que, segundo Jacobs (1961) alguns parques urbanos evocam; (ii) pela proximidade, relacionado a características específicas do espaço, como comportamentos antissociais, vandalismo e crimes. A relação da sensação de insegurança urbana com crimes também é relatada por *Place Age* (PLACE AGE NEWSLETTER, 2018). Assim, para entender as prioridades consciente e efetiva da segurança, há de se caracterizar a área de estudo quanto ao cenário de criminalidade. O aplicativo “Onde fui roubado” mostra a distribuição

geográfica dos crimes reportados ao utilitário na cidade. Na Figura 4.13, as cores quentes indicam maior número de registros. Até julho de 2018, 506 crimes em Pelotas foram arrolados. O bairro com mais registros voluntários é o centro e a praça é um dos focos, com mais registros do que o parque. O parque é a tipologia estudada mais vinculada à insegurança, ainda que o respondente não frequentasse o local regularmente. Relatos citam a “fama” de local perigoso, retratando o primeiro nível de medo. Na praça, a incidência de crimes pode estar alterando a percepção do usuário negativamente, aumentando a necessidade de intervenções imediatas.



Figura 4.13 - Crimes reportados ao aplicativo “Onde fui roubado”. Fonte: <http://www.ondedefuirobado.com.br/pelotas/RS/estatisticas>. Acesso em 28 de jul. 2018.

No estudo, a busca pelos fatores relacionados à segurança por jovens e idosos resulta numa significativa diferença entre eles: jovens apontam correlação forte entre os graus de percepção da segurança e de satisfação com a presença de monitoramento (Spearman, coef=0,525, sig=0,000); os idosos apontam para a manutenção (Spearman, coef=0,524, sig=0,000). Nesse sentido, a sensação de vulnerabilidade dos mais velhos pode estar vinculada à manutenção deficiente dos espaços (PLACE AGE NEWSLETTER, 2018). Considerando o total de respondentes, as correlações com policiamento (Spearman, coef=0,471, sig=0,000) e iluminação (Spearman, coef=0,301, sig=0,021) são as mais fortes. A iluminação complementa o item anterior sobre a insegurança devido a sombreamento excessivo (Apêndice F).

A ânsia por policiamento pode ser explicada pelo perfil da área de estudo, que classifica a percepção do medo pela proximidade (NASAR; JONES, 1997): a relevante incidência de crimes demanda o imediatismo de soluções. O discurso dos usuários retrata embasamento em experiências com crimes (Apêndice E):

RESPONDENTE 39: “Eu já sofri tentativa de assalto aqui (...) anoitecendo (...) mas geralmente eu me sinto seguro, tirando esse episódio.” (JM, 23).

RESPONDENTE 88: “Graças a Deus, nunca aconteceu nada” (IF, 66).

Entretanto, para os jovens, o policiamento é o fator com mais correlações inversas (Apêndice F) e o único inversamente correlacionado à agradabilidade

(Spearman, coef=-0,356, sig=0,004) e tranquilidade (Spearman, coef=-0,332, sig=0,008). Também há correlação moderada e inversa com espaços para conversar (Spearman, coef=-0,327, sig=0,009). A área de apropriação jovem tem a percepção sobre segurança e presença policial mais insatisfatória das duas tipologias. No calçadão, há maior controle devido a ocupações de ambulantes (Apêndice E):

RESPONDENTE 108: “o pessoal bota alguma coisa e tal, aí vem fiscal, vem isso e aquilo e aquele outro e corre o pessoal todo.” (JM, 21).

A presença policial pode ter tanto aspectos positivos quanto negativos para os jovens. Jovens tendem a ter menos controle de privacidade (LANG,1994), o que explica querer ficar longe do controle adulto (INTERGENERATIONAL... 2005) para uma interação com liberdade, que pode ser inibida pela presença policial. Para os idosos, não há correlações inversas do policiamento com nenhum dos fatores, inclusive há correlação direta e fraca com a tranquilidade (Spearman, coef=0,272, sig=0,036). Para eles, locais com policiamento tendem a ser mais tranquilos talvez por inspirar segurança. Assim, ainda que segurança seja uma das bases para a apropriação urbana por jovens e idosos tanto aqui quanto na literatura (LAYNE, 2009), há diferenças críticas no modo como ela pode ser alcançada.

Observa-se a relevância dos níveis de percepção de Lang (1994). A presença de policiamento transmite segurança aos dois grupos etários, mas ela pode, de certa forma, restringir o uso pleno dos espaços pelos mais novos. Por exemplo, jovens que possuem o hábito de fumar relataram aos pesquisadores que se sentem inibidos pela presença policial. Assim, há de se prover não apenas níveis desejáveis (LANG,1994) como níveis toleráveis de vigilância para atrair jovens a espaços intergeracionais.

Ainda considerando jovens, há correlações diretas e moderadas entre os graus de percepção de segurança e de satisfação quanto à proteção ao clima (Spearman, coef=0,310, sig=0,013), espaços para comer (Spearman, coef=0,325, sig=0,009) e acesso a cadeirantes (Spearman, coef=0,342, sig=0,006). A proteção do sol e da chuva é um dos fatores da segurança, segundo a literatura. Andrade (2010) afirma que na transição pra vida adulta o jovem se volta mais a si próprio, num reflexo de um período de inseguranças. Esta forma de lidar com os conflitos inerentes à idade pode estar vinculada à preferência jovem por configurações protetivas, apontada por este estudo. Gibson (1986) compara o ambiente seguro a uma toca: oferece proteção contra o

clima, conforto para a permanência, fuga do campo visual de pessoas indesejadas, amplitude visual e controle sobre quem acessa o espaço.

Com relação aos idosos, a manutenção dos espaços proporciona a sensação de que são cuidados, gerando menor vulnerabilidade a possíveis acidentes. A manutenção pode também estar vinculada ao que Lawton (1989) descreve como uma das funções de apoio ambiental ao envelhecimento. Manter um nível de constância com cuidados pode trazer a previsibilidade de satisfação que estimula o uso idoso. A segurança também está vinculada à maior diversidade de atividades para os idosos. Assim, em espaços de convivência entre jovens e idosos, é desejável:

- (i) **Considerar níveis de tolerância ao monitoramento distintos** entre jovens e idosos: jovens tendem a tolerar menos a presença policial;
- (ii) **Evitar espaços mal iluminados tanto à noite** (por iluminação artificial) **quanto de dia** (por restrição a áreas excessivamente sombreadas);
- (iii) Envolver o espaço criando sombra e proteção (sem prejudicar a iluminação), com vegetação (estímulo ao apego), criando refúgios para os jovens; e manter os espaços constantemente cuidados para estimular o uso dos mais velhos.

1.1.2 Agradabilidade - Fator psicológico x Fator social

A agradabilidade gera prazer e benefícios emocionais (PIZZATO, 2013). Assim, nesta categoria foram incluídos: “eu gosto”, “bom” e “legal”. A agradabilidade é relacionada aos tipos de prazer que Jordan (2000) aponta: (i) fisiológico – cinco sentidos; (ii) social – contato interpessoal; (iii) psicológico – emoção e cognição. Neste fator, Pizzato (2013) inclui a usabilidade dos produtos ou, no caso, do espaço; e (iv) ideológico – crenças e valores. Conforme essa classificação, para os jovens, a agradabilidade está mais correlacionada a fatores psicológicos. Fatores como a tranquilidade são os mais problemáticos no calçadão para este grupo, indicando o porquê a agradabilidade na tipologia é menos satisfatória (Apêndice F) (Tabela 4.4).

JOVENS	Correlações de Spearman
23 Agradabilidade x 27.23 tranquilidade	Spearman, coef=0,714, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.7 oportunidade de diversão ativa	Spearman, coef=0,733, sig=0,000
23 Agradabilidade x 23.1 conforto	Spearman, coef=0,674, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,686, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.11 vista atrativa	Spearman, coef=0,674, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.24 privacidade	Spearman, coef=0,686, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.14 espaços relaxantes	Spearman, coef=0,656, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,676, sig=0,000
IDOSOS	
23 Agradabilidade x 25.4 engajamento interpessoal	Spearman, coef=0,530, sig=0,000

AMBOS	Correlações de Spearman
23 Agradabilidade x 21 opções de lazer com amigos	Spearman, coef=0,577, sig=0,000
23 Agradabilidade x 25.4 engajamento interpessoal	Spearman, coef=0,518, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.11 vista atrativa	Spearman, coef=0,518, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.12 lugar de encontro	Spearman, coef=0,530, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.14 espaços relaxantes	Spearman, coef=0,557, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,551, sig=0,000
23 Agradabilidade x 27.23 tranquilidade	Spearman, coef=0,622, sig=0,000

Tabela 4.4 - Correlações de Spearman entre tranquilidade e demais fatores. Fonte: autora, 2018.

Os idosos mostram uma maior valorização do fator social, das pessoas, na percepção de agradabilidade do espaço, o que afirma a possibilidade do encontro com conhecidos como importante elemento na apreciação do ambiente. O engajamento interpessoal é o fator mais fortemente relacionado à agradabilidade, mas também há ênfase nas opções de lazer com amigos e o espaço ser um lugar de encontro. Isso explica o porquê as duas tipologias tendem à agradabilidade.

Considerando jovens e idosos, espaços com maior grau de agradabilidade tendem a ser aqueles com maior satisfação em relação à tranquilidade, lugares de encontro, opções de lazer com amigos, engajamento interpessoal, vista, espaço relaxante e espaço para conversar. A **tranquilidade** e os **lugares de encontro**, devido ao seu destaque para jovens e idosos nas questões abertas, são tratados separadamente. A correlação mais forte da satisfação quanto às opções de lazer com amigos é com a **tranquilidade**. Quanto à oportunidade de engajamento interpessoal, a correlação mais forte é com a oferta de **espaços relaxantes**. A maior satisfação com espaços para conversar também coincide com a oferta de **espaços relaxantes**.

Assim, há importância da tríade **tranquilidade - espaços relaxantes - lugares de encontro** para a agradabilidade de jovens e idosos. E, conforme visto anteriormente, para eles também se destaca a tríade Vegetação – Espaços Relaxantes – Vista, indicando funcionamento em conjunto da vegetação e da vista com espaços relaxantes. Pizzato (2013) relaciona os espaços agradáveis aos relaxantes porém, para os grupos sociais estudados, estes espaços relaxantes e agradáveis mostram diferença: jovens valorizam mais os fatores psicológicos e os idosos os sociais. Este fato retoma *habitus* inerentes aos dois grupos. Os jovens dão caráter de opção aos espaços públicos, uma forma de extensão da sociabilidade de outros meios, enquanto os idosos tendem a condicionar boa parte de suas relações sociais ao meio urbano caracterizando-o, muitas vezes, como fonte primária de sociabilidade (Apêndice E). *Habitus* este que é mais relacionado aos homens idosos. Dessa forma, volta-se ao item (ii) em “Movimento e Tranquilidade”, como forma de atingir um nível desejável de

inserção social que gere agradabilidade aos dois grupos. Além disso, a correlação entre agradabilidade e a diversidade de atividades pode indicá-la como estimulador da permanência intergeracional nos espaços.

1.1.2 Atividades e Variedade - Potencialidade x Rede de suporte

Uma das maiores diferenças entre jovens e idosos é com relação à percepção sobre a diversidade de atividades: os grupos tendem à maior satisfação em sua tipologia de apropriação. A variedade é frequente nas respostas de jovens e idosos, mas há diferença comportamental observada nos territórios: jovens buscam a liberdade de “dá pra fazer tudo o que quiser” e idosos o suporte de “aqui tem tudo”.

Na praça não há atividades diretamente ofertadas aos jovens. A espontaneidade reflete-se em usos criativos e que não se prendem à formalidade espacial. As atividades potenciais podem ser um diferencial na sua percepção sobre a variedade de atividades do ambiente. Layne (2009), aponta o parque como a tipologia vinculada por jovens à diversidade de atividades. Assim, espaços amplos, gramados, com certa privacidade são interessantes à potencialidade (Apêndice E):

RESPONDENTE 39: “Se tu trazer coisas... é divertido...” (JM, 23).

Os idosos são mais restritos às atividades oferecidas diretamente pelo espaço formal e eventos programados, mas também o personalizam levando cadeiras à praça e ao parque, em locais amplos com potencial de ocupação. Os espaços potenciais podem receber shows e apresentações, trazendo a música (citada pelos grupos como atividade desejada) para o espaço público. Além do caráter intergeracional, a música pode, como atividade programada, estimular o uso dos espaços. Nos microterritórios, a música é levada pelos usuários (Figura 4.14 e 4.15).



Figura 4.14 - A música sendo levada aos microterritórios pelos usuários: jovens com violão. Fonte: autora, 2018.



Figura 4.15 - A música sendo levada aos microterritórios pelos usuários: um idoso percorrendo o calçadão com caixas de som em um carrinho. Fonte: autora, 2018.

O lazer ativo é destaque para jovens e idosos como atividade desejável, refletindo a vontade de um estilo de vida mais ativo. Entretanto, os grupos o apontam como parte pouco significativa do seu cotidiano, o que pode indicar falta de condições para desenvolvê-lo. Nota-se uma diferença na natureza das atividades: jovens buscam condições para a prática de esportes individuais (skate) e de equipe (vôlei), e idosos para a prática de ginástica ao ar livre e atividades monitoradas. As práticas monitoradas têm apelo intergeracional e poucas exigências físicas do espaço.

Para Davids, Araújo e Brymer (2016) a variabilidade do ambiente é uma “propriedade chave” para estimular o movimento e facilitar comportamentos e interações exploratórias com superfícies, objetos e pessoas. A variabilidade sugere flexibilidade e potencialidade de usos. Wicker, Breuer, e Pawlowski (2009), apontam áreas verdes como parte da estrutura esportiva urbana. Assim, infere-se que uma tipologia semelhante a do território jovem poderia ser interessante para os idosos desenvolverem atividades físicas, ainda que programadas.

Idosos mostraram interesse por eventos programados e a diferença entre jovens e idosos na apropriação de áreas potenciais para lazer ativo pode estar numa maior necessidade de incentivo. Tanto prática de skate quanto as atividades físicas monitoradas podem ocorrer em espaços potenciais. É necessária a superfície livre para acomodar os praticantes e, no caso do skate, elementos que sejam desafios. Os elementos ideais permitem diversos usos, acompanhando as variações cíclicas de ocupação do dia (Figuras 4.16 e 4.17). Todavia, áreas potenciais não são residuais. No parque estudado, áreas amplas que poderiam ser convidativas a atividades, têm pouco mobiliário e insolação, gerando insegurança e restringindo seu potencial de uso. A variedade de superfícies também é interessante às atividades físicas pois, cada tipo traz benefícios diferentes à saúde do praticante. Um estudo foi desenvolvido por Morrison et al. (2009) com mulheres sedentárias de 60 a 75 anos, divididas entre: desenvolver atividades físicas em superfícies de (i) baixo impacto (areia) e (ii) alto impacto (superfície firme), apontando melhorias na aptidão e força de ambos os grupos, com maiores mudanças de força no grupo da superfície de menor impacto. A grama, segundo o preparador físico Reis (2013), gera o amortecimento necessário a atividades regenerativas, de baixa intensidade e velocidade, adequadas aos idosos. Assim, áreas abertas, amplas, potenciais e com diferentes coberturas de solo retratam a convergência das necessidades e desejos de lazer ativo para os grupos.



Figura 4.16 - A adaptabilidade de áreas potenciais da Praça Cel. Pedro Osório: Bancos em forma de arena viram obstáculos para o skate. Fonte: <http://www.quindimculturalpel.com>.



Figura 4.17 - A adaptabilidade de áreas potenciais da Praça Cel. Pedro Osório: Prática programada de exercícios. Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/pelotas/tag/esportes/page/112>.

O *playground* foi citado como restritivo. No contexto intergeracional, usos etários e fixos merecem cuidado, pois atraem público restrito. O acesso visual é destacado no estudo observacional como forma de integrar essas áreas ao contexto. No urbanismo contemporâneo, o ato de brincar ultrapassa a fórmula “balanço e escorregador” e induz à curiosidade e interação sem limitar uso ou público (Figuras 4.18 e 4.19).



Figura 4.18 - Estrutura escultural em South Park, San Francisco. Fonte: <http://www.thescienceofplay.com>.



Figura 4.19 - *Playground* misto em St. Paul's Plaza, Otay Ranch. Fonte: <http://www.sandiegouniontribune.com>.

Tudo o que limita a imaginação do usuário à do projetista não supre as necessidades da brincadeira (ALEXANDER et al., 1977). *Playgrounds* mistos, com atividades para todos, também levam à integração.

Para os idosos, além da função social, a praça é citada pela proximidade ao comércio, apontando a importância da rede de atividades do entorno de áreas verdes que não possuem atividades específicas voltadas a todas as idades.

No calçadão, a satisfação jovem com a diversidade de atividades cai e a dos idosos aumenta. O fluxo proporciona distração aos idosos que querem ver o movimento. Segundo Kim (2012), observar, locais de encontro e cafés estão entre as atividades vinculadas à diversidade para esta faixa etária, fortalecendo os achados na

tipologia. Idosos citam comodidades (supermercado, sorveteria e telefone público) como atratores. A área 07 (onde estão as cafeterias) é vinculada à “aqui tem tudo” e a área 06 (onde predominam lojas de eletrodomésticos) à “aqui não tem nada”. A área 06 foi mencionada pelo espaço para atividades potenciais jovens.

O comportamento e a percepção jovem mostram a busca por liberdade de uso e personalização inerente a espaços potenciais que se contrapõem a espaços formais como o calçadão. Entretanto, espaço para desenvolver atividades e elementos menos formais podem instigar interesse nessa tipologia. Para os idosos, a rede de apoio é refletida em cafés, que representam socialização e o conforto do acesso a banheiros.

As atividades sociais urbanas dos grupos destacam os “lugares de encontro” por ampliar a percepção sobre a diversidade de atividades. Comércio e serviços são atrativos mas, a predominância massiva do comércio é percebida como “lugar só para comprar”, desinteressante à permanência e socialização. Em vias de pedestres, é desejável um equilíbrio de atividades e pontos estratégicos de permanência. A área de maior permanência jovem no calçadão de estudo não é significativa e uma das razões pode ser o tipo de comércio ali desenvolvido, que não apoia a socialização. A oferta de comida/bebida é destaque para socialização em ambos os espaços para os grupos, e “não ter onde comer” é um impeditivo. Os cafés são considerados à parte pelo poder de sociabilidade (TONKISS, 2005) e significado diferenciados para idosos.

Quanto aos hábitos diários dos usuários, “ver o movimento” e “caminhada” são as atividades mais frequentes para os idosos. A correlação entre os graus de importância da caminhada e de satisfação com a oferta de atividades e a correlação entre a importância de ver o movimento e da caminhada na praça (Spearman, coef=0,396, sig=0,030) dão indícios de que esta pode ser uma díade importante para ampliar sua percepção de disponibilidade de atividades. Ambas são potenciais e não demandam uma estrutura especial, mas incentivo através de amenidades como espaços para sentar em áreas movimentadas, sombra e pisos em boas condições.

Assim, em espaços intergeracionais deve-se buscar um equilíbrio entre atividades ofertadas, que dão a sensação de “aqui tem tudo” e atividades potenciais que são percebidas como “aqui dá pra fazer o que quiser”, através de:

- (i) Elementos informais que permitem atividades potenciais e ocupações criativas; e formais com uma rede de suporte e conforto, como locais para comer;

- (ii) Mix de usos para que uma atividade não se sobreponha de forma impeditiva às outras. Em praças e parques, áreas destinadas a uma faixa etária, como *playgrounds*, devem buscar integração visual ao restante do espaço e conter elementos interessantes que despertem a curiosidade de usuários diversos, favorecendo usos livres e criativos. A diversificação de usuários auxilia na variação cíclica diária de atividades. As vias com predominância de comércio e atividades funcionais devem oferecer áreas para comer e de permanência;
- (iii) A potencialidade como intencionalidade projetual, distinguindo espaço potencial de residual. Áreas sem atividades pré-determinadas merecem atenção quanto à manutenção, mobiliário urbano, insolação e vegetação.

1.1.2 Lugar de Encontro de Amigos – Espaços Intergeracionais X Microterritórios de Apropriação Etária

Sabendo “o que encontrar”, “quem encontrar” e “onde encontrar”, os usuários se deslocam até o centro da cidade, e trocam as comodidades do privado pelo público. Neste processo, lugares de encontro aparecem no estudo como um dos maiores motivadores para jovens e idosos. Se considerados todos os respondentes, o grau de satisfação quanto ao espaço ser um lugar de encontro está correlacionado fortemente ao de agradabilidade (Spearman, coef=0,530, sig=0,000) (Apêndice F).

A ideia dos lugares de encontro e apropriações etárias como atratores sociais aproxima-se do mosaico de subculturas (ALEXANDER et al., 1977) (Figuras 4.20 e 4.21).



Figura 4.20 - Shamrock Place, Montreal: jovens sentados informalmente, crianças no carrossel e adultos e idosos nas mesas do café e bancos. Fonte: <http://aduc.ca>.

Figura 4.21 - Jubilee Square, Brighton. No centro, o gramado cria uma praia urbana; na periferia, assentos de diversos níveis de conforto e formalidade. Fonte: <https://www.brighton.ac.uk>.

Ocupações homogêneas impossibilitam a diversidade plena. Pequenas homogeneidades, camadas ou microterritórios de identificação social, permitem mobilidade e permeabilidade em um contexto heterogêneo, de forma que umas não prevaleçam sobre as outras, em tamanho ou distinção. A sustentabilidade dos

microterritórios é relacionada à capacidade de adaptação à diversidade e ao potencial de articulação. Microterritórios permeáveis atenuam a potência de segregações. Quando o projetista usa a diversidade de estímulos através das ambiências, favorece a diversidade de usuários. As ambiências geram uma redução de escala que favorece a convivência de indivíduos com especificidades marcantes em núcleos sociais próximos. O espaço, por maior que seja sua escala, deve ofertar pequenas ambiências que facilitem apropriações com identidade, tão importantes para os grupos em seus espaços sociais. A praça estudada apresenta ambiências mais evidentes do que o calçadão, onde há tendência à padronização. Mesmo espaços de repetição devem, dentro do possível, oferecer essas diferenciações.

A identidade auxilia na transformação de espaços genéricos em lugares com significado (RELPH, 1976 apud SEAMON; SOWERS, 2008) e na construção da fama dos pontos de encontro. Os pontos de encontro se destacam dos demais espaços por diversas razões, sutis ou evidentes, mas significativas para determinado grupo de usuários. Geralmente no processo de diferenciação tanto as amenidades propostas por Gehl (2015) nas “paisagens para conversa”, quanto os pontos de referência são importantes. No estudo, o chafariz mostrou sua vocação como ponto de referência na praça e no calçadão, sendo visto de ambos os microterritórios. As amenidades definem as pequenas ambiências tornando os espaços atrativos. Com relação aos atratores, jovens correlacionam mais fortemente os lugares de encontro a uma vista bonita (Spearman, coef=0,638, sig=0,000) e vegetação (Spearman, coef=0,635, sig=0,000), os idosos tendem a valorizar mais o aspecto social das opções de lazer com amigos (Spearman, coef=0,337, sig=0,008) e a inclusão do espaço na rotina que dá sensação de familiaridade (Spearman, coef=0,337, sig=0,008) (Apêndice F).

No ítem “agradabilidade” tem-se a resolução da dualidade de necessidades: interação com privacidade e abertura à externalidade social. A vegetação pode estar vinculada à vista e à setorização inerente aos pontos de encontro que suportam hábitos sociais jovens. Para os idosos, o fator social, a inclusão dos espaços na rotina e a familiaridade são especialmente relevantes. Assim, é recomendável:

- (i) Oportunizar o desenvolvimento de homogeneidades, microterritórios de identificação, dentro de um contexto heterogêneo que permita permeabilidade. Pequenas ambiências podem criar significados diferentes para jovens e idosos em um mesmo espaço, favorecendo a convivência;

- (ii) Nas ambiências, considerar elementos de agradabilidade para jovens e idosos, com a resolução da dualidade de necessidades: interação com privacidade e abertura à externalidade urbana. A vegetação pode auxiliar na atratividade da vista e na setorização de usos;
- (iii) O reconhecimento dos espaços públicos incluídos nos hábitos dos mais velhos, onde há familiaridade e rotina de socialização.

1.1.2 Rotina e Proximidade – Rede de suporte x atração social

A rotinização de atividades fortalece a imagem dos espaços urbanos (LYNCH, 2005) e lhes atribui significados. A rotina considera a possibilidade de inserção das atividades no cotidiano do usuário. O fator proximidade é frequente nos discursos dos respondentes, mas, antes de mais nada, há de se definir o que significa a distância. Como objeto de percepção, a proximidade tende a adquirir significados individuais. No estudo, ela depende da força de atração social do espaço (especialmente para os idosos, como uma fonte social primária); e da rede de suporte no entorno. Em ambos os casos, a distância não parece restringir o uso e a inclusão dos locais no cotidiano dos usuários, pois eles tendem a morar relativamente distante (Apêndice E):

RESPONDENTE 92: “Sozinho, só. Venho encontrar os amigos aqui (...) Eu moro no Balneário Santo Antônio”⁵² (IM, 89).

Dos 23 usuários que rejeitaram um espaço por ser “longe”, sete o ligaram ao cotidiano: “longe do trabalho”, “nunca foi”, “não tem hábito de ir” e “fora do caminho” e dos nove que citaram “proximidade” como atrativo, seis a relacionaram à rotina como “comodidade” e “proximidade ao centro”. O parque foi considerado “longe” e, embora se situe a apenas cinco quadras do calçadão, é o espaço mais afastado do comércio intenso, diminuindo a rotatividade por fluxo; e com o entorno menos diversificado, afetando o sucesso (JACOBS, 1961) como nó (ALEXANDER et al., 1977).

Para entender a influência da rotina no uso dos espaços, as questões sobre o cotidiano dos usuários são imprescindíveis. Para os jovens, o trajeto até os espaços de estudo é feito normalmente com colegas, indicando que a proximidade a edifícios educacionais é uma importante rede de suporte aos espaços públicos. A distribuição de escolas é equilibrada na área de estudo, os centros universitários tendem a se concentrar no entorno de praça, calçadão e largo (Figuras 4.22 e 4.23). A proximidade

⁵² Praia do Laranjal, bairro de Pelotas. Se localiza a aproximadamente 11Km do centro da cidade.

a centros universitários beneficia os jovens adultos. Como os questionários desconsideraram os menores de idade, infere-se que a rede educacional não pode ter importância diminuída na percepção da proximidade por rotina neste estudo. Os jovens protagonizam uma estrutura social criada pelas universidades que atrai diversidade. Essa estrutura em conjunto com uma rede de apoio de locais para comer e conversar pode estimular a sociabilidade (ALEXANDER et al., 1977).

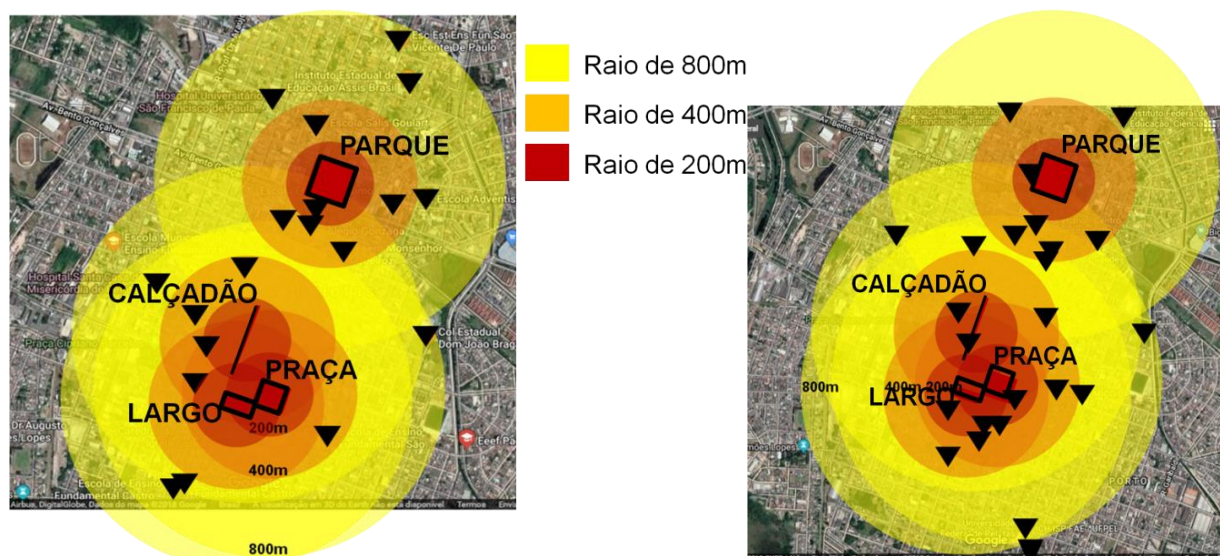


Figura 4.22 - Principais⁵³ escolas de ensino fundamental e médio no entorno das quatro áreas de estudo. As linhas de alcance são de 200, 400 e 800 metros. Fonte: autora, 2018.

Figura 4.23 - Principais⁵¹ edifícios universitários e sedes de ensino à distância. Fonte: autora, 2018.

Para os idosos, a rotina faz com que o eixo comercial do calçadão seja importante. Atividades como pagar contas e receber a aposentadoria são parte do seu cotidiano assim, lotéricas e bancos dão apoio. Além disso, seu ponto de encontro é junto a cafés tradicionais que tendem a se concentrar no calçadão (Figura 4.24).

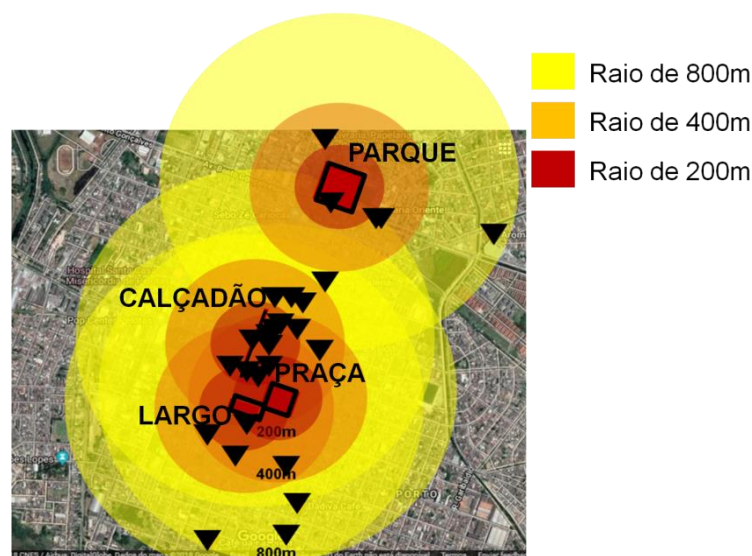


Figura 4.24 - Principais⁵¹ cafeterias no entorno das quatro áreas de estudo. Fonte: autora, 2018.

⁵³ O critério de seleção dos locais relevantes adotado foi a sua inclusão no *Google Maps*.

Cafeterias e lancherias são geradores de permanência que estendem a sociabilidade ao meio público, dando suporte às atividades ali desenvolvidas assim, podem compensar a distância da casa do usuário a um determinado espaço.

Conforme o exposto na seção, entende-se que, em espaços intergeracionais que visem ser suportivos a jovens e idosos é recomendável:

- (i) Observar o funcionamento da rede de suporte constituída por instituições de ensino e locais para comer como cafés e lancherias na malha urbana para incluir os espaços mais facilmente na rotina de jovens e idosos.

1.1.2 Oportunidade para Sentar – Relaxamento x Conforto

Buscando fatores importantes sobre espaços para sentar, testes de correlação (Apêndice F) geraram os resultados abaixo como os mais fortes (Tabela 4.5).

JOVENS	Questão 27.21 x Questão 23.1 e Fatores da questão 27	Correlações de Spearman
	27.21 Espaços para sentar x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,766, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,800, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.19 assentos acessíveis	Spearman, coef=0,736, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,775, sig=0,000
IDOSOS		
	27.21 Espaços para sentar x 23.1 conforto	Spearman, coef=0,330, sig=0,010
	27.21 Espaços para sentar x 27.10 vegetação	Spearman, coef=0,358, sig=0,005
	27.21 Espaços para sentar x 27.11 vista bonita	Spearman, coef=0,452, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,364, sig=0,004
	27.21 Espaços para sentar x 27.18 Livre de barreiras	Spearman, coef=0,356, sig=0,005
	27.21 Espaços para sentar x 27.19 assentos acessíveis	Spearman, coef=0,428, sig=0,001
	27.21 Espaços para sentar x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,366, sig=0,004
AMBOS		
	27.21 Espaços para sentar x 23.1 conforto	Spearman, coef=0,529, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.10 Vegetação	Spearman, coef=0,592, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.14 espaço relaxante	Spearman, coef=0,641, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.19 assentos acessíveis	Spearman, coef=0,558, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.20 espaços para conversar	Spearman, coef=0,668, sig=0,000
	27.21 Espaços para sentar x 27.24 Privacidade	Spearman, coef=0,514, sig=0,000

Tabela 4.5 - Correlações entre espaços para sentar e demais fatores. Fonte: autora, 2018.

A tendência é que jovens priorizem espaços para conversar e com configuração relaxante. Analisando o microterritório jovem no contexto geral da praça, ele assume o papel relaxante ainda que tenha configuração protetiva, pois constitui um apêndice funcional ao lado de uma área de fluxo. Se trata de uma ambiência relaxante para sentar, onde a vegetação é relacionada à liberdade de ocupação. Já os idosos, no contexto geral, tendem a correlacionar espaços para sentar com a vista e elementos de conforto e acessibilidade do ambiente. A acessibilidade é medida pela existência de bancos, mas também pela quantidade. A fama de bancos lotados é um limitador ao uso, devendo-se considerar o fluxo de pessoas na oferta de assentos (Apêndice E):

RESPONDENTE 39: “Deveria ter mais (...) mas [é] confortável” (JM, 23)

RESPONDENTE 93: “É pouco.(...) Tá sempre lotado isso aqui.” (IM, 80).

A similaridade de *habitus* de jovens e idosos quanto à socialização em grupos, apontada pelo estudo, torna necessários assentos que facilitem a interação entre um número maior de pessoas. Na praça, o posicionamento dos bancos não provê direcionamento visual que favoreceria a díade observacional intergeracional. Além disso, o *layout* não favorece o uso por grupos maiores que necessitam assentos formais. No calçadão, os bancos não favorecem a interação direta (Apêndice E):

RESPONDENTE 22: Poderia ter uns bancos (...) um “L” (...) mais aconchegante né, pra conversarem entre si” (IF, 62).

RESPONDENTE 107: “fica todo mundo na volta aqui, (...) não dá!” (JM, 21).

Há uma diferença no comportamento e no discurso dos grupos (Apêndice E): jovens utilizam soluções criativas, informais e, não raras vezes, com menor nível de conforto, retratando adaptabilidade. Desse modo, encontrar assentos alternativos para grupos maiores não é um problema, ao contrário, torna as ocupações livres; enquanto idosos buscam opções formais e confortáveis (Apêndice E):

RESPONDENTE 42: “grupo grande, tu senta na grama.” (JM,22).

Os idosos necessitam de bancos com forma e materiais adequados ao corpo e sombra para a permanência. Assim, a variedade de níveis de conforto é importante. Os bancos sem encosto foram citados pela falta de apoio, os com encosto pela dificuldade de levantar devido à curvatura acentuada do encosto e os executados com traves de madeira por machucarem os usuários (Apêndice E) (Figuras 4.25 e 4.26):

RESPONDENTE 22: “Esses encostos (...) ficam pra trás (...) Te dói (...) jovem nem nota muito, né, mas a pessoa mais idosa (...) uma pessoa muito gorda aqui (...) Tem que fazer isso, né [impulso pra levantar do banco]. Eu acho que tinha que ter uns bancos mais confortáveis”. (IF, 62)

RESPONDENTE 93: “bancos com encosto. Se não a gente fica corcunda. Se fica muito tempo aqui (...) Não tem lugar pra se escorar.” (IM, 80)

RESPONDENTE 94: “É muito duro isso aqui. É um horror (...) Esses assentos sejam mais... não tenham essa divisão. Tu senta entre uma trave e outra... corta a circulação (...) também “pisa”, principalmente o fêmur (...) Não dá [pra ficar muito tempo sentado] (...) Fica esse espaço” (IM, 90).

Considerando a atratividade por curiosidade inerente ao desconhecido (ALEXANDER et al.,1977), assentos podem ser elementos criativos, estimulando o uso por todas as idades (Figuras 4.27 e 4.28). As ocupações informais jovens combinam usos transgressores como o *skate* em lugares não destinados à prática. Cabe ao desenho urbano se posicionar, permitindo o uso e prevenindo danos através de um mobiliário resistente e compatível, ou restringindo-o através de dispositivos. A arquitetura hostil usa *affordances* contra o usuário, desencorajando o uso.



Figura 4.25 - Idoso leva cadeira confortável enquanto jovens sentam informalmente. Fonte: autora, 2017.

Figura 4.26 - Jovens sentam-se no chão em ocupação adaptada. Fonte: autora, 2016.



Figura 4.27 - Assentos diferenciados estimulam a curiosidade e o uso em uma rua de pedestres em Denver. Fonte: https://twitter.com/g_meslin/status/752314276933763072.

Figura 4.28 - Assentos diferenciados estimulam a curiosidade e o uso em uma rua de pedestres em Denver. Fonte: https://twitter.com/g_meslin/status/752314276933763072.

Assim, em espaços intergeracionais, é importante dar ao usuário o poder de escolha de assentos em relação a: (i) **quantidade** – determinada pelo fluxo de pessoas para evitar a fama de locais lotados; (ii) **layout e posicionamento** – fora da área de circulação mas, com alternativas de visualização: mobiliário voltado ao centro do espaço, à privacidade, e à externalidade, ao movimento; (iii) **nível de conforto** – embora os grupos demonstrem níveis desejáveis similares de conforto, a observação aponta diferença nos níveis de tolerância ao desconforto, jovens são mais adaptáveis às condições do ambiente. Assim, o material e o *design* dos assentos devem considerar alternativas com níveis de conforto diversos, em relação a opção de encosto, inclinação adequada, nivelamento de superfícies, entre outros. Também é recomendável que haja sombra visando o conforto térmico nas áreas de estar. A vegetação pode agir tanto no conforto quanto para proporcionar vistas agradáveis; (iv) **potencialidade** - favorecer ocupações livres e usos diversos. Alternativas mais e menos formais são interessantes; (v) **criatividade** - elementos criativos e podem ser interessantes e instigantes a todas as idades; (vi) **número de usuários** – alternativas para acomodar indivíduos sozinhos e favorecer a interação direta de grupos.

Após a exposição e a discussão dos resultados provenientes das coletas de dados, o próximo capítulo apresenta conclusões e considerações finais deste estudo.

CAPÍTULO 05 CONCLUSÕES

Nesse capítulo são apresentadas as conclusões como ápice do delineamento do estudo. O capítulo inicia com a revisão do problema que motivou a pesquisa, bem como seus objetivos, as hipóteses formuladas e os métodos empregados na investigação. A seguir, há a explanação de alguns dos principais achados do estudo e o modo como eles encaminharam a proposição de recomendações de projeto para espaços urbanos que visam atrair e oferecer suporte à jovens e idosos.

5.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS, HIPÓTESES E MÉTODOS

O problema geral da pesquisa reside no aprofundamento do estudo perceptivo e comportamental que relaciona as *affordances* do espaço físico à motivação de idosos e jovens no uso do meio urbano para lazer e convívio social. O estudo visa preencher esta lacuna com a intenção de responder a pergunta de pesquisa: Quais os atributos, características e qualidades espaciais que mais podem interferir no convívio intergeracional entre jovens e idosos nos espaços públicos urbanos?

Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa é contribuir com recomendações que favoreçam o projeto de espaços urbanos que oportunizem a convivialidade, a intergeracionalidade e o comportamento diádico positivo entre jovens e idosos utilizando similaridades perceptivas sob a lente das *affordances*. Para tanto, os objetivos específicos têm em vista os agentes constituintes das redes sociais urbanas:

- (1) USUÁRIO:** Investigar o posicionamento de jovens e idosos quanto às relações intergeracionais, averiguando a existência ou não de possíveis conflitos etários;
- (2) USOS E ATIVIDADES:** Averiguar se os usos e espaços disponíveis para convívio e lazer correspondem às necessidades contemporâneas dos dois grupos etários;
- (3) AMBIENTE FÍSICO:** Identificar, nas tipologias espaciais estudadas, (i) os locais de apropriação e rejeição para encontro e convívio social dos grupos etários, e (ii) os principais motivos.
- (4) PERCEPÇÃO:** Realizar um estudo etário comparativo de percepções entre jovens e idosos. Utilizar as *affordances* para buscar similaridades, discrepâncias e correlações.

(5) RECOMENDAÇÕES: Analisar os dados sob a lente das *affordances* e do comportamento, produzindo atributos, características e qualidades para oportunizar o convívio intergeracional entre jovens e idosos; resultando assim, em contribuições para projetos futuros de espaços públicos urbanos.

O estudo foi delineado visando as seguintes hipóteses:

HIPÓTESE 1: Considerando as semelhanças de necessidades físicas, psicológicas e sociais e de percepção entre jovens e idosos, a primeira hipótese deste estudo sugere que: **há semelhanças nas apropriações dos espaços públicos de socialização pelos dois grupos etários.**

HIPÓTESE 2: Considerando as semelhanças entre jovens e idosos, o surgimento do novo perfil do idoso e as experiências sociais positivas entre pares intergeracionais, a segunda hipótese deste estudo é que: **a configuração espacial e as *affordances* ambientais a ela atreladas podem limitar as oportunidades de convívio intergeracional mesmo sem um conflito etário direto.**

5.2 PRINCIPAIS RESULTADOS

Os principais resultados da pesquisa foram obtidos através da definição dos objetivos e têm foco nos usuários, atividades, ambiente físico e percepções, a saber:

Objetivo 1 USUÁRIOS. *Investigar o posicionamento de jovens e idosos quanto às relações intergeracionais, averiguando a existência ou não de possíveis conflitos etários.* Para tanto, foram analisados mapas comportamentais e questionários.

Os participantes da pesquisa demonstraram ser conhecedores da realidade dos espaços estudados, haja vista que grande parte deles sempre morou na cidade e tende a ter frequência média-alta nas tipologias, indicando não só a copresença dos grupos etários como a inserção do hábito na rotina dos usuários. Além disso, a pesquisa apontou a evolução de díades observacionais a díades de atividades gerando interação entre jovens e idosos aparentemente sem laços familiares.

Ambos os grupos reconhecem a importância da convivência intergeracional e apontam seus benefícios: jovens pela troca de experiências e idosos por se manter atualizados e inseridos na contemporaneidade. Os grupos tendem a considerar a convivência intergeracional urbana agradável, à uma abertura à sociabilidade urbana e

a querer mais oportunidades de convivência tanto com jovens quanto com idosos. A agradabilidade de experiências intergeracionais anteriores demonstra maior potencial em influenciar positivamente jovens e idosos na vontade em ter mais oportunidades de convivência um com o outro do que a simples consciência da importância de tais relações. Desse modo, ambientes que favoreçam sua copresença podem levar à maior naturalidade de contato com outras idades, especialmente para os indivíduos que não o possuem no núcleo familiar. Outrossim, a correlação entre os graus de importância e de agradabilidade das relações intergeracionais sugere que ações de conscientização e atividades intencionais podem auxiliar na aproximação etária.

Os questionários testaram a construção de estereótipos entre os dois grupos etários que poderiam favorecer o ageísmo. Nesse sentido, não foram detectadas distorções significativas de percepção. Há maior semelhança de percepção dos grupos quanto às preferências jovens em meio urbano do que idosos. Os idosos reconhecem o território jovem como ponto de encontro e o gramado como parte da liberdade de ocupação. No calçadão, idosos apontam a amplitude da área preferida dos jovens como relevante à liberdade de usos que ultrapassam o formal. Assim, há compatibilidade da sua percepção com a realidade dos mais novos, indicando que a observação e o convívio urbano são mais relevantes do que estereótipos.

Jovens apontaram o jogo de xadrez com importância mais destacada para idosos do que a encontrada no discurso dos mais velhos, provavelmente, por se tratar de um grupo pequeno de idosos do sexo masculino que mantém o costume do jogo, gerando pouca rotatividade. Todavia, jovens também apontaram bancos no centro da praça como fator importante, se aproximando do discurso idoso. Para os idosos, os bancos e a sombra na área central refletem o hábito de sentar e ver o movimento. Infere-se que a percepção jovem sobre os idosos reflete um pouco menos seus hábitos atuais sendo, eventualmente, guiada por expectativas comportamentais. No calçadão, jovens e idosos apontam áreas de cafeterias com destaque para idosos.

A copresença, a interação e a sinalização de que os estereótipos construídos *pelos grupos e sobre os grupos* não são significativos ajudam a excluir a existência de um conflito etário direto neste estudo de caso. Dessa forma, a **HIPÓTESE 2** do estudo, de que ***affordances* espaciais podem limitar oportunidades de convívio intergeracional mesmo sem um conflito etário** começa a ser sustentada ao passo que a existência de um conflito direto entre as gerações estudadas é refutada.

Objetivo 2 USOS E ATIVIDADES. *Averiguar se os usos e espaços disponíveis para convívio e lazer correspondem às necessidades contemporâneas dos dois grupos etários.* Para tanto, foram analisados mapas comportamentais e questionários.

A dinâmica de jovens e idosos mostrou diferenças. Jovens tendem a ir aos espaços acompanhados por colegas, estendendo atividades de outros meios sociais para o ambiente urbano, o que dá ao espaço público caráter de escolha. A busca por espaços amplos e com mais liberdade de ocupação para grandes grupos tende a ser um objetivo inicial. Os idosos vão essencialmente sozinhos (geralmente porque moram sozinhos) para encontrar amigos, caracterizando assim, fonte primária de sociabilidade, especialmente para os homens. Sem saber ao certo quais e quantos amigos vão encontrar, a disponibilidade de espaço tende a pesar menos do que a possibilidade de socialização. O desejo de sociação, o fator humano, pode ser determinante, especialmente quando configura uma fonte social principal.

Para jovens, o cotidiano em espaços públicos está relacionado à socialização, eventos programados e caminhada. A caminhada e os eventos programados também fazem parte da rotina dos idosos respondentes. A caminhada aparece por vezes no discurso do jovem com caráter opcional, desestimulado pelas facilidades dos meios de transporte e no discurso do idoso como uma necessidade para a manutenção da saúde. A importância dos eventos programados como shows é apontada por ambos os grupos também na forma de música, atividade de lazer que sentem falta. A música é uma atividade potencial com apelo intergeracional devido à sua atemporalidade.

As atividades físicas em meio urbano, mesmo sendo pouco importantes no cotidiano dos grupos, são desejadas por ambos, caracterizando um potencial intergeracional a ser explorado. O fato revela a vontade de um estilo de vida mais ativo e a falta de percepção de oportunidade para tal nos espaços estudados. Caracteriza-se assim, certa incompatibilidade entre espaços físicos e necessidades contemporâneas. A programação de atividades físicas e jogos é um motivador para que entrem na rotina dos usuários. Desenvolver esse *habitus* pode desencadear encontros intergeracionais, estimular usos que não ocorreriam espontaneamente e incentivar ocupações mais livres, que aproximam idosos da informalidade jovem.

Outra incompatibilidade apontada pelo estudo se refere à disponibilidade de assentos que permitam o desenvolvimento de díades observacionais intergeracionais

haja vista que elas retratam os *habitus* de idosos (que valorizam a atividade de observação); e de jovens, que se centram em suas atividades. Além disso, a falta de assentos formais para conversa em grupo limitam os *habitus* sociais observados.

Objetivo 3 AMBIENTE FÍSICO. *Identificar, nas tipologias espaciais estudadas, (i) os locais de apropriação e rejeição para encontro e convívio social dos grupos etários, e (ii) os principais motivos.* Para tanto, foram analisados o levantamento físico, os mapas comportamentais e os questionários.

A revisão de literatura já mostrava semelhanças de necessidades físicas, psicológicas e sociais entre os dois grupos. As observações sinalizaram a importância diferenciada do ambiente urbano para sua socialização e a produção de ocupações com características particulares. As idades intermediárias tendem a uma ocupação social mais uniforme do que territorial, enquanto idosos e jovens construíram microterritorialidades etárias, cujo objetivo principal é a socialização. A ocupação tem intuito específico de interação, formando diversos núcleos simultâneos de socialização em uma mesma microparte do espaço urbano. Os “bolsões” sociais têm semelhanças: são apêndices funcionais que margeiam áreas de fluxo mais intenso e têm amplitude física para ocupações informais e efêmeras de grupos grandes.

Contudo, as ocupações ocorrem em tipologias distintas: o microterritório jovem se apropria de parte da praça enquanto o idoso, do calçadão. As ocupações refletem os estilos de vida gerados pelos principais conflitos que cada uma das faixas etárias precisa lidar. A construção da independência e identidade jovem é vinculada à personalização e à busca pela liberdade que culmina no significado de transgressão em suas apropriações, onde usos não previstos rompem com os limites do formal e há convivência urbana com certo nível de privacidade. A praça, local com significado de tranquilidade para os respondentes, supre essas necessidades. A tranquilidade é, por vezes, vinculada à liberdade para fazer o que quiser sem interferências.

Assim, há potencialidade no microterritório jovem para dar suporte a atividades informais e adaptabilidade a uma diversidade de usos de caráter individual. Nesta relação complementar entre atributos existentes e atividades potenciais, destacam-se: (i) elementos naturais, que amenizam a atmosfera agitada do centro urbano e produzem pequenas ambiências; e (ii) elementos multifuncionais, que permitem ocupações diferenciadas, especialmente atrativas a jovens. A grama se destaca tanto

como elemento natural, quanto por permitir o desenvolvimento de atividades diversas, delimitar o microterritório e organizar fluxo e permanência. A música ressalta a potencialidade do espaço, sendo levada pelos usuários.

Os hábitos cotidianos de idosos em sua apropriação podem estar vinculados à manutenção da identidade conquistada ao longo da vida, que tende a enfraquecer com o rompimento de laços sociais, viuvez e o advento da aposentadoria. A produção de sua identidade retrata a continuidade de hábitos em um espaço lúdico onde passado e presente coexistem, proporcionando distração em um meio social de vivacidade e movimentação. O fator humano tem destaque, resultando na busca por locais com fluxo de pedestres e pontos de encontro como cafés. Destaca-se “ver o movimento” como atividade de importância para idosos. Ela deve ser considerada em projetos de espaços intergeracionais para estimular diádes observacionais e a inserção nas atividades projetadas, pela curiosidade ou evolução natural das diádes.

Da mesma forma que os mais velhos buscam o movimento, jovens tendem a rejeitá-lo. Além disso, há uma percepção diferenciada entre os grupos a respeito da forma de obtenção da tranquilidade. Caracteriza-se então, a antítese entre as necessidades dos grupos quanto à movimentação e tranquilidade como um paradoxo a ser resolvido nos espaços urbanos para que sejam suportivos a ambos. Nessa perspectiva, vias de uso prioritário de pedestres podem necessitar de cuidados especiais para que seu potencial de convívio de jovens e idosos seja explorado. É essencial o tratamento diferenciado de áreas com vocação natural à permanência, como o início e o fim do espaço e a configuração de apêndice funcional na forma “T”.

Os microterritórios têm significados temporais distintos: um se baseia na consolidação atemporal de usos sociais e o outro na diversificação inerente à contemporaneidade. O comportamento e discurso jovem retratam indivíduos que tendem a ser centrados em si, seu grupo e suas atividades, enquanto o idoso é centrado na externalidade, buscando inserção social pela observação das atividades de outrem. As diferenças de *habitus* produzem um padrão de ocupação: nas periferias, onde se desenvolve o fluxo, estão normalmente pessoas mais velhas em atividades observacionais e, no centro, jovens desempenham atividades informais. Essa setorização funcional pode auxiliar a compatibilização etária pois destaca a necessidade de que os elementos espaciais como mobiliário urbano e vegetação favoreçam ambiências com duas centralidades: ao centro e à externalidade.

A apropriação idosa masculina no calçadão é tão marcante que contraria o pressuposto da sua dificuldade de se apropriar de áreas públicas. O território idoso caracterizou um senso de lugar que extrapola o nível do pertencimento, chegando ao sentimento de propriedade. Todavia, as idosas apenas começam a formar pequenos núcleos sociais no calçadão. Assim, a dificuldade de apropriação aparece mais como questão de gênero do que propriamente etária, constituindo diferença de *habitus* e de trato às relações sociais urbanas entre gêneros. A apropriação jovem é equilibrada quanto a gênero e até mesmo sinaliza alguma predominância feminina. Dessa forma, infere-se que a apropriação urbana feminina pode estar mudando com o passar das gerações, à proporção que tradições e preconceitos vão se alterando. Entretanto, um estudo longitudinal é recomendado para resultados conclusivos nesse sentido.

Nos microterritórios estudados, ainda que uma faixa etária se sobressaia, há um cenário de apropriações cíclicas por grupos equivalentes em tamanho e distinção, possibilitando a coexistência de diversas identidades. Neste caso, não há um prejuízo significativo à permeabilidade entre territórios. A rejeição ao território etário do *playground* ajuda a apontar alguns fatores que podem auxiliar a permeabilidade: (i) acesso visual a outros territórios; (ii) diversidade de ambiências; (iii) acomodação vertical das camadas temporais onde se inserem jovens e idosos; (iv) usos potenciais; (v) setorização de áreas de fluxo e permanência (vi) diversidade de atividades.

Por conseguinte, a **HIPÓTESE 1** que atende ao estudo de que **semelhanças de necessidades e de percepção entre idosos e jovens podem produzir similaridades nas apropriações urbanas** é sustentada parcialmente pela identificação das microterritorialidades etárias construídas por ambos os grupos. A hipótese não é confirmada pelas apropriações ocorrerem em tipologias distintas devido à *habitus* diferentes que configuram pontos críticos no estudo. Há inversão na importância dos espaços para os grupos, refletida diretamente nas *affordances*.

Objetivo 4 PERCEPÇÃO. Realizar um estudo etário comparativo de percepções entre jovens e idosos. Utilizar as *affordances* para buscar similaridades, discrepâncias e correlações. Para tanto, foram analisados os questionários.

As similaridades perceptivas entre os grupos reforçam as semelhanças comportamentais. Segurança e Pertencimento são as *affordances* mais valorizadas conscientemente por ambos na hora de escolher um espaço para passar um tempo

com um amigo. Entretanto, as *affordances* efetivamente mais presentes nas apropriações são Pertencimento e Engajamento Interpessoal, acusando diferença entre *affordances* de prioridade e efetivas e reforçando a relação de compensação que estas duas *affordances* podem estabelecer com outras. O engajamento como uma das prioridades dos grupos destaca a convivialidade urbana para eles.

As duas tipologias representam engajamento social e a construção de senso de lugar para os grupos, o que demonstra que ambos poderiam se apropriar delas. Na praça, para jovens e idosos o destaque do Engajamento é o fator tranquilidade e do Pertencimento, o lugar de encontro. Ou seja, há vocação como ponto de encontro para ambos. A *affordance* Diversidade de Atividades é um de seus fatores, oportunidade de diversão ativa, apresentam a maior diferença perceptiva entre os grupos: Jovens tendem a maior satisfação do que idosos, mas não há oferta direta de diversão ativa para nenhuma das faixas etárias. Assim, há indícios de que as atividades potenciais, dentre elas as ativas, podem influenciar positivamente na percepção jovem e ser exploradas para a apropriação idosa na forma de atividades programadas. A insatisfação com o policiamento é a maior semelhança perceptiva.

No calçadão, o destaque do Pertencimento é o lugar de encontro. Em relação ao Engajamento, há diferença crítica de percepção: a tranquilidade é destaque positivo para os idosos e negativo para os jovens. Na tipologia, a classificação de *affordances* é a mais similar entre os grupos porém, Engajamento e Pertencimento demonstram a maior diferença perceptiva. Os fatores com mais diferença perceptiva entre os grupos encontram-se justamente nestas *affordances*: Tranquilidade e Espaços Relaxantes. Jovens tendem à maior insatisfação do que idosos, indicando dois pontos chave para sua maior resistência à tipologia. Os jovens respondentes percebem o potencial de socialização do espaço, porém certos fatores o estão prejudicando. A insatisfação com a vegetação, fator do Pertencimento, é o ponto de maior proximidade perceptiva entre jovens e idosos e tem significativo potencial inexplorado em tipologias culturais. Além disso, na apropriação jovem, tranquilidade e vegetação ocupam a terceira posição entre os fatores com maior grau de satisfação para eles. O achado fortalece ainda mais a importância dos fatores.

Nesse sentido, além da configuração espacial da tipologia, ressalta-se o potencial de amenização do estímulo principal de um ambiente pela criação de pequenas ambiências. Essas diferenciações produzem redução da escala para o

usuário, alternativas que evitam o excesso de estímulo à convivência e respeitam a privacidade. Assim sendo, a combinação de elementos protetivos com um contexto estimulante pode auxiliar o projeto de espaços intergeracionais para jovens e idosos.

Por conseguinte, **HIPÓTESE 2** deste estudo de que ***affordances* espaciais podem limitar oportunidades de convívio intergeracional mesmo sem um conflito etário direto** é sustentada. Oportunizar a convivência urbana entre jovens e idosos pode ter como chave exatamente estas *affordances* e estímulos.

Objetivo 5 RECOMENDAÇÕES DE PROJETO. *Analisar os dados sob a lente das affordances e do comportamento, produzindo atributos, características e qualidades para oportunizar o convívio intergeracional entre jovens e idosos; resultando assim, em contribuições para projetos futuros de espaços públicos urbanos.* A partir das questões abertas dos questionários que se referiam aos motivos para a preferência ou rejeição a certos espaços, os fatores mais presentes nas respostas foram comparados aos dados obtidos no estudo comportamental e na análise de discurso. Assim, as recomendações físicas de atributos, inferenciais de qualidades e operacionais de características reforçam semelhanças perceptivas dos grupos etários, mas utilizam particularidades refletidas em seus *habitus* para compor a complexidade ambiental que atende a diferentes situações e atores sociais.

Com relação aos *habitus*, o estudo dá ênfase à: (i) Motivação social diferenciada entre os grupos pela intensidade; (ii) Apropriações semelhantes pela quantidade de núcleos sociais simultâneos envolvidos nas ocupações; (iii) Dualidade de necessidade de tranquilidade e movimento; (iv) Pertencimento a camadas temporais distintas, representativas dos seus estilos de vida, cada uma delas com elementos importantes para a sua acomodação vertical; (v) Potencialidade de aproximação de *habitus* sociais urbanos pelo desejo de um estilo de vida ativo; (vi) Divergência na centralidade das ocupações urbanas (em si e no outro).

(1) Tranquilidade e Movimento: (Centralidade em si x Externalidade). Um dos desafios apontados reside em respeitar os *habitus* dos grupos que geram a busca diferencial por tranquilidade e movimento. A tendência jovem a se centrar em si mesmo e em suas atividades produz uma apropriação mais “fechada” enquanto a idosa é aberta à externalidade do espaço e ao outro. Há um significado diferenciado do movimento para os idosos: ultrapassa o fator segurança e proporciona uma distração

pouco valorizada pelo jovem. Assim, deve-se buscar equilíbrio entre movimento e tranquilidade, respeitando a menor tolerância jovem e a necessidade idosa de movimento. O estudo contraria o esperado: jovens normalmente são vinculados ao movimento, atividade intensa e idosos à passividade e tranquilidade.

(2) Sombreamento: (Instigação ao uso pleno x Amenidade para permanência prolongada). Oferecer alternativas de sol e sombra durante as horas úteis do dia, delimitando ambiências e organizando atividades que respeitem os *habitus* de jovens e idosos impeçam a sensação de escuridão. A oferta de lugares ensolarados favorece o uso pleno relacionado às atividades de ocupações livres e por vezes transgressoras, enquanto a sombra gera amenidade significativa para a permanência prolongada em atividades de observação.

(3) Segurança: (Liberdade x Constância). O discurso e o comportamento jovem apontam *habitus* ligado à liberdade de ocupações que ultrapassam o formal e o projetado e podem ser afetadas pelo monitoramento. Há uma tolerância menor a ele, o que o torna um ponto crítico à apropriação. Os idosos sinalizam que a manutenção dos espaços pode estar relacionada à constância que apóia o manutenção de *habitus* e à prevenção de risco à sua integridade física devido à vulnerabilidade.

(4) Agradabilidade: (Fator psicológico x Fator social). A agradabilidade relacionada pelo jovem a fatores ambientais que produzem estímulos psicológicos e pelo idoso a fatores sociais reflete seus *habitus* urbanos. Jovens têm nos espaços públicos uma opção para extensão da sociabilidade a partir de outros meios sociais, dando ao meio físico caráter de opção, enquanto os idosos (especialmente homens) sinalizam os espaços urbanos como fonte social primária. Assim, a possibilidade de encontro tende a influenciar mais na percepção idosa sobre a agradabilidade ambiental. O estudo contraria o esperado: jovens, normalmente, são relacionados à maior importância da atividade social do que às condições do ambiente físico, frequentemente se sujeitando à maior improvisação, enquanto os idosos são relacionados à busca por melhores condições de uso do espaço e às perdas sociais.

(5) Atividades e Variedade: (Potencialidade x Rede de suporte). Neste estudo, a percepção sobre a variedade do espaço aponta diferenças entre os grupos etários. O comportamento jovem caracteriza uma tendência a ocupações mais livres e

contemporâneas que produzem personalização dos espaços usando sua potencialidade. Enquanto os idosos, especialmente homens, valorizam a rede de suporte formada por atividades urbanas relacionadas à manutenção da sociabilidade como cafés. Um *habitus* similar potencial ocorre com relação à intenção de uma vida mais saudável e ativa por ambos os grupos, sinalizada pelo interesse em atividades físicas que o espaço estudado não oferece diretamente. Essa aproximação de *habitus* pode ser um estímulo importante à integração das redes sociais urbanas dos grupos.

(6) Locais de encontro: (Espaços intergeracionais X Microterritórios etários). Os *habitus* sociais urbanos similares de jovens e idosos produzem apropriações na forma de microterritórios etários. Estes microterritórios podem funcionar como atratores e fomentadores da sociabilidade dentro de um contexto intergeracional como forma de aproximar as redes sociais urbanas de jovens e idosos.

(7) Rotina e Proximidade: (Rede de suporte x Atração social) A proximidade para jovens e idosos se mostrou menos relacionada à distância entre a casa do usuário e o espaço urbano do que à capacidade de atração gerada pela rede de atividades suporte do entorno, à forma como ela está presente na rotina dos grupos e à capacidade de atração social. Nesse sentido, destacam-se a rede de edifícios educacionais para os jovens, a partir das quais a sociabilidade se estende ao meio urbano, fazendo com que este adquira caráter de escolha; e os cafés tradicionais e locais para comer para os idosos, espaços atratores à sociabilidade primária.

(8) Oportunidade para sentar: (Relaxamento X Conforto). Há similaridade de *habitus* social urbano entre jovens e idosos, que tendem a frequentar os espaços em grupos de socialização. São necessárias alternativas de assento para grupos que facilitem a interação direta. Entretanto também há particularidades: jovens buscam liberdade de apropriação, fazendo com que ambientes relaxantes sejam atrativos, e são mais centrados em si, fazendo com que assentos voltados ao centro do espaço, com mais privacidade sejam interessantes; e idosos tendem a permanecer períodos prolongados sentados vendo o movimento nos espaços urbanos, o que exige um maior nível de conforto e opções de assento voltados à externalidade da vida urbana.

Por fim, estabelecendo um comparativo com Carmona et al. (2003), Layne (2009) e Kim (2012), pode-se dizer que o estudo comportamental levantou discussões ricas em relação aos locais de encontro, apontando questões sobre apropriações

territoriais em núcleos etários. Os discursos dos respondentes aprofundaram resultados sobre o movimento, segurança, variedade e proximidade, diferenciando-os na percepção e na necessidade de jovens e idosos. Além disso, o estudo enfatizou o hábito como fomentador da integração das redes sociais urbanas.

5.3 PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proximidade das percepções dos grupos estudados ratifica a importância das pesquisas intergeracionais para alcançar maior integração etária em espaços públicos saudáveis. Entretanto, o estudo chega ao nível das particularidades do modo com que cada um dos grupos atinge essa percepção. Não apenas as potencialidades da convivência intergeracional são exploradas, mas os limites das individualidades.

É evidente que, quando se trabalha com grupos etários distintos, é necessário não apenas atentar às similaridades das *affordances* buscadas pelos usuários, como também às sutis diferenças de necessidade e percepção com relação a elas. A complexidade dessas relações delineou a proposição das recomendações projetuais pois, entende-se que, mesmo estudos baseados nas semelhanças devem se preocupar com as individualidades, evitando simplificações que distorcem a realidade.

O estudo aponta a relevância das microterritorialidades etárias em um contexto intergeracional. Em especial, do significado construído espontaneamente. Essa questão só pôde ser avaliada através do estudo comportamental. Quando o estudo foi iniciado, a proposta de trabalhar com espaços intergeracionais nunca teve como objetivo tomar os espaços de uso etário como problemáticos. A abordagem ao tema visava explorar oportunidades eventuais de convivência. No decorrer da pesquisa, esse pensamento não apenas se intensificou como levantou uma questão que, mesmo parecendo contraditória, complementa o pensamento intergeracional. Os microterritórios etários são fomentadores das redes sociais urbanas. Entende-se que a simples coexistência de grupos etários em um espaço não pode ser tomado como indicador de proximidade intergeracional, mas auxilia a enfraquecer estereótipos negativos e desencadear interações significativas para a coesão comunitária.

5.4 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES

Uma das limitações do estudo se refere à época da aplicação do mapeamento comportamental. O período foi escolhido por ser outono, transição entre os meses mais quentes do verão e mais frios do inverno, ainda assim, o período teve alguns dias tipicamente mais frios, o que pode alterar a percepção dos usuários e fazê-los valorizar mais o aspecto da insolação. Com relação à aplicação dos métodos, o mapeamento comportamental no calçadão necessitou de nova abordagem após a aplicação teste. O fluxo intenso em horários específicos tornou necessária a participação de mais de uma pesquisadora para que o cenário observado no espaço fosse registrado fielmente. A solução encontrada foi a divisão longitudinal do espaço através de uma linha imaginária, possibilitando duas pesquisadoras percorrerem o trajeto simultaneamente, enquanto a terceira realizava o registro fotográfico.

Sobre os questionários, a dificuldade observada durante a aplicação teste se referiu à visualização dos objetos a serem ordenados nas questões de ranqueamento. A observação originou um material de apoio que supriu satisfatoriamente a deficiência. As fichas contendo os objetos a serem ordenados os materializaram de forma que o respondente pudesse observar, pensar, ordená-los e reordená-los. Além disso, com o diferencial do trabalho residindo no aprofundamento dos *habitus* sociais urbanos de jovens e idosos, a coleta de dados com questionários demandou o registro de áudio das aplicações, preservando o contexto e amparando a análise de discurso dos usuários. A aplicação individual em forma de entrevista, que visava facilitar a participação dos mais velhos, aumentou significativamente a demanda de tempo para a aplicação do método no cronograma geral da pesquisa, mas as conversas geradas com as aplicações proporcionaram imersão na realidade dos usuários. A metodologia também respeitou a individualidade dos grupos. Os jovens, que tendem a ser mais centrados em si, podiam se deter nas perguntas objetivas ou desenvolvê-las e idosos expressavam-se livremente. Essa tendência foi constatada pela equipe de pesquisa e aponta a importância de que sejam oferecidas alternativas para que diferentes grupos se expressem de formas diversas.

Um dos fatores limitadores no que se refere às análises de dados é aquele inerente à análise de conteúdo, que depende da interpretação de significações transmitidas de emissor a receptor, onde aspectos culturais exercem uma influência sobre os dados que não pode ser totalmente evitada. Além disso, como em todo

método de coleta de percepções e opiniões, o estudo que lida com potenciais preconceitos, sejam eles etários ou de qualquer origem, pode refletir uma tentativa dos participantes de camuflar opiniões polêmicas.

5.5 RELEVÂNCIA E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

A pesquisa ratifica a importância dos estudos intergeracionais através da constatação de semelhanças perceptivas entre os grupos estudados, mas também aponta para a influência do seu estilo de vida na percepção dos ambientes. Nesse sentido, estudos perceptivos e comportamentais se complementam. A escassez de estudos intergeracionais que consideram estes fatores torna necessária a ampliação da produção da literatura, sob focos diversos e em situações diferenciadas.

O estudo identificou fatores importantes para jovens e idosos em espaços públicos urbanos e viabilizou uma análise sensível dos *habitus* peculiares aos grupos que influenciam na sua percepção sobre os mesmos fatores. Assim, espera-se fornecer subsídios para o projeto de espaços urbanos mais atrativos e suportivos às necessidades e particularidades de cada grupo, privilegiando a troca intergeracional.

O estudo caracterizou aspectos importantes das diferentes camadas temporais às quais jovens e idosos pertencem. Esta distinção leva a nuances perceptivas e enaltece a questão da temporalidade. Averiguar como o passar das gerações está afetando o modo de vida dos usuários pode auxiliar na compreensão das mudanças na sua percepção ambiental. Assim, um possível desdobramento da pesquisa é o estudo longitudinal dos grupos etários para analisar como mudanças no modo de ser, agir e pensar podem influenciar na aproximação ou distanciamento de jovens e idosos nos espaços públicos. Além disso, o estudo levantou questões de representação de gênero na apropriação urbana, sinalizando que processo de envelhecimento pode ser vivenciado de maneiras diferentes por homens e mulheres. Este fato leva à necessidade do estudo do fator gênero em pesquisas tanto intergeracionais quanto com idosos especificamente.

Espera-se que os resultados dessa pesquisa contribuam com estudos na área da percepção e fomentem a discussão sobre as cidades amigáveis a todas as idades, numa forma de concorrer para a construção de comunidades mais coesas.

REFERÊNCIAS

- AFFORD. In: **Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- AGENCIA DE ECOLOGIA URBANA DE BARCELONA. AEUB. **Plan Especial de Indicadores de Sostenibilidad Ambiental de la Actividad Urbanística de Sevilla**. Barcelona: AEUB, 2008.
- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray; JACOBSON, Max; FIKSDAHL-KING, Ingrid; ANGEL, SHLOMO. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ALMEIDA, Mariana F.. Envelhecimento : activo ? bem sucedido ? saudável ? possíveis coordenadas de análise.... **Forum Sociológico**, [s.l.], n. 17, p.17-24, 1 jan. 2007. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/sociologico.1599>.
- ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=pXHaBEck2fYC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acessado em 20 ago. 2017.
- ANDERSON, James R.; WEIDEMANN, Sue. Developing and Utilizing Models of Resident Satisfaction. **Toward The Integration Of Theory, Methods, Research, And Utilization**, [s.l.], p.287-314, 1997. Springer US. http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4757-4425-5_9.
- ANDRADE, Cláudia. Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. **Análise Psicológica**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.255-267, 6 dez. 2010. ISPA - Instituto Universitario. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.279>.
- ANDRADE, Gabriela R. B. de; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 7, n. 4, p.925-934, 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232002000400023>.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de; BAPTISTA, Luís Vicente. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. XXIX, p.129-146, 2015. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13341.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2016.
- ANDY, Mohsen Ahi; YASHMI, Negin. Design urban area toward aging successfully: based on Kansei methodology. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON KANSEI ENGINEERING AND EMOTION RESEARCH, 5., 2014, Linköping. **Proceedings...**. Linköping: KEER, 2014. Disponível em: <http://dqi.id.tue.nl/keer2014/papers/KEER2014_95>. Acesso em: 23 set. 2016.
- ANTUNES, Roberta; HALLAL, Dalila. O projeto de revitalização do mercado público de Pelotas: algumas críticas da comunidade local. In: Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares de Cultura, 2., 2016, São Luiz Gonzaga. **Anais...**. São Luiz Gonzaga: URI, 2016. v. 2.
- ARGAN, Giulio C.. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

- ASCARI, Rosana; COMIRAN, Daniela; FARIAS, Aila; CORREIO, Larissa. A percepção do idoso acerca das atividades sociais e saúde. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.103-119, abr. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/44652>>. Acesso em: 12 set. 2015.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. SOMEKH, N. (trad.). São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- ASSEMBLEIA MUNDIAL SOBRE ENVELHECIMENTO, 2., 2002, Madri. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. GONTIJO, S. (trad.). Brasília: Organização Pan-americana da Saúde, 2005. 62 p. Disponível em: <<http://bvsmis.saude.gov.br>>. Acesso em: 03 maio 2017.
- _____. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento**. SANTOS, A. (Trad.). Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. 84 p. Disponível em: <<http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca>>. Acesso em: 26 abr. 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND. ABCP. **Espaços Públicos: Diagnóstico e metodologia de projeto**. São Paulo: ABCP, 2013.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. 148 p.
- BARKER, Roger Garlock. **Ecological psychology: Concepts and methods for studying the environment of human behavior**. Stanford: Stanford University Press, 1968.
- BARROSO, Celina de Pinho. **Conforto e orientação na percepção da acessibilidade urbana: área central de Pelotas RS**. 2012. 222 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/propur/teses_dissertacoes/Celina_Barroso.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2015.
- BARROSO, Celina; LAY, Maria Cristina Dias. Acessibilidade universal versus orientação espacial em áreas urbanas. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 15., 2014, Maceió. **Anais...**. Maceió: Entac, 2014. p. 2081 - 2090. Disponível em: <http://www.infohab.org.br/entac2014/artigos/paper_451.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.
- BECHTEL, Robert B.. **Environment and Behavior: An Introduction**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1997. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=i7wyCs4KObQC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 10 set. 2016.
- BERKMAN, Lisa; GLASS, Thomas. Social integration, social networks, social support, and health. In: BERKMAN, Lisa; KAWACHI, Ichiro (Ed.). **Social Epidemiology**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 137-173. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=VUO8fyCq2QEC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 4 jul. 2017.
- BERNARDINO, Eliane de Castro, PACANOWSKI, Mauro; KHOURY, Nicolau; REIS, Ulysses. **Marketing de varejo**. Rio de Janeiro: Editora FGV Management, 2004.
- BETH JOHNSON FOUNDATION. **A Guide to Intergenerational Practice**. Stoke-on-trent: Beth Johnson Foundation, 2011. Disponível em: <<http://www.ageingwellinwales.com/Libraries/Documents/Guide-to-Intergenerational-Practice.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 21 dez. 1999. p. 10.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 3 dez. 2004.p. 5.

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 20 dez. 2000. p. 2.

BRASIL. Portaria nº 1.707, de 23 de setembro de 2016. Redefine os critérios de similaridade entre Programas em desenvolvimento no Distrito Federal e nos Municípios e o Programa Academia da Saúde. **Diário Oficial da União**. 185. ed. Brasília, DF, 26 set. 2016a. p. 36-39.

BRASIL. Projeto de Lei nº 126, de 2016. 2016b. Brasília, DF, Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125262>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**.Brasília: Ministério da Cidadania, 2012. 9 p. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa>>. Acesso em: 5 abr. 2016.

BRONFENBRENNER, Urie. **The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=OCmbzWka6xUC&vq=dia&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em 30 mar. 2017.

BURTON, Elizabeth; MITCHELL, Lynne. **Inclusive Urban Design - Streets for Life**. Oxford: Architectural Press, 2006.

BYTHEWAY,Bill; WARD, Richard; HOLLAND, Caroline; PEACE, Sheila. **Too old: older people's accounts of discrimination, exclusion and rejection**: A report from the Research on Age Discrimination Project (RoAD) to Help the Aged. Londres: Help The Aged, 2007. Disponível em: <<http://oro.open.ac.uk/7281/>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

CANTER, David V.. **The psychology of place**. Michigan: Architectural Press, 1977.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: < <http://www.gesp.fflch.usp.br>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

CARMONA, Matthew; HEATH, Tim; OC, Taner; TIESDELL, Steve. **PUBLIC PLACES - URBAN SPACES**: The Dimensions of Urban Design. Burlington, MA: Architectural Press, 2003. Disponível em: <http://164.125.174.23:8080/lee/Matthew%20Carmona_Public%20Places.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CARR, S.; FRANCIS, M.; RIVLIN, L. G.; STONE, A. M.. **Public space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=pjo4AAAAIAAJ&hl=pt-PT&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CENTRO INTERNACIONAL DA LONGEVIDADE (Brasil). **Cidades Para Todas As Idades**. 2016. Disponível em: <<http://ilcbrazil.org/portugues/projetos/cidades-para-todas-as-idades/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

CERQUEIRA, Yasminie Midlej Silva Farias. **Espaço público e sociabilidade urbana**: Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/12402/1/YasminieMSFC_DISSERT.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2016.

CLARK, Charlotte; UZZELL, David L.. The affordances of the home, neighbourhood, school and town centre for adolescents. **Journal Of Environmental Psychology**, [s.l.], v. 22, n. 1-2, p.95-108, mar. 2002. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1006/jevp.2001.0242>.

CLICRBS. **Ações do "Cidade Amiga do Idoso" são apresentadas em Veranópolis**. 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2017/03/acoes-do-cidade-amiga-do-idoso-sao-apresentadas-em-veranopolis-9758858.html>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

COGOY, Carlos. Criar na cidade : projeto “sentar à porta” no Fragata: a retomada da calçada como espaço de encontro, conversa e interação, é o convite da pesquisadora Priscila Costa Oliveira. **Diário da Manhã**. Pelotas. 18 out. 2017. Disponível em: <<http://diariodamanhapelotas.com.br/site/criar-na-cidade-projeto-sentar-a-porta-no-fragata/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

COSTA, Fernanda da. Idosos são jurados de campeonato de skate em asilo de Porto Alegre. **Zero Hora**. Porto Alegre. 06 jun. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2015/06/idosos-sao-jurados-de-campeonato-de-skate-em-asilo-de-porto-alegre-4776461.html>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

DAVIDS, Keith; ARAÚJO, Duarte; BRYMER, Eric. Designing Affordances for Health-Enhancing Physical Activity and Exercise in Sedentary Individuals. **Sports Medicine**, [s.l.], v. 46, n. 7, p.933-938, 25 fev. 2016. Springer. <http://dx.doi.org/10.1007/s40279-016-0511-3>.

DAY, Christopher. **Places of the soul**: Architecture and Environmental Design as a Healing Art. 2. ed. Oxford: Architectural Press, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=eb3LxHr_xSUC&hl=pt-PT&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 3 maio 2016.

DIMENSTEIN, Marcela. **Experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa**. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

DINES, Nicholas; CATTELL, Vicky; GESLER, Wil; CURTIS, Sarah.. **Public spaces, social relations and well-being in East London**. Bristol: The Policy Press, 2006. Disponível em: <<https://www.jrf.org.uk/file/public-spaces-social-relationspdf>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

DUCA, Giovâni Firpo del. **Incapacidade funcional em idosos**: estudo de base populacional em uma cidade do sul do Brasil.. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Medicina, Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3403/1/dissert%20del%20duca.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento do Brasil. **Normais Climatológicas**. Pelotas: Embrapa, 2000. Disponível em: <<http://agromet.cpact.embrapa.br/estacao/mensal.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

FECHINE, Basílio R. A.; TROMPIERI, Nicolino. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **Inter Science Place**, [s.l.], v. 1, n. 20, p.106-132, 13 fev. 2012. Interscience Place. <http://dx.doi.org/10.6020/1679-9844/2007>.

FERNANDES, João Luís Jesus. Cityscapes: símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana. **Património Cultural e Paisagístico**, [s.l.], p.145-162, 2012. Imprensa da Universidade de Coimbra. http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0585-2_7.

FERNANDES, Livia W. **Acessibilidade em Praças e Parques: O caso do Parque Dom Antônio Zattera em Pelotas - RS**. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, 2017.

FERNANDES, Livia W.; PORTELLA, Adriana A.; FREITAS, Aline. Acessibilidade ou segregação social? Parque Dom Antônio Zattera – Pelotas/RS. In: ENCONTRO CIDADE CONTEMPORANEIDADE E MORFOLOGIA URBANA, 4., 2015, Pelotas. **Reflexões com a cidade - Anais**. Pelotas: UFPel, 2015. p. 162 - 170.

FLACH, Cláudia Werner; BERDETE, Maiara Moreira. Praças, Parques e Avenidas: áreas verdes e sua importância como espaço de lazer em Pelotas. **Ciência e Natura: Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas**, Santa Maria, v. 38, n. 1, p.195-205, jan. 2016.

FRANCIS, Mark. Control as a Dimension of Public-Space Quality. In: ALTMAN, Irwin; ZUBE, Ervin H. (Eds.). **Public Places and Spaces**. p. 147-172. New York: Plenum Press, 1989.

_____. Urban Open Spaces. In: ZUBE, Erwin H.; MOORE, Gary T. (Eds.) **Advances in Environment, Behavior, and Design**. p. 71-106. New York: Plenum Press, 1991.

GAZALLE, Fernando Kratz et al. Sintomas depressivos e fatores associados em população idosa no Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 38, n. 3, p.365-371, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102004000300005>.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. MARCO, A. di (Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **Life Between Buildings**. KOCH, Jo (Trad.). Copenhagen : Arkitektens Forlag - The Danish Architectural Press, 1996.

GIBSON, J. J.. More on Affordances. In: REED, E.; JONES, R. (Ed.). **Reasons for Realism**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc, 1982. p. 406-408. Disponível em: <<http://www.trincoll.edu/depts/ecopsyc/perils/folder5/moreaff.html>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

_____. **The Ecological Approach to Visual Perception**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1986. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=DrhCCWmJpWUC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 03 abr. 2016.

GIFFORD, Robert. **Environmental psychology: Principles and practice**. 4ª ed. Colville: Optimal Books, 2007.

GIFFORD, Robert; STEG, Linda; RESER, Joseph. Environmental Psychology. In: MARTIN, Paul et al (Ed.). **IAAP Handbook of Applied Psychology**. Chichester: Blackwell Publishing,

2011. p. 440-470. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=XjC4z2NFOIYC&hl=pt-BR&source=gb_s_navlinks_s >. Acesso em: 15 mar. 2016.

GOLDSTEIN, E. Bruce. The Ecology of J. J. Gibson's Perception. **Leonardo**, [s.l.], v. 14, n. 3, p.191-195, out. 1981. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/1574269>.

GOMES, Carina F V. M. A.. **O playground como elemento regenerador do espaço urbano e a padronização do lúdico**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Pós-graduação em Cultura Arquitetônica, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/42741>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S..**Micropolítica: cartografias do desejo**.Petrópolis: Vozes, 1996.

GÜNTHER, I. de A.; NEPOMUCENO, G. M.; SPEHAR, M. C.; GÜNTHER, H.. Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.299-308, ago. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x2003000200012>.

HAAS, Karen Elisa. **Espaços abertos**: Indicadores da apropriação interna e a adaptação dos usos do entorno. 2000. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E.. O território em tempos de globalização. **Etc, Espaço, Tempo e Crítica**: Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas, [s.l.], v. 1, n. 2, p.39-52, 15 ago. 2007.

HAIDER, Jawaid; KAPLAN, Matthew. Reclaiming Open Space For The Young: An Intergenerational Perspective On Design. In: Open space, people space: an international conference on inclusive environments, 2004, Edinburgh. **Proceedings...** . Edinburgh: University of Edinburgh, 2004. p. 171 - 176. Disponível em: <<http://www.openspace.eca.ac.uk>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

HALL, E. T..**A dimensão oculta**.PEREIRA, M. (Trad.). Lisboa: Relógio d'água Editores, 1986.

HANIBUCHI, Tomoya; Kondo K.; Nakaya T.; Shirai K.; Hirai H.; Kawachi I. Does walkable mean sociable? Neighborhood determinants of social capital among older adults in Japan. **Health & Place**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.229-239, mar. 2012. Elsevier BV.<http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2011.09.015>.

HANNES, Evy. Espaços abertos / espaços livres: um estudo de tipologias. **Paisagem e Ambiente**, [s.l.], n. 37, p.121-144, 26 jul. 2016. SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i37p121-144>.

HARDILL, Irene. The intergenerational help desk: Encouraging ICT use in older adults in England. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 325- 415.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. ALFREDO, A.; SCHOR, T.; BOECHAT, C. A. (Trad.). **Geosp**: Espaço e Tempo (Online), [s.l.], n. 26, p.09-18, 30 dez. 2009. SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2009.74124>.

HE, Junjie. **The relationship between park characteristics and human social behavior**: learning from Main Street Garden in Dallas, Texas. 2005. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Landscape Architecture, University of Texas, Arlington, 2005.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Compartilhamento e microterritorialidades do espaço social metropolitano. **Cidades**, [s. l.], v. 10, n. 17, p.76-106, jan. 2013. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3236/2760>>. Acesso em: 23 set. 2016.

HEIMERL, F.; LOHMANN, S.; LANGE, S.; ERTL, T.. Word Cloud Explorer: Text Analytics Based on Word Clouds. **2014 47th Hawaii International Conference On System Sciences**, [s.l.], jan. 2014. IEEE.<http://dx.doi.org/10.1109/hicss.2014.231>.

HOLLAND, Caroline; CLARK, Andrew; KATZ, Jeanne; PEACE, Sheila. **Social interactions in urban public places**. Bristol: The Policy Press, 2007. Disponível em: <<https://www.jrf.org.uk>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

HOLTZMAN, R.E.; REBOK, G.W.; SACZYNSKI, J.S.; KOUZIS, A.C.; WILCOX, Doyle K.; EATON, W.W.. Social Network Characteristics and Cognition in Middle-Aged and Older Adults. **The Journals Of Gerontology: Series B**, [s.l.], v. 59, n. 6, p.278-284, nov. 2004. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geronb/59.6.p278>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). Ministério do Planejamento. **IBGE Perfil das Cidades Pelotas/RS**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 set. 2015.

_____. Ministério do Planejamento. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2014**: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 26 p. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2014/notastecnicas.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

_____. Ministério do Planejamento. **Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2015**: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 25 p. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2015/tabua_de_mortalidade_analise.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

INTERGENERATIONAL use of public places. **Realização de The Open University Urban Design London**. Apresentação de Sheila Peace. Londres, 2005. (32 min.), color. Disponível em: <<http://www.urbannous.org.uk>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

IWARSSON, Susanne; STAHL, Agneta; LOFQVIST, Charlotte. Mobility in outdoor environment in old age. In: ROWLES, G. D.; BERNARD, M. A. (Ed.). **Environmental Gerontology**: Making Meaningful Places in Old Age. New York: Springer Publishing Company, 2013. p. 175-198.

JACOBS, J.. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House, 1961.

JIVE'N, Gunila; LARKHAM, Peter J.. Sense of Place, Authenticity and Character: A Commentary. **Journal Of Urban Design**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.67-81, fev. 2003. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1357480032000064773>.

JORDAN, Patrick W.. **Designing Pleasurable Products**: An Introduction to the New Human Factors. London: Taylor & Francis, 2000. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=0s3el8sDjHsC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 3 mar. 2017.

KAPLAN, Matthew. **Developing an Intergenerational Program in Your Early Childhood Care and Education Center: A Guidebook for Early Childhood Practitioners**. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2003.

KAPLAN, Matthew; HAIDER, Jawaid; ARCH, Uriel Cohen D.; ARCH, Dyke Turner B.. Environmental Design Perspectives on Intergenerational Programs and Practices. **Journal Of Intergenerational Relationships**, [s.l.], v. 5, n. 2, p.81-110, 24 set. 2007. Informa UK Limited. http://dx.doi.org/10.1300/j194v05n02_06.

KIM, Hyun Jee. **Researching Indoor Public Space Attributes: Enhancing the Interaction between Older Adults and Children**. 2012. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, North Carolina State University, Raleigh, 2012. Disponível em: <<https://repository.lib.ncsu.edu/bitstream/handle/1840.16/8158/etd.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 03 mar. 2016.

KRUGMAN, Paul. R.. **Geography and Trade**. Cambridge: MIT Press, 1991. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AQDodCHOgJYC&vq=interaction&hl=ptBR&source=gbg_navlinks_s>. Acesso em: 30 jun. 2017.

KWEON, Byoung-suk; SULLIVAN, William C.; WILEY, Angela R.. Green Common Spaces and the Social Integration of Inner-City Older Adults. **Environment And Behavior**, [s.l.], v. 30, n. 6, p.832-858, nov. 1998. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/001391659803000605>.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LANG, Jon. **Urban Design: The American Experience**. New York: John Wiley & Sons, 1994.

LARKIN, E.; KAPLAN, M. S.; RUSHTON, S.. Designing Brain Healthy Environments for Intergenerational Programs. **Journal Of Intergenerational Relationships**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.161-176, 25 maio 2010. <http://dx.doi.org/10.1080/15350771003741956>.

LAWSON, Bryan. **The Language of Space**. Oxford: Architectural Press, 2001. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zvWfgUjxjHwC&hl=pt-PT&source=gbg_navlinks_s>. Acesso em: 06 ago. 2017.

LAWTON, M. Powell. Ecology and aging. In: PASTALAN, Leon A.; CARSON, Daniel H. (Eds.) **Spatial Behavior of Older People**. Ann Arbor: University of Michigan, 1970.p.40-67.

_____. Environmental Proactivity and Affect in Older People. In: SPACAPAN, S.; OSKAMP, S. (Eds.). **The Social Psychology of Aging**. Newbury Park: Sage Publications, 1989.

LAYNE, Michael Roy. **Supporting Intergenerational Interaction: Affordance of Urban Public Space**. 2009. 721 f. Tese (Doutorado) - Curso de Design, North Carolina State University, Raleigh, 2009. Disponível em: <<https://repository.lib.ncsu.edu/handle/1840.16/4834?show=full>>. Acesso em: 28 out. 2015.

LEFEBVRE, Henry. **The production of space**. SMITH, D. (Trad.). Oxford: Blackwell, 1991.

LEYSHON, Michael; TVERIN, Tea. Bridging the generation gap: Holidays, memory and identity in the countryside. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 127-140.

LIBARDONI, Thaís D.; CHIARELLI, Lígia M. Á.; PORTELLA, Adriana A.. Sustentabilidade e espaços públicos urbanos: contribuições sobre aspectos psicológicos e etários da acessibilidade. In: IX Encontro Nacional, VII Encontro Latino-Americano, II Encontro Latino-Americano e Europeu sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2017, São Leopoldo. **Caderno de Resumos**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017. p. 371 - 372.

LIMA, A. M. L. P.; CAVALHEIRO F.; NUCCI, J.C.; MALB, S.; O FIALHO, N. de; DEL PICCHIA, P. C. D.. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2., 1994, São Luiz. **Anais...**. São Luiz: Imprensa EMATER/MA, 1994. p. 539 - 553.

LIMA-COSTA, M. F..A escolaridade afeta, igualmente, comportamentos prejudiciais à saúde de idosos e adultos mais jovens?: Inquérito de Saúde da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, [s.l.], v. 13, n. 4, p.201-208, dez. 2004. Instituto Evandro Chagas. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742004000400002>.

LITTLE, Paul E.. Territorios sociais e povos tradicionais no brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, p.251-290, 2004.

LONDON. Sandra V.. London Development Agency. **Supporting an intergenerational centre in London: Scoping the evidence**. London: Policy Studies Institute, 2008. 17 p. Disponível em: <<http://www.psi.org.uk/pdf/2007/ScopingIntergenerationalPractice.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. AFONSO, Maria Cristina Tavares (Trad.). Lisboa: Edições 70, Coleção Arte e Comunicação, 2005.

MACEDO, Danielle; OLIVEIRA, Carolina Vilela; GUNTHER, Isolda de Araújo; ALVES, Susana Martins; NÓBREGA, Thaís Santos. O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s.l.], v. 24, n. 4, p.441-449, dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722008000400007>.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). 1993. 257 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

_____. **Os Passeios da Cidade Antiga**. Pelotas: Armazem Literário, 2000.

MAGNANI, José G. C.. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.173-205, nov. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s010320702005000200008>.

MAHDJOUBI, Lamine; SPENCER, Ben. Healthy play for all ages in public open spaces. In: BARTON, Hugh et al (Ed.). **The Routledge Handbook of Planning for Health and Well-Being**: Shaping a sustainable and healthy future. Abingdon: Routledge, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zUesCQAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 03 abr. 2016.

MANSANO, Sonia R. Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da Unesp**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.110-117, mar. 2009.

- MARANS, Robert W.; AHRENTZEN, Sherry. Quantitative methods in research design. In: MOORE, Gary T.; MARANS, Robert W. (Ed.). **Advances in environment, behaviour and design**. Nova York: Plenum Press, 1987, v. 1, p. 251-277.
- MASLOW, Abraham. **Motivation and Personality**. 2. ed. New York: Harper & Row, 1970.
- MATTOS, Maria R. de. Arquitetura paisagística: um estudo sobre representações e memória - estudo de caso. **Paisagem e Ambiente**, [s.l.], n. 23, p.231-241, 25 jun. 2007. SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i23p231-241>.
- MATSUDO, Sandra M.; MATSUDO, Victor R.; ARAÚJO, Timoteo; ANDRADE, Douglas; ANDRADE, Erinaldo; OLIVEIRA, Luis; BRAGGION, Glaucia. Nível de atividade física da população do Estado de São Paulo: análise de acordo com o gênero, idade, nível socioeconômico, distribuição geográfica e de conhecimento. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p.41-50, out. 2002. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/469/495>>. Acesso em: 3 jun. 2017.
- MELVILLE, Julie; HATTON-YEO, Alan. Intergenerational shared spaces in the UK context. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 50-64.
- MENDONÇA, Eneida Maria Souza. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s. l.], v. 7, n. 2, p.296-306, maio 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br>>. Acesso em: 15 jan. 2017.
- MONTELLI, Clarissa C. C.. **Avaliação estética e uso de três praças em Pelotas/RS**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pelotas, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13186>>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- MORAES, R..Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999.
- MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: < <http://www.more.ufsc.br/> > . Acesso em: 12 ago. 2018.
- MORENO, Emília; POL, Enric. **Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental**. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona, 1999.
- MORRISON, Kimberley; BRAHAM, Rebecca A. ; DAWSON, Brian; GUELF, Kym. Effect of a Sand or Firm-Surface Walking Program on Health, Strength, and Fitness in Women 60–75 Years Old. **Journal Of Aging And Physical Activity**, [s.l.], v. 17, n. 2, p.196-209, abr. 2009. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/japa.17.2.196>.
- MOSS, Dorothy. Children's engagement with intergenerational war stories. In: VANDERBECK, R.; WORTH, N. (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 159- 172.
- MULLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza: Espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870)**. 2010. 399 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/DalilaMullerHistoria.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

MUMFORD, Lewis. Planning for the Phases of Life. **Town Planning Review**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.5-16, abr. 1949. Liverpool University Press. <http://dx.doi.org/10.3828/tp.20.1.q57u3u2w37h8816k>.

NADER, Philip R.; BRADLEY, Robert H.; HOUTS, Renate M.; MCRITCHIE, Susan L.; O'BRIEN, Marion. Moderate-to-Vigorous Physical Activity From Ages 9 to 15 Years. **Jama**, [s.l.], v. 300, n. 3, p.295-305, 16 jul. 2008. American Medical Association (AMA). <http://dx.doi.org/10.1001/jama.300.3.295>.

NASAR, Jack L.. The effect of sign complexity and coherence on the perceived quality of retail scenes. In: NASAR, Jack L. (Ed.). **Environmental Aesthetics: Theory, Research, and Application**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 300-321. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=sS8rLMA6C5AC&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 03 set. 2017.

NASAR, Jack L.; JONES, Kym M.. Landscapes of Fear and Stress. **Environment And Behavior**, [s.l.], v. 29, n. 3, p.291-323, maio 1997. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/001391659702900301>.

NAVARRO, Joel; ANDRADE, Francini; PAIVA, Tiago; SILVA, Diovana da; GESSINGER Cristiane F.; BÓS, Ângelo G. Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 20, n. 2, p.461-470, fev. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/141381232015202.03712014>.

NETTO, Vinícius M.. **Cidade & sociedade: as tramas da prática e seus espaços**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

NEWMAN, Sally; WARD, Christopher; SMITH, Thomas; WILSON, Janet; Mc CREA, James. **Intergenerational Programs: Past, Present, and Future**. Washington: Taylor & Francis, 1997. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4oP-AutEWEgC&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 30 mar. 2017.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

OLIVEIRA, Cristina Maria Nunes de. **Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa**. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Política Social, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.5/3100>>. Acesso em: 21 set. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas**. Fundação Calouste Gulbenkian (Trad.). Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009. Disponível em: <<http://apps.who.int>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

_____. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. Brasília: OMS, 2015. 30 p.

O'SULLIVAN, Carmel; MULGAN, Geoff; VASCONCELOS, Diogo. **Innovating better ways of living in later life: Context, Examples and Opportunities**. Londres: The Young Foundation, 2010. 39 p. Disponível em: <<https://youngfoundation.org>>. Acesso em: 08 dez. 2016.

PAPALÉO, Netto M.. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. V. et al (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 2-12.

PAPALIA, Diane. E.; FELDMAN, Ruth. D.. **Desenvolvimento Humano**. MONTEIRO, C.; SILVA, M. de C. (Trad.). 12ª Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=l6Y5AgAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 27 fev. 2017.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade**: Um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930). 2003. 349 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PELOTAS. Lei nº 5502, de 11 de setembro de 2008. Institui o plano diretor municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no município de pelotas, e dá outras providências. **III Plano Diretor**. Pelotas, RS, 2008.

_____. PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **A praça vai ficar ainda mais bonita**, 5 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNS0wOC0wNQ==&codnoticia=39631>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

_____. PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Prefeitura remove telas da Praça Coronel Pedro Osório**, 14 set. 2016. Disponível em: <<http://www.pelotas.rs.gov.br/noticias/detalhe.php?controle=MjAxNi0wOS0xNA==&codnoticia=42901>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

PEREIRA, G.; PORTELLA, A.; SOPEÑA, S.; CHIARELLI, L.; CORREA, C.; COSTA, T.; LIBARDONI, T.; MEDVEDOSKI, N.; WOOLRYCH, R.; SIXSMITH, J.. Projetando lugares com idosos: uma análise da produção acadêmica nacional. **Pixo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, [s.l.], v. 2, n. 4, p.98-119, 23 abr. 2018. Universidade Federal de Pelotas. <http://dx.doi.org/10.15210/pixo.v2i4.13091>.

PEREIRA, Sílvia R.. **Percursos urbanos**: mobilidade espacial, acessibilidade e o direito à cidade. 2006. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

PETER, André Pinho. **O papel do comércio na produção da centralidade em Pelotas-RS**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

PETTIGREW, Thomas F.. Intergroup contact theory. **Annual Review Of Psychology**, [s.l.], v. 49, n. 1, p.65-85, fev. 1998. Annual Reviews. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.49.1.65>.

PHILLIPS, Judith. Older people's use of unfamiliar spaces. In: ROWLES, Graham D.; BERNARD, Marie A. (Ed.). **Environmental Gerontology**: Making Meaningful Places in Old Age. New York: Springer Publishing Company, 2013. p. 199-224.

PHILLIPSON, Chris. The 'elected' and the 'excluded': sociological perspectives on the experience of place and community in old age. **Ageing And Society**, [s.l.], v. 27, n. 03, p.321-342, 27 mar. 2007. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/S0144686X06005629>. Acesso em: 19 mar. 2018.

PINHEIRO, Luiz Carlos Marques. **A Pelotas que eu vivi**: Crônicas. Pelotas, 2013. Disponível em: <https://pelotascronicasurbanas.files.wordpress.com/2013/03/o-livro_edicao-consolidada.pdf>. Acesso em: 04 set. 2016.

PIZZATO, Gabriela Zubarán de Azevedo. **Design e emoção na utilização do mobiliário urbano em espaços públicos**. 2013. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia, Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

PORTELLA, Adriana Araújo. **A qualidade visual dos centros de comércio e a legibilidade dos anúncios comerciais**. 2003. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PLACE AGE NEWSLETTER: Age friendly communities. [s.l.]: Place Age, jul. 2018. Second Edition. Disponível em: <<https://issuu.com/placeage/docs/final-newsletter-second-edition-2018>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

PORTER, G.; HESLOP, A.; BIFANDIMU, F.; MWAMKINGA, E. S.; TEWODROS, A.; GORMAN, M.. Exploring intergenerationality and ageing in rural Kibaha, Tanzania: Methodological innovation through co-investigation with older people. In: VANDERBECK, R.; WORTH, N. (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 310-324.

QUEIROGA, E.. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. 2001. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Eugenio_Queiroga/publication/273121318_The_megalopolis_and_the_plaza_the_space_between_the_domination_reason_and_communicative_action>. Acesso em: 25 out. 2015.

RAMOS, Marília P.. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, [s.l.], n. 7, p.156-175, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-45222002000100007>.

RAPOPORT, Amos. **Human Aspects of Urban Form: Towards a Man-Environment Approach to Urban Form and Design**. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1977.

RAUTH, Jussara; SANTOS, Everton Rodrigo; PEDDE, Valdir. Projeto RS Amigo do Idoso: uma amizade que não se efetivou. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.156-171, 2012. Semestral. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509>.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. Avaliação da qualidade de projetos: uma abordagem perceptiva e cognitiva. **Ambiente Construído: Revista da Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p.21-34, jul. 2006.

_____. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. In: Encontro Nacional e I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, III., 1995, Gramado. **Anais...** Gramado: ANTAC, 1995.

REIS, Marcos Paulo. **Olhe por onde você corre**. 2013. Veja SP Online. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/corrida-marcos-paulo-reis/olhe-por-onde-voce-corre/>>. Acesso em: 14 maio 2018.

RELPH, Edward. A Pragmatic Sense of Place. **Environmental & Architectural Phenomenology**, [s. l.], v. 20, n. 3, p.24-31, set. 2009. Disponível em: <<http://newprairiepress.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1019&context=eap>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual da Saúde. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **Municípios assinam Termo de Adesão ao RS Amigo do Idoso**. 2008. Disponível

em: <<http://www.saude.rs.gov.br/municipios-assinam-termo-de-adesao-ao-rs-amigo-do-idoso>>. Acesso em: 5 out. 2015.

_____. Secretaria Estadual da Saúde. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. **Organograma**. 2009. Disponível em: <<http://www1.saude.rs.gov.br/wsa/portal/index.jsp?menu=organograma&cod=42498>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

ROWE, John W.; KAHN, Robert L.. Successful Aging. **The Gerontologist**, [s.l.], v. 37, n. 4, p.433-440, 1 ago. 1997. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/geront/37.4.433>.

_____. Successful Aging 2.0: Conceptual Expansions for the 21st Century. **The Journals Of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, [s.l.], v. 70, n. 4, p.593-596, 15 abr. 2015. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/geronb/gbv025>.

SACK, Robert D.. Human Territoriality: A Theory. **Annals Of The Association Of American Geographers**, [s.l.], v. 73, n. 1, p.55-74, mar. 1983. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-8306.1983.tb01396.x>.

SANOFF, H.. **Visual research methods in design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

SANTOS, Klecio. **Mercado Central de Pelotas 1846-2014**. Pelotas: Frutos do Paiz, 2014.

SARKISSIAN, Wendy; STENBERG, Beauford. **Guidelines for Planning for Older People in Public Open Space**. 2013. Disponível em: <<https://sarkissian.com.au/wp-content/uploads/2013/09/Older-people-in-residential-public-open-space.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

SCHWONKE, Helena. **Ação Social traz cor e alegria a asilo de mendigos em Pelotas**. 2016. Ecult. Disponível em: <<http://ecult.com.br/noticias/acao-social-traz-cor-e-alegria-a-asilo-de-mendigos-em-pelotas>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. WATANABE, L. A. (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEAMON, David; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHEN, R.; VALLENTINE, G. (Ed.). **Key Texts in Human Geography**. London: Sage, 2008. p. 43-51.

SETTERSTEN, Richard A.; MAYER, Karl Ulrich. The Measurement of Age, Age Structuring, and the Life Course. **Annual Review Of Sociology**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.233-261, ago. 1997. Annual Reviews. <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.soc.23.1.233>.

SHAFTOE, Henry. **Convivial Urban Spaces: Creating Effective Public Places**. Londres: Routledge, 2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oYxfCzYOpNwC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s>. Acesso em: 08 dez. 2016.

SHAMAI, Shmuel. Sense of place: an empirical measurement. **Geoforum**, [s.l.], v. 22, n. 3, p.347-358, jan. 1991. Elsevier BV. [http://dx.doi.org/10.1016/0016-7185\(91\)90017-k](http://dx.doi.org/10.1016/0016-7185(91)90017-k).

SHAW, Pamela; HUDSON, Joanne. The Qualities of Informal Space: (Re)appropriation within the informal, interstitial spaces of the city. In: occupation: negotiations with constructed space, 1., 2009, Brighton. **Proceedings...**. Brighton: University Of Brighton, 2009. Disponível em: <<http://arts.brighton.ac.uk>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

- SHEPHARD, Roy J. **Envelhecimento, atividade física e saúde**. São Paulo: Phorte, 2003.
- SIEGEL, Sidney; CASTELLAN, John. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento**. CARMONA, S. I. C. (Trad.). 2 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SILVA, Aline Martins da. **Atratividade e dinâmica de apropriação de espaços públicos para o lazer e turismo**. 2009. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SILVA, Gerson Luiz Cardoso. **A dinâmica das interações sociais e seus limites: Uma análise dos desafios da construção do capital social na Praça Dom Antonio Zattera – Pelotas – RS**. 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- SILVA, Inácio C. M. da. **Associação entre prática de atividade física e características do ambiente**. 2015. 211 f. Tese (Doutorado) - Curso de Medicina, Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.
- SILVA, Marina Barbosa Nogueira. **Sociabilidade e memória: as formas de interação de aposentados no calçadão da Rua Halfeld em Juiz de Fora**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- SILVA, William Macedo da; RABUSKE, Marilene. Principais obstáculos físicos que interferem na acessibilidade a locais públicos de lazer de Pelotas, RS: uma visão do idoso. **Efdeportes.com**: Revista Digital, Buenos Aires, n. 181, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. CALDAS, P. (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SIXSMITH, J.; SIXSMITH, A.; MALMGREN FÄNGE, A.; NAUMANN, D.; KUCSERA, C.; TOMSONE, S.; HAAK, M.; DAHLIN-IVANOFF, S.; WOOLRYCH, R.. Healthy ageing and home: The perspectives of very old people in five European countries. **Social Science & Medicine**, [s.l.], v. 106, p.1-9, abr. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2014.01.006>.
- SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **Geousp: Espaço e Tempo (Online)**, [s.l.], n. 19, p.93-111, 30 dez. 2006. SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2006.73992>.
- SOMMER, Robert. Studies in Personal Space. **Sociometry**, [s.l.], v. 22, n. 3, p.247-260, set. 1959. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/2785668>.
- SOMMER, Robert; SOMMER, Barbara. **A practical guide to behavioral research: Tools and techniques**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- SOUZA, Carlos L. de; AWAD, Juliana di M. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- SPENCER, Ben. **Playful public places for later life**. [s. l.]: Ben Spencer, Bristol. 09 fev. 2015. 77 slides, color. Disponível em: <<https://prezi.com/ay5ee9rw3uu5/playful-public-places-for-later-life/>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

STAMPS, Arthur. **Psychology and the Aesthetics of the Built Environment**. 3. ed. New York: Springer Science & Business Media, 2013.

THANG, Leng Leng. Encounters in public spaces within Singapore's public housing neighbourhoods. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 44-61.

THANG, Leng Leng; KAPLAN, Matthew. Intergenerational pathways for building relational spaces and places. In: ROWLES, Graham D.; BERNARD, Marie A. (Ed.). **Environmental Gerontology: Making Meaningful Places in Old Age**. New York: Springer Publishing Company, 2013. p. 225-251. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=PsXS_YUtQVoC&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 23 set. 2016.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente. Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p.76-88, jan. 2005. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/22/15>>. Acesso em: 23 set. 2016.

TOMASINI, Sérgio Luiz Valente; ALVES, Simone. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p.88-102, 2007.

TONKISS, Fran. **Space, the City and Social Theory: Social Relations and Urban Forms**. Cambridge: Polity Press, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oXA7Ut7nrVwC&hl=pt-BR&source=gbp_navlinks_s>. Acesso em: 03 abr. 2016.

TUNES, Daniela Almeida de. **Avaliando a dificuldade de caminhar em centros históricos e comerciais segundo a percepção do usuário: o caso da área central de Pelotas/RS**. 2012. 222 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas, 2012.

UNITED NATIONS. Department Of Economic And Social Affairs. **World Population Prospects: The 2015 Revision, Key Findings and Advance Tables**. Working Paper No. ESA/PWP.241. New York: United Nations, 2015. Disponível em: <<https://esa.un.org>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. Department of Economic and Social Affairs. **World Population Prospects: The 2017 Revision, Key Findings and Advance Tables**. Working Paper No. ESA/P/WP.248. New York: United Nations, 2017. Disponível em: <<https://esa.un.org>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

USER - THEMATIC SEMINAR, 1., 2013, Copenhagen. **Position Paper: Changes, dysfunctions and conflicts of uses in the public space**. Copenhagen: European Union, 2013. 24 p. Disponível em: <<http://urbact.eu>>. Acesso em: 12 out. 2016.

VANDERBECK, R.; WORTH, N.. **Intergenerational Space**. Abingdon: Routledge, 2015.

VARGAS, Greyce. A revolução dos sessentões: “os 60 são os novos 40”. **Zero Hora Online**. Pelotas. 28 fev. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/melhor-idade/noticia/2015/02/os-60-sao-os-novos-40-4708754.html>>. Acesso em julho de 2016.

_____. Skatista idoso roda as ruas de Porto Alegre com suas muletas. **Zero Hora Online**. Pelotas. 28 fev. 2015b. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia>>

/2015/02/skatista-idoso-roda-as-ruas-de-porto-alegre-com-suas-muletas-4708828.html>. Acesso em julho de 2016.

VARO, Lila. **LATA 65**: projeto incrível de graffiti para a terceira idade. 2013. Mistura Urbana. Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2013/10/lata65-projeto-incrivel-de-graffiti-para-a-terceira-idade/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

_____, **Lata 65**: projeto de graffiti para a terceira idade chega à São Paulo. 2015. Mistura Urbana. Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2015/09/lata-65-projeto-de-graffiti-para-terceira-idade-chega-sao-paulo/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

VIEIRA, Sacha; GUERRA, Sara. Dinamizar os parques da cidade através de atividades intergeracionais: o Parque Infante Dom Pedro, cidade de Aveiro, Portugal. **Kairós: Gerontologia**, [s.l.], v. 15, n. 11, p.135-152, fev. 2012. Disponível em:<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12837>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

WEBER, Ralf; SCHNIER, Jörg; JACOBSEN, Thomas. Aesthetics of Streetscapes: Influence of Fundamental Properties on Aesthetic Judgments of Urban Space. **Perceptual And Motor Skills**, [s.l.], v. 106, n. 1, p.128-146, fev. 2008. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.2466/pms.106.1.128-146>.

WHYTE, William Hollingsworth. **The social life of small urban spaces**. Washington, DC: The Conservation Foundation, 1980.

WICKER, Pamela; BREUER, Christoph; PAWLOWSKI, Tim. Promoting Sport for All to Age-specific Target Groups: the Impact of Sport Infrastructure. **European Sport Management Quarterly**, [s.l.], v. 9, n. 2, p.103-118, jun. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/16184740802571377>.

WILLIAMS, Angie ; NUSSBAUM, Jon F.. **Intergenerational Communication Across the Life Span**. New York: Routledge 2012. Disponível em: < https://books.google.com.br/books?id=8xjCWhOT2y0C&hl=pt-BR&source=gbg_navlinks_s >. Acesso em 30 jun. 2017.

WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1., 1982, Viena. **The Vienna International Plan of Action on Aging**. New York: United Nations, 1983. 50 p. Disponível em: <[http://www.un.org/es/global issues/ageing/docs/vipaa.pdf](http://www.un.org/es/global%20issues/ageing/docs/vipaa.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global age-friendly cities: a guide**. Genebra: Who Press, 2007. 82 p. Disponível em: <http://www.who.int/ageing/publications/Global_age_friendly_cities_Guide_English.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2016.

YIN, Robert K.. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. GRASSI, Daniel (Trad.). 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design: Tools for Environment-Behaviour Research**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Inquiry_by_Design.html?id=AwU4AAAAIAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 3 abr. 2016.

Apêndice A

Arquivo digital: Levantamento Comportamental (mapas, planilhas de contagem e fotos) e Questionários (áudios das aplicações, transcrições e fotos).

Apêndice B

Questionário



Espaços Públicos Urbanos & Relações Intergeracionais
Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas



Prezado convidado,

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada “**Espaços Públicos Urbanos & Relações Intergeracionais: Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas**”. O estudo, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), tem como objetivo contribuir para o planejamento de espaços públicos urbanos que oportunizem o convívio social entre faixas etárias distintas. Sua participação é extremamente importante para nós e o questionário não tomará mais do que 20 minutos do seu tempo.

Qualquer dúvida entre em contato com os pesquisadores e se de alguma forma você se sentir prejudicado pela pesquisa, nos envie um e-mail. Caso você concorde em participar respondendo o questionário, por favor guarde esta folha com você. Ela tem todas as informações necessárias para que você possa entrar em contato conosco e ter acesso aos resultados do estudo futuramente. Os resultados deste estudo estarão concluídos em Março de 2018, ficando à disposição para consulta na Biblioteca da Universidade Federal de Pelotas e no site do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL - <http://prograu.ufpel.edu.br/index.php/br/>

Muito obrigada pela participação,

Pesquisadores para contato:

Lígia Maria Ávila Chiarelli | biloca.ufpel@gmail.com

Thaís Debli Libardoni | thais_libardoni@hotmail.com

Adriana Viebrantz Braga

Andréia Schneid

Auriele Fogaça Cuti

Fabício Gallo Corrêa

APLICADO NA TIPOLOGIA:

() PRAÇA

() CALÇADÃO

1ª PARTE: PESSOA

1. Você mora em Pelotas há quanto tempo?

() Não moro aqui () Há menos de 1 ano () De 1 a 5 anos () Há mais de 5 anos () Sempre morei aqui

2. Qual é a frequência com que você vem a este lugar?

() Primeira vez () Baixa (1 a 3 vezes/mês) () Média (1 a 2 vezes/semana) () Alta (3 vezes ou mais/semana)

3. Quais dias você mais frequenta este lugar?

() Dias de semana () Finais de semana () Todos - dias de semana, sábado e domingo

4. Em qual turno você mais frequenta este lugar?

() Manhã () Tarde () Noite

5. Normalmente você vem sozinho ou acompanhado?

() Sozinho () Acompanhado

5.1. Por que? _____

6. Você mora a quantas quadras de distância daqui?

() 0 a 3 quadras () 4 a 6 quadras () 7 a 9 quadras () 10 quadras ou mais

7. Como você chega no lugar em que você está agora?

() a pé () bicicleta () táxi () carro particular () skate () ônibus () moto () outro: _____

8. Você acha que é importante a convivência entre pessoas de diferentes idades?

() Nada importante () Pouco importante () Indiferente () Importante () Muito importante

9. Você acha agradável a convivência com pessoas de diferentes idades nos espaços públicos da cidade?

() Muito desagradável () Desagradável () Nem desagradável e nem agradável () Agradável () Muito agradável

10. Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade COM JOVENS:

() Discordo totalmente () Discordo () Nem discordo e nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

10.1. COM IDOSOS:

() Discordo totalmente () Discordo () Nem discordo e nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

11. Considerando o seu cotidiano, avalie a importância da realização das atividades abaixo em espaços públicos urbanos:

	Nada importante	Pouco importante	Indiferente	Importante	Muito importante
11.0. Caminhada	()	()	()	()	()
11.1. Prática de Esportes	()	()	()	()	()
11.2. Ver o movimento	()	()	()	()	()
11.3. Atividades culturais programadas	()	()	()	()	()
11.4. Socialização	()	()	()	()	()

2ª PARTE: AMBIENTE FÍSICO

12. Qual é normalmente seu principal objetivo quando você vem aqui?

() conversar com amigos () frequentar cafés () comprar/usar algum serviço () passar o tempo
 () acompanhar alguém da sua faixa etária () skate () praticar caminhada/corrida () ficar sozinho
 () acompanhar alguém de outra faixa etária () jogar bola () trazer criança para brincar () ver o movimento
 () cortar caminho para outro lugar () trabalhar () trazer animal de estimação () outro: _____

13. Se você pudesse escolher uma nova atividade de lazer ao ar livre para o centro de Pelotas, qual seria? _____

14. Você quer passar um tempo com um amigo. Coloque os locais abaixo em ordem de preferência para o encontro (escala de 1 para o primeiro em preferência a 4 para o último em preferência):

- () Praça Cel. Pedro Osório
 () Largo do Mercado Público
 () Calçadão
 () Parque Dom Antônio Zattera

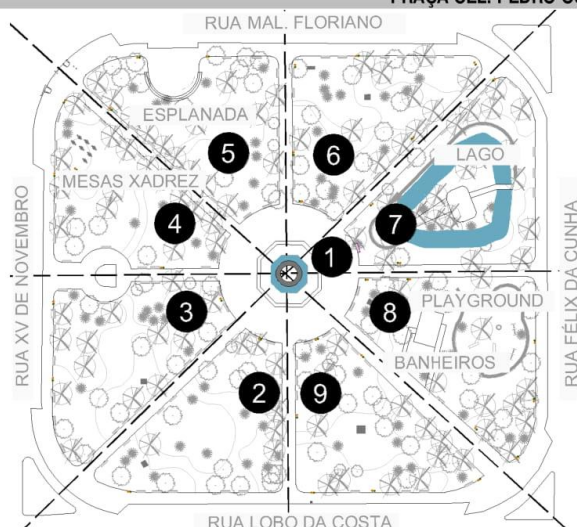
14.1. Por que este local ficou em primeiro lugar ? _____

14.2. Por que este local ficou em último lugar ? _____

CALÇADÃO



PRAÇA CEL. PEDRO OSÓRIO



15. Você já deixou de frequentar alguma área do lugar em que você está agora por causa da sua idade?

() Não () Sim

15.1. Em caso afirmativo, qual?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

16. Você já evitou passar por alguma área deste espaço por causa da idade das pessoas que normalmente estão por lá?

() Não () Sim

16.1. Em caso afirmativo, qual?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

17. Na sua opinião, qual é a melhor área do espaço onde você está agora para passar um tempo com um amigo?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

17.1. Por que?

18. Na sua opinião, qual é a pior área do espaço onde você está agora para passar um tempo com um amigo?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

18.1. Por que?

19. Na sua opinião, qual é a melhor área do espaço onde você está agora para JOVENS se encontrarem?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

19.1. Por que?

20. Na sua opinião, qual é a melhor área do espaço onde você está agora para IDOSOS se encontrarem?

() Área 01 () Área 02 () Área 03 () Área 04 () Área 05 () Área 06 () Área 07 () Área 08 () Área 09

20.1. Por que?

21. Com relação a lazer com amigos, você está satisfeito com as opções que este espaço oferece?

() Muito insatisfeito () Insatisfeito () Nem insatisfeito e nem satisfeito () Satisfeito () Muito satisfeito

22. Considerando o lugar onde você está agora, avalie a sua satisfação quanto aos seguintes elementos:

	Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito e nem insatisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito
22.0. Sinalização/Orientação espacial	()	()	()	()	()
22.1. Acesso a banheiros públicos	()	()	()	()	()

23. Você considera este lugar:

23.0. () Muito desagradável () Desagradável () Nem desagradável e nem agradável () Agradável () Muito agradável
23.1. () Muito desconfortável () Desconfortável () Nem desconfortável e nem confortável () Confortável () Muito confortável

3ª PARTE: AFFORDANCES

24. Coloque em ordem a importância dos seguintes fatores na escolha de um lugar público para encontrar amigos (escala de 1 para o primeiro em importância a 5 para o último em importância):

- () Segurança
- () Sensação de Pertencer ao lugar
- () Diversidade de Atividades
- () Acessibilidade
- () Oportunidade de socialização

25. No local onde você está agora, avalie sua satisfação quanto à:

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito e nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
25.0. Sensação de segurança	()	()	()	()	()
25.1. Sensação de pertencer ao lugar	()	()	()	()	()
25.2. Diversos usos e atividades	()	()	()	()	()
25.3. Suporte a diversas capacidades físicas	()	()	()	()	()
25.4. Oportunidade para interagir com outros	()	()	()	()	()

26. Em uma palavra, descreva um significado que este local tem pra você: _____

27. Pensando no lugar que você está agora, avalie sua satisfação quanto à:

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem insatisfeito e nem satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
SEGURANÇA					
27.0. Pessoas presentes no local	()	()	()	()	()
27.1. Monitoramento/ policiamento	()	()	()	()	()
27.2. Proteção do sol e da chuva	()	()	()	()	()
27.3. Cuidado com os espaços/ manutenção	()	()	()	()	()
ATIVIDADES					
27.4. Iluminação	()	()	()	()	()
27.5. Diversidade	()	()	()	()	()
27.6. Espaços para comer	()	()	()	()	()
27.7. Oportunidades de diversão(brincadeiras, esportes)	()	()	()	()	()
27.8. Oportunidades de contato com outras pessoas	()	()	()	()	()
27.9. Ser um espaço vibrante/ alegre	()	()	()	()	()
PERTENCIMENTO					
27.10. Vegetação	()	()	()	()	()
27.11. Ter uma vista bonita/ atrativa	()	()	()	()	()
27.12. Ser um lugar de encontro	()	()	()	()	()
27.13. Sensação de Familiaridade/ ambiente convidativo	()	()	()	()	()
27.14. Disponibilidade de espaços relaxantes	()	()	()	()	()
HABILIDADES					
27.15. Ser um espaço para diversas idades	()	()	()	()	()
27.16. Ter acesso a cadeirantes	()	()	()	()	()
27.17. Pavimentação	()	()	()	()	()
27.18. Ser um espaço livre de barreiras ao deslocamento	()	()	()	()	()
ENGAJAMENTO INTERPESSOAL					
27.19. Possuir assentos acessíveis	()	()	()	()	()
27.20. Possuir espaços para conversar	()	()	()	()	()
27.21. Possuir espaços para sentar/descansar	()	()	()	()	()
27.22. Possuir bancos que acomodam grupos	()	()	()	()	()
27.23. Sensação de Tranquilidade	()	()	()	()	()
27.24. Sensação de Privacidade	()	()	()	()	()

4ª PARTE: DADOS DEMOGRÁFICOS

28. O respondente possui algum tipo de limitação física?

() Sem limitações () Temporária () Cadeirante () Visual () Gestante () Obeso () Auditiva

29. Faixa etária:

() Jovem (15-19 anos) () Jovem adulto (20-24 anos) () Idoso (60-79 anos) () Idoso Longevo (80 anos ou +)

30. Gênero:

() Feminino () Masculino

Apêndice C

Planilhas resumo das contagens dos mapeamentos

PARQUE	CRIANÇA (O)	CRIANÇA(A)	JOVEM (O)	JOVEM (A)	ADULTO	ADULTA	IDOSO	IDOSA	SUBTOTAL
QUI 19.05.16 17h30min 15°C	7	4	15	12	27	18	11	9	103
SAB 28.05.16 17h30min 21°C	29	12	20	9	38	27	8	6	149
SAB 04.06.16 09h30min 14°C	11	4	17	13	165	146	41	53	450
SAB 04.06.16 15h30min 15°C	35	15	25	11	29	31	5	2	153
DOM 12.06.16 17h30min 13°	33	33	33	36	91	99	14	4	343
DOM 19.06.16 09h30min 11°	5	1	7	1	19	16	5	4	58
DOM 19.06.16 11h30min 13°	19	5	22	3	43	34	11	9	146
SAB 17.09.16 11h30min 22°C	16	10	16	10	192	162	62	46	514
DOM 18.09.16 15h30min 21°C	45	46	38	17	131	131	12	19	439
QUA 21.09.16 15h30min 22°C	9	6	22	18	30	38	10	4	137
SEX 07.10.16 09h30min 21°C	4	2	3	3	21	14	8	3	58
SEX 07.10.16 11h30min 23°C	4	2	9	7	29	24	6	0	81
	217	140	227	140	815	740	193	159	2631
	357		367		1555		352		
CALÇADÃO	CRIANÇA (O)	CRIANÇA(A)	JOVEM (O)	JOVEM (A)	ADULTO	ADULTA	IDOSO	IDOSA	SUBTOTAL
QUI 19.05.16 15h30min 17°C	9	7	28	31	87	87	139	37	425
SEX 10.06.16 09h30min 9°C	8	8	24	19	88	136	69	22	374
SEX 10.06.16 11h30min 10°C	7	6	27	21	118	162	57	38	436
DOM 12.06.16 09h30min 9°C	0	0	3	2	3	2	11	8	29
DOM 12.06.16 11h30min 11°C	0	1	0	0	4	1	14	3	23
QUI 16.06.16 17h30min 14°C	7	6	32	24	185	237	68	20	579
SAB 18.06.16 09h30min 12°C	4	1	7	6	57	44	55	24	198
SAB 18.06.16 11h30min 14°C	7	6	27	22	127	146	74	24	433
SAB 18.06.16 15h30min 16°C	4	3	9	9	121	121	59	4	330
SAB 18.06.16 17h30min 14°C	1	3	16	9	110	110	73	11	333
DOM 19.06.16 15h30min 16°C	8	2	14	14	32	30	9	11	120
DOM 19.06.16 17h30min 15°C	0	0	12	9	20	15	6	6	68
	55	43	199	166	952	1091	634	208	3348
	98		365		2043		842		
PRAÇA	CRIANÇA (O)	CRIANÇA(A)	JOVEM (O)	JOVEM (A)	ADULTO	ADULTA	IDOSO	IDOSA	SUBTOTAL
QUA 18.05.16 15h30min 16°C	5	3	34	41	56	55	29	29	252
QUI 19.05.16 09h30min 13°C	1	1	3	3	18	20	8	9	63
SAB 21.05.16 17h30min 19°C	14	4	39	44	73	70	9	1	254
TER 24.05.16 11h30min 15°C	6	6	17	5	41	38	20	9	142
TER 24.05.16 17h30min 15°C	0	5	26	25	56	36	21	4	173
SAB 28.05.16 15h30min 21°C	20	10	50	34	75	70	13	11	283
SAB 04.06.16 11h30min 14°C	8	4	15	4	72	61	30	16	210
SAB 11.06.16 09h30min 10°C	0	1	1	1	20	13	5	4	45
DOM 12.06.16 09h30min 12°C	0	0	2	3	6	6	9	5	31
DOM 12.06.16 11h30min 14°C	2	3	0	6	9	6	4	1	31
DOM 19.06.16 15h30min 16°C	32	26	39	79	80	89	12	6	363
DOM 19.06.16 17h30min 14°C	6	13	58	60	38	45	13	4	237
	94	76	284	305	544	509	173	99	2084
	170		589		1053		272		
LARGO	CRIANÇA (O)	CRIANÇA(A)	JOVEM (O)	JOVEM (A)	ADULTO	ADULTA	IDOSO	IDOSA	SUBTOTAL
QUA 18.05.16 17h30min 14°C	0	0	3	3	19	7	5	4	41
QUI 19.05.16 11h30min 15°C	0	0	3	0	11	4	4	1	23
SAB 21.05.16 15h30min 19°C	2	4	18	26	55	52	22	16	195
TER 24.05.16 15h30min 17°C	0	0	1	0	15	7	2	1	26
SAB 04.06.16 17h30min 13°C	1	1	7	5	36	32	14	13	109
DOM 12.06.16 15h30min 15°C	1	0	13	13	14	10	2	0	53
DOM 19.06.16 09h30min 11°C	0	0	1	0	5	2	0	0	8
DOM 19.06.16 11h30min 13°C	0	0	0	2	3	3	2	3	13
SAB 17.09.16 09h30min 14°C	2	0	3	0	40	28	10	9	92
SAB 17.09.16 11h30min 14°C	2	0	5	9	69	71	28	13	197
DOM 18.09.16 17h30min 19°C	6	2	24	19	50	48	3	2	154
SEX 07.10.16 09h30min 21°C	0	0	0	2	10	14	4	9	39
	14	7	78	79	327	278	96	71	950
	21		157		605		167		

Apêndice D

Respostas de todas as questões abertas dos questionários

RESPOSTAS DA PERGUNTA 5.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Gosta da praça, de ficar sentada, silêncio	65	Vem com colegas de escola
02	Os dois, pra tirar uma hora, descansar.	66	Não é um lugar em que pára muito tempo.
03	Gosta do ambiente verde.	67	Vem usar comércio... serviços...
04	Descanço pós almoço.	68	Vem a trabalho.
08	O grupo se encontra aqui.	76	Vem comprar alguma coisa.
09	Conversar.	78	Colegas.
10	Tem medo de vir sozinha.	79	Ida e volta do trabalho ou faculdade.
11	Para conversar.	80	Sempre tem coisa pra fazer (pagar contas...)
12	Usa o local para conversar.	82	Colegas de escola.
17	Para conversar.	83	Colegas de escola.
23	Tomar chimarrão.	84	Colegas.
24	Conversar e tomar chimarrão.	85	Vem fazer compras com a mãe.
27	É perigoso.	102	Colegas.
28	Perigoso.	103	Vem pra resolver alguma coisa.
31	É melhor com mais gente.	104	Colegas de faculdade.
32	Para conversar.	105	Não gosta de andar sozinha
33	É melhor com mais gente.	106	Não gosta de vir sozinha.
34	Vem conversar com amigos.	107	Tem que ajudar a avó.
35	Pra relaxar nas áreas verdes.	108	Horário de escola.
36	Aproveitar com amigos.	109	Amigos
37	Conversar em grupo porque é ponto de encontro de amigos.	110	Colegas...irmã...
38	Acompanhada de amigos.	111	Amigos
39	Acompanhado de amigos.	112	Parcerias do skate
40	Vem com amigos e colegas de faculdade.	113	Faz cursinho
41	Mora com a irmã e a mãe, vem tomar um mate e fazer a volta na praça	114	Tanto faz... vem com a mãe, sozinha ou com o namorado
42	Depende... sempre com o cachorro, as vezes acompanhado.	115	Se tem companhia, vem junto, se não, vem sozinho
43	Vem sozinho para encontrar os amigos aqui.	116	Amigos
44	Conversar.	117	Amigos
45	É um bom lugar pra conversar depois da aula com os colegas.	118	Quando vem pra trabalhar perto
46	Quanto mais gente melhor, dá pra fazer mais coisas.	119	Colegas de cursinho
		120	Colegas de cursinho
		121	Trabalho
		122	Vem comprar alguma coisa
		123	Trabalhar, comprar e pagar contas.
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Porque vem ao médico	61	Vem encontrar amigos
06	Bater papo.	62	É viúvo
07	Mulher trabalha.	63	Para ver os amigos.
13	Vem fazer caminhada.	64	Vem visitar amigo
14	Vem ao dentista e a esposa acompanha a consulta.	69	É só ele e a esposa, vem pra passar o tempo.
15	Para se distrair.	70	A esposa é cega, fica em casa.
16	Passar o tempo.	71	Mora sozinha.
18	Está sempre a serviço ou pra ir ao médico.	72	Esposa não tem o hábito de vir ao centro.
19	Mora sozinha.	73	Encontra amigos aqui.
20	Necessidade para caminhar.	74	Vem tomar café.
21	Vem acompanhar a patroa idosa	75	Não gosta de sair sozinha
22	Porque trabalha na frente da praça.	77	Filha vem junto para ajudar.
25	Gosta de andar sozinho.	81	Dar uma caminhada.
26	Gosta de andar sozinho.	86	Não tem companhia.
29	Vem ver o movimento.	87	Para se encontrar.
30	Vem passar o dia e a esposa vem junto.	88	Para se encontrar.
47	Vem com a cuidadora	89	Sempre trabalhou, acostumou.
48	Vem com a filha, precisa do carro para vir.	90	Para encontrar as gurias.
49	Intervalo do trabalho.	91	Vem encontrar amigos.
50	Normalmente sozinha porque é viúva, mas quando tem companhia vem também	92	Vem encontrar amigos.
51	Conhecer a praça e os casarões com a amiga que a está hospedando. É a primeira vez em Pelotas (vem de São Paulo).	93	Mora sozinho
52	Vem de Rio Grande trazer os netos pra passear.	94	É viúvo.
53	Vem trazer os netos pra passear.	95	A companhia trabalha
54	Vem com o marido.	96	É viúvo, vem encontrar os conhecidos.
55	Vem com a esposa.	97	É sozinho.
56	É sozinho.	98	Vem com amiga.
57	É viúvo.	99	Vem com amiga.
58	Amigos vêm jogar xadrez.	100	Vem com a irmã receber a aposentadoria
59	Vem fazer alguma coisa no centro.	101	Vem com a irmã pagar as contas
60	Sempre encontra amigos aqui.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 13			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Jogos ao ar livre, parte da praça. Reunir pessoas de todas as idades(xadrez).	65	Pista de skate.
02	-	66	Alguma coisa com água.
03	Aula de dança.	67	Espaços mais interessantes, criativos, p/ ficar.
04	Roda de conversa.	68	Espaços mais interessantes.

08	Mais contato com a natureza, água.	76	Mais áreas verdes, um parque urbano.
09	Caminhada.	78	Parque maior.
10	Esportes, quadra de vôlei.	79	Música ao ar livre.
11	Ciclofaixa.	80	Áreas com verde, atrativas p/ ficar
12	Espaço para leitura.	82	Lugares mais bonitos para sentar e conversar.
17	É interessante o contato com a água... chafariz, lago.	83	Nenhuma.
23	Música.	84	Pista de skate
24	Música programada pela prefeitura.	85	Espaços mais legais para conversar.
27	Atividades que tragam segurança.	102	Não sabe
28	Academia.	103	Áreas verdes para praticar esportes
31	Campeonatos de vôlei.	104	Música
32	Vôlei	105	Não sabe
33	Equipamentos para esportes na praça.	106	Pracinhas
34	Mais áreas de estar.	107	Não
35	Ciclovias.	108	Não sabe
36	Visitação aos casarões.	109	Música
37	Ciclovias.	110	Música... shows
38	Tem ciclovias aqui? Então não sei...	111	Música
39	Nenhuma.	112	Não tem
40	Lugar para ler, ficar sozinho.	113	Não tem
41	Skate	114	Eventos
42	Não vem nada na cabeça	115	Mais eventos, Pelotas tem muito pouca coisa.
43	Pista de skate, a da Bento é ruim.	116	Espaço para esportes
44	Skate	117	Ciclovias
45	Mais espaços verdes.	118	-
46	Música nos espaços públicos.	119	Mais praças
		120	Música... atividades. Pelotas tem muito pouco.
		121	Não sabe
		122	Não sabe
		123	Shows
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Nenhuma.	61	Não sabe.
06	Centro de recreação, ginástica ao ar livre.	62	Atividades físicas monitoradas por professor.
07	Piscina pública.	63	Não sabe.
13	Academia ao ar livre.	64	Não sabe.
14	Academia ao ar livre.	69	Não.
15	Nenhuma.	70	Não sabe.
16	Nenhuma.	71	Academia ao ar livre.
18	Nenhuma.	72	Nenhuma
19	Esportes.	73	Mais atividades físicas.
20	Não.	74	Usar o largo para exercícios físicos.
21	Música no mercado também durante a semana.	75	Poucas praças, precisa de mais áreas verdes.
22	Não tem nada para a terceira idade! Poderia ter professores de educação física.	77	Academias ao ar livre.
25	Conversar e auxiliar pessoas drogadas e necessitadas.	81	Música... shows ao ar livre e gratuitos
26	Ajudar os outros, convivência com amigos.	86	Conversar... amizades.
29	Jogos, ping-pong.	87	Não teria.
30	Ser entrevistado.	88	Trabalhar na rua.
47	Não tem.	89	Bicicletas.
48	Não	90	Música.
49	Feiras de artesanato	91	Não.
50	Visitação aos casarões, é tudo muito fechado.	92	Não.
51	Visitação aos casarões.	93	Teatro e música
52	Academia ao ar livre	94	Música.
53	Feiras.	95	Música.
54	Não tem.	96	Bancos melhores, com encosto.
55	Não tem.	97	Academias
56	Tem tudo.	98	Música no mercado
57	Tem tudo.	99	Música no mercado
58	Jogos mais espalhados pela cidade, precisa vir do Fragata.	100	Não teria
59	Jogos para todos.	101	Feiras
60	Tá bem, tem tudo.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 14.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Por ser mais perto de onde mora, grama.	65	Pista de skate.
02	Gosta, mais acessível, movimento, sombra.	66	Ninguém incomoda.
03	Iriam gostar da vida noturna.	67	Bons lugares para comer, mas poderia ser mais interessante.
04	Pela diversidade, muvuca, índios, senegaleses.	68	Mais tranquilo, tem mais privacidade
08	Mais atrativo, verde.	76	Comer, tomar cerveja.
09	É aberta, tem espaço.	78	Mais espaço... é aberto
10	É mais segura, centralizada. Fica perto da biblioteca e outros edifícios.	79	Música e movimento
11	Proximidade ao centro [lojas]	80	É verde, tem sombra e é agradável. No Natal é o lugar mais bonito.
12	Pela centralidade... tem mais segurança, é perto da biblioteca.	82	Tem sombra, é mais bonito.
17	É mais verde, o ambiente é atrativo.	83	Dá pra sentar na grama.
23	Ver gente de diferentes idades, é mais aconchegante.	84	Tem a pista (skate), pessoas se encontram lá.
24	Árvores deixam interessante no verão e no inverno, é mais aconchegante, se sente a vontade, é histórica.	85	Mais atrativo e verde.
27	Tem comida, é agradável.	102	Ambiente agradável.
28	Comida.	103	Barzinhos
31	É o lugar que mais vem.	104	Música, shows.
32	Mais gente conhecida.	105	Mais agradável com os amigos

33	Verde, atrai mais	106	Gosta mais
34	Ninguém incomoda.	107	Mais calmo e mais árvores. Menos movimento.
35	Central, ampla, área verde.	108	Tem mais movimento, é seguro.
36	Áreas para conversar, diversidade.	109	Tem comida e música
37	Proximidade (mora perto), área verde... grama	110	Lancherias... shows
38	- [Não conhece os outros lugares]	111	É mais bonito... agradável
39	Espaço legal, tem sombra... amigos.	112	Tem pista de skate.
40	Tem mais liberdade pra fazer o que quer.	113	Dá pra sentar e comer... música...
41	Acha que é por causa da proximidade. E porque acha bonita também. Um lugar que parece que é calmo...	114	É onde normalmente vai
42	Porque ela tá mais na rotina...	115	É agradável.
43	É livre pra fazer o que quiser	116	Mais espaço, mais verde, tem pista de skate
44	Fazer tudo o que quer com liberdade	117	Pessoal se encontra lá
45	Bonito, tranquilo e perto.	118	Música...pessoal se encontra à tardinha
46	Dá pra trazer violão e sentar na grama com o pessoal.	119	É ponto de encontro, fica lotado
		120	É mais agradável e bonito
		121	Tranquilo
		122	É ponto de encontro à tardinha, tem música
		123	Música
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Sempre tem gente conhecida.	61	Movimento.
06	É um local de encontro. E o café Aquário.	62	Ponto de encontro pra olhar o movimento.
07	Praça principal. Tudo passa por aqui.	63	Se distrair e encontrar amigos de tempos.
13	Centralidade.	64	Movimento.
14	É perto das lojas. Senta pra conversar. O pessoal se reúne.	69	É o que mais frequenta.
15	É mais bonita e bem cuidada.	70	Porque sempre quando vem, vem aqui.
16	É mais atrativa por causa do verde	71	Mais espaço para caminhar.
18	Tem lancheria, tem tudo [comércio]	72	Amigos, paga as contas, café e caminhada.
19	Bom pra se distrair... chafariz	73	Música e movimento.
20	Mais próximo.	74	Samba, comida, venda de peixe e variedade.
21	Encontra muita gente.	75	Requalificação do mercado ficou boa.
22	Sentar e conversar. A arquitetura é bonita.	77	É mais fresquinho, tem sombra.
25	Convive com as pessoas, mais conhecimento, trabalha no centro.	81	Tem música e feiras.
26	Convivência com amigos	86	Tem música, é bom pra sentar e é tranquilo.
29	Tem muitos conhecidos.	87	Música.
30	Mais cômodo, mais perto de tudo [comércio]	88	É bom, tem movimento.
47	É pertinho (mora perto da praça)	89	É o que mais vem, mais conhece.
48	Movimento	90	Tem música e lancherias.
49	Lancherias e artesanato... e uma cervejinha	91	Aqui é lazer... se distrai.
50	Pela fresquinha.	92	Encontra amigos
51	Bonita e cheia de cultura, história.	93	Encontra todos os amigos
52	Muito agradável.	94	Amigos
53	Bonita, bem cuidada.	95	Ponto de referência... Café Aquário.
54	Fica perto das lojas.	96	Todos sabem que vão encontrar conhecidos
55	É central, tudo passa por aqui.	97	É costume.
56	Tranquilidade, tem sombra.	98	Lancheria, sorveteria
57	Tranquilidade.	99	É costume.
58	É ponto de encontro dos amigos para jogar xadrez.	100	É mais fácil
59	É agradável, perto do centro [lojas].	101	É rotina... é agradável
60	Amigos.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 14.2			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Não é um lugar que levaria um amigo, tem lugares mais interessantes em Pelotas que o calçadão.	65	Tem gente demais!!! Não dá vontade de parar pra conversar
02	Sem graça, sol, muvuca, não é harmônico, sem vegetação.	66	Muita gente, não dá vontade de sentar e ficar
03	Porque não conhece. Longe.	67	Não é bonito nem bem cuidado e é muito longe.
04	Não conhece. É longe	68	Inseguro.
08	É longe, não vai lá.	76	Falta lugar para comer...sentar.
09	Tem terra demais, é feio, precisa de mais verde.	78	Não tem nada pra fazer.
10	Muito movimentado, não dá vontade de sentar e conversar.	79	Muito movimento, não dá vontade de sentar.
11	Porque a praça atrai mais.	80	Não tem sombra.
12	Segurança, beleza e distância.	82	Não tem nada pra fazer lá, as vezes tem um show, mas é só isso.
17	Muita muvuca, não dá vontade de ficar conversando.	83	Não tem nada pra fazer.
23	É atirado, perigoso, não é agradável, não é muito arborizado, tem barulho.	84	Não tem nada, nem sombra.
24	Tem muita gente, muito movimento. Não dá pra sentar e conversar	85	Tem muito barulho.
27	É nojento!!!É sujo, desagradável e tem muita gente.	102	Não conhece.
28	Muito movimento, não tem onde sentar.	103	É feio e barulhento
31	É muito raro de ir.	104	É longe, não frequenta.
32	Não tem o que fazer no mercado.	105	Mais perigoso.
33	É só comércio.	106	Não vai muito lá.
34	Não é interessante.	107	Não frequenta, não chama a atenção... tem muito marginal, não costuma ir.
35	Tem fama de ser perigoso.	108	É isolado, falta policiamento, junta droga.
36	Muito longe.	109	Não frequenta
37	Não gosta, tem muita gente.	110	Não conhece
38	-	111	Fica longe
39	É comercial.	112	Não tem o que fazer lá.
40	É longe e falam que é perigoso.	113	Não dá vontade de ir, é ponto de drogas.
41	Porque é mais longe	114	É sem graça

42	Não vai ir no calçadão pra encontrar alguém.. amigos... vai numa loja, fazer alguma coisa e depois vai embora. Não atraindo pra passar um tempo...Embora nunca tenha ido no parque pra ficar conversando.	115	Só vem pra comprar, não fica muito tempo.
43	Não tem nada pra fazer, colocaram uns banquinhos lá mas nem sombra tem.	116	Nada pra fazer lá
44	Não tem onde sentar.	117	Não tem onde sentar... sombra...
45	Longe, perigoso e não é muito bonito.	118	É fora de mão ir lá, muito longe.
46	Não conhece mas tem fama de inseguro.	119	É muito longe, fora do caminho.
		120	É longe e feio.
		121	Aagitado demais. Nem dá vontade de parar.
		122	Não tem nada de interessante
		123	Perigoso e longe
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Só pra comprar.	61	Perigosa.
06	Porque fica longe.	62	Não gosta das pessoas que frequentam.
07	Pouco frequenta.	63	Porque não vai quase lá
13	É mal cuidado, falta manutenção.	64	-
14	É longe.	69	Só vai lá quando tem eventos.
15	Falta manutenção e tem maconheiros lá.	70	Porque não é segura.
16	É perigoso, longe e não é bonito	71	Não tem espaço
18	Não conhece. Fica afastado	72	Longe
19	Muito movimento, ruim pra sentar e conversar	73	É bonito mas é longe.
20	Não vai aos demais, tem dificuldade de caminhar.	74	Conhece pouco.
21	Recém está melhorando, mas é muito longe.	75	É perigoso.
22	Não tem fiscalização... guarda municipal.... falta segurança.	77	É perigoso e longe.
25	Pessoas distintas [desagradáveis], fica longe do trabalho.	81	Não é interessante para passar um tempo.
26	Muita gente, é perigoso.	86	Não vai lá.
29	Não vai quase lá.	87	Fica longe, não tem hábito de ir.
30	Fora do eixo central, fica longe.	88	Não vai lá.
47	Não sabe, é longe.	89	Pouco conhece.
48	Não vai nos outros.	90	Inseguro.
49	É distante.	91	Não tem segurança.
50	É perigoso lá, tem muito marginal.	92	Assaltos.
51	Não conhece os dois últimos.	93	Tem muito tempo que não vai lá, não tem atrativo e é mal cuidado.
52	Longe.	94	Abandonado.
53	Longe.	95	É ponto de drogados e vadios.
54	É perigoso	96	É perigoso, tem drogados e assaltantes
55	Tem vândalos.	97	Não tem costume de ir.
56	É perigoso.	98	É longe e inseguro
57	É perigoso.	99	Tem fama de assaltos e não tem atrativos.
58	Fica longe.	100	É muito longe
59	Não vai lá.	101	Não frequenta, só quando tem alguma coisa
60	Não tem costume.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 17.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Hábito, nada contra as outras, mas não tem costume. Próximo à Lobo da Costa.	65	É mais calmo, tem cinema.
02	Gramma, geralmente os amigos estão lá.	66	Tem sombra.
03	Da vista do chafariz e prédios ao redor do mercado.	67	Lancherias, lugar para sentar.
04	Pela extensão de grama, pelo grupo.	68	É mais calmo, tem potencial, faltam áreas de estar.
08	Mais calmo, gramado.	76	Lancherias na rua pra sentar
09	É calmo.	78	É mais calmo.
10	É mais atrativo.	79	Cafés.
11	Pelo agrupamento de pessoas.	80	Tem sombra.
12	Pela biblioteca.	82	É mais tranquilo, fica longe da muvuca.
17	É mais calmo.	83	É mais calmo.
23	Pessoas passando, chafariz, árvores, visual interessante.	84	Tem bancos e sombra.
24	Porque os amigos vêm aqui.	85	Lancherias, tem onde comer.
27	Tem sombra, é agradável... tranquilidade.	102	Tem bancos, espaço e é menos cheio.
28	Sombra.	103	Tem lancherias.... é mais calmo.
31	Mais gente da mesma idade.	104	Tem sombra e lancherias.
32	É o lugar que mais tem gente, tem mais segurança.	105	Mais movimento
33	Slackline e mais atividades. O pessoal faz música.	106	Não tem
34	Mais calmo.	107	-
35	Visão do casario.	108	É tranquilo, tem sombra.
36	Área verde.	109	Tem lancherias... sombra...
37	Tem movimento, é mais seguro.	110	É mais calmo
38	Só veio aqui.	111	Mais calmo.
39	É sossegado.	112	Tem espaço para skate
40	Tem gente, mas é mais calmo pra sentar na grama.	113	Não tem, é muito barulho pra sentar e conversar... talvez mais pro fim do calçadão
41	Porque é mais perto do mercado... parece que tem mais gente passando, dá sensação de segurança.	114	Qualquer uma
42	É onde pega mais sol... É mais perto do mercado	115	Lancherias... mesas... é melhor onde tem lugar pra sentar.
43	Dá pra fazer o que quiser, mais liberdade.	116	Milkshake... bancos...
44	Mais tranquilo.	117	É agradável.
45	Gramado é bom pra sentar. É a praia pelotense.	118	Não tem uma área melhor.
46	Vista bonita dos edifícios... mercado...	119	Acostumada a se encontrar aqui
		120	Chafariz é um ponto de referência.
		121	Tranquila
		122	Não tem, não é um lugar que dá vontade de ficar com um amigo.

		123	Lancherias
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	É bom, se sente bem.	61	Tem mais movimento e o supermercado.
06	Mais sombra.	62	Quando quer ficar sozinho, tem sombra.
07	Se sente bem.	63	Porque todos passam pelo chafariz.
13	Tem mais sombra.	64	Porque gosta daqui, ninguém incomoda.
14	Pela centralidade e fica perto do banheiro.	69	Porque é ponto de encontro.
15	Se sente bem.	70	Tem tudo, café também.
16	Mais sombra.	71	Chafariz
18	É costume.	72	É o "escritório", tem bancos.
19	Chafariz.	73	Onde se concentram os amigos mais antigos.
20	Mais próximo do prédio onde mora.	74	Cafés.
21	Movimento.	75	Café Ponto Chic.
22	Vista do chafariz.	77	Chafariz
25	Mais ar, amigos, não fica escondida.	81	Tem sombra e bancos, mas são desconfortáveis.
26	Pra não ficar muito escondido.	86	Shopping com as amigas.
29	Mais calmo.	87	Movimento, alegre, encontro.
30	Mais tranquilo, mais segurança.	88	Movimento.
47	É mais fácil	89	Café Ponto Chic.
48	Movimento	90	Lancherias.
49	Vista bonita.	91	Está sempre aqui.
50	É aberto, tem sombra.	92	Acostumado a ir no café Ponto Chic com amigos
51	Vista linda do chafariz.	93	É o escritório, tem orelhão, só falta banco c/ encosto.
52	Aberto, dá pra ver tudo.	94	Está sempre no escritório, tem bancos e telefone
53	Sombra, bancos.	95	Mais seguro
54	Descida do ônibus.	96	É o escritório dos guris aposentados
55	Descida do ônibus.	97	Nosso escritório
56	Tem movimento e bancos.	98	Tem lancherias e sombra
57	Tem movimento e bancos.	99	Amigos se encontram aqui.
58	Tem xadrez...tem bancos...	100	Tem sombra e bancos
59	Dá pra ver a praça toda	101	Tem tudo, dá pra comer.
60	Tem sombra.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 18.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Não há pior parte.	65	Muita gente
02	Depende do turno, a noite é perigoso.	66	Tem muita gente e não tem sombra.
03	Cada parte sem recantos.	67	Não tem sombra, é quente demais!!!
04	Por causa dos banheiros (perigoso).	68	Muito movimento, não tem onde comer.
08	Playground tem muito movimento.	76	Tem gente demais, não tem sombra e nem espaço para caminhar.
09	É mais escuro.	78	Tem gente demais, incomoda.
10	Tem muito movimento no playground.	79	Só lojas.
11	Não tem!!!	80	Pouca gente.
12	Pelo barulho do playground.	82	Tem muita gente perto do chafariz. Tem sol demais no calorão.
17	É pra criança.	83	Tem gente demais.
23	Escuro.	84	É mais comércio, correria.
24	Pelos banheiros. A área 02 é menos transitável.	85	Tem muita gente passando.
27	Não tem sombra	102	Não
28	Não tem sombra, muito calor.	103	Tem muita gente, correria... é mais comércio
31	Não é agradável.	104	Não tem sombra... os bancos estão sempre lotados.
32	Assaltos, insegurança.	105	Lugar meio morto, sem movimento
33	Banheiros, é perigoso.	106	Não tem
34	Tem muita sombra e pouca grama.	107	Correria
35	É perigoso.	108	É perto da praça, correria.
36	Área escura.	109	Muita gente
37	Não tem movimento.	110	Tem gente demais!!!
38	-	111	Não tem sombra.
39	Não tem.	112	Baita muvuca
40	Não tem o que fazer lá.	113	Muita gente... vendedores ambulantes atrapalham o caminho
41	Acha meio ruim, meio escuro, muito feio.	114	Não tem
42	Não tem grama pro cachorro brincar...só terra.	115	Muito movimento, quase não tem bancos.
43	É escuro, fechado, é ruim de ficar.	116	Gente demais
44	Inseguro.	117	Gente demais
45	Muitos assaltos ali e é escuro.	118	Tem cheiro de esgoto.
46	Não tem sol e é mais inseguro (ouviu falar de assaltos).	119	Não tem nada pra lá
		120	Não tem nada lá
		121	Mais agitada
		122	Área com mais movimento
		123	Não tem sombra e nem lugar nos bancos
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Não vai ali, banheiros.	61	Não tem gente.
06	Por falta de segurança.	62	Não tem.
07	Assaltos.	63	Porque tem pouco movimento.
13	É perigoso.	64	Não vai muito lá.
14	Não tem.	69	É um lugar afastado.
15	Não tem.	70	Não tem nada de agradável.
16	Não tem.	71	Não frequenta.
18	Não tem.	72	Não tem.

19	Não tem, até o banheiro é limpo.	73	Muito vento, no verão é bom mas no inverno é frio.
20	Não tem.	74	Não tem sombra
21	Não tem.	75	Não tem quase nada, nem água.
22	Não tem.	77	Não tem nada lá.
25	Homossexuais incomodam.	81	Não tem quase nada, dificilmente vai lá.
26	Gays.	86	Não tem.
29	Por causa dos banheiros, é perigoso.	87	Não teria.
30	Não é agradável	88	Não vai lá.
47	Área com muito sol.	89	Não tem.
48	Não tem	90	Não tem movimento.
49	Não tem sol.	91	Os amigos não aparecem muito lá.
50	Não tem sol.	92	Não tem.
51	Não conhece as outras.	93	Não tem.
52	Não tem ruim.	94	Não tem.
53	Não tem ruim.	95	Muito escuro.
54	Não tem.	96	Não tem movimento.
55	Não tem.	97	É mais para comprar, não tem o que fazer lá.
56	Não tem segurança.	98	Não tem
57	Muitos assaltos.	99	Não vai lá.
58	Não tem.	100	Não tem sombra
59	Banheiros, assaltos.	101	Não tem onde comer.
60	Não tem.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 19.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Vista, sombra.	65	É ponto de encontro.
02	Pessoas.	66	É mais calmo.
03	Proporciona encontro.	67	Não tem!!! Falta lugares interessantes e com bancos.
04	Por causa das pessoas.	68	É mais calmo, tem onde comer.
08	Vista do mercado e outros edifícios.	76	É mais calmo, tem mais espaço.
09	É ponto de encontro.	78	Comida
10	Gramma.	79	Lancherias ao ar livre.
11	É ponto de encontro.	80	Tem lancherias... gostam de sentar ao ar livre.
12	Gramma.	82	É mais tranquilo, tem menos barulho. "A gente nem se ouve mais pra lá" [início do calçadão].
17	Muitas atividades, livre pra slackline e piquenique cultural às vezes.	83	Tem espaço... andam de skate.
23	Visão da praça inteira.	84	É ponto de encontro.
24	Gramma.	85	Comer.
27	Gramma para sentar e comer.	102	Tem bancos.
28	Gramado.	103	Lancherias, bancos e sombra
31	É ponto de encontro.	104	Lancherias, bancos e sombra
32	Concentra mais jovens, é ponto de encontro.	105	Todo mundo conhece [chafariz]
33	Gramma e vista.	106	Na frente do mercado... skate.
34	Ponto de encontro.	107	Ponto de referência [chafariz], todos conhecem.
35	Vista edifícios	108	Mais fácil de achar [chafariz]
36	Área verde.	109	É mais calmo
37	Tem vários pontos de referência...mercado...	110	Sossegado
38	-	111	Mais calmo.
39	Tem espaço para atividades, é um ponto de circulação.	112	Tem espaço e é mais tranquilo.
40	Livre pra fazer qualquer coisa ali, sempre tem slackline, piquenique...	113	Sempre tem uns grupinhos [ponto de encontro]
41	Toda a praça é livre pra todo mundo. Talvez no chafariz porque dá pra sentar. As pessoas geralmente sentam na volta do chafariz ou nos bancos que têm na volta. É bonito também... pela beleza. O pessoal senta na grama também	114	Fica mais perto do colégio
42	É onde os jovens se concentram. Mas se tá todo mundo lá... o pessoal vai pra lá também...	115	Espaço.
43	Tem sol.	116	Qualquer um
44	Tem liberdade pras atividades que quiser	117	Mais agradável
45	É a liberdade, ocupa como quer, faz o que quer.	118	Turmas de escola.
46	É aberto, dá pra vir de galera.	119	Chafariz
		120	Chafariz
		121	Tranquila
		122	Não tem. Faltam lugares para sentar interessantes
		123	Tem espaço pra skate
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Jovens sempre estão ali.	61	É ponto de encontro, próximo do sex shop.
06	Acha que é um ponto de encontro.	62	É questão de gosto, é ponto de encontro.
07	Bem localizado.	63	Porque muitas pessoas passam aqui.
13	Gramado.	64	Vê mais movimento.
14	Se reúnem na grama para tomar mate.	69	É mais espaçoso. Dá pra andar de patins
15	É ponto de encontro para patins.	70	Se reúnem mais lá
16	Ponto de encontro, jovens andam de patins muito rápido, é perigoso para os mais velhos.	71	Vende sucos
18	Não sabe.	72	Andam de skate, tem espaço
19	Gramma.	73	Costume, tem lojas de jovens.
20	Esportes.	74	Sorveterias
21	Tem espaço, podem patinar.	75	Bares na rua.
22	Liberdade para sentar no chão	77	Sempre tem jovem lá.
25	Praticam slackline com liberdade, pessoas de escola.	81	Chafariz
26	Se encontram ali.	86	Praça e shopping... vê muitos jovens nestes locais.
29	É mais calmo, sossegado, os jovens são bem educados.	87	Não sabe.
30	Por causa da passagem.	88	Não tem.
47	É bom	89	Frente das lojas.

48	Não tem movimento, podem se esconder.	90	Dá pra sentar pra comer.
49	Podem sentar no chafariz e nos bancos, é bonito.	91	É local de encontro.
50	Se deitam na grama.	92	Reunião.
51	É o centro de tudo, todo mundo vem pra cá.	93	Não tem.
52	Tem mais espaço.	94	Não tem.
53	Movimento.	95	Tem bastante movimento
54	Grama.	96	Lancherias
55	Grama.	97	Ponto de encontro
56	Se juntam ali.	98	Todas as áreas
57	Sempre estão lá.	99	Todas as áreas
58	É ponto de encontro.	100	Não tem.
59	Tem bancos e sombra.	101	Não tem.
60	Ponto de encontro.		
RESPOSTAS DA PERGUNTA 20.1			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Idoso não senta no chão. Não sabe. Onde tem bancos e sombra.	65	Café Aquário.
02	Gostam de olhar o chafariz, mas também gostam do xadrez.	66	Tem bancos e sombra.
03	Qualquer lugar com bancos.	67	Não tem também!!! Mas a Sete de Setembro é ponto de encontro.
04	Pelos bancos	68	Tem bancos e sombra, mas são insuficientes.
08	Tem mais bancos.	76	Cafés, bancos e sombra.
09	Porque tem xadrez.	78	Comida.
10	Xadrez.	79	Tem bancos e cafés.
11	É ponto de encontro.	80	Cafés bons.
12	Xadrez.	82	Café Aquário, estão sempre ali.
17	Tem bancos.	83	Cafés.
23	Legal a troca de idades, reúne todo mundo.	84	Cafés.
24	Xadrez, atividade pré-determinada.	85	Comer.
27	Tem bancos.	102	Tem bancos.
28	Sempre vê eles lá, tem cara de vô.	103	Cafés.
31	Xadrez.	104	Se encontram aqui.
32	Xadrez.	105	Sempre tem idoso lá
33	Tem mais movimento pra ver.	106	Nos bancos
34	Bancos.	107	Bancos
35	Damas e bancos.	108	Todos os lugares têm idosos.
36	Jogos	109	No café Aquário, estão sempre lá.
37	Bancos, ficam sentados no sol.	110	É ponto de encontro
38	-	111	É ponto de encontro.
39	Xadrez.	112	Em todos os lugares.
40	Tem bancos e mais movimento.	113	Ficam na volta dos cafés.
41	Estão sempre onde tem mesa de xadrez e dama... jogando.	114	Sempre estão ali.
42	Geralmente são os homens idosos que jogam [xadrez], não é geral. É um ponto de encontro mas não pra todos. Melhor é qualquer lugar com bancos.	115	Todos os lugares são bons.
43	Nos bancos sempre tem um idoso ali.	116	Qualquer um
44	Tem bancos.	117	Chafariz
45	Tem bancos, sombra e movimento pra olhar.	118	Café Aquário.
46	Bancos, sempre tem um ou outro idoso sentado ali.	119	Bancos
		120	Qualquer lugar com bancos
		121	Tranquila
		122	Não tem, é desconfortável para idosos
		123	Tem bancos e lancherias
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Jogar xadrez.	61	Movimento.
06	Sombra e é mais calmo.	62	Tem sombra.
07	Bancos, idosos sempre estão aqui.	63	Porque encontram muitos conhecidos.
13	Tem mais bancos, é mais confortável porque sempre tem idoso ali.	64	Porque está sempre lotado [movimento]
14	Xadrez.	69	Tem movimento mas pouco trânsito.
15	É mais seguro.	70	Vê o movimento e é ponto de encontro.
16	Seguro.	71	Sorveteria.
18	Na sombra.	72	Tem tudo... café...lojas... restaurantes.
19	Jogos.	73	Tem lugar pra sentar ao ar livre.
20	Tem idosos em todas as áreas.	74	Cafés.
21	Movimento.	75	Sombra das árvores.
22	Bancos (desconfortáveis) e árvores.	77	Café Aquário, "sempre cheio de velhos".
25	Pessoas conhecidas.	81	Tem sombra e bancos.
26	Muitos conhecidos.	86	Movimento.
29	Mais calmo.	87	Tudo igual.
30	Tranquilidade, segurança.	88	É tudo junto.
47	É bom.	89	Lojas.
48	Pra qualquer lado.	90	Café Aquário.
49	Movimento para ver.	91	É local de encontro.
50	É bom pra olhar o movimento.	92	Não tem.
51	É agradável.	93	Qualquer lugar
52	Dá pra sentar nos bancos pra ver o movimento.	94	Todos
53	Sentar nos bancos pra ver o movimento.	95	Tem segurança.
54	Sempre estão ali.	96	É costume, ponto de encontro.
55	Sempre tem idosos.	97	É costume, ponto de encontro.
56	Tem bancos, sombra.	98	Todas
57	Tem bancos e espaços com sombra.	99	Tudo igual
58	Xadrez.	100	Não tem.
59	Tem bancos e sombra.	101	Não tem.
60	Tem bancos.		

RESPOSTAS DA PERGUNTA 26			
Nº	PRAÇA JOVENS	Nº	CALÇADÃO JOVENS
01	Tranquilidade.	65	Comércio.
02	Socialização.	66	Barulhento.
03	Lazer.	67	Sem graça.
04	Conveniente.	68	Tem potencial.
08	Refúgio.	69	Quente demais!!! Falta sombra... a vegetação é pouca e feia.
09	Tranquilidade.	78	Muvuca.
10	Tranquilidade.	79	Diversidade.
11	Tranquilidade.	80	Vida... tudo acontece aqui e todo mundo vem.
12	Tranquilidade.	82	Barulho... dá nos nervos.
17	Diversidade	83	Amigos.
23	Agradável.	84	Amigos.
24	Positividade.	85	Lazer.
27	Paz.	102	Lojas.
28	Tranquilidade.	103	Ponto de referência
31	Distração.	104	Comércio
32	Natureza.	105	Amigos
33	Tranquilidade	106	Compras
34	Refúgio.	107	Correria
35	Tranquilidade	108	Correria
36	Liberdade.	109	Correria
37	Lazer	110	Importante pra cidade
38	Encontro	111	Comércio
39	Sossego.	112	Amigos
40	Refúgio.	113	Pra comprar, passear.
41	Passeio	114	Bom
42	Rotina	115	Bom
43	Liberdade	116	Legal
44	Sossego	117	Ambiente agradável
45	Diversidade	118	Coração da cidade. Tudo acontece no centro.
46	Liberdade	119	Lojas
		120	Movimento
		121	Trabalho
		122	Espaço comercial
		123	Movimento
Nº	PRAÇA IDOSOS	Nº	CALÇADÃO IDOSOS
05	Linda.	61	Ótimo
06	Paz.	62	Faz parte da minha vida.
07	Boa.	63	Distração.
13	Lazer.	64	Se sente bem, é agradável.
14	Tranquilidade.	69	Agradável.
15	Tranquilidade.	70	Local bom, agradável.
16	Tranquilidade.	71	Muito ruim
18	Descanso.	72	Relaxamento, sensação de trabalho cumprido.
19	Harmonia, paz.	73	Distração.
20	Lazer, oportunidade de olhar o movimento.	74	Convivência.
21	Faz parte da nossa Pelotas.	75	Distração.
22	Paz e tranquilidade.	77	Cara de Pelotas, é nosso.
25	Representa Pelotas, pertence a nós.	81	Distração.
26	Pertence a nós.	86	Carinho
29	Ótima.	87	Tudo de bom.
30	Descanso	88	Não tem coisa melhor.
47	Boa.	89	Carinho.
48	Movimento, agradável.	90	Vida!
49	Distração	91	Primeiro pensamento do dia
50	Encontro. O redondo da praça nos carnavais.	92	Muito bom
51	História, cultura.	93	Nossa vida
52	Sossego.	94	Nosso meio de vida
53	Distração.	95	Ponto de encontro.
54	Linda, maravilhosa.	96	Nosso escritório
55	Precisa de mais cuidado.	97	Cotidiano
56	Paz.	98	Amigas
57	Convivência.	99	Encontro, distração.
58	Amizade.	100	Vida
59	Coração da cidade.	101	Alegria
60	Refúgio.		

Apêndice E – Tabela resumo das transcrições (JF = Jovem, sexo feminino; JM = Jovem, sexo masculino; IF = Idosa; IM= Idoso) e análise dos discursos dos respondentes

	PRAÇA							CALÇADÃO								
Ques- tão	22 IF	38 JF	39 JM	41 JM	42 JM	47 IF	48 IF	87 IF	88 IF	92 IM	93 IM	94 IM	107 JF	108 JM	114 JF	121 JF
2											Todos os dias. <u>Aqui é o nosso escritório. É o escritório dos guris</u>			(...) todos os dias porque <u>eu estudo ali</u> no Objetivo.		
5.1		<u>Acompanhada por amigo.</u>	<u>Acompanhado por amigos.</u>	<u>moro com a minha irmã e com a minha mãe</u> (...) a gente vem tomar um mate (...)	(...) sempre com o cachorro. <u>Às vezes venho acompanhado</u> também, depende (...)	Cuidadora	venho acompanhada com a minha filha...	<u>Se encontra aqui.</u>	(...) a gente <u>vêm sozinha e se encontra</u> (...) aqui com elas.	<u>Sozinho, só. Venho encontrar os amigos aqui.</u>	moro sozinho. <u>Venho encontrar os amigos aqui.</u> Quase todo mundo aqui é sozinho,(...) viúvo.		eu venho porque eu tenho que ajudar minha vó, né.	Porque é o horário de colégio.	minha <u>mãe</u> , (...) sozinha, (...) com meu <u>namorado</u> .	Porque eu venho a trabalho.
8			(...) <u>são mais experientes...</u>	Entre os jovens e os idosos dá pra fazer uma <u>troca de geração</u> (...) cada um nasceu (...) num período. Cada um tem (...) seu modo de pensar.	Acho que <u>troca de experiência</u> entre qualquer idade (...) é bom.		As pessoas idosas têm que ter uma <u>união</u> com as outras pessoas, né? Mas (...) tem gente velha que não gosta de ser velha [risos]		(...) a gente conhece <u>pessoas diferentes</u> , né.	(...) eu prefiro sempre conversar com os mais jovens. <u>A gente, apesar da idade, sempre vai aprendendo</u> alguma coisa. Com esse velho aqui o que eu posso aprender (...) ? Nada!	Pra minha idade é muito! (...) <u>senão a pessoa pára no tempo</u> e o alemão pega. Conhece o alemão? Alzheimer. Se fica em casa parado, vendo novela, o alemão pega!					
9			<u>depende da pessoa.</u> Se tiver ideias legais, uma conversa boa, depende do lugar também.						(...) as pessoas que tão sempre aqui no nosso dia a dia (...) <u>a gente já tá acostumada...</u>							
10					<u>Aqui tem tudo...</u> aqui em Pelotas tem...tem muita coisa...	Sim, me sinto bem...	<u>Os novos faz pouco caso [sic] (...) das pessoas idosas</u> (...) debocham (...) me tratam muito bem (...) Mas aí eu vejo gente que (...) até com os parentes são..		Não, aqui pra nós...aqui é melhor...assim... Aqui tá bom... <u>Jovens já (...) pensam diferente de que eu</u> [sic], não vai dar certo [risos]	<u>Eu convivo muito com os jovens</u> (..) eu sou bugueiro, participo de uma confraria de bugues (...) eu me divirto. Sempre com os jovens! A minha convivência é com os jovens.						
10.1				(...) não vejo muitos (...) <u>é mais raro</u> (...) acho que... poderia ser mais...	(...) <u>depende da disponibilidade de coisas pra fazer</u>		Eu sempre né, vivo né.. sempre no meio dos idosos.		Ah não... da minha idade até sim, né!	(...) não faço diferença. Tem uma (...) com jovens, sempre aprendo.	Ahhh, com os idosos sim! Totalmente! Com os jovens não dá certo.		Ahhh... eu gosto... muito dos idosos.			
11							Eu... gosto muito de caminhar na praça... Eu gosto de caminhar em tudo aí...	<u>Caminho de manhã</u> e à tarde venho pra cá.	<u>De manhã eu dou uma caminhadinha</u> e de tarde eu venho pra cá. Sou aposentada, não faço nada, mesmo.	<u>Na praia, as 7 horas da manhã eu tô caminhando. Faço 4 quilômetros.</u>	Menos do que eu precisaria.		Eu caminho bastante.	<u>ultimamente eu tô bem sedentário. Depois que eu peguei moto</u> (...) parei de caminhar.		
11.1							Não porque a minha idade... [risos]		(...) caminho porque sou obrigada, mas esporte já é pedir demais (...) sentar aqui é melhor.	(...) hoje eu parei com tudo. Fiz ciclismo, fiz é... fiz remo, ciclismo. Fiz luta livre... agora já não.		Eu pratico bastante esporte [escola]	Eu gosto de esportes (...) Eu pratico <u>nos espaços privados</u> .			Eu não faço...
11.2				<u>Não é o intuito com que eu saio de casa</u> , mas...			A gente <u>vê o movimento... se distrai</u> um pouco..né!	Ah, eu gosto... <u>o astral daqui é muito bom...</u>					É importante. Ver gente diferente.	As vezes é bom... é bom...tipo relaxar assim...	<u>pouco importante [risos]</u>	<u>Não... [risos] Pode botar... indiferent e...</u>
11.3			(...) as pessoas vêm pra rua			Sempre gosto.	As vezes eu venho (...) porque eu dependo da(...)filha né	Agora mesmo teve <u>concerto</u> aqui... Nossa! Lindo!	Ah... Natal... essas coisas assim eu gosto.	É o encontro, reunir a família.	Feira do livro sim, o Natal não.				Eu vou... tenho filho pequeno...	
11.4					<u>Não precisa</u> , quando a gente vai socializar, <u>dos espaços públicos</u> .		Eu gosto de conversar com as pessoas...	É bom, <u>senão a gente fica em casa só...</u> Pra distrair...		Ahhh, <u>encontrar esse monte de velho</u> aqui falando da vida	Adoro o mercado! O mercado é um paraíso! Sempre tem <u>atividade musical</u> lá.					
12			<u>Ver o pessoal, conversar... passar o tempo...</u>			<u>Caminhar</u> um pouco...	Eu me sento aqui (...) tem pessoas que se senta do meu lado, <u>puxa conversa</u> . Eu <u>venho pra receber</u> .	<u>Conversar com os amigos...</u>	Ahh... <u>jogar conversa fora</u> . Só isso... jogar conversa fora. Coisa boa... [risos]	<u>Ver o movimento da cidade</u> , se tá tudo certo no comércio, se tá funcionando tudo bem, arrumadinho...	<u>Encontrar os amigos</u> , né! Ver se eles estão vivos ainda.		<u>Conversar e pagar conta, e fazer correria</u> [risos]	O meu é <u>conversar, distrair...</u>	<u>Passar o tempo, fazer compras, eu trabalho</u> aqui perto também.	Eu venho pra <u>trabalhar..</u> .
13		Tem <u>ciclofaixa</u> aqui?		<u>skate</u> (...) a pista aqui (...) é precária (...) eu andava aqui na praça ou (...) nos correios. Só que tão sempre correndo a gente. (...) a da Bento é (...) perigoso (...).			Pra mim não falta nada (...) <u>gosto de ver o movimento das pessoas</u> (...) me sento aqui... as vezes as pessoas vêm e falam comigo...né...	Gosto mais de <u>conversar...</u>	<u>Trabalhar na rua</u> , se eu pudesse (...) eu adoro trabalhar na rua! Não... não... de lazer não tem nada.	hoje eu não tenho mais condições (...) Eu acho que isso aí é realmente uma preocupação com meus filhos e netos e bisneto. <u>Pra mim não</u> .	<u>Teatro... e música!</u> Pra mim música é essencial! O Festival de música do SESC... Pelotense não tem noção do que ele tem aqui.	As coisas que tinha antigamente. <u>Teatro...</u>	falta bastante coisas (..) geralmente, o pessoal bota alguma coisa (...) vem fiscal (...) e <u>corre</u> (...).	(...) <u>coisa pra todo mundo ir é (...) Natal ou feira</u> do livro... não tem muita coisa.	Não faço nem ideia... [risos] Nunca pensei...	

	22 IF	38 JF	39 JM	41 JM	42 JM	47 IF	48 IF	87 IF	88 IF	92 IM	93 IM	94 IM	107 JF	108 JM	114 JF	121 JF
14.1			[praça] tem um espaço legal (...) as pessoas são... legais...	[praça] por causa da proximidade (...) eu acho bonita também. Um lugar que parece que é calmo.	[praça] Tá mais na minha rotina .	[praça] Aqui é pertinho ...	[praça] Aqui tem muito movimento pra gente ver [risos]	Todo dia a gente vai. [calçadão] (...) eu vou muito ali, quando tem a música no mercado. (...) Ali [praça] tem a feira do livro (...) Porque eu gosto dali. Tem música .	Aqui (...) a gente vem (...) o largo do mercado também (...) Quando tem a feira do livro a gente vai lá, mas não frequenta. (...) aqui é bom, a gente se distrai (...) eu dou um pulinho no centro,(...) a primeira coisa aqui é o calçadão (...) ver o movimento .	Aqui eu encontro meus amigos . Na praça é diferente o pessoal. Pouco movimento.	Aqui a gente encontra todo mundo. A esquina 22... [calçadão] Tem várias turmas também, né? Vários horários. (...) Depois das cinco e meia vai chegando a turma do Brasil. Só dá eles!	Tradicional ponto de encontro dos amigos. Jovens e idosos...	mais natureza e mais gente conversando, não é muita correria como é aqui.	é mais movimentado , tem menos assalto, mais seguro .	é que eu não vou muito agora né, porque tem meu filho (...) no tempo que eu estudava aqui perto, aí a gente ia direto pra lá [praça]	Ahhh... porque eu acho que é um local mais tranquilo . né?
14.2	(...) não há uma fiscalização , (...) a guarda municipal, ela não é (...) tão atuante (...) de cobrar também do povo higiene do (...) calçadão.		[calçadão] É um espaço mais comercial ... mais pontual...assim...	[parque] é mais longe	não vou ir no calçadão pra encontrar (...) amigos (...) eu vou numa loja, fazer alguma coisa e depois vou embora. (...) não atrai pra (...) passar um tempo...		Olha, eu... agora vou dizer que não gosto de nenhum [risos]	Muito longe [parque], não tenho o hábito de ir lá. É bom quando tinha desfile de... Sete de Setembro		Eu tenho medo de ser assaltado lá [praça] (...) Até durante o dia é perigoso	Ahhh, tem muito tempo que não vou lá. Não tem atrativo nenhum, né? Até o ambiente lá é meio pesado .	Tá muito abandonado .	 muito marginal , eu acho. Os guris vão pra lá pra fumar.	isolado do (...) policiamento (...) junta muito vagabundo (...) fumando. (...) Aqui é(...) movimentado, é mais difícil ter um assalto.	É sem graça [risos]	Porque é um lugar mais agitado .
15							pra minha idade não gosto (..) gostei muito									
16			procuro geralmente pessoas da minha idade , mas não é uma coisa que me incomoda.		Depende... se fica meio louco... as crianças... pode incomodar... Mas (...) isso aconteceu uma vez (...)	Não existe...	Gosto muito dali onde tá as crianças. As vezes eu páro pra ver.				o pessoal se separa por camadas (...) o jovem não se sente bem com a gente e eu não me sinto bem com eles, então a gente se aparta (...) Naturalmente.					
17.1	[01] essa nossa maravilha ali de arquitetura (...) eu que nunca viajei pro exterior (...) Parece (...) lugar (...) de cartão postal.	[09] Eu só vim aqui	[09] É sossegado	[03] mais perto do mercado(...) tem mais gente passando (...) dá uma sensação de segurança.	[03 e 06] é onde pega mais sol (...) É mais perto do mercado ali...	[07] eu acho fácil.	Ahhh... tem bastante movimento pra gente ver ... passa um e cumprimenta a gente...	[01] Quando não tem sol nós viemos pra cá. Vê pessoas que a gente não via tanto tempo aqui.	[01] mais movimentado (...) Alegria bastante (...) em casa, tô louca pra passar o tempo(...) gente que a gente (...) não vê há muito (...) eu arrumei um monte de amigas só aqui (...) se encontra aqui todos os dias.	[03] Aqui que a gente passa a tarde mentindo um pro outro (...) a gente já tá acostumado, se encontra aqui. É mais fácil, já sabe o paradeiro dos amigos . Lá na praça (...) ninguém me conhece.	No escritório tem orelhão... só tem que botar uns bancos com encosto . Se não a gente fica corcunda. Se fica muito tempo aqui... bahl Não tem lugar pra se escorar.		[05] Não... é mais tranquilo e tem sombra. Já é o finalzinho, então não é tão... [movimentado]			Talvez essa daqui [área 06] que é mais tranquila . acho...
18.1	(...) atirada (...) só dão uma cuidadinha (...) quando tem um evento (...)		[não tem] Pra lá eu não vou muito ... Mas é bom também...	[05] Acho meio ruim, meio escuro . Acho muito feio também...	[05] não tem grama lá (...) Pro cachorro brincar (...) lá é... só terra.		eu só não venho de noite (...) de noite, eu gostava muito no tempo (...) do redondo (...) de antigamente .		(...) não tem muito o que fazer (...) quando eu vou comprar alguma coisa que eu vou até o fim mas é só até comprar .	Qualquer ponto é bom. Sempre encontro alguém conhecido . E já batemos um papo.				[01] A ponta lá da faixa lá. Ahhh, é perto da praça! Aí a correria acontece toda lá.		[01] perto do Nacional (...) lá é mais agitado ...
19.1	[02] amam aquilo lá (...) por causa da grama e também mais liberdade (...) sentar no chão (...) a natureza...		[05] no círculo ali [esplanada] tem espaço ali (...) é um ponto de circulação...	[01] geralmente sentam ali na volta do chafariz ou (...) nos bancos (...) acho que é bonito também (...) o pessoal senta na grama ...	[02] é onde geralmente os jovens se concentram . Mas se tá todo mundo lá... o pessoal vai pra lá também...	[07] Porque eu acho bom...	Aqui eles gostam de se esconder mais... (...) onde não tenha movimento [risos]	Aqui no mercado e na praça ali.	Não tem, agora... [risos], agora não tem.	nessa esquina (...) do chafariz (...) lutas de qualquer natureza, política (...) a reunião é sempre ali. Eles andam toda hora ali.			O chafariz ali... do... calçadão. Porque ali é um ponto de referência . Fala no chafariz do calçadão, todo mundo já sabe.	Mais fácil de achar .	Tá mais perto do colégio [risos]	tem jovem que não respeita (...) é melhor não vim (...) se é pra incomodar
20.1	[01] os bancos são muito desconfortáveis (...) pra coluna (...) Esses encostos (...) ficam pra trás. Te dói (...) jovem nem nota (...) mas a pessoa mais idosa (...) muito gorda (...) tem que fazer isso (...) mais coisas pros idosos fazerem (...) música (...) Não é só em eventos (...)		[04] Tem mais idosos ali no xadrez	[04] Eu vejo eles sempre lá onde tem mesa de xadrez e dama ... eles tão jogando lá...	(...) os homens idosos que fazem isso (...) É um ponto de encontro (...) mais do que de ser idosos (...) acho que é um grupo de pessoas fechado... não é idosos geral... (...) acho que é nos bancos ... em qualquer lugar (...) é raro ver um idoso pegar uma toalha e sentar na grama.		(...)os idosos qualquer lado tá bom! [risos]		Não tem isso, pra nós é tudo igual. Aqui é idosos, é mais velho e mais novos... os idosos, eles adoram tá aqui, pra ver o movimento , né.	Todos eles se sentem bem aqui em qualquer ponto do calçadão.	Pros idosos qualquer lugar tá bom.[risos] Pros jovens não tem atrativo aqui, jovem não conversa.	Veja bem, eu sou jovem, desde 1940.	Ahhh... eu não... não tem uma área... Geralmente eles estão sempre aqui... nesses quadrados... Por causa dos bancos... é o único lugar que tem pra sentar .	Nos quadrados aqui [risos] É, assim... todos os lugares que tu passar, sempre tem idoso sentado aqui conversando.	(...) eles tão sempre ali... é área de encontro ali.	Ahhh... eu... acho que é aqui também... mais tranquilo, mas eles gostam de tá no moviment o...
21.	somente nas datas comemorativas (...) E (...) não é muito divulgada .							Pra cá não tem mais nada. É só ali no mercado (...) Tem música boa...	Aqui não tem... Só ali a sorveteria (...) no mercado tem música ...	Não tem o que fazer. Deveria ter alguma coisa aí (...) Ter uma musiquinha (...) não sei.	Não tem lazer aqui, aqui é só conversa . Nós não somos muito exigentes.		Podia ter alguma coisa diferente, no centro, não precisava ser (...) no calçadão.	Podia ter uns bancos aqui...		não tem o que fazer , aqui no calçadão...

	22 IF	38 JF	39 JM	41 JM	42 JM	47 IF	48 IF	87 IF	88 IF	92 IM	93 IM	94 IM	107 JF	108 JM	114 JF	121 JF
22	(...) tá muito a desejar, principalmente nos banheiros , né...	Não que tenha sinalizaçã o... isso aqui é aberto ...	Não tem muita sinalização... mas (...) é bem evidente (...) O chafariz central ...	E bem amplo ... eu tô muito satisfeito. Eu gosto daqui...							Olha, eu simplesmente, conheço palmo a palmo tudo aqui.		É... sem se sentir perdida sim. No máximo a gente só se dá de frente com outra pessoa .			
22.1	mais banheiros (...) com acessibilidade pras pessoas de... de mais idade (...) Mais iluminados, (...) claros (...) higiênicos...		Meio ruim (...) não é das melhores condições ...		Eu nunca vou no banheiro aqui. Se tiver que ir (...) eu vou no mercado . Como eu moro perto, então eu vou em casa .	É pertinho... [de casa]	(...) aí eu não vou no banheiro (...) As vezes tem até que ir em casa [risos]	(...) não tem . Banheiro aqui é difícil.	(...)a gente pede. O único lugar que (...) pode ir é no supermercado (...) é no mercado (...) e lá na Renner . O resto só pagando pra ir.	Não... aqui... vou no café .	Mas zero! Só tem o do Aquário e o Ponto Chic . E só! Ponto Chic e mais nada. É! Público não tem nada. Só no mercado.	As vezes no Otto .	Não tem nada! Tem que pagar também... Ali é muito sujo, não tem como.	Não tem. E os que tem, podre . Eu fui uma vez ali naquele da praça e quase morri.	Na verdade só tem, aqui perto acho que só ali na praça, né?	Não vai né...
23.1	Confortável ela não é porque eu falei dos bancos ... (...) não há um reflorestamento aqui, isso aqui tem árvores muito, muito, muito antigas. Há pouco tempo caiu uma ali.		mais bancos talvez, mas (...) eu me sinto confortável.	Eu fico(...)preocupado com segurança, tira um pouco do conforto (...) por ser um lugar bonito e tem geralmente bastante gente circulando ... acho que eu me sinto confortável.					é... confortável... a gente chega, se senta . Não tem melhor que esse [banco] [risos]. Se tivesse outro bom a gente, gostaria. Deveria de ter uma sombrinha .			É muito duro (...) É um horror. Esses assentos (...) não tenham essa divisão. Tu senta entre uma trave e outra, corta a circulação (...) pisa (...) o fêmur.			(...) não que não dê pra aguentar... ficou muito melhor depois que fizeram... mesmo que tenha bastante crítica (...).	
25	(...) de noite (...) a gente não passa aqui. Agora tá tendo o Natal mas (...) é muito mal iluminada (...) eles roubam as lâmpadas , tu bota num dia e no outro dia não tem mais nada.		Eu já sofri tentativa de assalto aqui (...) anoitecendo (..) mas geralmente eu me sinto seguro, tirando esse episódio.			[inaudível] com os...os... oportunis tas aí...			Tá muito bom. Graças a Deus nunca aconteceu nada .		Aqui tem segurança particular . Tem dois ou três aí. A gente já conhece. Da lotérica, eles estão aí.					Satisfeita.. por enquanto .
25.1		Eu acho que...não convém [risos]	Eu sinto essa sensação								Sou meio dono disso aqui . As vezes eu corro cara aqui. Tava sentado no meu lugar.					
25.2	Atividade não tem nenhuma... Pra idosos não tem...			sentar pra tocar violão ou sentar no banco aqui...						A troca de ideias aqui... conversa com um (...) com outro.	A gente é que cria . Conversa (...) não tem atividade aqui.					
25.3	Não tem aparelhos pra tu fazer...		Essas pedrinhas aqui pra cadeirante (...) é bem organizado (...) o espaço.	Eu nunca reparei, mas (...) ali tem uma descida , ali, né? Que é importante... mas eu acho que essa coisa do... do piso tátil seria importante.	é plana , não tem (...) aquele negócio pros cegos no chão . Não sei se tem na volta... tem ali pra atravessar a rua. Aqui dentro não tem.			Tem espaço, mas é muito movimento .	(...) Aqui, cadeirante deve ser difícil mesmo (...) é um movimento só. (...) Teria que ter um lugar só pra eles.	Aqui não tem problema nenhum... aqui é tudo plano . Não tem dificuldade não. É normal.	aqui a gente não sente. Mas as calçadas, são horrível (...) existe a lei (...) é só notificar o proprietário, se não arrumar, multa. Ou então a prefeitura manda arrumar e cobra.	A acessibilidade é muito restrita.		Não é ahhh... maravilhoso mas também não é ruim.	tem muito moviment o , as pessoas acabam se atropeland o...	
25.4	Não... isso aí a gente até tem, né...			O brasileiro acho que não costuma muito fazer isso.	Não é meu intuito (...) Conhecer pessoas novas não vou.											
26	(...) sensação de... paz... tranquilidade ... Tu senta... é uma paz...	eu imagino as pessoas se encontran do aqui.	O que me vem na cabeça de cara é sossego ...	Ãããã... passeio?	Rotina ...	Boa .		Pra mim é tudo de bom (...) se tá em casa tá só trabalhando (...) a gente precisa se distrair .			É a nossa vida. Fora daqui nós não existimos . (...) passa dois dias sem vir, reclama(...) é os amigos que se encontram.	É o nosso meio de vida , vamos dizer assim. É horrível ficar sem vir.	Correria? [risos] Correria eu acho. Tranquilidade não tem nada a ver, não tem muito.	Bom	Ahhh... trabalho!	
27				Quem sou eu pra julgar essas pessoas.						É muito bom. Tem todo tipo de gente aqui .		Tem gente de todo tipo aqui . (...) são aposentados, intelectuais (...) Negociantes (...) uma gama de pessoas que faz a localidade.				
27.1	Até agora... tu vê... tu viu algum?	Eu não vi muito...	Costumo ver aqui ...	Tem dois brigadianos ali , mas...	Não sei, no passado era, não sei como tá agora.			quando eles tão vendendo aqui que aparece (...) senão não tem ninguém (...)aqui assaltaram	Ahhh, zero à esquerda. (...) Lá que a gente encontra um que outro , de vez em quando.					Era pra ter mais aqui.		
27.2	Não tem nenhuma... se tivesse um abrigo , né...	Da chuva não tem...	Tem sombra só, da chuva acho que não.	Os bancos estão (...) enferrujados (...) no sentido (...) dos lugares estarem protegidos da chuva...	é uma praça, se tu botar coisa pra proteger da chuva vai perder o propósito.	Sai depressa pra casa...		(...) com esse tempo aí nem dá, o sol aperta, quando chove ...		Tava caindo uns pingos ainda há pouco ...	Zero! [inaudível] A gente pára aqui porque é obrigado. Agora estão obrigando a tirar as marquises .	Eu sempre carrego uma capa plástica .		Só esses prédios e algumas árvores, aí tem que ficar te mexendo conforme (...)o sol.		
27.3	(...) quando chove , isso aqui é muito desnivelado.	Eu acho bem limpa...												choveu aí, o que criou de poça de água (...) poderiam ter feito um (...) escoamento melhor		

	22 IF	38 JF	39 JM	41 JM	42 JM	47 IF	48 IF	87 IF	88 IF	92 IM	93 IM	94 IM	107 JF	108 JM	114 JF	121 JF
27.4	(...) é precária (...) porque eles <u>roubam</u> .	Tu foi quase assaltado de noite,	(...) agora tem essas luzinhas de Natal . No meio do ano não acho tão iluminado assim.	É, de noite eu não venho muito.	É boa só que eles geralmente <u>roubam</u> as lâmpadas, então não fica boa.				Tá boa, apesar de que eu não fico até tarde, mas eu acho que o espaço aqui é bem iluminado.	Eu não venho aqui de noite, então não sei como é que é.	Péssima. Eu não venho de noite mas em todo o caso...			Ahhh... eu não venho aqui de noite, então te devo.	Ai... de noite eu nem venho muito aqui.	
27.5	<u>principalmente entre os jovens</u> a gente vê bastante...								É pouco mas sempre tem. Sempre estão ali tocando...		<u>Tem tudo que é tipo de gente</u> .			Não tem diversidade, só pessoas passando.	<u>tem tudo que é tipo de gente</u> .	
27.6	Antes eu... trazia a marmitex (...)		Comida, tem pipoca , na praça tu não tem tanta opção.		É um bom lugar.			(...) só come num restaurante (...) Pra mim falta coisa.	tem aqui, <u>ou então sai daqui</u> e vai pra outro lugar.							
27.7			O <u>espaço</u> aqui é bom. <u>Se tu trouxer coisas é divertido</u> .									Não tem coisa nenhuma aqui.	A não ser entrar nas lojas pra ver as coisas		tem bastante <u>espaço</u>	
27.8	é só tu querer (...) ser sociável, né... Aquela pracinha (...) tá muito (...) pobre também.							Ahhh, aqui tem muita!			Bom, aí... é o que a gente faz, né.					
27.9	(...) pela <u>natureza</u> assim, né...							Até demais!	Ahhh, bastante!	Todo mundo conversando .						
27.10	(...) <u>se cai um galho</u> numa pessoa que vem passando...					Eu acho linda...			Ahhh, é só isso aí né! <u>Poderia ter mais</u> .	Poderia melhorar um pouquinho.	Toda errada! (...) plantar uma árvore de grande porte... <u>olha a calçada</u> como é que tá!			<u>Poderia ter mais</u> ...	É... <u>não tem muita</u> não.	
27.11	ela tem esses casarões lindos... maravilhosos ali né...				Muito satisfeito(...) por comparação né?	Muito linda...				As meninas que passam por aqui.[risos]	De vez em quando passa umas bonitas aqui [risos]		Já tô tão acostumada, então...			
27.13				<u>Eu cresci aqui</u> .				Quase não dá vontade de ir embora!			80% das pessoas que passam aqui a gente cumprimenta. <u>A gente que faz o espaço</u> .	<u>São conhecidos</u> , né.		Tem... <u>venho bastante</u> [risos]	<u>Me sinto à vontade</u> aqui.	
27.12	Pras famílias, as crianças... os jovens é!								Dá até namoro, vizinha! [risos].		ponto de encontro de Pelotas. 80% das vendas de imóveis (...) mais de 20 corretores (...) não gosto de tá ali dentro(...) muito barulho.	Total.				
27.14											botar umas redes (...) no Brasil (...) não dá					
27.15										Qualquer idade aqui se dá bem.		E aqui tudo é jovem!				
27.16	se o cadeirante quiser comer (...) não tem umas mesinhas (...) que pudesse sentar na grama (...) coisas pra se apoiar.	Deixa eu prestar atenção... é	Não presto atenção... mas acho que... é	Tem a rampa ... meio termo... satisfeito...	Essa é uma realidade que a gente nunca... na escola a gente não vê quase nada, então é muito difícil...					Agora mesmo tava passando um aqui...	Não, eu acho que é um problema em toda a cidade	[é ruim] Principalmente em parada de ônibus .		botaram umas rampinhas agora... [inaudível] eu acho que regular... Mas dava pra melhorar mais...		
27.17	falta de tijoletas (...) remendo, fica mais alto (...) quando chove (...) fica cheio d'água			Pra praticar esporte, skate, não é muito agradável... mas aqui (...) não dá pra praticar...				Pra lá tá arrumadinho. <u>Aqui tem que seguir arrumando</u> .	Isso tá horrível. Tem que arrumar. <u>Pra lá tá arrumado</u> . Agora aqui té ruim.	Atualmente não tá bom. Tá ruim. Aqui, <u>a parte que não foi (...) modificada</u> .	desde que eu cheguei em Pelotas o piso é esse aqui (...)					<u>Agora tá bom</u> ...
27.18	Os caminhos (...) não precisa caminhar um bom (...) espaço pra ir pra lá (...) é bem desenhada.										Camelôs . Tá lotando tudo. Brasileiro não sabe caminhar (...) Todo mundo anda na direita, aqui não.	Vendedores (...) não dá pra caminhar. As pessoas não sabem andar .				
27.19		tá em bom estado ...	Tem bastante ... tá bom...	Acho que todo mundo pode sentar...				É o que tem, né?	Poderia ser melhor (...) que nem aquele lá da praça(...) Com encosto ..	Mais... mais bancos. Mais quantidade .	É pouco . Tá sempre lotado isso aqui.	Incômodos (...) ficar relaxada não consegue.		ter banquinhos (...) até o pauzinho aqui roubaram.		
27.20	Tem... o banco que não tem acessível...								Ahhh, eu tô! A gente conversa bastante.	Só pra conversar tá bom! Tá bom.						
27.22	Poderia ter uns bancos (...) um "L" (...) <u>mais aconchegante</u> né, <u>pra conversarem entre si</u>			<u>Eu não vejo muito problema nisso</u> [sentar na grama]	Em questão de bancos, não. Se tu vem com um grupo grande, <u>tu senta na grama</u> .				(...) <u>tem que se dividir</u> (...) quando tá vazio senta todo mundo junto (...) quando tá cheio, uns ficam sentados e os outros de pé.			<u>Aqui tem concorrência</u> . Tem concorrência grande	Ahhh... mas <u>fica todo mundo na volta</u> aqui, porque não dá! Não acomoda bem.			
27.23										Aqui eu me sinto bem, tranquilo .					É uma zoeira, tem muita gente , mas...	
27.24	as pessoas respeitam, ninguém senta no banco (...) deveria (...) ter bancos (...) de (...) uma pessoa (...) tem que priorizar todas as opções .														não tem (...) privacidade no calçadão.	

Análise dos discursos dos respondentes dos questionários com base na tabela resumo

Nº	
2	Motivador: Rotina jovem x desejo de socição idoso
5.1	Sociabilidade urbana como: Extensão de outros meios sociais (jovens) x fonte social primária (idosos)
8	Importância das relações intergeracionais: Troca de experiências (jovens) x atualização por aprendizagem (idosos)
9	Agradabilidade das relações intergeracionais: depende mais da pessoa do que da idade x inserção na rotina
10	Vontade de mais convivência intergeracional: Baseada em experiências desagradáveis x experiências agradáveis
10.1	Vontade de mais convivência intergeracional: Necessidade de Atividades intergeracionais específicas
11	Caminhada: Facilidades desestimulando (jovens) x Necessidade estimulando a prática (idosos)
11.1	Esportes: Prática restrita a espaços privados (jovens) x Parada com o advento da idade (idosos)
11.2	Ver o movimento: Centralidade em si (jovens) x centralidade em outrem (idosos)
11.3	Estímulo ao uso do espaço público, encontro, atividades intergeracionais em família.
11.4	Socialização: Espaço urbano como opção (jovens) x fonte primária de socialização (idosos)
12	Atividades de socialização e inserção no meio urbano como secundária (jovens) e primária (idosos)
13	Nova atividade ao ar livre pro centro da cidade: Atividades específicas (ciclofaixa, skate, eventos) (jovens) x Atividades potenciais (socialização, ver o movimento, música) idosos
14.1	Tipologia preferida: Movimento como segurança (jovens) x distração (idosos) / Rotina por proximidade (jovens) x <i>habitus</i> de socição (idosos)
14.2	Tipologia rejeitada: Atividade comercial e movimento como limitadores do interesse à permanência no espaço (jovens) x distância, falta de hábito, de segurança e de atividades programadas (idosos)
16	Microterritórios etários e compatibilização em contexto intergeracional por camadas
17.1	Área preferida: Movimento como mais segurança e menos tranquilidade (jovens) x mais oportunidade de interação social (idosos)
19.1	Melhor área para os jovens: Grama e espaço amplo como liberdade de apropriação / Movimento como falta de privacidade
20.1	Melhor área para idosos: lugares para sentar e jogo de xadrez (jovens) x “qualquer área” no sentido de haver menos exigência para idosos do que para jovens (idosos). Idosos são relacionados a “ver o movimento” pelos dois grupos.
21	Lazer com amigos: Música, eventos programados fora das datas comemorativas e mais divulgação
22	Orientação espacial: Abertura, espaço e configuração como fatores de orientação (jovens) x orientação pelo uso cotidiano e falta de indicação dos banheiros (idosos)
22.1	Acesso a banheiros: Cafés e demais atividades comerciais como rede de suporte especialmente para os idosos
23.1	Conforto: relacionado principalmente pelos idosos à possibilidade de sentar e às condições gerais dos bancos
25	Segurança: baseada em experiências anteriores com crimes ou na falta delas
25.1	Pertencimento: Apego ao lugar no nível de propriedade para os idosos
25.2	Diversidade de atividades: percepção baseada em atividades potenciais (jovens) x atividades sociais (idosos)
25.3	Diversas capacidades físicas: Elementos e condições do piso x Movimento e desorganização do fluxo como fatores restritivos à acessibilidade
25.4	Engajamento interpessoal: tendência jovem ao fechamento a si e a seu grupo.
26	Significado do Espaço Público como Opção (jovens) x Necessidade (idosos)
27	Pessoas presentes: satisfação relacionada à diversidade
27.1	Policimento: idosos tendendo a perceber menos a presença policial
27.2	Proteção do sol e da chuva: árvores e elementos de fachada
27.3	Manutenção: Pavimentação com acúmulo de água da chuva
27.4	Iluminação: Comportamento antissocial (roubo de lâmpadas) / Iluminação satisfatória apenas durante eventos
27.5	Diversidade: relacionada ao fator social (camadas sociais)
27.7	Diversão: Espaço amplo como potencializador de diversão especialmente para os jovens
27.8	Oportunidade de contato interpessoal: abertura dos idosos a novas amizades em espaços públicos
27.9	Espaço vibrante/ alegre: Fator físico e social
27.10	Vegetação: Quantidade x manutenção
27.11	Vista bonita: idosos sozinhos ou por estarem longe do ambiente do lar, se abrem a situações de flerte (SILVA,2014)
27.13	Familiaridade: baseada no ambiente (jovens) x pessoas que frequentam o espaço (idosos)
27.16	Acesso a cadeirantes: Falta de rampas, dificuldade de acesso a paradas de ônibus e aos espaços verdes
27.17	Pavimentação: tendência à comparação antes x depois das obras
27.18	Livre de barreiras: Vendedores ambulantes e Pedestres como dificultadores
27.19	Assentos acessíveis: Quantidade – Conforto - Manutenção
27.22	Ocupações de grupos: Criatividade e liberdade (jovens) x necessidade de assentos formais (idosos)
27.23	Tranquilidade: baseada no ambiente físico (jovens) x suprapessoal (idosos)
27.24	Privacidade: opções mais retiradas (praça) x falta de opção (calçadão)

Apêndice F

Correlações utilizadas nos resultados

1 Fatores da questão 27 calçada

PESSOAS PRESENTES NO LOCAL - JOVENS		PESSOAS PRESENTES NO LOCAL - IDOSOS	
Intensidade: Média Tipo: Direta		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Iluminação	Spearman, coef=0,369, sig=0,035	Contato interpessoal	Spearman, coef=0,509, sig=0,004
Familiaridade	Spearman, coef=0,412, sig=0,017	POLICIAMENTO - IDOSOS	
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,437, sig=0,011	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Tranquilidade	Spearman, coef=0,449, sig=0,009	Espaço alegre	Spearman, coef=0,372, sig=0,043
Privacidade	Spearman, coef=0,385, sig=0,027	Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,410, sig=0,025
POLICIAMENTO - JOVENS		Pavimentação	Spearman, coef=0,437, sig=0,016
Intensidade: Média Tipo: Direta		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Pavimentação	Spearman, coef=0,355, sig=0,043	Manutenção	Spearman, coef=0,607, sig=0,000
Intensidade: Média Tipo: Inversa		PROTEÇÃO DO SOL E DA CHUVA - IDOSOS	
Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=-0,382, sig=0,028	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Familiaridade	Spearman, coef=-0,388, sig=0,026	Contato interpessoal	Spearman, coef=0,459, sig=0,011
Espaços para conversar	Spearman, coef=-0,387, sig=0,026	CUIDADO COM OS ESPAÇOS / MANUTENÇÃO - IDOSOS	
Tranquilidade	Spearman, coef=-0,380, sig=0,029	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Privacidade	Spearman, coef=-0,376, sig=0,031	Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,374, sig=0,042
Intensidade: Forte Tipo: Inversa		Pavimentação	Spearman, coef=0,453, sig=0,012
Vegetação	Spearman, coef=-0,543, sig=0,001	Bancos para grupos	Spearman, coef=0,390, sig=0,033
PROTEÇÃO DO SOL E DA CHUVA - JOVENS		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Intensidade: Média Tipo: Direta		Espaço alegre	Spearman, coef=0,527, sig=0,003
Iluminação	Spearman, coef=0,428, sig=0,013	ILUMINAÇÃO - IDOSOS	
Espaços para comer	Spearman, coef=0,352, sig=0,045	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Lugar de Encontro	Spearman, coef=0,355, sig=0,042	Espaços para descansar	Spearman, coef=0,463, sig=0,010
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,402, sig=0,021	Privacidade	Spearman, coef=0,364, sig=0,048
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,413, sig=0,017	Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,497, sig=0,003	Tranquilidade	Spearman, coef=-0,412, sig=0,024
Intensidade: Forte Tipo: Direta		DIVERSIDADE - IDOSOS	
Diversidade	Spearman, coef=0,505, sig=0,003	Intensidade: Média Tipo: Direta	
CUIDADO COM OS ESPAÇOS / MANUTENÇÃO - JOVENS		Espaço alegre	Spearman, coef=0,394, sig=0,034
Intensidade: Média Tipo: Direta		Lugar de Encontro	Spearman, coef=0,385, sig=0,039
Pavimentação	Spearman, coef=0,498, sig=0,003	Familiaridade	Spearman, coef=0,414, sig=0,026
Intensidade: Média Tipo: Inversa		ESPAÇOS PARA COMER - IDOSOS	
Familiaridade	Spearman, coef=-0,408, sig=0,019	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Diversidade de idades	Spearman, coef=-0,384, sig=0,027	Lugar de Encontro	Spearman, coef=0,405, sig=0,027
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,540, sig=0,001	Livre de barreiras	Spearman, coef=-0,364, sig=0,048
ILUMINAÇÃO - JOVENS		Privacidade	Spearman, coef=-0,424, sig=0,020
Intensidade: Média Tipo: Direta		OPORTUNIDADE DE DIVERSÃO ATIVA - IDOSOS	
Privacidade	Spearman, coef=0,390, sig=0,025	Intensidade: Média Tipo: Direta	
ESPAÇOS PARA COMER - JOVENS		Vegetação	Spearman, coef=0,414, sig=0,023
Intensidade: Média Tipo: Direta		Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,367, sig=0,046
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,444, sig=0,010	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,377, sig=0,040
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,382, sig=0,028	Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Privacidade	Spearman, coef=0,488, sig=0,004	Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,530, sig=0,003
Intensidade: Forte Tipo: Direta		ESPAÇO ALEGRE/ VIBRANTE - IDOSOS	
Oportunidade diversão	Spearman, coef=0,551, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Vegetação	Spearman, coef=0,651, sig=0,000	Pavimentação	Spearman, coef=0,404, sig=0,027
Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,554, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,542, sig=0,001	Livre de barreiras	Spearman, coef=-0,411, sig=0,024
Familiaridade	Spearman, coef=0,525, sig=0,002	VEGETAÇÃO - IDOSOS	
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,524, sig=0,002	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,542, sig=0,001	Familiaridade	Spearman, coef=0,479, sig=0,007
Tranquilidade	Spearman, coef=0,526, sig=0,002	Tranquilidade	Spearman, coef=0,373, sig=0,042
OPORTUNIDADE DE DIVERSÃO ATIVA - JOVENS		Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Intensidade: Média Tipo: Direta		Pavimentação	Spearman, coef=-0,429, sig=0,018
Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,410, sig=0,018	Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Familiaridade	Spearman, coef=0,389, sig=0,025	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,515, sig=0,004
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,465, sig=0,006	VISTA BONITA/ ATRATIVA - IDOSOS	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,413, sig=0,017	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Tranquilidade	Spearman, coef=0,422, sig=0,014	Diversidade de idades	Spearman, coef=0,432, sig=0,017
Privacidade	Spearman, coef=0,358, sig=0,041	Espaços para descansar	Spearman, coef=0,422, sig=0,020

Intensidade: Forte Tipo: Direta		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Contato interpessoal	Spearman, coef=0,506, sig=0,003	Espaço relaxante	Spearman, coef=0,514, sig=0,004
Vegetação	Spearman, coef=0,620, sig=0,000	LUGAR DE ENCONTRO - IDOSOS	
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,508, sig=0,003	Intensidade: Média Tipo: Direta	
OPORTUNIDADE DE CONTATO - JOVENS		Familiaridade	Spearman, coef=0,437, sig=0,016
Intensidade: Média Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,439, sig=0,011	Livre de barreiras	Spearman, coef=-0,421, sig=0,021
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,437, sig=0,011	FAMILIARIDADE - IDOSOS	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,424, sig=0,014	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Diversidade de idades	Spearman, coef=0,381, sig=0,038
Ser um espaço alegre	Spearman, coef=0,503, sig=0,003	Intensidade: Forte Tipo: Direta	
VEGETAÇÃO - JOVENS		Tranquilidade	Spearman, coef=0,593, sig=0,001
Intensidade: Média Tipo: Direta		DIVERSIDADE DE IDADES- IDOSOS	
Lugar de Encontro	Spearman, coef=0,417, sig=0,016	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Familiaridade	Spearman, coef=0,367, sig=0,036	Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,474, sig=0,008
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,347, sig=0,048	ACESSO A CADEIRANTES - IDOSOS	
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,454, sig=0,008	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,475, sig=0,005	Pavimentação	Spearman, coef=0,465, sig=0,010
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Espaço relaxante	Spearman, coef=0,622, sig=0,000	Bancos para grupos	Spearman, coef=0,597, sig=0,000
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,580, sig=0,000	PAVIMENTAÇÃO - IDOSOS	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,532, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Tranquilidade	Spearman, coef=0,531, sig=0,001	Bancos para grupos	Spearman, coef=0,435, sig=0,016
Privacidade	Spearman, coef=0,518, sig=0,002	LIVRE DE BARREIRAS - IDOSOS	
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,787, sig=0,000	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,495, sig=0,005
VISTA BONITA/ ATRATIVA - JOVENS		Bancos para grupos	Spearman, coef=0,423, sig=0,020
Intensidade: Média Tipo: Direta		Privacidade	Spearman, coef=0,388, sig=0,034
Lugar de Encontro	Spearman, coef=0,425, sig=0,014	ASSENTOS ACESSÍVEIS - IDOSOS	
Familiaridade	Spearman, coef=0,396, sig=0,023	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,386, sig=0,026	Espaços para descansar	Spearman, coef=0,428, sig=0,018
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,376, sig=0,031	ESPAÇOS PARA CONVERSAR - IDOSOS	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,367, sig=0,036	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Espaços para descansar	Spearman, coef=0,445, sig=0,014
Espaço relaxante	Spearman, coef=0,583, sig=0,000	ESPAÇOS PARA SENTAR E DESCANSAR - IDOSOS	
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,534, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Tranquilidade	Spearman, coef=0,511, sig=0,002	Privacidade	Spearman, coef=0,370, sig=0,044
Privacidade	Spearman, coef=0,545, sig=0,001		
LUGAR DE ENCONTRO - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Familiaridade	Spearman, coef=0,466, sig=0,006		
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,352, sig=0,045		
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,375, sig=0,032		
FAMILIARIDADE - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,362, sig=0,039		
Tranquilidade	Spearman, coef=0,423, sig=0,014		
Intensidade: Forte Tipo: Direta			
Diversidade de idades	Spearman, coef=0,536, sig=0,001		
Intensidade: Forte Tipo: Inversa			
Pavimentação	Spearman, coef=-0,549, sig=0,001		
ESPAÇO REPARADOR/ RELAXANTE - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,482, sig=0,005		
Tranquilidade	Spearman, coef=0,482, sig=0,005		
Intensidade: Forte Tipo: Direta			
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,507, sig=0,003		
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,541, sig=0,001		
Privacidade	Spearman, coef=0,570, sig=0,001		
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta			
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,703, sig=0,000		
DIVERSIDADE DE IDADES - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Inversa			
Pavimentação	Spearman, coef=-0,391, sig=0,025		
ACESSO A CADEIRANTES - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,441, sig=0,010		
Intensidade: Forte Tipo: Direta			

Pavimentação	Spearman, coef=0,672, sig=0,000		
LIVRE DE BARREIRAS - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,394, sig=0,023		
Tranquilidade	Spearman, coef=0,395, sig=0,023		
Privacidade	Spearman, coef=0,383, sig=0,028		
ASSENTOS ACESSÍVEIS - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Bancos paragrupos	Spearman, coef=0,481, sig=0,005		
Tranquilidade	Spearman, coef=0,380, sig=0,029		
Privacidade	Spearman, coef=0,349, sig=0,046		
Intensidade: Forte Tipo: Direta			
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,557, sig=0,001		
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta			
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,770, sig=0,000		
ESPAÇOS PARA CONVERSAR - JOVENS			
Intensidade: Forte Tipo: Direta			
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,554, sig=0,001		
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,531, sig=0,001		
Tranquilidade	Spearman, coef=0,650, sig=0,000		
Privacidade	Spearman, coef=0,651, sig=0,000		
ESPAÇOS PARA SENTAR E DESCANSAR - JOVENS			
Intensidade: Média Tipo: Direta			
Privacidade	Spearman, coef=0,378, sig=0,030		
Intensidade: Forte Tipo: Direta			
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,613, sig=0,000		
TRANQUILIDADE - JOVENS			
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta			
Privacidade	Spearman, coef=0,833, sig=0,000		

2 – Tranquilidade e fatores da questão 27 para o total de respondentes:

TRANQUILIDADE – TOTAL RESPONDENTES		TRANQUILIDADE – TOTAL RESPONDENTES	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Manutenção	Spearman, coef=0,242, sig=0,007	Livre de barreiras	Spearman, coef=0,364, sig=0,000
Oportunidade de contato interpessoal	Spearman, coef=0,295, sig=0,001	Espaços para descansar	Spearman, coef=0,466, sig=0,000
Espaço vibrante/alegre	Spearman, coef=0,290, sig=0,001	Pertencer ao lugar	Spearman, coef=0,343, sig=0,000
Diversidade de idades	Spearman, coef=0,242, sig=0,007	Diversidade de Atividades	Spearman, coef=0,450, sig=0,000
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,281, sig=0,002	Opções de lazer c/ amigos	Spearman, coef=0,446, sig=0,000
Acesso a banheiros	Spearman, coef=0,229, sig=0,011	Conforto	Spearman, coef=0,449, sig=0,000
Intensidade: Fraca Tipo: Inversa		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Iluminação	Spearman, coef=-0,188, sig=0,038	Vegetação	Spearman, coef=0,540, sig=0,000
Intensidade: Média Tipo: Direta		Vista bonita/atrativa	Spearman, coef=0,589, sig=0,000
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,368, sig=0,000	Espaço relaxante	Spearman, coef=0,600, sig=0,000
Diversão ativa	Spearman, coef=0,488, sig=0,000	Espaços para conversar	Spearman, coef=0,573, sig=0,000
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,350, sig=0,000	Privacidade	Spearman, coef=0,577, sig=0,000
Familiaridade	Spearman, coef=0,363, sig=0,000	Engajamento	Spearman, coef=0,519, sig=0,000
		Agradabilidade	Spearman, coef=0,622, sig=0,000

3 – Tranquilidade / espaços relaxantes / privacidade e fatores da questão 27 para jovens no calçadão:

TRANQUILIDADE – JOVENS		ESPAÇOS RELAXANTES – JOVENS	
Intensidade: Média Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Espaços relaxantes	Spearman, coef=0,482, sig=0,005	Bancos para grupos	Spearman, coef=0,482, sig=0,005
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,449, sig=0,009	Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Diversão ativa	Spearman, coef=0,422, sig=0,014	Privacidade	Spearman, coef=0,570, sig=0,001
Familiaridade	Spearman, coef=0,423, sig=0,014	Vegetação	Spearman, coef=0,622, sig=0,000
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,395, sig=0,023	Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,583, sig=0,000
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,380, sig=0,029	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,507, sig=0,003
Intensidade: Média Tipo: Inversa		Espaços para sentar	Spearman, coef=0,541, sig=0,001
Policiamento	Spearman, coef=-0,380, sig=0,029	Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta	
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Espaços para conversar	Spearman, coef=0,703, sig=0,000
Espaços para comer	Spearman, coef=0,526, sig=0,002	PRIVACIDADE	
Vegetação	Spearman, coef=0,531, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,511, sig=0,002	Pessoas presentes	Spearman, coef=0,385, sig=0,027
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,650, sig=0,000	Iluminação	Spearman, coef=0,390, sig=0,025
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta		Espaços para comer	Spearman, coef=0,488, sig=0,004
Privacidade	Spearman, coef=0,833, sig=0,000	Diversão ativa	Spearman, coef=0,358, sig=0,041
		Livre de barreiras	Spearman, coef=0,383, sig=0,028
		Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,349, sig=0,046
		Espaços para sentar	Spearman, coef=0,378, sig=0,030

		Intensidade: Média Tipo: Inversa
	Policimento	Spearman, coef=-0,376, sig=0,031
		Intensidade: Forte Tipo: Direta
	Vegetação	Spearman, coef=0,518, sig=0,002
	Vista bonita/ atrativa	Spearman, coef=0,545, sig=0,001
	Espaços para conversar	Spearman, coef=0,651, sig=0,000

4 – Proteção do sol e da chuva e fatores da questão 27 para jovens, idosos e o total de respondentes:

PROTEÇÃO DO SOL E DA CHUVA - JOVENS		PROTEÇÃO DO SOL E DA CHUVA - IDOSOS	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Lazer com amigos	Spearman, coef=0,278, sig=0,028	Orientação espacial	Spearman, coef=0,259, sig=0,045
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,255, sig=0,044	Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,298, sig=0,021
Pavimentação	Spearman, coef=0,283, sig=0,025	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,260, sig=0,040	Acesso a banheiros	Spearman, coef=0,398, sig=0,002
Intensidade: Média Tipo: Direta		Conforto	Spearman, coef=0,330, sig=0,010
Acesso a banheiros	Spearman, coef=0,378, sig=0,002	Manutenção	Spearman, coef=0,345, sig=0,007
Segurança	Spearman, coef=0,310, sig=0,013	Engajamento	Spearman, coef=0,330, sig=0,010
Pertencimento	Spearman, coef=0,312, sig=0,013	Vegetação	Spearman, coef=0,305, sig=0,018
Policimento	Spearman, coef=0,446, sig=0,000	Espaço relaxante	Spearman, coef=0,326, sig=0,011
Iluminação	Spearman, coef=0,382, sig=0,002	Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,370, sig=0,004
Diversidade	Spearman, coef=0,432, sig=0,000	PROTEÇÃO DO SOL E DA CHUVA - TODOS RESPONDENTES	
Espaços para comer	Spearman, coef=0,362, sig=0,004	Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Espaço vibrante	Spearman, coef=0,303, sig=0,016	Lazer com amigos	Spearman, coef=0,214, sig=0,018
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,345, sig=0,006	Conforto	Spearman, coef=0,248, sig=0,006
Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,476, sig=0,000	Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,266, sig=0,003
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,317, sig=0,011	Diferentes capacidades	Spearman, coef=0,203, sig=0,024
Privacidade	Spearman, coef=0,312, sig=0,013	Pessoas presentes	Spearman, coef=0,180, sig=0,047
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Manutenção	Spearman, coef=0,252, sig=0,005
Orientação espacial	Spearman, coef=0,518, sig=0,000	Diversidade	Spearman, coef=0,279, sig=0,002
		Vegetação	Spearman, coef=0,231, sig=0,010
		Lugar de encontro	Spearman, coef=0,234, sig=0,009
		Espaço relaxante	Spearman, coef=0,211, sig=0,019
		Pavimentação	Spearman, coef=0,257, sig=0,004
		Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,255, sig=0,004
		Intensidade: Média Tipo: Direta	
		Orientação espacial	Spearman, coef=0,373, sig=0,000
		Acesso a banheiros	Spearman, coef=0,382, sig=0,000
		Policimento	Spearman, coef=0,347, sig=0,000
		Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,407, sig=0,000

5 – Segurança e fatores da questão 27 para jovens, idosos e o total de respondentes:

SEGURANÇA - JOVENS		SEGURANÇA - IDOSOS	
Intensidade: Fraca Tipo: Inversa		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Vegetação	Spearman, coef=-0,250, sig=0,049	Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,300, sig=0,020
Espaços para conversar	Spearman, coef=-0,273, sig=0,031	Engajamento	Spearman, coef=0,296, sig=0,022
Intensidade: Média Tipo: Direta		Agradabilidade	Spearman, coef=0,262, sig=0,043
Proteção sol e chuva	Spearman, coef=0,310, sig=0,013	Pessoas no local	Spearman, coef=0,272, sig=0,036
Espaços para comer	Spearman, coef=0,325, sig=0,009	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,342, sig=0,006	Policimento	Spearman, coef=0,475, sig=0,000
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Iluminação	Spearman, coef=0,404, sig=0,001
Policimento	Spearman, coef=0,525, sig=0,000	Diversidade de idades	Spearman, coef=0,393, sig=0,002
		Tranquilidade	Spearman, coef=0,328, sig=0,010
		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
		Manutenção	Spearman, coef=0,524, sig=0,000
		SEGURANÇA - TODOS OS RESPONDENTES	
		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
		Manutenção	Spearman, coef=0,273, sig=0,002
		Acesso a cadeirantes	Spearman, coef=0,206, sig=0,022
		Orientação espacial	Spearman, coef=0,214, sig=0,018
		Pertencimento	Spearman, coef=0,208, sig=0,021
		Intensidade: Média Tipo: Direta	
		Policimento	Spearman, coef=0,471, sig=0,000
		Iluminação	Spearman, coef=0,301, sig=0,021

6– Correlações inversas entre o grau de satisfação com policiamento e fatores da questão 27 para jovens:

MONITORAMENTO/POLICIAMENTO - JOVENS		MONITORAMENTO/POLICIAMENTO - JOVENS	
Intensidade: Fraca Tipo: Inversa		Intensidade: Média Tipo: Inversa	
Vegetação	Spearman, coef=-0,252, sig=0,046	Agradabilidade	Spearman, coef=-0,356, sig=0,004
Familiaridade	Spearman, coef=-0,259, sig=0,041	Espaços para conversar	Spearman, coef=-0,327, sig=0,009
		Tranquilidade	Spearman, coef=-0,332, sig=0,008

7– Agradabilidade e fatores da questão 27 para jovens, idosos e total:

AGRADABILIDADE – JOVENS		AGRADABILIDADE – IDOSOS	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,259, sig=0,040	sinalização/orientação espacial	Spearman, coef=0,291, sig=0,024
Intensidade: Média Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Acesso a banheiros	Spearman, coef=0,333, sig=0,008	segurança	Spearman, coef=0,262, sig=0,043
Diversidade	Spearman, coef=0,377, sig=0,002	familiaridade	Spearman, coef=0,280, sig=0,030
Espaços para comer	Spearman, coef=0,381, sig=0,002	espaço relaxante	Spearman, coef=0,265, sig=0,041
Espaço vibrante/festivo	Spearman, coef=0,488, sig=0,000	espaços para conversar	Spearman, coef=0,296, sig=0,022
Familiaridade	Spearman, coef=0,423, sig=0,001	Intensidade: Média Tipo: Direta	
		Opções de lazer com amigos	Spearman, coef=0,492, sig=0,000
Diversidade de idades	Spearman, coef=0,359, sig=0,004	Pessoas presentes	Spearman, coef=0,377, sig=0,003
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,343, sig=0,006	Lugar de encontro	Spearman, coef=0,476, sig=0,000
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,415, sig=0,001	Tranquilidade	Spearman, coef=0,386, sig=0,002
Intensidade: Média Tipo: Inversa		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
Policiamento	Spearman, coef=-0,356, sig=0,004	oportunidade de interação	Spearman, coef=0,530, sig=0,000
Intensidade: Forte Tipo: Direta		AGRADABILIDADE – TOTAL RESPONDENTES	
Opções de lazer com amigos	Spearman, coef=0,569, sig=0,000	Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Conforto	Spearman, coef=0,674, sig=0,000	sinalização/orientação espacial	Spearman, coef=0,275, sig=0,002
Pertencer ao lugar	Spearman, coef=0,583, sig=0,000	acesso a banheiros	Spearman, coef=0,208, sig=0,022
Diversas atividades	Spearman, coef=0,519, sig=0,000	manutenção	Spearman, coef=0,209, sig=0,020
Interação com outros	Spearman, coef=0,545, sig=0,000	diversidade de idades	Spearman, coef=0,250, sig=0,005
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,516, sig=0,000	Livre de barreiras	Spearman, coef=0,237, sig=0,008
Contato interpessoal	Spearman, coef=0,570, sig=0,000	bancos para grupos	Spearman, coef=0,216, sig=0,017
Vegetação	Spearman, coef=0,686, sig=0,000	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Vista bonita	Spearman, coef=0,674, sig=0,000	conforto	Spearman, coef=0,441, sig=0,000
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,553, sig=0,000	pertencer ao lugar	Spearman, coef=0,422, sig=0,000
Espaço relaxante	Spearman, coef=0,656, sig=0,000	diversas atividades	Spearman, coef=0,398, sig=0,000
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,676, sig=0,000	pessoas presentes	Spearman, coef=0,480, sig=0,000
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,574, sig=0,000	diversão ativa	Spearman, coef=0,325, sig=0,000
Privacidade	Spearman, coef=0,686, sig=0,000	contato interpessoal	Spearman, coef=0,395, sig=0,000
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta		espaço alegre/festivo	Spearman, coef=0,349, sig=0,000
Diversão ativa	Spearman, coef=0,733, sig=0,000	vegetação	Spearman, coef=0,440, sig=0,000
Tranquilidade	Spearman, coef=0,714, sig=0,000	familiaridade	Spearman, coef=0,384, sig=0,000
		locais para descansar	Spearman, coef=0,401, sig=0,000
		privacidade	Spearman, coef=0,467, sig=0,000
		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
		Lazer com amigos	Spearman, coef=0,577, sig=0,000
		interagir com outras pessoas	Spearman, coef=0,518, sig=0,000
		Vista bonita	Spearman, coef=0,518, sig=0,000
		lugar de encontro	Spearman, coef=0,530, sig=0,000
		espaço relaxante	Spearman, coef=0,557, sig=0,000
		espaços para conversar	Spearman, coef=0,551, sig=0,000
		tranquilidade	Spearman, coef=0,622, sig=0,000

8– Lugar de encontro e fatores da questão 27 para jovens, idosos e total:

LUGAR DE ENCONTRO - JOVENS		LUGAR DE ENCONTRO - JOVENS	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,284, sig=0,024	Engajamento	Spearman, coef=0,270, sig=0,037
Intensidade: Média Tipo: Direta		Espaço vibrante	Spearman, coef=0,279, sig=0,031
Lazer com amigos	Spearman, coef=0,395, sig=0,001	Vegetação	Spearman, coef=0,286, sig=0,027
Conforto	Spearman, coef=0,469, sig=0,000	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Pertencimento	Spearman, coef=0,482, sig=0,000	Lazer com amigos	Spearman, coef=0,337, sig=0,008
Engajamento	Spearman, coef=0,393, sig=0,002	Agradabilidade	Spearman, coef=0,476, sig=0,000
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,461, sig=0,000	Familiaridade	Spearman, coef=0,322, sig=0,012
Proteção sol e chuva	Spearman, coef=0,345, sig=0,006	LUGAR DE ENCONTRO - TOTAL RESPONDENTES	
Manutenção	Spearman, coef=0,307, sig=0,014	Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Diversidade	Spearman, coef=0,306, sig=0,015	Orientação espacial	Spearman, coef=0,194, sig=0,032
Espaços para comer	Spearman, coef=0,404, sig=0,001	Proteção sol e chuva	Spearman, coef=0,234, sig=0,009
Espaço vibrante	Spearman, coef=0,347, sig=0,005	Manutenção	Spearman, coef=0,177, sig=0,050
Familiaridade	Spearman, coef=0,465, sig=0,000	Diversidade	Spearman, coef=0,250, sig=0,006
Diversidade de idades	Spearman, coef=0,357, sig=0,004	Espaços para comer	Spearman, coef=0,248, sig=0,006
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,435, sig=0,000	Diversão ativa	Spearman, coef=0,280, sig=0,002
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,335, sig=0,007	Diversidade de idades	Spearman, coef=0,242, sig=0,007
Tranquilidade	Spearman, coef=0,430, sig=0,000	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,195, sig=0,031
Privacidade	Spearman, coef=0,472, sig=0,000	Privacidade	Spearman, coef=0,227, sig=0,011
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Intensidade: Média Tipo: Direta	
Agradabilidade	Spearman, coef=0,553, sig=0,000	Lazer com amigos	Spearman, coef=0,394, sig=0,000
Diversidade de	Spearman, coef=0,510, sig=0,000	Conforto	Spearman, coef=0,352, sig=0,000

atividades			
Diversão ativa	Spearman, coef=0,605, sig=0,000	Pertencimento	Spearman, coef=0,360, sig=0,000
Contato c/outras pessoas	Spearman, coef=0,600, sig=0,000	Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,389, sig=0,000
Vegetação	Spearman, coef=0,635, sig=0,000	Engajamento	Spearman, coef=0,364, sig=0,000
Vista bonita	Spearman, coef=0,638, sig=0,000	Pessoas presentes	Spearman, coef=0,372, sig=0,000
Espaço relaxante	Spearman, coef=0,577, sig=0,000	Contato c/outras pessoas	Spearman, coef=0,449, sig=0,000
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,565, sig=0,000	Espaço vibrante	Spearman, coef=0,333 sig=0,000
Espaços para descansar	Spearman, coef=0,536, sig=0,000	Vegetação	Spearman, coef=0,467, sig=0,000
		Vista bonita	Spearman, coef=0,494, sig=0,000
		Familiaridade	Spearman, coef=0,416, sig=0,000
		Espaço relaxante	Spearman, coef=0,404, sig=0,000
		Espaços para conversar	Spearman, coef=0,381, sig=0,000
		Espaços para descansar	Spearman, coef=0,352, sig=0,000
		Tranquilidade	Spearman, coef=0,350, sig=0,000
		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
		Agradabilidade	Spearman, coef=0,530, sig=0,000

9– Espaços para sentar e descansar e fatores da questão 27 para jovens, idosos e total:

ESPAÇOS PARA SENTAR - JOVENS		ESPAÇOS PARA SENTAR - IDOSOS	
Intensidade: Fraca Tipo: Direta		Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Acessibilidade	Spearman, coef=0,278, sig=0,030	Banheiros públicos	Spearman, coef=0,290, sig=0,025
Diversidade de idades	Spearman, coef=0,290, sig=0,023	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Intensidade: Fraca Tipo: Inversa		Conforto	Spearman, coef=0,330, sig=0,010
Iluminação	Spearman, coef=-0,278, sig=0,032	Vegetação	Spearman, coef=0,358, sig=0,005
Intensidade: Média Tipo: Direta		Vista bonita	Spearman, coef=0,452, sig=0,000
Lazer com amigos	Spearman, coef=0,478, sig=0,000	Espaço relaxante	Spearman, coef=0,364, sig=0,004
Pertencimento	Spearman, coef=0,305, sig=0,017	Livre de barreiras	Spearman, coef=0,356, sig=0,005
Pessoas presentes	Spearman, coef=0,449, sig=0,000	Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,428, sig=0,001
Manutenção	Spearman, coef=0,465, sig=0,000	Espaços para conversar	Spearman, coef=0,366, sig=0,004
Diversidade	Spearman, coef=0,328, sig=0,010	Privacidade	Spearman, coef=0,422, sig=0,001
Livre de barreiras	Spearman, coef=0,351, sig=0,005	ESPAÇOS PARA SENTAR - TOTAL RESPONDENTES	
Bancos para grupos	Spearman, coef=0,404, sig=0,001	Intensidade: Fraca Tipo: Direta	
Intensidade: Forte Tipo: Direta		Banheiros públicos	Spearman, coef=0,205, sig=0,024
Lugar de encontro	Spearman, coef=0,536, sig=0,000	Pertencimento	Spearman, coef=0,219, sig=0,016
Agradabilidade	Spearman, coef=0,574, sig=0,000	Acessibilidade	Spearman, coef=0,192, sig=0,035
Conforto	Spearman, coef=0,698, sig=0,000	Diversidade	Spearman, coef=0,230, sig=0,012
Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,625, sig=0,000	Espaço vibrante	Spearman, coef=0,219, sig=0,016
Engajamento	Spearman, coef=0,596, sig=0,000	Familiaridade	Spearman, coef=0,196, sig=0,032
Diversão ativa	Spearman, coef=0,636, sig=0,000	Diversidade de idades	Spearman, coef=0,244, sig=0,007
Contato c/ outras pessoas	Spearman, coef=0,547, sig=0,000	Pavimentação	Spearman, coef=0,195, sig=0,032
Vista bonita	Spearman, coef=0,658, sig=0,000	Bancos para grupos	Spearman, coef=0,300, sig=0,001
Tranquilidade	Spearman, coef=0,636, sig=0,000	Intensidade: Média Tipo: Direta	
Privacidade	Spearman, coef=0,609, sig=0,000	Lugar de encontro	Spearman, coef=0,352, sig=0,000
Intensidade: Muito Forte Tipo: Direta		Lazer com amigos	Spearman, coef=0,421, sig=0,000
Vegetação	Spearman, coef=0,766, sig=0,000	Agradabilidade	Spearman, coef=0,401, sig=0,000
Espaço relaxante	Spearman, coef=0,800, sig=0,000	Diversidade de atividades	Spearman, coef=0,448, sig=0,000
Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,736, sig=0,000	Engajamento	Spearman, coef=0,481, sig=0,000
Espaços para conversar	Spearman, coef=0,775, sig=0,000	Pessoas presentes	Spearman, coef=0,306, sig=0,001
		Manutenção	Spearman, coef=0,357, sig=0,000
		Diversão ativa	Spearman, coef=0,461, sig=0,000
		Contato c/outras pessoas	Spearman, coef=0,351, sig=0,000
		Livre de barreiras	Spearman, coef=0,369, sig=0,000
		Tranquilidade	Spearman, coef=0,466, sig=0,000
		Intensidade: Forte Tipo: Direta	
		Conforto	Spearman, coef=0,529, sig=0,000
		Vegetação	Spearman, coef=0,592, sig=0,000
		Vista bonita	Spearman, coef=0,595, sig=0,000
		Espaço relaxante	Spearman, coef=0,641, sig=0,000
		Assentos acessíveis	Spearman, coef=0,558, sig=0,000
		Espaços para conversar	Spearman, coef=0,668, sig=0,000
		Privacidade	Spearman, coef=0,514, sig=0,000